

Educação Jesuíta e
Pedagogia Inaciana

Luiz Fernando Klein, SJ (org.)

Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Klein, Luiz Fernando

Educação jesuíta e pedagogia inaciana / Luiz Fernando Klein. -- São Paulo : Edições Loyola, 2015.

ISBN 978-85-15-04341-5

1. Educação cristã 2. Jesuítas - Educação 3. Pedagogia 4. Pedagogia educacional 5. Teologia pastoral I. Título.

15-10279

CDD-268

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação cristã 268

Preparação: Mônica Aparecida Guedes

Capa: Viviane B. Jeronimo

Obra: Anchieta e curumim, séc. XX, de Maria

Amélia Botelho de Souza Aranha (Mabsa).

Acervo do Museu Anchieta | Pateo do Collegio.

Diagramação: So Wai Tam

Revisão: Renato da Rocha

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822, 341 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

T 55 11 3385 8500

F 55 11 2063 4275

editorial@loyola.com.br

vendas@loyola.com.br

www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-15-04341-5

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2015

Sumário

Apresentação.....	9
I. Nossos colégios hoje e amanhã.....	11
Alocução final aos participantes do Simpósio sobre o Ensino Médio.....	13
II. Características da educação da Companhia de Jesus.....	35
Carta do Padre-Geral a todos os Superiores Maiores da Companhia de Jesus.....	37
Introdução.....	41
Notas preliminares.....	47
As características da educação da Companhia de Jesus.....	51
1. (Educação religiosa e integral)	
1.1. Afirmação do mundo.....	52
1.2. A formação integral de cada indivíduo dentro da comunidade.....	52
1.3. Uma dimensão religiosa permeia toda a educação.....	54
1.4. Um instrumento apostólico.....	55
1.5. O diálogo entre a fé e a cultura.....	56
2. (Atenção a cada pessoa e a seu autodesenvolvimento)	
2.1. Atenção e interesse com cada pessoa individualmente.....	57
2.2. A atividade dos alunos no processo de aprendizagem.....	58
2.3. Abertura para o crescimento permanente.....	58
3. (Liberdade em face dos valores e antivalores)	
3.1. Orientada para os valores.....	60
3.2. Conhecimento, amor e aceitação realista de si mesmo.....	60
3.3. Conhecimento realista do mundo.....	61
4. (Proposta de Cristo como modelo)	
4.1. Cristo como modelo.....	62
4.2. Atenção pastoral.....	63
4.3. Oração e culto.....	64
5. (Compromisso com o serviço aos outros)	
5.1. Compromisso de ação na vida.....	66
5.2. Educação a serviço da Fé que promove a Justiça.....	66
5.3. Homens e mulheres para os outros.....	69
5.4. Uma preocupação especial pelos pobres.....	70

6. (Integração na Igreja)	
6.1. Um instrumento apostólico a serviço da Igreja	72
6.2. Preparação para a participação ativa na Igreja	74
7. (Busca da excelência)	
7.1. Excelência na formação	75
7.2. Testemunho de excelência	77
8. (Colaboração na comunidade educativa)	
8.1. Colaboração entre jesuítas e leigos	78
8.2. Pessoal docente e administrativo	79
8.3. A comunidade jesuíta	80
8.4. Conselhos diretivos	81
8.5. Pais de alunos	82
8.6. Os alunos	82
8.7. Antigos alunos	83
8.8. Os benfeitores	84
8.9. A estrutura do colégio	84
9. ("Sistema" flexível em vista da maior eficácia através do discernimento)	
9.1. Adaptação para atingir as finalidades da educação da Companhia	86
9.2. O "sistema" de colégios jesuítas	87
9.3. Preparação profissional e formação permanente	88
10. Alguns princípios metodológicos da pedagogia jesuíta	89
A. A partir da experiência dos Exercícios Espirituais	90
B. Alguns exemplos das diretrizes procedentes das Constituições e da <i>Ratio Studiorum</i>	91
Conclusão	91
Apêndice I. Inácio, os primeiros colégios jesuítas e a <i>Ratio Studiorum</i>	93
A. O Itinerário Espiritual de Inácio de Loyola: 1491-1540	93
B. A Companhia de Jesus assume o Apostolado da Educação: 1540-1556	99
C. A <i>Ratio Studiorum</i> e a história recente	103
Apêndice II. Apresentação esquemática do documento	107

III. Índice analítico das *Características da educação da Companhia de Jesus* 113

Apresentação	115
--------------	-----

IV. Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática 161

Carta do Superior-Geral dos Jesuítas aos Superiores Provinciais apresentando o documento <i>Pedagogia Inaciana</i>	163
Prólogo	167
O projeto pedagógico inclui	169
Notas introdutórias	171
Pedagogia Inaciana	175
Objetivo da educação da Companhia de Jesus	177
Para uma pedagogia pela fé e pela justiça	179
A pedagogia dos <i>Exercícios Espirituais</i>	183

Relação professor-discípulo.....	185
O Paradigma Inaciano.....	187
Dinâmica do Paradigma.....	191
Um processo contínuo.....	205
Traços predominantes do Paradigma Pedagógico Inaciano.....	207
Objecções à prática da pedagogia inaciana.....	211
1. Um enfoque restrito da educação.....	211
2. O predomínio do pragmatismo.....	212
3. O desejo de soluções simples.....	214
4. Os sentimentos de insegurança.....	214
5. Os programas de estudos impostos pelas administrações públicas.....	215
Da teoria à prática: programas para a formação do professorado.....	217
Alguns apoios concretos para entender o Paradigma.....	219
Convite à cooperação.....	221
Apêndices: Índice.....	223
Apêndice I. Alguns princípios pedagógicos importantes (anotações inacianas).....	225
Apêndice II. A pedagogia inaciana hoje.....	229
Apêndice III. Exemplos de métodos para ajudar os professores no uso do Paradigma Pedagógico Inaciano.....	245

V. PEC — Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina

Apresentação.....	251
Introdução.....	255
I. Visão partilhada.....	257
II. Missão.....	259
III. Contexto.....	261
IV. Que fazer perante esse contexto?.....	265
1. Identidade na missão.....	265
2. Comunidade educativa.....	266
3. Impacto na sociedade e nas políticas públicas.....	267
4. Pluralismo cultural e fé cristã.....	268
5. Valores que queremos promover.....	268
6. Processos educativos.....	269
7. Novas formas de pensar e aprender.....	270
8. Incentivo à pesquisa.....	271
9. Novo desenho organizacional e gestão eficaz.....	272
10. Cultura avaliativa e renovação contínua.....	273
11. Contínuo educativo e redes cooperativas.....	273
V. Gestão e Aplicação do PEC.....	275

Apresentação

É com muita satisfação e esperança que recebemos esta reedição dos documentos educativos oficiais da Companhia de Jesus, pois continuam despertando muito interesse nos estudantes, educadores, pesquisadores, assim como em todos os que buscam desenvolver um trabalho na formação de valores e centrado na pessoa.

A coleção de cinco textos tem início com a alocução *Nossos colégios hoje e amanhã*, do Superior-Geral dos Jesuítas, Pe. Pedro Arrupe, a qual desencadeou a renovação do trabalho em educação e, ao completar 35 anos de sua publicação, mantém toda a força estimuladora.

Características da educação da Companhia de Jesus, o segundo texto, publicado em 1986, descreve os conceitos pedagógicos fundamentais da educação jesuíta, podendo ser considerado, com toda a propriedade, como a pedagogia dos jesuítas nos tempos modernos. O terceiro texto é o *Índice analítico das características*, que visa facilitar a apropriação e utilização do seu rico conteúdo.

Pedagogia inaciana, uma proposta prática, publicada em 1993, descreve a didática que dará corpo às *Características da educação*. O texto apresenta o conhecido PPI, *Paradigma Pedagógico Inaciano*, que não é um método, mas um estilo integrado por cinco elementos: contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação, aplicável em qualquer evento educativo.

Conclui a coleção o *Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina*, cuja promulgação, pelos Provinciais Jesuítas do continente, está completando dez anos. Trata-se da “*carteira de identi-*

dade” da educação jesuíta, que estimula as redes de colégios, de universidades e de educação popular a responderem ao mundo em constante mudança.

Os referidos documentos configuram uma resposta pedagógica precisa para este mundo que nos toca viver. Não se restringem a instituições educativas, podendo ser aplicados, mediante adequada adaptação, a qualquer processo educativo, formal ou não formal, institucionalizado ou não.

A reimpressão dos textos, em um único volume, permitirá maior difusão da proposta educativa da Companhia de Jesus e da pedagogia inspirada em Santo Inácio de Loyola, que pretende formar pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas.

Pe. João Renato Eidt, SJ

Provincial da Companhia de Jesus no Brasil

NOSSOS COLÉGIOS HOJE E AMANHÃ

Pe. Pedro Arrupe, SJ

Alocução final aos participantes do Simpósio sobre o Ensino Médio

Roma, 13 de setembro de 1980

1. Não vou repisar o terreno dos redatores das atas deste Simpósio sobre o *Apostolado Educativo da Companhia no Ensino Médio*; eles farão o que puderem diante de tanta riqueza de experiências, reflexões e iniciativas compartilhadas nestes dias.

Tampouco vou me deter nos pontos concretos debatidos mais longamente: a integração dos colaboradores leigos e a educação para a justiça.

Prefiro empregar os minutos de que disponho para vos expor algumas considerações de caráter geral sobre o apostolado da educação em nossos colégios. Por esta razão: sempre estive convencido, e muito convencido da potencialidade apostólica de nossos centros educativos, e, concretamente, quanto aos do Ensino Médio. Hoje, porém, depois de ouvir-lhes as dificuldades, a problemática e as possibilidades que supõe o novo enfoque deste apostolado dentro e fora das instituições, acho-me mais persuadido ainda da importância dos colégios em si e em sua relação com as outras formas de apostolado da Companhia.

2. I. Ensino Médio

Em contraposição aos Cursos Fundamental e Superior, o Ensino Médio nos dá acesso à mente e ao coração de numerosíssimos jovens, eles e elas, em um momento privilegiado: quando “já” são capazes de uma assimilação coerente e arraçada dos valores humanos iluminados pelo cristianismo, e quando a sua personalidade “ainda” não adquiriu

sulcos dificilmente reformáveis. É sobretudo no Ensino Médio quando *se forma sistematicamente a mentalidade do jovem e, conseqüentemente, é o momento em que ele deve fazer síntese harmônica de fé e cultura moderna* (CG 31, d. 28, preâmbulo, n. 1).

Costuma-se definir o Ensino Médio em função de seus conteúdos educativos — às vezes excessivamente vinculados com os programas acadêmicos — ou em função da idade do educando. Assemelharia também ao Ensino Médio boa parte do trabalho educativo que a Companhia leva adiante em muitas partes entre adultos, como nas campanhas de alfabetização, ou de promoção cultural ou profissional. Esta modalidade tem muito das finalidades educativas (e, conseqüentemente, das oportunidades apostólicas) que são características do Ensino Médio. Porque o aluno ou aluna adultos, nessas circunstâncias, oferecem-se voluntária e avidamente ao educador com uma receptividade atípica de sua idade que os assemelha, de certo modo, aos alunos de outras instituições do Ensino Médio.

3. A Companhia deu passos gigantescos nestes últimos anos neste tipo de ensino, especialmente em países ou zonas culturalmente subdesenvolvidos. Pondo em andamento iniciativas bem na linha das últimas Congregações Gerais, serviu-se para este fim dos meios modernos de comunicação de massa com a criação de instituições educativas de novo tipo: radiofônicas, audiovisuais, cursos por correspondência, etc. As características, vantagens e limitações desse tipo de ensino e das instituições que o promovem não são tema a ser tratado neste momento, nem mesmo a análise do papel que desempenharão no futuro. Esse estudo deverá ser feito em outro tempo e com a profundidade que requer a sua importância. Mas não podia deixar de lado a realidade desse fato que enriquece e diversifica tão esperançosamente o apostolado educativo da Companhia. A este novo tipo de instituição deve aplicar-se analogamente quanto direi a seguir, referindo-me mais explicitamente aos Colégios do Ensino Médio, segundo o modelo constitucionalmente estabelecido na Companhia.

4. II. O Colégio, instrumento de apostolado

A ideia radical de que partem todas as minhas considerações é esta: o Colégio é um grande instrumento de apostolado que a Companhia

confia a uma comunidade ou a um grupo definido de homens dentro de uma comunidade com um fim que não pode ser senão apostólico. Esta entrega, a tais homens e para tal fim, é um autêntico ato de “missão”. O Colégio é o primordial meio de apostolado para esta comunidade. E esta, enquanto grupo apostólico da Companhia, deve concentrar a sua atividade no intuito de conseguir através desse instrumento educativo o maior rendimento apostólico.

Sendo, pois, o colégio um instrumento, e instrumento para uma missão tão concreta e de natureza tão manifestamente espiritual, é claro que deve mover-se pela causa principal que é Deus. A união desse instrumento com essa causa é precisamente a comunidade a quem ele foi confiado e dele se serve para alcançar o objetivo prefixado: a extensão do Reino. A comunidade que trabalha no Colégio necessita, absolutamente, mentalizar-se e viver desta convicção: a Companhia marcou para ela essa missão e para levá-la a termo, confiou-lhe este instrumento. Qualquer desvio dessa missão que desvirtuasse sua finalidade educativa e apostólica, reduzindo-a, por exemplo, a meros encargos culturais ou humanísticos, mesmo catequéticos, e qualquer espécie de apropriação do instrumento confiado, por exemplo vinculando-se desordenadamente a ele com quebra da mobilidade — lesa o caráter fundamental da missão e do instrumento.

5. III. Critérios preliminares

Os critérios para decidir se deve ou não existir um centro, qual dever ser a sua modalidade etc. são muitos, e sua avaliação, em cada circunstância, está condicionada e redimensionada por múltiplos fatores. É um erro dar um valor absoluto a um critério, por mais puro que possa parecer. Como não se diferencia, por exemplo, um colégio de Ensino Médio, em um país de minoria católica, de alta técnica e refinamento cultural, como o Japão, do colégio que é necessário e suficiente em outro país — digamos da Europa — em que existem abundantes oportunidades de educação católica, ou de outros países do mundo em desenvolvimento, em que é inadiável e prioritária a redenção cultural de enormes massas?

Esta necessária diversificação não legitima tudo o que existe pelo simples fato de que existe, nem autoriza o singularismo a todo custo da-

queles que se arvoram de que “aqui é diferente”, para resistir a toda linha orientadora ou negar-se a toda comunicação e aprendizagem. Tais complexos de autossuficiência, se não são de superioridade, parecem infantilmente narcisistas, geralmente injustificados, e atentam contra a própria natureza da educação na sua dimensão humanista e aberta aos demais.

Seria pior ainda um efeito contrário a essa falsa superioridade: o dogmatismo intolerante e o desejo de impor aos outros a própria concepção da educação e do tipo do centro educativo.

6. *A determinação deve ser fruto de um discernimento.* O tipo de centro, sua localização, suas dimensões, a fixação de objetivos de qualidade de educação ou extensão de ensino etc. são coisas que diversificam o instrumento para adaptá-lo às circunstâncias onde será inserido. Por isso, serão resultados de um discernimento inaciano em que, além dos critérios para a seleção de ministérios, devem entrar em consideração as circunstâncias locais, bem como os planos apostólicos da Província e da hierarquia local. Em determinado lugar a Igreja necessitará de um centro de grande competitividade acadêmica com as instalações proporcionadas; em outro, um colégio com grande capacidade de acolhida, mesmo de regime de coeducação, para resolver necessidades de escolarização ou de atenção à juventude cristã ou por razões de abertura a um mundo descrente; em outros, a razão de urgência — um critério que para Inácio pode sobrepor-se a outros — como seja a alfabetização ou a promoção cultural de massa pela rádio, as gravações ou os impressos. E tudo será ensino como suporte de evangelização.

Os critérios inacianos de seleção não são absolutos. O prudente Santo Inácio, antes de enumerá-los nas Constituições, põe esta condição *em igualdade de circunstâncias, como em tudo o que se há de sempre entender...* (Constituições, n. 622).

7. *Estamos para educar a todos, sem distinção.* Não pode ser de outra maneira, já que o apostolado educativo, como todo o apostolado da Companhia, leva a indelével marca inaciana da universalidade. É certo que esta total abertura do conjunto da obra educativa da Companhia adquire — deve adquirir — determinações locais mais concretas, mas não é admissível o exclusivismo de qualquer tipo que seja. Assim tam-

bém é certo que esta abertura total deve conjugar-se com a nossa opção pelos pobres, inclusive no campo educativo. Sem ironia, pode afirmar-se que não existem grandes problemas de escolarização entre as classes acomodadas e, sim, e em proporções às vezes trágicas, entre os pobres. E, embora seja a sociedade civil a quem compete primariamente socorrer a essa necessidade social, a Companhia se sente obrigada por vocação a ir em socorro dessa carência humana e espiritual, tornando assim real o direito da Igreja de ensinar em qualquer modalidade e grau.

Mas, se entre as classes acomodadas não há problema de escolarização, há o de evangelização. E, como ensino e educação são um meio efficacíssimo de evangelização, a Companhia não pode reservar exclusivamente para os pobres o seu apostolado da educação. Mais ainda: com as vistas postas nos mesmos pobres, nas classes sofridas, a Companhia, também por critérios inicianos, deve formar cristãmente outras classes sociais. E não nos esqueçamos, é claro, dessa silenciosa classe média, que também é povo de Deus, e da qual tão pouco se fala, quando se enfocam as coisas a partir dos extremos.

8. Um critério negativo: a não discriminação econômica. O acesso dos alunos aos nossos colégios não pode estar condicionado por suas possibilidades econômicas, uma vez que estes centros são necessariamente instrumentos de apostolado, onerados, portanto, com a radical gratuidade de nossos ministérios e de nossa pobreza. É uma colocação de fundo e um ideal. Sei muito bem que a realidade é forçosamente bem distinta em diversas nações e tipos de centros. Mas, na medida em que ainda não se tenha atingido este ideal, o centro educativo em questão deve submeter-se à tensão de aspirar a que nenhum aluno apto seja recusado por falta de meios econômicos. A reivindicação de igualdade de oportunidades em matéria de educação e de liberdade de ensino são objetivos que entram de cheio na nossa luta pela promoção da justiça.

9. Um critério positivo: a excelência. Sejam quais forem as características de um centro de Ensino Médio da Companhia, uma nota deve ser comum a todos: a excelência, isto é, a qualidade. Não me refiro, é lógico, às suas instalações, mas ao que define propriamente um centro educativo e pelo que deve ser julgado: o seu produto, os homens que forma. Esta

excelência consiste em que nossos alunos, sendo homens de princípios retos e bem assimilados, sejam ao mesmo tempo abertos aos sinais dos tempos, em sintonia com a cultura e problemas do seu meio, e homens a serviço dos outros. Ensino, educação, evangelização: eis os três níveis que nos diversos países e circunstâncias podem ter prioridade e urgência diferentes, sempre, porém, em um nível de excelência, ao menos relativa. O verdadeiro objetivo de nossos centros de ensino, melhor, de educação, está colocado naquilo que é especificamente humano e cristão. Referindo-me, contudo, aos nossos centros em países de missão, quero sublinhar a importância que tem a excelência acadêmica.

É erro querer sacrificar a excelência acadêmica, tanto no nível universitário como no médio, em benefício de outros aspectos, embora bons e talvez prioritários em outros tipos de instituições, ou com vistas a conseguir ampliação numérica dos alunos para preencher as vagas.

10. Educação inaciana. O centro de Ensino Médio da Companhia deve ser facilmente identificável como tal. Muitos aspectos serão semelhantes a outros centros não confessionais ou confessionais e inclusive de religiosos. Mas, se é verdadeiramente da Companhia, isto é, se nele atuamos movidos pelas linhas de força próprias de nosso carisma, com o acento próprio de nossas características essenciais, com nossas opções, a educação que recebem os nossos alunos os dotará de certa “inacianidade”, se me permitem o termo. Não se trata de atitudes esnobistas ou arrogantes, nem mesmo de complexo de superioridade. É lógica consequência do fato de que vivemos e atuamos em virtude deste carisma e de que em nossos centros devemos prestar aquele serviço que Deus e a Igreja requerem de nós jesuítas como tais.

11. IV. O aluno que pretendemos formar

Supondo aqui os aspectos acadêmicos e educativos, fixo-me naqueles da formação integral que devemos subministrar aos nossos alunos.

- a) Homens de serviço segundo o Evangelho. É o “homem para os demais”, como muitas vezes vocês me ouviram falar. No momento, porém, e especialmente para nossos alunos cris-

tãos, quero redefini-lo sob um novo aspecto. Devem ser homens movidos pela autêntica caridade evangélica, rainha das virtudes. Falamos tanto de fé/justiça; mas é da caridade que a própria fé e o anseio de justiça recebem a sua força. É na caridade que a justiça atinge sua plenitude interior. O amor cristão implica e radicaliza as exigências da justiça ao dar-lhe uma motivação e uma força interna. Frequentemente se esquece desta ideia elementar: que a fé deve estar informada pela caridade e que ela se mostra nas obras nascidas da caridade; e que a justiça sem caridade não é evangélica. É um ponto no qual se deve insistir e cuja iluminação e assimilação são indispensáveis para entender retamente a nossa opção fundamental e, conseqüentemente, podermos aproveitar de sua imensa potencialidade. Podem dar-se um santo respeito e uma santa tolerância que equilibram a nossa impaciência de justiça e de serviço à fé. Especialmente em países não cristãos, é necessário acomodar-se às possibilidades na impregnação de valores cristãos que ao mesmo tempo são humanos e reconhecidos como tais.

12. b) *Homens novos*, transformados pela mensagem de Cristo, cuja morte e ressurreição eles devem testemunhar com a própria vida. Os que saem de nossos colégios devem ter adquirido, na proporção de sua idade e maturidade, uma forma de vida que seja por si mesma proclamação da caridade de Cristo, da fé que d'Ele nasce e a Ele conduz e da justiça que Ele proclamou. Devemos nos esforçar com empenho para fazer ressaltar estes valores de nossa herança inaciana que podemos também transmitir aos que não partilham ainda da fé em Cristo, traduzindo-os em valores éticos e humanos de retidão moral e solidariedade, que também procedem de Deus.

A pergunta crucial é esta: “Que repercussões pedagógicas apontará o fato de colocarmos como finalidade de nossa educação o criar homens novos, homens de serviço?”. Porque este é, na realidade, o fim da educação que ministramos. É um enfoque diverso, ao menos enquanto dá prioridade a valores humanos de serviço e de antiegoísmo. Isso tem de influir em nossos mé-

todos pedagógicos, nos conteúdos formativos, nas atividades paraescolares. Esse desejo de testemunho cristão e de serviço aos irmãos não se desenvolve com a emulação acadêmica e a superioridade de qualidades pessoais em relação aos outros, mas somente através do hábito da disponibilidade e da servicialidade. O nosso método educativo tem de estar pensado em função destes objetivos: formar o homem evangélico que vê em cada um dos homens um irmão. A fraternidade universal será a base de sua vida pessoal, familiar e social.

13. c) *Homens abertos* ao seu tempo e ao futuro. O aluno de nossos colégios, no qual, dia a dia, vamos imprimindo a nossa marca e dando-lhe forma, enquanto ainda é mais ou menos receptivo, não é um produto “acabado”, que lançamos à vida. Trata-se de um ser vivo em contínuo crescimento. Queiramos ou não, durante toda a vida, estará sujeito ao jogo de duas forças: as próprias, com que influenciará sobre o mundo, e as que influenciarão sobre ele. Do resultado deste jogo dependerá o seu modo de ser: ou um homem de vivência evangélica pessoal de serviço, ou entregue a uma neutral inércia, ou absorvido pela indiferença e pela descrença. Por isso, mais, talvez, que a formação que lhe damos, valem a capacidade e a ânsia de uma continuada formação que lhe saibamos inculcar. Aprender é importante; mais importante, porém, é aprender a aprender e desejar prosseguir aprendendo.

Trata-se precisamente, de que a nossa educação, no plano psicológico, tenha em conta esse futuro. Que seja uma educação em função do ulterior crescimento pessoal, uma educação aberta, de iniciação a vetores que continuam sendo operativos pelo resto de sua vida em uma formação contínua.

Esta formação, portanto, deve ter em conta também o tipo de civilização em que vivemos e à qual os nossos alunos estão chamados a viver: a da imagem, da visualização, da transmissão de informação. A revolução que a imprensa sonhou nos albores do renascimento é brincadeira de criança comparada com a revolução das modernas tecnologias. A nossa educação tem de

tê-las em conta, para servir-se delas e para torná-las conaturais aos nossos alunos.

14. d) *Homens equilibrados*. Não sei se é pedir demais, depois de todo o anterior. E, contudo, é um ideal irrenunciável: todos os valores anteriormente citados — acadêmicos, evangélicos, de serviço, de abertura, de sensibilidade diante do presente e do futuro — não perdem nada, antes se potenciam mutuamente, quando equilibradamente se combinam. Não é ideal dos nossos colégios produzir esses pequenos monstros acadêmicos, desumanizados e introvertidos; nem mesmo o devoto crente alérgico ao mundo em que vive e incapaz de vibração. O nosso ideal aproxima-se mais ao insuperado homem grego, na sua versão cristã, equilibrado, sereno e constante, aberto a tudo aquilo que é humano. A tecnologia ameaça desumanizar o homem: é missão de nosso centro educativo salvaguardar o humanismo, sem renunciar, por isso, a servir-se da tecnologia.

15. V. A comunidade educativa

É forçoso reconhecer que este conceito adquiriu um enorme progresso. A *Ratio Studiorum*, embora na sua versão renovada da metade do século passado, perante outros méritos historicamente reconhecidos, não podia no mínimo refletir o restritivo conceito de comunidade pedagógica vigente na época. As condições dos novos tempos nos obrigaram a fazer uso generalizado de pessoal externo não jesuítico, faculdade esta prevista nas Constituições (n. 457). Este fato acarreta uma nova responsabilidade: a de garantir que a formação de nossos colégios continue sendo aquela mesma da Companhia, tal qual descrevemos acima.

A comunidade educativa é composta pela comunidade jesuíta, pelos colaboradores leigos, alunos e suas famílias. Além destes, porquanto o colégio é a primeira etapa de uma formação que nunca acaba, os antigos alunos.

16. *A comunidade jesuíta*. Ela é que recebeu primariamente a missão da Companhia, e a quem se confia o colégio como instrumento apostólico

para levar a termo tal missão. Consequentemente, ela deve ser o princípio inspirador do centro. Mesmo nos casos em que a incorporação dos leigos tenha chegado a cargos diretivos, parte-se da hipótese de que eles sejam pessoas em plena sintonia espiritual com os princípios que inspiram a nossa missão. Este é um ponto que devemos cuidadosamente assegurar nas estruturas do novo tipo em que a responsabilidade econômica, empresarial e acadêmica de um colégio se transfere a uma associação, em que a Companhia é apenas uma parte.

Os jesuítas do colégio devem apresentar-se como comunidade unida, autenticamente jesuíta e facilmente reconhecível como tal. A saber: um grupo de homens de clara identidade, que vivem do mesmo carisma inaciano, intimamente ligado “ad intra” pela união e amor mútuo, e “ad extra” pela alegre participação de uma missão comum. Uma comunidade que se examina regularmente e avalia sua atividade apostólica, que submete a discernimento as opções apresentadas para o melhor desempenho de sua missão. Uma comunidade religiosa que é o núcleo da grande comunidade educativa, unificando-a e emprestando-lhe sentido. Se uma comunidade nossa se mostra dividida, divide também os nossos colaboradores e sobre o colégio recai a sombra daquela advertência inaciana: sem unidade, a Companhia não só não pode atuar, mas nem sequer subsistir (cf. Constituições n. 655).

17. Esta animação do centro pela comunidade jesuíta deverá consistir, em primeiro lugar, na contribuição da visão inaciana, em sua aplicação concreta a uma determinada obra apostólica educativa: fixação dos objetivos, definição do tipo do homem que desejamos formar e seleção dos meios de toda ordem necessários para este fim.

Desejo acrescentar uma palavra sobre a atividade sacerdotal dos que se dedicam à educação nos colégios. Sem dúvida, é plenamente apostólico todo trabalho de ensino, administração e outras gestões colegiais. Mas, além disso, todo sacerdote jesuíta deveria desempenhar alguma atividade estritamente sacerdotal, no próprio colégio ou fora, como o ministério sacramental ou da palavra, direção espiritual, colaboração estável ou eventual em paróquias, casas religiosas, hospitais, cárceres, centros de ajuda a desvalidos. Uma atividade diária, ou em fins de sema-

na, ou mais espaçada, talvez no próprio período de férias. Algo, enfim, que mantenha viva em nós a nossa identidade sacerdotal e a manifeste aos outros. O ideal que nos trouxe à Companhia e o único que nos retém nela foi o de nos unirmos a Cristo e participar de seu sacerdócio e de sua missão redentora e santificadora. Eu não aceitaria facilmente a razão de falta de tempo para justificar a total carência de atividade especificamente sacerdotal. Em todo caso, seria questão de redimensionar um tanto as outras ocupações. Porque é um dado da experiência que prescindir de toda atividade sacerdotal ao longo dos anos (máxime nos primeiros depois da ordenação) pode ocasionar a perda da identidade sacerdotal. Daqui a perder a identidade jesuítica, não há senão um passo. As consequências desta desidentificação são imprevisíveis.

18. Em segundo lugar, a comunidade jesuítica deve servir de inspiração e estímulo aos demais componentes da comunidade educativa (colaboradores leigos, alunos, famílias, antigos alunos), pelo testemunho de vida e trabalho. *O testemunho de nossa vida é necessário.* Se queremos formar no aluno o homem completo, é necessário que façamos com toda a nossa pessoa, não só com nosso trabalho docente. Os alunos, suas famílias, nossos colegas têm direito de não distinguir em nós o nosso trabalho docente, nossa mensagem oral de nosso tipo de vida. E estamos obrigados a responder a esta exigência. Não se isenta de certo cinismo quem, levando uma vida instalada e cômoda, ponha-se a prevenir os nossos alunos contra o consumismo. A identidade de que antes eu falava tem aqui a sua aplicação. A carência de especificidade sacerdotal pode revestir formas de vida secularizadas — no mau sentido do termo — com relativa facilidade nos centros educativos, embora não exclusivamente neles. A forma de vestir, de comportar-se, de usar ou abusar das coisas, de falar etc. é parte de nosso exemplo de vida e, conseqüentemente, de nossa ação educativa. Para os jovens, aos quais falta ainda uma madura avaliação de valores mais profundos, isto é um elemento de juízo sobre o jesuíta e a Companhia. Pensemos na nossa responsabilidade neste ponto e na sua relação com o problema das vocações.

19. Parte do testemunho de vida, nós o damos com o *testemunho de trabalho*. Sei que em nossos colégios há pessoas sobrecarregadas, e que a

redução de pessoal jesuítico faz que alguns tomem sobre os seus ombros mais carga do que o conveniente. Não vai isto de encontro à excelência do nosso trabalho? Não conduz a uma diminuição de nossa missão inspiradora, do tempo que deveríamos dedicar a pensar, a dirigir, naquilo em que somos mais dificilmente substituíveis, porque nos atarefamos com trabalhos administrativos e gerenciais mais facilmente delegáveis?

Por outro lado, em todas as instituições — grandes ou pequenas — pode também dar-se o perigo do contrário: a criação de um “status” intocável, com rendimento de trabalho pouco satisfatório que apenas pode comparar-se com o de outros membros da comunidade educativa, com resistência a qualquer mudança de horários, a uma necessária avaliação e a qualquer pedido de colaboração — sacerdotal ou de atividades paraescolares — que caiam fora da atividade profissional. É dever dos Superiores impedir que as instituições sirvam de abrigo a pessoas subempregadas, anquilosadas ou “instaladas”. Frequentemente, a melhor solução será a determinação de nova “missão” em que o seu zelo apostólico e sacerdotal se sinta mais estimulado. Muito importante é evitar um parasitismo disfarçado nos colégios de Ensino Médio, mais do que na universidade, pois os adolescentes são mais sensíveis ao testemunho. Isto, naturalmente, nada tem que ver com a presença no colégio de padres e irmãos idosos que, por trás de uma vida de intenso trabalho, levam à comunidade educativa o exemplo de sua bondade, de sua presença, o sentido de tradição e de família.

Na problemática das relações comunidade/obra, a separação da residência e do lugar de trabalho não é por si mesma uma solução necessária, nem suficiente, ainda que às vezes possa ser um passo imprescindível.

20. *Os colaboradores leigos* são um elemento importantíssimo da comunidade educativa. Também neste ponto a Companhia deu um grande passo. Já indiquei como nas Constituições é admitida a sua colaboração como suplência, entrevedo-se que o seu trabalho não venha baixar o nível do ensino. Era um reflexo do tempo, e, podemos dizer, do conceito que até recentemente se fazia do papel do leigo na Igreja. Após o Concílio Vaticano II, a função do leigo revalorizou-se e de maneira explícita se reconheceu sua missão na Igreja. E por que não na Companhia?

De sorte que não foi só a penúria de jesuítas que determinou a afluência dos leigos aos nossos colégios, mas também a profunda convicção de que com sua inestimável ajuda podemos ampliar sem receio o nosso apostolado. Antes se podia ver uma comunidade de meia centena de jesuítas dedicada à formação de duzentos ou trezentos alunos, possivelmente em regime de internato. Digamos, sem rodeios, que tal atenção era desproporcionada e, se considerarmos as necessidades do mundo, injusta e elitista. Manter hoje tal relação jesuíta/alunos seria eclesialmente escandaloso, e sentir saudades dela, um equívoco.

21. Necessitamos de “agentes multiplicadores”, e estes são os nossos colaboradores leigos, naturalmente, com uma condição: a de que valorizemos na prática a sua capacidade de incorporar-se à nossa missão apostólica educativa. Isto quer dizer que não os vejamos nem, de fato, sejam meros assalariados para realizar uma tarefa sob a supervisão do patrão. Devem achar-se de tal modo remunerados que vivam sem tensão econômica e, enquanto possível, em horário integral, sem necessidade de multiemprego. Trabalhar com o ânimo dividido, supõe quase fatalmente, certa incapacidade para ser, além de professor, autêntico educador.

Mas não é só isso. O de que necessitamos verdadeiramente não são meros professores, mas colaboradores corresponsáveis da plenitude de nossa missão. Temos de aceitá-los assim e também aprender deles, de seu carisma de leigo associado a sua obra de Igreja. Somente desta forma tem sentido sua integração na comunidade educativa e só assim são agentes multiplicadores. Isto, porém, implica duas coisas: uma, que assimilem os princípios inicianos que animam a nossa missão; a outra, que tenham acesso ao quadro de ação — cargos de responsabilidade —, a começar por aquele de pôr a render ao máximo a sua capacidade educativa.

Com respeito ao primeiro ponto, é claro que, assim como tivemos necessidade de uma formação para assimilar e tornar operativa em nós a intuição iniciano, assim, eles, de modo geral, deverão receber de nós uma formação proporcionada e uma atenção constante também neste aspecto, sempre com o devido respeito à sua personalidade. Mesmo que não sejam cristãos, como deverá ocorrer em muitos países, podere-

mos aprender deles e, proporcionalmente, fazê-los partícipes dos valores universais de nossa missão. Quem fosse, definitivamente, refratário à nossa visão do homem e dos valores evangélicos não seria apto para educar em um centro de Ensino Médio da Companhia, por mais relevantes que fossem suas qualidades acadêmicas e docentes. Não se trata de formar minijesuítas, mas autênticos leigos, perfeitamente sintonizados com o ideal inaciano. Transmitir esta formação custa dinheiro e tempo. É, porém, a inversão mais rentável para o fim que se pretende. E não seria justo descuidar da devida formação de nossos colaboradores e, ao mesmo tempo, esperar que participem de coração da nossa missão.

O que penso relativamente à integração do leigo no quadro diretivo é mais do que mera cogestão, a qual dou por suposta. Trata-se de confiar aos colaboradores capazes, devidamente preparados, com plena confiança, não só cargos administrativos e de gerência, mas campos de autêntica responsabilidade educativa, até os seus níveis mais altos, inclusive o da direção do centro, quando for necessário ou conveniente, conservando o papel essencial de animação e inspiração do qual eu falava anteriormente.

Para muitos centros, esta participação de um laicato competente será a única fórmula de sobrevivência, se queremos que se continue a ministrar neles a educação inaciana sem o concurso de um razoável número de jesuítas. Para todos os colégios, porém, essa colaboração dos leigos, dado que participem efetivamente de nossa missão, é indispensável numa época em que a Igreja e a Companhia devem multiplicar a sua irradiação.

22. As famílias. Sabemos que são as últimas responsáveis pela formação de seus filhos. Este é precisamente um motivo a mais para que nos preocupemos também com elas e trabalhemos juntos na educação, tendo em conta que em não poucas ocasiões há matrimônios escassamente preparados para formar os seus filhos. Merecem louvor as organizações — associações, revistas, cursilhos — que promovem a formação educadora dos pais dos alunos e os preparam para colaborar mais eficazmente com o colégio. O colégio pode e deve agir também como catalisador para a união de pais e filhos. Um dos males do nosso tempo é justamente a

dissolução da família, não só do matrimônio, mas dos filhos em relação aos pais. O colégio é um magnífico lugar de encontro e de convergência de interesses em bem do próprio filho. É importante que as famílias tenham contato com o colégio e participem de sua vida e colaborem em suas atividades culturais, sociais, paraescolares etc.

23. *Antigos alunos.* Repetidas vezes, nos últimos anos, tive que tratar deste tema, e não quero no momento repetir-me. Somente torno a dizer o seguinte: eles são uma grande responsabilidade da Companhia, que não pode declinar a sua obrigação de atendê-los em sua reeducação permanente. É uma obra que, praticamente, somente nós a podemos fazer, uma vez que se trata de remodelar o que foi feito, há vinte ou trinta anos. O homem hoje é necessariamente distinto daquele que formamos então. É uma tarefa ingente, superior às nossas possibilidades e, por esta razão, temos que nos valer dos leigos capazes de realizá-la e isto supõe uma primeira etapa de formação de tais pessoas.

Os Provinciais deverão providenciar a respeito, destinando às associações de antigos alunos padres suficientes e aptos e com tempo disponível para atendê-los. Se isto não se faz, as associações esmorecerão e não se atualizará a reeducação dos antigos alunos.

24. *Alunos.* São o elemento central e principal componente da comunidade educativa. Extensamente já me referi a eles nestas páginas. Apenas quero acrescentar o seguinte: quanto os alunos podem nos educar! Temos de estar em contato com eles e, ao tratá-los, aprender a ser pacientes, vendo-os mover-se em um mundo materializado; aprender a ser generosos, vendo sua capacidade de sacrifício; aprender a ser homens para os outros, vendo quão grande é sua generosidade se a sabemos estimular com adequada motivação. Por intermédio dos jovens, colocamos em contato com uma civilização que nos está vedada, e neles vemos a sociedade do amanhã e nos assomamos ao mundo futuro. Por isso, é impossível educar um jovem, mantendo excessiva distância, estando habitualmente ausente de seus campos, em um asséptico isolamento cheio de dignidade acadêmica, e, talvez, de complexo de inferioridade e timidez. Desta maneira, não surgirão vocações nem chegarão eles a conhecer a beleza de nosso ideal inaciano, que é de vida e serviço a Cristo.

25. VI. O Colégio: abertura e integração

Este é um ponto que nas reuniões destes dias vocês deixaram bem claro. Os colégios da Companhia não podem ser em relação à Província ou à Igreja local um caso de “splendid isolation”. No passado pode ter acontecido que alguns colégios, exatamente pela qualidade de seu trabalho educativo e mesmo pelo seu tamanho, se adiantassem aos tempos e se tornassem pioneiros na cidade ou região, ficando assim um tanto isolados do resto.

Este isolamento, consciente ou inconsciente, onde exista, deve desaparecer, pois, apesar de as coisas terem mudado em pouco tempo, somos Igreja católica, somos Companhia de Jesus. Os colégios da Companhia devem formar uma frente unida com as demais instituições docentes da Igreja e participar das organizações que os agrupam em todos os níveis: profissional, sindical, apostólico. Isto é especialmente importante nos países em que a liberdade de ensino, a igualdade de oportunidades, o financiamento e outros temas semelhantes são assuntos de confrontação de ideologias contrapostas.

Mas a razão principal para abertura de nossos colégios e contato com outros é outra: a necessidade de aprender e a obrigação de compartilhar. As vantagens dos intercâmbios e da colaboração de todo tipo são imensas. Seria insensato presumir que nada temos a aprender. Seria irresponsável planificar por nossa conta exclusiva sem ter em conta a necessidade de juntar-se com outros colégios de religiosos ou mesmo leigos, por exemplo, em matéria de especialidades opcionais e professores especializados, níveis de ensino, cursos intercolégiais de preparação do professorado ou de formação para pais de alunos etc. Esta articulação de nosso trabalho com as instituições educativas homólogas em um âmbito eclesial local, regional e nacional reforçará a nossa efetividade apostólica e nosso sentido eclesial.

Por outro lado, os colégios devem articular-se racionalmente no conjunto do plano apostólico da Província, e manter-se em frutuosa relação com as obras apostólicas de tipo diferente. Dentro da indivisível unidade de “missão” da Província, os colégios são só uma parcela. Esta deve estar harmonicamente entrosada com as outras. Não me refiro

somente a relações de cordial interesse, porquanto em outras partes se dão excelentes relações fraternas. Aponto para algo mais tangível: colaboração concreta. Os aspectos pastorais da educação oferecem aos colégios a oportunidade de um intercâmbio de ajuda às residências que é benéfico para todos. Tal é o caso, por exemplo, da pastoral da juventude nas atividades paraescolares, a colaboração com a orientação espiritual, Exercícios Espirituais, movimentos cristãos etc. a favor do colégio; e a ajuda ministerial que os membros do colégio podem prestar nas ocasiões de mais sobrecarga das paróquias e residências. E quando as distâncias e o tempo o permitam, nesta colaboração fraterna devem participar os nossos escolásticos e jovens sacerdotes que ainda estudam. Isto os insere nas atividades da própria Província e os faz conhecer um rico leque de opções e revela suas qualidades e inclinações, o que será muito importante na hora de dar-lhes uma missão definitiva.

Esta abertura beneficia tanto as comunidades jesuíticas dos colégios como os alunos. Manterá os nossos jesuítas em sintonia com as atividades e necessidades da Igreja e da Companhia em outros campos, e isto será uma preparação psicológica preciosa para quando se tratar de transferir algum de uma atividade a outra. Não será partir para um mundo desconhecido. Um mínimo de atividade sacerdotal além da função educativa é uma forma privilegiada de abertura, em nível pessoal, como disse antes. Os alunos, por sua parte, com esses contatos e abertura do colégio, dilatarão os seus horizontes e desde a sua juventude se habituarão com a dimensão eclesial e social. Não sei se certa aversão ao compromisso social e cristão que se nota em alguns de nossos antigos alunos é devida, pelo menos em parte, ao tipo de colégio, em algumas partes, “incubador” do passado.

26. A abertura e os contatos institucionais devem completar-se com a *irradiação apostólica*. Todo centro da Companhia é uma plataforma apostólica. A paróquia, ou o hospital, ou a prisão, ou a emissora, ou o centro social ou assistencial que está próximo, no bairro, etc. são outros tantos pontos em que os nossos jesuítas e os alunos, dirigidos por nós, devem desenvolver algum tipo de apostolado. Esses lugares não têm necessidade desse serviço? Nós, pelo menos, necessitamos deles. Ainda mais. Eu

me atreveria a dizer que, se a justificação para omitir toda irradiação sacerdotal ou apostólica é o excesso de ocupações e o cansaço que daí resultar, haverá que discernir se não é melhor pedir — ou impedir suavemente — um reajuste quantitativo de nossas ocupações profissionais (mesmo à custa de contratar o pessoal necessário), que nos permita o salto qualitativo para uma vida na qual estejam presentes o diretamente sacerdotal e o treinamento apostólico de nossos alunos.

Não seria possível fazer algo mais do que se faz, atraindo para nossa ação os pais de família, os antigos alunos, os alunos e toda boa gente da nossa vizinhança em áreas como: abertura das nossas instalações, cessão para cursos noturnos, ou de alfabetização, ou de treinamento e aperfeiçoamento profissional, atividades sociais, esportivas, artísticas ou recreativas, atividades de comunidades de vizinhos, projetos de promoção humana etc.? Não é até certo ponto escandaloso — e em termos de boa inversão financeira injustificável — que, às vezes, os grandes prédios de nossos centros se encontram em rendimento efetivo apenas por 8 ou 10 horas diárias, durante os 200 dias do ano acadêmico, isto é, 20% do tempo, quando podiam ser utilizados para tantos outros fins? Não se poderia aplicar aqui a nossa doutrina da função social dos bens?

27. VII. Destinatários destas páginas

Concluo por onde, talvez, deveria ter começado: indicando os destinatários desta alocução. Porque não tenho diante dos olhos somente vocês — os 15 jesuítas vindos de diversas partes da Companhia para participar deste seminário. Com vocês dialoguei longamente nestes dias, e vocês conhecem o meu pensamento sobre todos estes temas. Com vocês rezei ao único Mestre, a Luz, a Verdade e a Vida. Ouvi as suas experiências, reflexões, preocupações e esperanças. Nas suas notas e na documentação que nascerá do trabalho destes dias, creio que vocês encontrarão abundante matéria de reflexão e inspiração para o futuro de seus colégios. Por isso diria, paradoxalmente, que vocês não são os únicos destinatários destas páginas, nem, talvez, os mais necessitados delas.

28. Penso em primeiro lugar nas comunidades de jesuítas que trabalham em nossos colégios e em outras instituições de Ensino Médio. Homens, sacerdotes e irmãos, entregues a uma tarefa com frequência obscura, sobrecarregados de trabalho, submetidos a um horário e agenda rigorosos e cuja abnegação é às vezes pouco perceptível por atuarem em um quadro institucional de certa aparência enganadora. Quero confiar-lhes uma vez mais a missão que receberam. Quero reiterar-lhes a altíssima estima que a Igreja e a Companhia têm pelo seu apostolado educativo. Quero animá-los a perseverar entusiasmados em suas funções.

Ao mesmo tempo devo preveni-los do perigo da inércia. É indispensável que caiam na conta da mudança havida na Igreja e na Companhia e da necessidade de acompanhar-lhes o passo. Somos obrigados a confessar que se houve incompreensão em diferentes setores da Companhia e desinteresse das gerações mais jovens e dinâmicas dela em relação a alguns colégios, especialmente aos de maior porte, isto deveu-se, talvez, ao desajuste dessas instituições a uma sociedade, a uma Igreja e a uma Companhia possuídas de uma nova dinâmica. Uma comunidade que é levada a julgar que seu colégio não necessita de mudança, está ameaçando, a prazo fixo, a agonia do próprio colégio. É questão de uma geração. Por mais doloroso que seja, é mister podar a árvore para que recobre as forças. São indispensáveis a adaptação das estruturas e a formação permanente às novas condições.

29. Em segundo lugar dirijo-me aos nossos jovens, e, talvez, não tão jovens, cuja ferosidade os faz olhar nossas instituições educativas e, pode ser, o mesmo apostolado da educação, com desconfiança e desestima. É precipitado identificar indiscriminadamente nossos colégios, mesmo os de grande aparência, como centros de poder e sinal de desatenção aos pobres, contrários às exigências de nossa opção fundamental. Frequentemente, ignora-se a capacidade de sacrifício requerida para viver e trabalhar neles. Sei que nem sempre é assim, e não cesso de estimular a todos para uma austeridade pessoal e comunitária, da mesma maneira que em outros apostolados devo insistir em outros aspectos, às vezes mais importantes, sem que por isso devam ser condenados. Mas o apostolado da educação é para a Igreja de uma importância absolutamente

vital. Tão vital que a proibição de educar é o primeiro, e às vezes o único e suficiente meio, imposto por certos regimes políticos à Igreja para assegurar a descristianização de uma nação no espaço de duas gerações, sem derramamento de sangue.

Educar é necessário. E isto não se pode alcançar em determinada escala e com a excelência a que me referi sem certo tipo de instituições. Já falei no começo destas páginas das diversas possibilidades. Aludi também ao fato de que devemos educar a todos. E no corpo social não podemos limitar-nos a educar somente os braços e mãos, mas também a cabeça. É importante formar as classes dirigentes do futuro. Os critérios inicianos estão de acordo com isso. Por isso, e precisamente para promover a necessária renovação com a injeção de sangue novo, exorto os estudantes jesuítas a considerar com realismo o valor apostólico de nossas obras educativas e a oferecer-se ou aceitar de boa vontade este trabalho com a atitude evangélica e sacerdotal descrita. Não caímos na injustiça de tachar de imobilismo os nossos centros educativos e, ao mesmo tempo, negar-lhes os meios para que possam pôr-se a caminho. A solução é tanto “ab intus”, com o esforço de renovação da parte dos que ali se encontram, como “ad extra”, com a presença de novas equipes cheias de forças novas.

30. E, por último, penso nos Superiores Provinciais, Vice-Provinciais do setor de Educação, na Comissão de Ministérios e redatores dos planos apostólicos da Província. Vejam até que ponto o número de centros educativos existentes em funcionamento se justifica perante uma necessidade apostólica real, e se com seu trabalho eles correspondem, de fato, a essa necessidade. Examinem quais e onde devem abrir-se novos centros e com quais características. Procurem a perfeita coordenação do apostolado educativo com os outros apostolados da Província, articulando-os com as possibilidades das Igrejas locais. Estimulem os reitores para a necessária renovação como condição de sobrevivência e os amparem em seus esforços para o aperfeiçoamento da capacidade profissional e evangelizadora dos membros da comunidade educativa, especialmente dos nossos jesuítas. Renovem seus quadros na medida das disponibilidades, quer com o envio de jovens cheios de ânimo, quer transferindo

para outros setores aqueles que no colégio perderam a sua capacidade educativa e evangelizadora.

31. Sugiro em concreto a necessidade de preparar jovens jesuítas para o apostolado educativo. A diminuição do currículo das etapas do Juniorado e do Magistério em muitas Províncias teve, entre outras consequências, uma menor formação humanística e redução da preparação remota para o apostolado educativo. A Província deve ter um número de especialistas em pedagogia (com os correspondentes títulos acadêmicos) proporcional ao seu número de centros. Por último, aplaudo os esforços que se fazem em nível regional ou nacional para promover a formação contínua de nosso pessoal, jesuíta ou leigo, juntamente com outros religiosos ou não.

32. Sei que, apesar da extensão desta conversa, muitas coisas ficam ainda por dizer e que sobre cada uma das coisas que lhes escrevi há verdadeiras bibliotecas. Não era minha intenção dizer tudo, mas recolher alguns pontos que considero urgentes e importantes e que vocês mesmos me sugeriram. Rogo-lhes que sejam nas suas Províncias porta-vozes de minhas cordiais palavras de alento e de minha constante solicitude por seus colaboradores e obras no campo da educação. Continua verdadeira aquela frase de um dos mais célebres educadores que a Companhia formou: *Puerilis institutio est renovatio mundi* — “a formação da juventude transforma o mundo”¹.

1. Juan de Bonifacio (1538-1606). Cf. *Monumenta Paedagogica* 111, 402, nota 15.

**CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA
COMPANHIA DE JESUS**

Carta do Padre-Geral a todos os Superiores Majores da Companhia de Jesus

Prezado Padre, P.C.

- (I) Neste ano, que assinala o quarto centenário da primeira *Ratio Studiorum*, tenho o prazer de apresentar o trabalho realizado pelo Conselho Internacional para o Apostolado da Educação Jesuíta e de publicar as *Características da educação da Companhia de Jesus*. Este documento destina-se a todos os jesuítas e a todos os leigos e membros de outras instituições religiosas que colaboram em nosso apostolado, especialmente em nossas instituições educativas.
- (II) Um documento que descreve as características da educação da Companhia não é uma nova *Ratio Studiorum*. Todavia, do mesmo modo que a *Ratio*, nascida nos fins do século XVI, e como continuação da tradição que então começou, este documento pode dar-nos a todos uma visão comum e um comum sentido de nossa finalidade; pode ser também um modelo com o qual nos confrontemos a nós mesmos.
- (III) O apostolado da educação da Companhia tem sido revisto seriamente nos últimos anos; em alguns países se encontra em uma situação de crise. Múltiplos fatores, que incluem restrições governamentais, pressões econômicas e uma forte escassez de pessoal, podem tornar incerto o futuro nesses países. Ao mesmo tempo, em muitas partes do mundo, há uma renovação evidente.

- (IV) Estou muito agradecido a todos os envolvidos na educação da Companhia, jesuítas e milhares de outros religiosos e leigos, homens e mulheres, que trabalham conosco neste apostolado. Eles prestam um serviço generoso como professores, diretores ou funcionários, e mostram ainda uma grande dedicação, contribuindo para a obra de renovação. Temos avançado; é possível agora sintetizar nossos esforços em uma nova declaração de nossos objetivos em educação, e utilizar esta declaração como um instrumento para progredir na renovação: para um estudo mais profundo de nosso trabalho educativo e para sua avaliação. A publicação destas *Características* é, antes de tudo, uma expressão de grande confiança na importância deste apostolado, e uma expressão de minha esperança de que sua efetividade na consecução desses objetivos será cada vez maior.
- (V) Os pais fazem grandes esforços para proporcionar uma boa educação a seus filhos, e a Igreja e os governos civis lhe atribuem uma alta prioridade; a Companhia deve continuar em sua resposta a esta necessidade vital no mundo de hoje. Por isso, apesar das dificuldades e das incertezas, a educação continua sendo um apostolado preferencial da Companhia de Jesus. O professor em sua classe e o administrador em seu gabinete, jesuíta ou leigo, exercem uma função de serviço à Igreja e à sociedade que pode continuar a ter uma grande eficiência apostólica.
- (VI) Há um mês, ao escrever a toda a Companhia sobre o discernimento apostólico em comum, dizia eu que este discernimento apostólico “é exercido sobre a experiência do apostolado e a maneira de desenvolvê-lo melhor... buscando sempre os ‘meios’ mais adequados para realizar fiel e eficazmente a missão recebida, tendo em conta a mudança contínua das circunstâncias”.
- (VII) As *Características* podem ajudar a todos os que trabalham na educação da Companhia a praticar este exercício essencial do discernimento apostólico. Podem ser o fundamento de uma reflexão renovada sobre a experiência do apostolado educativo e, à luz dessa reflexão, de uma avaliação das orientações e

da vida da escola: não somente de um ponto de vista negativo (“o que estamos fazendo mal?”), mas especialmente em uma perspectiva positiva (“como podemos fazê-lo melhor?”). Esta reflexão deve levar em consideração as circunstâncias locais “continuamente em mudança”: cada país ou região deve refletir sobre o significado e as implicações das *Características* para suas respectivas situações locais e, depois, deve desenvolver documentos suplementares, que apliquem este documento geral a suas próprias necessidades, concretas e específicas.

- (VIII) O discernimento apostólico “em comum” é obra de toda a “comunidade” educativa. Os jesuítas oferecem seu conhecimento e experiência da espiritualidade inaciana, enquanto os leigos contribuem com sua experiência da vida familiar, social e política. Nossa missão comum será efetiva, na medida em que todos possamos continuar aprendendo uns com os outros.
- (IX) O Conselho — formado em 1980 para impulsionar a renovação da educação secundária nos centros da Companhia — centrou seus esforços, naturalmente, no ensino secundário. Mas neste documento há muitas coisas aplicáveis a todos os níveis da educação jesuíta, na medida em que seus princípios têm aplicação em todo tipo de apostolado. Os que trabalham em instituições educativas jesuítas de outro nível, especialmente universidades e escolas superiores, teriam de fazer as adaptações necessárias ou elaborar, com base neste documento, outro documento mais adaptado à sua situação. Os que trabalham em outro tipo de apostolado, paróquias, retiros, obras sociais etc. podem se servir deste documento como base para seu próprio discernimento apostólico.
- (X) Para poder chegar a este discernimento, as *Características* devem ter uma ampla difusão, de acordo com as necessidades e usos de cada Província. Todos aqueles a quem afeta hão de ler e conhecer este documento. Por isso, eu lhes sugeriria que façam chegar um exemplar a todos os professores e membros das equipes dirigentes e administrativas, tanto jesuítas como leigos, dos centros de ensino secundário de sua Província. Poder-se-á

também dar uma síntese do documento aos pais e aos alunos. Assim mesmo, haverá que pôr exemplares à disposição dos jesuítas e leigos que trabalham em outros campos de apostolado. Em muitos casos, haverá que fazer a tradução; e sempre haverá que imprimir grandes tiragens em apresentação atraente e de fácil leitura. Talvez o senhor queira encarregar disto o Delegado de Educação de sua Província, ou pôr-se de acordo com outros superiores maiores em seu país, ou em sua Assistência.

- (XI) Desejo agradecer aos membros do Conselho Internacional para o Apostolado da Educação o trabalho que fizeram durante os últimos quatro anos ao redigirem as *Características*. Este documento, semelhante à *Ratio Studiorum* de 1586, passou por vários revisores e se beneficiou de consultas realizadas por todo o mundo. Mas somente a experiência poderá descobrir alguma possível falta de clareza, alguma omissão ou algum deslocamento de colocação. Por isso, apresento as *Características da educação da Companhia de Jesus*, como o Padre-Geral Claudio Aquaviva apresentou a primeira *Ratio* em 1586: “Não como algo definitivo e terminado, porque isso seria muito difícil e provavelmente impossível; mas como um instrumento que nos ajudará a afrontar qualquer tipo de dificuldades que possamos encontrar, já que proporciona a toda a Companhia uma perspectiva unitária”.

Fraternalmente em Cristo,

Peter-Hans Kolvenbach, SJ

Superior-Geral

Roma, 8 de dezembro de 1986

Festa da Imaculada Conceição

Introdução

1. Em setembro de 1980, um pequeno grupo internacional de jesuítas e leigos reuniu-se em Roma para debater questões importantes concernentes à educação secundária da Companhia de Jesus. Em muitas partes do mundo, questões haviam sido levantadas acerca da atual eficácia dos centros educativos da Companhia: poderiam ser instrumentos adequados para o cumprimento das finalidades apostólicas da Companhia de Jesus? Seriam capazes de responder às necessidades dos homens e mulheres do mundo de hoje? A reunião foi convocada para examinar estas questões e para sugerir procedimentos de renovação que capacitassem a educação secundária da Companhia de Jesus a continuar contribuindo para a missão criativa e humanizante da Igreja, hoje e no futuro.

2. Durante os dias do encontro, tornou-se evidente que uma renovação eficaz dependeria, em parte, de uma compreensão mais clara e explícita da natureza peculiar da educação jesuíta. Sem pretender minimizar os problemas, o grupo afirmou que os centros educativos da Companhia poderão enfrentar com confiança o desafio do futuro se *permanecerem fiéis à peculiaridade da sua herança jesuítica*. A visão de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, sustentou essas escolas e colégios durante quatro séculos. Se esta visão espiritual puder ser reavivada, reativada e aplicada à educação de maneira adequada aos dias de hoje, ela poderá fornecer o contexto dentro do qual outros problemas poderão ser enfrentados.

3. Padre Pedro Arrupe, então Superior-Geral da Companhia de Jesus, reafirmou esta conclusão ao falar no encerramento do encontro. Disse

ele que um centro educativo da Companhia de Jesus “deve ser facilmente identificável como tal. Muitas coisas o assemelham a outros centros não confessionais ou confessionais e inclusive de religiosos. Mas, se é verdadeiramente da Companhia, isto é, se nele atuamos movidos pelas linhas de força próprias de nosso carisma, com o acento próprio de nossas características essenciais, com nossas opções, a educação que recebem os nossos alunos os dotará de certa ‘inacianidade’, se me permitem o termo. Não se trata de atitudes esnobistas ou arrogantes, nem mesmo de complexo de superioridade. É lógica consequência do fato de que vivemos e atuamos em virtude desse carisma e de que em nossos centros devemos prestar o serviço que Deus e a Igreja querem que ‘nós’ prestemos”¹.

4. Os delegados do encontro de Roma recomendaram a criação de um grupo internacional permanente para considerar as questões relativas à educação secundária e encareceram que uma das primeiras responsabilidades desse grupo fosse a de clarificar as maneiras pelas quais a visão de Inácio continua sendo hoje distintiva da educação secundária da Companhia.

5. Em resposta à recomendação, foi estabelecido o *Conselho Internacional para o Apostolado da Educação Jesuíta* (CIAEJ), que realizou sua primeira reunião em 1982. Os membros do Conselho são: Daven Day, SJ (Austrália), Vincent Duminuco, SJ (EUA), Luiz Fernando Klein, SJ (Brasil, desde 1983), Raimundo Kroth, SJ (Brasil, até 1983), Guillermo Marshall, SJ (Chile, até 1984), Jean-Claude Michel, SJ (Zaire), Gregory Naik, SJ (Índia), Vicente Parra, SJ (Espanha), Pablo Sada, SJ (Venezuela), Alberto Vásquez (Chile, desde 1984), Gerard Zaat, SJ (Holanda) e James Sauv e, SJ (Roma).

6. O presente documento, redigido pelo Conselho, é o resultado de quatro anos de reuniões e de consultas realizadas em todo o mundo.

1. Pedro Arrupe, SJ, *Nossos colégios hoje e amanhã*, n. 10. Alocução pronunciada em Roma em 13 de setembro de 1980; Coleção Ignatiana, n. 16, São Paulo, Edições Loyola, 1981. Os destaques são originais (este documento será citado a partir de agora com a abreviatura NC).

7. Qualquer tentativa de falar sobre a educação da Companhia hoje deve levar em conta as profundas mudanças que a influenciaram e a afetaram desde o tempo de Inácio, mas de modo especial durante o século atual. As regulamentações dos governos ou a influência de outras organizações externas afetam diversos aspectos da vida escolar, incluindo o currículo e os textos usados; em alguns países, as políticas governamentais ou os elevados custos ameaçam a própria sobrevivência da educação particular. Os alunos e seus pais parecem, em muitos casos, estar apenas preocupados com o sucesso acadêmico que dará acesso aos cursos universitários ou com programas de ensino que os ajudem a conseguir bons empregos. A coeducação é hoje frequente nos centros educacionais da Companhia, e as mulheres se somam aos leigos e aos jesuítas como professoras e em cargos de direção. Houve um significativo aumento no número de alunos em muitos centros e, ao mesmo tempo, uma redução no número dos jesuítas que trabalham nesses colégios. Ademais:

- a) O currículo de estudos foi modificado pelos avanços modernos em ciências e tecnologia: o acréscimo de disciplinas científicas teve como resultado uma ênfase menor e, em alguns casos, uma certa negligência nos estudos humanísticos tradicionalmente enfatizados na educação jesuíta.
- b) A psicologia do desenvolvimento e as ciências sociais, juntamente com os avanços da teoria psicológica e da própria educação, lançaram nova luz sobre a maneira como os jovens aprendem e amadurecem como indivíduos dentro de uma comunidade; e isto tem influenciado o conteúdo dos cursos, as técnicas pedagógicas e as políticas escolares.
- c) Nos últimos anos, o desenvolvimento teológico reconheceu explicitamente e incentivou o papel apostólico dos leigos na Igreja; isto foi ratificado pelo Concílio Vaticano II, especialmente no seu decreto *Sobre o Apostolado dos Leigos*². Fazendo eco a esse desenvolvimento teológico, as últimas Congregações

2. O documento oficial tem o título latino “Apostolicam Actuositatem”. Há diversas traduções para o português. Ver, p. ex., *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*, Paulus.

Gerais da Companhia de Jesus têm insistido na colaboração entre leigos e jesuítas, baseada na participação nas finalidades e na responsabilidade, em centros educacionais que em outros tempos haviam sido dirigidos e ocupados exclusivamente por jesuítas.

- d) A Companhia de Jesus está comprometida com “o serviço da fé, da qual a promoção da justiça é uma exigência absoluta”³, e tem apelado para “uma reavaliação de nossos métodos apostólicos tradicionais, de nossas atitudes, de nossas instituições, a fim de adaptá-las às novas exigências de nosso tempo e, mais amplamente, a um mundo em rápido processo de mudança⁴. Em resposta a este compromisso, as finalidades e as possibilidades da educação estão sendo examinadas com uma renovada preocupação pelos pobres e marginalizados. A meta da educação jesuíta é agora descrita como a formação de “agentes multiplicadores” e de “homens e mulheres para os outros”⁵.
- e) Os estudantes e os professores dos centros da Companhia vêm hoje de diversos grupos sociais, culturais e religiosos; alguns não têm fé religiosa. Muitos desses centros foram profundamente afetados por essa rica mas exigente complexidade de suas comunidades educativas.

8. Estes e muitos outros elementos de mudança têm afetado detalhes concretos da vida escolar e têm alterado suas orientações fundamentais. Mas não alteram a convicção de que *um espírito característico distingue ainda qualquer colégio que se possa verdadeiramente chamar centro educativo da Companhia. Este espírito característico pode ser descoberto através*

3. 32ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, Decreto 4, “Nossa Missão Hoje: Serviço da Fé e Promoção da Justiça”, n. 2 (Lisboa, 1975).

4. *Ibidem*, n. 9.

5. As duas frases foram usadas repetidamente por Pe. Pedro Arrupe nos seus escritos e discursos. A primeira vez parece ter sido em um discurso no X Congresso Internacional de Antigos Alunos Europeus da Companhia realizado em Valença (Espanha), em 31 de julho de 1973. Esse discurso foi publicado repetidas vezes sob o título “Homens para os outros”, p. ex., pelo Centro Internacional para a Educação da Companhia, Roma. Ver Coleção Ignatiana, n. 16, p. 29 ss., São Paulo, Loyola, 1981.

da reflexão sobre a experiência vivida pelo próprio Inácio, sobre o modo pelo qual essa experiência foi compartilhada com outros, sobre as maneiras como Inácio mesmo aplicou sua visão da educação nas Constituições e em suas cartas, e sobre o modo como esta visão se desenvolveu e aplicou à educação no curso da história até os tempos atuais. Pulsa um espírito comum por trás da pedagogia, dos currículos e da vida escolar, embora todos esses elementos possam diferir amplamente dos vigentes nos séculos passados e apesar de os detalhes mais concretos da vida escolar variarem muito de um país para outro.

9. “Característico” não quer dizer “único” nem no espírito nem no método. Significa “o nosso modo de proceder”⁶: quer dizer, a inspiração, os valores, as atitudes e o estilo que tradicionalmente têm marcado a educação da Companhia e que devem ser característicos de qualquer autêntico centro educativo jesuíta hoje, onde quer que se encontre, e que devem permanecer essenciais à medida que avançamos para o futuro.

10. Falar de uma inspiração que penetrou os centros educativos jesuítas através da Companhia de Jesus não significa, de modo algum, excluir os que não são membros desta Companhia.

Ainda quando os centros são comumente chamados “centros jesuítas” ou “centros da Companhia”, a *visão* deveria ser chamada mais apropriadamente “inaciana” e nunca foi limitada aos jesuítas. O próprio Inácio era leigo quando experimentou o chamado de Deus, que mais tarde descreveu nos *Exercícios Espirituais*. Ele mesmo dirigiu muitas outras pessoas leigas pela mesma experiência; durante os últimos quatro séculos, um número incalculável de pessoas leigas e membros de outras congregações religiosas tem compartilhado e sido influenciado pela sua inspiração. Além disso, os leigos têm uma própria contribuição a dar, baseada em sua experiência de Deus na família e na sociedade e no seu papel particular na Igreja e na sua cultura religiosa. Essa contribuição

6. A expressão se encontra nas Constituições e em outros escritos de Santo Inácio. Pe. Pedro Arrupe empregou a frase como título para um de seus últimos discursos, “O nosso modo de proceder”, pronunciado em 18 de janeiro de 1979 em Roma, durante o “Curso Inaciano” organizado pelo Centro de Espiritualidade Inaciana (CIS.) Ver Coleção Ignatiana, n. 11, São Paulo, Loyola, 1979.

enriquecerá o espírito e aumentará a influência dos centros educativos da Companhia.

11. A descrição que se segue é para jesuítas, leigos e outros religiosos que trabalham em centros educativos da Companhia; é para *professores, administradores, pais e órgãos diretivos* desses centros. Todos são convidados a tornar a tradição inaciana, adaptada aos dias de hoje, mais efetivamente presente nas orientações e práticas que regem a vida dos centros.

Notas preliminares

12. Embora muitas das características que se seguem descrevam toda educação da Companhia, a ênfase específica deste documento é a educação básica da escola secundária jesuíta ou colégio (dependendo do país, esta designação pode ser apenas educação de segundo grau ou pode incluir tanto o 1º como o 2º graus). Recomenda-se aos que trabalham em outras instituições educativas da Companhia, especialmente universidades e faculdades, que adaptem essas características às suas próprias situações.

13. No Apêndice I é proposto um breve sumário histórico da vida de Inácio e uma síntese do desenvolvimento da educação da Companhia. A leitura desse sumário ajudará àqueles que tiverem menor familiaridade com Inácio e os primeiros anos da história da Companhia de Jesus a obter uma compreensão melhor da visão espiritual na qual se baseiam as características da educação da Companhia.

14. A fim de acentuar a relação entre as *características da educação jesuíta* e a *visão espiritual de Inácio*, as vinte e oito características básicas elencadas nas páginas seguintes são divididas em nove seções. Cada seção começa com uma proposição da visão inaciana e é seguida por aquelas características que constituem aplicações daquela proposição na educação. Cada uma das características é então descrita com maior detalhe. A 10ª Seção oferece, como exemplo, algumas características da pedagogia jesuíta.

15. *As declarações introdutórias procedem diretamente da visão de mundo de Inácio. As características da educação da Companhia surgem da reflexão sobre essa visão, aplicando-a à educação, à luz das necessidades dos homens e mulheres de hoje.* (A visão inaciana do mundo e as características da educação jesuíta estão listadas em colunas paralelas no Apêndice II. As notas desse apêndice indicam as fontes das declarações que sintetizam esta visão inaciana.)

16. Algumas das características se aplicam a grupos específicos: alunos, antigos alunos, professores ou pais. Outras se aplicam à comunidade educativa como um todo. Outras, ainda, concernentes às políticas e práticas da instituição como tal, aplicam-se principalmente aos dirigentes do colégio ou ao conselho diretor.

17. Estas páginas não falam sobre as dificuldades, muito reais, que experimentam em suas vidas todos os que estão envolvidos na educação: a resistência dos alunos e seus problemas disciplinares; a luta para enfrentar uma série de demandas conflitantes dos funcionários do centro, dos estudantes, dos pais e outros; a falta de tempo para reflexão; o desânimo e as decepções que parecem ser inerentes ao trabalho educativo. Nem se fala das dificuldades da vida moderna de modo geral. Isto não significa ignorar ou minimizar esses problemas. Pelo contrário, seria impossível falar da educação jesuíta se não fosse a dedicação de todas essas pessoas, jesuítas e leigos, que continuam a se entregar à educação apesar das frustrações e do fracasso. Este documento não pretende oferecer soluções fáceis a problemas complexos, mas tentará oferecer uma visão ou uma inspiração que possa fazer com que a luta do dia a dia tenha mais sentido e produza maior fruto.

18. A descrição da educação da Companhia encontra-se no *documento como um todo*. Uma leitura parcial pode dar uma visão distorcida que pareceria ignorar os traços essenciais. O compromisso com a fé que faz justiça, para tomar apenas um exemplo, deve permear a educação jesuíta como um todo, embora não seja descrita neste documento senão na 5ª Seção.

19. Porque se aplicam às escolas secundárias jesuítas através do mundo, as características são descritas de uma forma um tanto geral e esquemática. Necessitam de ampliação e aplicação concreta a situações locais. Este documento, portanto, é uma fonte para a reflexão e o estudo antes que uma obra acabada.

20. Nem todas as características da educação da Companhia estarão presentes na mesma medida em cada centro educativo. Em algumas situações, uma proposição pode representar um ideal mais que uma realidade presente. “As circunstâncias de tempo, lugar, pessoas e outros fatores semelhantes”⁷ devem ser tomadas em conta: o mesmo espírito básico pode concretizar-se de diferentes maneiras em diferentes situações. Para evitar fazer distinções que dependem de circunstâncias locais e para evitar a repetição constante do “deseja ser” ou do “deve ser”, as características são expressas em um indicativo presente: “A educação jesuíta é...”

7. Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares [n. 351] e em muitos outros lugares (São Paulo, Loyola, 2004). A frase citada no texto é um princípio básico e uma expressão predileta de Inácio.

As características da educação da Companhia de Jesus

21. 1. Para Inácio, Deus é Criador e Senhor, Supremo Bem, a única realidade que é absoluta; todas as demais realidades procedem de Deus e têm valor somente enquanto nos conduzem a Deus⁸. Este Deus está presente em nossas vidas, “trabalhando por nós”⁹ em todas as coisas; pode ser descoberto, pela fé, em todos os acontecimentos naturais e humanos, na história como um todo, e mais especialmente no interior da experiência vivida de cada pessoa individual.

22. *A educação da Companhia:*

- afirma a realidade do mundo.
- ajuda a formação total de cada pessoa dentro da comunidade humana.
- inclui uma dimensão religiosa que permeia toda a educação.
- é um instrumento apostólico.
- promove o diálogo entre a fé e a cultura.

8. “As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, a fim de ajudá-lo a alcançar o fim para que foi criado. Donde se segue que há de usar delas tanto quanto o ajudem a atingir o seu fim, e há de privar-se delas tanto quanto dele o afastem” (Exercícios Espirituais, n. 23). Este princípio é denominado frequentemente princípio do “tanto quanto”, em razão das palavras usadas por Santo Inácio. In: *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola* (São Paulo, Loyola).

9. Exercícios Espirituais, n. 236.

1.1. Afirmação do mundo

23. A educação da Companhia reconhece Deus como Autor de toda realidade, toda verdade e todo conhecimento. Deus está presente e trabalhando em toda a criação: na natureza, na história e nas pessoas. A educação da Companhia, portanto, afirma a *bondade radical do mundo*, “carregado com a grandeza de Deus”¹⁰, e considera cada elemento da criação digno do estudo e contemplação, capaz de infinda exploração.

24. A educação em um centro da Companhia trata de criar um senso de *admiração e de mistério*, ao estudar a criação de Deus. Um conhecimento mais completo da criação pode conduzir a um maior conhecimento de Deus e a uma disposição de trabalhar com Deus em sua contínua criação. Os cursos são ministrados de tal maneira que os alunos, reconhecendo humildemente a presença de Deus, encontrem alegria em aprender e sintam o desejo de um maior e mais profundo conhecimento.

1.2. A formação integral de cada indivíduo dentro da comunidade

25. Deus é especialmente revelado no mistério da pessoa humana, “criada à imagem e semelhança de Deus”¹¹. A educação jesuíta, portanto, *investiga a significação da vida humana* e se preocupa com a formação integral de cada aluno como indivíduo pessoalmente amado por Deus. O objetivo da educação jesuíta é ajudar *o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus a cada indivíduo como membro da comunidade humana*.

26. Uma *formação intelectual* completa e profunda inclui o domínio das disciplinas básicas, humanísticas e científicas, através de um estudo acurado e continuado, que se baseia em um ensino de qualidade e bem motivado. Esta formação intelectual inclui uma capacidade cada vez maior de raciocinar reflexiva, lógica e criticamente.

10. De “God’s Grandeur”, um poema de Gerard Manley Hopkins, SJ.

11. Cf. Gênesis, 1,27.

27. A educação jesuíta inclui também um estudo atento e crítico da *tecnologia*, juntamente com as *ciências físicas e sociais*, ao mesmo tempo em que acentua os estudos humanísticos tradicionais, que são essenciais para a compreensão da pessoa humana.

28. A educação jesuíta dá uma atenção particular ao desenvolvimento da imaginação, da afetividade e da criatividade de cada estudante em todas as matérias de estudo. Essas dimensões enriquecem a aprendizagem e impedem que ela se torne meramente intelectual. São essenciais para a formação integral da pessoa e são um modo de descobrir a Deus que se revela através da beleza. Por essas mesmas razões, a educação da Companhia inclui também oportunidades — seja através do currículo ou através de atividades extraescolares — para que todos os alunos cheguem a apreciar a literatura, a estética, a música e as belas artes.

29. As escolas da Companhia no século XVII foram famosas pelo desenvolvimento das técnicas de comunicação ou “eloquência”, obtidas pela ênfase dada à redação, ao teatro, à oratória, debates etc. No mundo de hoje, dominado pelos meios de comunicação, o *desenvolvimento de técnicas eficazes de comunicação* é mais necessário que nunca. A educação jesuíta, portanto, desenvolve as habilidades tradicionais de falar e escrever e também ajuda os estudantes a adquirir facilidade no manejo de instrumentos modernos de comunicação, como cinema e televisão.

30. Uma consciência da penetrante *influência* dos meios de comunicação de massa nas atitudes e percepções de povos de diversas culturas é também importante no mundo de hoje. Portanto, a educação jesuíta inclui programas que permitam ao aluno entender e *avaliar criticamente a influência dos meios de comunicação de massa*. Através de uma educação adequada, estes instrumentos da vida moderna podem ajudar a todos, homens e mulheres, a se aperfeiçoarem humanamente.

31. A educação da pessoa como um todo implica o desenvolvimento físico em harmonia com outros aspectos do processo educativo. Por esta razão, a educação da Companhia inclui um programa bem desenvolvido de *esportes e educação física*. Além de fortalecer o corpo, os programas de esportes ajudam os jovens de ambos os sexos a aceitar graciosamente

tanto o sucesso como o fracasso, e os tornam conscientes da necessidade de cooperar com os demais, utilizando as melhores qualidades pessoais para contribuir para o maior bem de todo o grupo.

32. Todos estes diferentes aspectos do processo educativo têm uma finalidade comum: a formação da *pessoa equilibrada*, com uma filosofia pessoal de vida que inclui hábitos permanentes de reflexão. Para ajudar a essa formação, cada matéria deve ser relacionada com as outras dentro de um programa educativo bem planejado; todos os aspectos da vida escolar contribuem para o desenvolvimento total de cada pessoa¹².

33. Uma vez que o verdadeiramente humano se encontra unicamente em relações com o próximo que se baseiam em atitudes de respeito, amor e serviço, a educação jesuíta enfatiza e ajuda a desenvolver o *papel de cada pessoa como membro da comunidade humana*. Os alunos, professores e demais membros da comunidade educativa são incentivados a construir uma solidariedade com os demais que transcenda raças, culturas ou religiões. O ambiente de um centro educativo da Companhia deve ser tal que todos possam viver e trabalhar juntos com compreensão e amor, respeitando-se uns aos outros como filhos de Deus.

1.3. Uma dimensão religiosa permeia toda a educação

34. Uma vez que qualquer matéria do programa pode ser um meio para chegar a Deus, todos os professores compartilham a responsabilidade pela dimensão religiosa do centro. Entretanto, o fator integrativo no processo de descobrir a Deus e compreender o verdadeiro sentido da vida humana é a teologia, apresentada através da *formação religiosa e espiritual*. A formação religiosa e espiritual é parte integrante da educação jesuíta; não é algo extrínseco ao processo educativo ou dele separado.

35. A educação da Companhia pretende promover o Espírito criativo que atua em cada pessoa, oferecendo a oportunidade de uma *resposta de*

12. “Nosso ideal está mais próximo do insuperável modelo de homem grego, em sua versão cristã, equilibrado, sereno e constante, aberto a tudo quanto é humano” (NC, n. 14).

fé a Deus, reconhecendo, porém, ao mesmo tempo, que a *fé* não pode ser imposta¹³. Em todos os cursos, no clima da escola, e muito especialmente nas aulas formais de religião, procura-se apresentar a possibilidade de uma resposta de *fé* a Deus como algo verdadeiramente humano e não oposto à razão, bem como desenvolver os valores que capacitam para resistir ao secularismo da vida moderna. Os centros educativos da Companhia fazem todo o possível para responder à missão que lhes foi dada de “*opor-se valentemente ao ateísmo*” juntando suas forças¹⁴.

36. Todos os aspectos do processo educativo podem levar, em definitivo, a *adorar* a Deus presente e operante na criação e a *reverenciar a criação* como reflexo de Deus. Culto e reverência são partes da vida da comunidade escolar e se expressam na oração pessoal e em outras formas apropriadas de culto comunitário. O desenvolvimento intelectual, imaginativo e afetivo, criativo e físico de cada estudante, junto com o sentido de admiração que é um aspecto de cada faceta e da totalidade da vida do colégio, tudo isso deve ajudar os alunos a descobrirem a Deus que atua na história e na criação.

1.4. Um instrumento apostólico¹⁵

37. Respeitando a integridade das disciplinas acadêmicas, a preocupação da educação jesuíta é a preparação para a vida, que é em si mesma uma preparação para a vida eterna. A formação do indivíduo não constitui um fim abstrato; a educação jesuíta também se preocupa com a maneira pela qual os alunos aproveitarão sua formação dentro da comunidade humana, no serviço aos outros “para o louvor, reverência e serviço a Deus”¹⁶. O êxito

13. A “resposta de *fé*” é tratada com maior detalhe nas Seções 4 e 6.

14. Paulo VI, em um discurso dirigido aos membros da 31ª Congregação Geral, em 7 de maio de 1965 (o texto completo pode ser encontrado em Congregação Geral XXXI. Documentos, Lisboa, 1967). O mesmo apelo foi repetido pelo Papa João Paulo II na sua homilia aos delegados da 33ª Congregação Geral, em 2 de setembro de 1983 (In: *Congregação Geral XXXIII*. Decretos e Documentos, São Paulo, Loyola, 1984).

15. A característica de ser um “instrumento apostólico” é tratada com maior detalhe na Seção 6.1.

16. Exercícios Espirituais, n. 23.

da educação da Companhia é medido não em termos do desempenho acadêmico dos alunos ou da competência profissional dos professores, mas antes em termos desta qualidade de vida.

1.5. O diálogo entre a fé e a cultura

38. Por crer que Deus age em toda a criação e em toda a história humana, a educação da Companhia *promove o diálogo entre a fé e a cultura*, que inclui o diálogo entre a *fé e a ciência*. Este diálogo reconhece que as pessoas, assim como as estruturas culturais, são humanas, imperfeitas e às vezes afetadas pelo pecado e necessitadas de conversão¹⁷; ao mesmo tempo, descobre a Deus que se revela de maneiras diversas e distintas culturalmente. Portanto, a educação jesuíta promove o contato com outras culturas e a sua genuína apreciação, para poder criticar criativamente as contribuições e as deficiências de cada uma.

39. A educação jesuíta se adapta para responder às necessidades do país e da cultura na qual se encontra o colégio¹⁸; esta adaptação, enquanto fomenta “um saudável patriotismo”, não significa uma aceitação cega dos valores nacionais. Os conceitos de contato com outras culturas, apreciação genuína e crítica criativa têm aplicação também na relação com a própria cultura e o próprio país. A meta é sempre descobrir a Deus, presente e ativo na criação e na história.

40. Cada homem ou mulher é pessoalmente conhecido e amado por Deus. Este amor convida a uma resposta que, para ser autenticamente humana, deve ser expressão de uma liberdade radical. Por isso, a fim de responder ao amor de Deus, cada pessoa é chamada a ser:

- **livre para dar-se a si mesma, aceitando a responsabilidade e as consequências das próprias ações: livre para ser fiel.**
- **livre para trabalhar na fé rumo à verdadeira felicidade, que é a finalidade da vida humana: livre para trabalhar com outros no serviço do Reino de Deus para a redenção da criação.**

17. O tema da conversão é tratado com maior detalhe na 3ª Seção.

18. A “enculturação” é tratada em detalhes no Decreto 5 da 32ª Congregação Geral da Companhia de Jesus. Veja nota 3 acima.

41. *A educação da Companhia:*

- insiste no cuidado e interesse individual com cada pessoa.
- enfatiza a atividade por parte do aluno.
- estimula a abertura ao crescimento permanente.

2.1. Atenção e interesse com cada pessoa individualmente

42. Os jovens, homens e mulheres, que estudam em um centro educativo da Companhia, ainda não chegaram à plena maturidade; o processo educativo reconhece as *etapas evolutivas* do crescimento intelectual, afetivo e espiritual e ajuda cada aluno a amadurecer gradualmente em todos esses aspectos. Assim, o *currículo é centrado na pessoa* antes que na matéria a ser desenvolvida. Cada aluno pode se desenvolver e atingir objetivos em um *ritmo adequado à sua capacidade individual* e às características de sua própria personalidade.

43. *A relação pessoal entre estudante e professor* favorece o crescimento no uso responsável da liberdade. Professores e direção, jesuítas e leigos são mais do que orientadores acadêmicos. Estão envolvidos na vida dos alunos e têm um interesse pessoal no desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual de cada aluno, ajudando cada um deles a desenvolver um senso de autoestima e a se tornarem pessoas responsáveis dentro da comunidade. Respeitando a privacidade dos alunos, estão prontos a ouvir suas perguntas e preocupações sobre o significado da vida e compartilhar suas alegrias e suas tristezas, a ajudá-los no seu crescimento pessoal e suas relações interpessoais. Desta e de outras maneiras os membros adultos da comunidade educativa orientam os estudantes para o desenvolvimento de um conjunto de valores que conduzem a decisões que transcendem a própria pessoa e se abrem à preocupação com as necessidades dos outros. Esforçam-se por viver de tal maneira que suas próprias vidas possam servir de exemplo aos alunos e estão dispostos a compartilhar suas próprias experiências de vida. *A atenção pessoal* continua a ser uma característica básica da educação jesuíta¹⁹.

19. “Na medida do possível, a preocupação pelo estudante, como pessoa, permanece e deve permanecer como característica de nossa vocação de jesuítas. Devemos manter

44. *A liberdade envolve responsabilidade dentro da comunidade.* A atenção pessoal não se restringe à relação entre professor e aluno. Afeta também o currículo e toda a vida da instituição. Todos os membros da comunidade educativa se preocupam uns com os outros e aprendem uns dos outros. As relações pessoais entre os alunos e também entre os adultos — leigos e jesuítas, direção, professores e equipe auxiliar — evidenciam essa mesma preocupação. O interesse pessoal se estende ainda aos antigos alunos, aos pais e aos alunos dentro de suas famílias.

2.2. A atividade dos alunos no processo de aprendizagem

45. O crescimento na maturidade e independência, necessário para o crescimento em liberdade, depende da *participação ativa* mais que de uma recepção puramente passiva. O caminho rumo a esta participação ativa inclui *estudo pessoal, oportunidades para a descoberta e a criatividade pessoal* e uma atitude de *reflexão*. A tarefa do professor consiste em ajudar cada estudante a aprender com independência a assumir a responsabilidade de sua própria educação.

2.3. Abertura para o crescimento permanente

46. Uma vez que a educação é um processo que se prolonga por toda a vida, a educação jesuíta tenta inculcar uma *alegria de aprender* e um *desejo de aprender* que permaneçam para além dos tempos de colégio. “Mais, talvez, que a formação que lhes damos, vale a capacidade e a ânsia de continuarem se formando que possamos infundir-lhes. Aprender é importante, mas muito mais importante é aprender a aprender e desejar continuar aprendendo”²⁰, durante toda a vida.

47. As relações pessoais com os alunos ajudam os membros adultos da comunidade educativa a se *abrirem à mudança, a continuarem a apren-*

de uma ou outra maneira o contato pessoal com os que frequentam nossos colégios e nossas escolas.” (Peter-Hans Kolvenbach, Superior-Geral da Companhia de Jesus, em uma alocução aos Delegados para a Educação das Províncias de Europa da Companhia de Jesus, “Información, SJ”, Madri, jan.-fev. 1984, p. 2-5).

20. NC, n. 13.

der. Assim serão mais positivos em seu trabalho. Isto é especialmente importante nos dias de hoje, dada a rápida mudança cultural e a dificuldade que os adultos podem ter para entender e interpretar corretamente as pressões culturais que afetam os jovens.

48. A educação da Companhia reconhece que o crescimento intelectual, afetivo e espiritual continua pela vida afora; os membros adultos da comunidade educativa são incentivados a continuar a amadurecer em todos esses aspectos, para o que se lhes proporcionam programas adequados de formação permanente²¹.

49. 3. Por causa do pecado e dos seus efeitos, a liberdade para responder ao amor de Deus não é automática. Ajudados e fortalecidos pelo amor redentor de Deus, estamos engajados em uma luta constante para reconhecer os obstáculos que bloqueiam a liberdade — incluindo os efeitos do pecado — e trabalhar contra eles, ao mesmo tempo em que desenvolvemos as capacidades necessárias para o exercício da verdadeira liberdade.

- a) Esta liberdade exige um verdadeiro conhecimento, amor e aceitação de nós mesmos, unidos à determinação de nos libertarmos de qualquer apego excessivo: à riqueza, à fama, à saúde, ao poder, ou a qualquer outra coisa, mesmo à própria vida.
- b) A verdadeira liberdade exige também um conhecimento realista das diversas forças presentes no mundo e inclui a libertação de percepções distorcidas da realidade, dos falsos valores, das atitudes rígidas e da sujeição a ideologias estreitas.
- c) Para conquistar esta verdadeira liberdade, é preciso aprender a reconhecer e lidar com as influências que podem promover ou limitar a liberdade: as moções dentro do próprio coração; experiências passadas de todo tipo; interação com outras pessoas; a dinâmica da história, das estruturas sociais e da cultura.

21. Ver a Seção 9.3 a seguir (p. 88), para um desenvolvimento mais completo da formação permanente.

50. *A educação da Companhia:*

- está orientada para valores.
- incentiva o conhecimento, amor e aceitação realista de si mesmo.
- proporciona um conhecimento realista do mundo em que vivemos.

3.1. Orientada para os valores

51. A educação da Companhia inclui a formação de valores, de atitudes e da capacidade para avaliar critérios; isto é, inclui a formação da vontade. Como o conhecimento do bem e do mal e da hierarquia dos bens relativos é necessário, tanto para reconhecer as diferentes influências que afetam a liberdade como para o exercício dessa liberdade, a educação tem lugar em um contexto moral: *o conhecimento se une à vida moral.*

52. O desenvolvimento pessoal através da formação do caráter e da vontade, a superação do egoísmo, da falta de preocupação com os outros e os demais aspectos do pecado, e o desenvolvimento da liberdade que respeita os outros e aceita a responsabilidade, são ajudados pelos regulamentos escolares justos e necessários; estes incluem um bom *sistema disciplinar*. Igualmente importante é a *autodisciplina* que se espera de cada aluno, manifestada no rigor intelectual, na aplicação assídua a um estudo sério e na conduta para com os demais, que reconhece a dignidade humana de cada pessoa.

53. Em um centro educativo da Companhia é legítima a existência de um ambiente de busca dentro do qual se adquire um sistema de valores através de um processo de confronto com pontos de vista opostos.

3.2. Conhecimento, amor e aceitação realista de si mesmo

54. A preocupação com o desenvolvimento integral do homem, como criatura de Deus, que constitui o “humanismo cristão” da educação jesuíta, dá ênfase à felicidade da vida que resulta do uso responsável da liberdade, mas, também, *reconhece a realidade do pecado e seus efeitos* na vida de cada pessoa. Por isso, a educação da Companhia encoraja cada

estudante a enfrentar honestamente este obstáculo à liberdade, em uma progressiva tomada de consciência de que o perdão e a conversão são possíveis, graças ao amor redentor e à ajuda de Deus²².

55. A luta para afastar os obstáculos à liberdade e desenvolver a capacidade de exercitá-la é mais do que o reconhecimento dos efeitos do pecado; um esforço constante para reconhecer *todos os obstáculos que se opõem ao crescimento*²³ é também essencial. Os estudantes são ajudados em seus esforços para descobrir seus preconceitos e suas visões limitadas e avaliar os bens relativos e os valores que se confrontam.

56. Os professores e orientadores ajudam os alunos nesse crescimento, estimulando-os e ajudando-os a *refletir sobre suas experiências pessoais*, de tal modo que possam compreender a sua própria experiência de Deus; e, ao mesmo tempo em que estes aceitam suas qualidades e as desenvolvem, também aceitam suas limitações e as superam na medida do possível. O programa educativo, confrontando os alunos realisticamente consigo mesmos, tenta ajudá-los a reconhecer as diversas influências que recebem e a *desenvolver uma faculdade crítica*, que vai além do simples reconhecimento do verdadeiro e do falso, do bem e do mal.

3.3. Conhecimento realista do mundo

57. Um conhecimento realista da criação vê a bondade de tudo quanto Deus criou, mas inclui a *consciência dos efeitos sociais do pecado*: a imperfeição essencial, a injustiça, a necessidade de redenção em todos os povos, em todas as culturas e em todas as estruturas humanas. Tratando de desenvolver a capacidade de raciocinar reflexivamente, a educação jesuíta enfatiza a necessidade de permanecer em contato com o mundo, tal como é — ou seja, necessitado de transformação —, sem ser cego à bondade essencial da criação.

22. Perdão e conversão são conceitos religiosos, tratados em maior detalhe na 6ª Seção.

23. Cf. a “Meditação de Duas Bandeiras”, nos Exercícios Espirituais, nn. 136-148.

58. A educação jesuíta tenta desenvolver nos alunos a capacidade de conhecer a realidade e avaliá-la criticamente. Esta consciência inclui a noção de que as pessoas e as estruturas podem mudar, juntamente com um compromisso de trabalhar por essas mudanças, de modo que se construam estruturas humanas mais justas, que possibilitem o exercício da liberdade unido a uma maior dignidade humana para todos²⁴.

59. 4. A visão que Inácio tem do mundo está centrada na pessoa histórica de Jesus Cristo. Ele é o modelo de toda vida humana, por causa de sua resposta total ao amor do Pai no serviço aos outros. Ele compartilha nossa condição humana e nos convida a segui-lo, sob a bandeira da cruz²⁵, resposta de amor ao Pai. Ele está vivo em nosso meio e continua a ser o Homem para os outros no serviço de Deus.

60. A educação da Companhia:

- propõe Cristo como modelo de vida humana.
- proporciona uma atenção pastoral adequada.
- celebra a fé na oração pessoal e comunitária, em outras formas de cultos e no serviço.

4.1. Cristo como modelo

61. Na atualidade há membros de várias confissões religiosas e culturas que fazem parte da comunidade educativa nos colégios da Companhia; para todas elas, quaisquer que sejam as suas crenças, Cristo é modelo de vida humana. Todos podem encontrar inspiração e lições acerca de seu compromisso, na vida e na doutrina de Jesus, que dá o testemunho do amor e do perdão de Deus, vive em solidariedade com todos os que

24. “Neste campo, como em muitos outros, não receiem o compromisso político. Segundo o Concílio Vaticano II, esse compromisso é papel próprio do laicato. É ineludível, quando se veem envoltos na luta por estruturas que façam o mundo mais humano e deem corpo e realidade à nova criação prometida por Cristo” (Peter-Hans Kolvenbach, SJ, no discurso de abertura do 3º Congresso Mundial de Antigos Alunos da Companhia, celebrado em Versalhes, em 20 de julho de 1986. In: “Os antigos alunos dos jesuítas e a evangelização”. São Paulo, Loyola, Coleção Documenta, n. 5).

25. Cf. Exercícios Espirituais, nn. 143-147.

sofrem e entrega sua vida a serviço dos outros. Todos podem *imitá-lo no esvaziar-se de si*, na aceitação de quaisquer dificuldades ou sofrimentos que se interponham à consecução da única meta a ser atingida: responder à vontade do Pai no serviço aos outros.

62. Os membros cristãos da comunidade educativa se esforçam por alcançar uma *amizade pessoal* com Jesus, que conquistou para nós, através de sua morte e ressurreição, o perdão e a verdadeira liberdade, e que está hoje presente e atuante na nossa história. Ser “cristão” significa *seguir a Cristo* e ser como Ele: compartilhar e promover os seus valores e modo de vida em tudo que é possível²⁶.

4.2. Atenção pastoral²⁷

63. A atenção pastoral é uma dimensão da “cura personalis” que permite que cresçam as sementes de *fé e de compromisso religioso* em cada pessoa, possibilitando que cada uma reconheça e responda à mensagem do amor divino: vendo a Deus ativo nas suas próprias vidas, nas vidas dos demais e em toda a criação; respondendo, depois, a essa descoberta através de um compromisso de serviço dentro da comunidade. Os centros educativos da Companhia oferecem uma adequada atenção pastoral a todos os membros da comunidade educativa, a fim de despertar e fortalecer este compromisso de fé pessoal.

26. “É muito importante notar que a consideração da missão de Jesus não é proposta diretamente para contemplar ou entender melhor a Jesus, mas precisamente enquanto essa figura nos convida por um ‘chamamento’, cuja resposta é um ‘seguimento’; [...] sem esta disposição não pode haver compreensão real. Na lógica de Santo Inácio (mais implícita que explicitamente) aparece que toda consideração de Jesus, inclusive do Jesus histórico, se faz relevante para o cristianismo atual desde uma ótica privilegiada: a ótica do seguimento.” (Jon Sobrino, *Cristologia a partir da América Latina*. Rio de Janeiro, Vozes, 1983).

27. A “atenção pastoral” se preocupa com o desenvolvimento espiritual, quer dizer, um desenvolvimento mais que simplesmente humano. Mas não se limita à relação entre Deus e a pessoa individual; inclui também as relações humanas, enquanto estas são uma expressão e uma extensão da relação com Deus. Por conseguinte, a “fé” conduz ao “compromisso”; os descobrimentos de Deus conduzem ao serviço de Deus no serviço aos outros na comunidade.

64. Para os cristãos esta atenção pastoral está centrada no Cristo, presente na comunidade cristã. Os estudantes encontram um amigo e guia na pessoa de Cristo; eles o experimentam através da Escritura, dos Sacramentos, da oração pessoal e comunitária, no lazer e no trabalho; nas demais pessoas; assim, são levados ao serviço dos outros, imitando Cristo, o Homem para os outros²⁸.

65. A prática dos *Exercícios Espirituais*²⁹ é incentivada como um meio de conhecer melhor a Cristo, amando-O e seguindo-O. Os Exercícios também podem ajudar os membros da comunidade educativa a compreender a visão de Inácio como o espírito que move a educação da Companhia. Os Exercícios podem ser feitos de vários modos, adaptados ao tempo e às possibilidades de cada pessoa, adultos ou estudantes.

66. Os centros educativos da Companhia incentivam e ajudam a cada estudante a responder ao chamado pessoal de Deus, a sua vocação de serviço na vida pessoal e profissional, quer seja no matrimônio, na vida religiosa ou sacerdotal ou na vida celibatária.

4.3. Oração e culto

67. A oração é uma expressão de fé e um meio excelente para estabelecer uma relação pessoal com Deus que conduz ao compromisso de servir aos outros. A educação jesuíta oferece uma *iniciação progressiva à oração*, de acordo com o exemplo de Cristo, que rezava regularmente ao Pai. Todos são encorajados a louvar e a agradecer a Deus na oração, a rezar uns pelos outros dentro da comunidade escolar e a pedir a ajuda de Deus para fazer frente às necessidades de toda a comunidade humana.

68. A relação de fé com Deus é comunitária e também pessoal; a comunidade educativa em um colégio da Companhia está unida por laços que não são meramente humanos: é uma *comunidade de fé*, e exprime esta fé

28. “Quem sai de nossos colégios deve ter adquirido, na medida proporcional a sua idade e maturidade, uma forma de vida que seja por si mesma proclamação da caridade de Cristo, da fé que nasce dele e a Ele leva, e da justiça que Ele proclamou” (NC, n. 12).

29. Ver no Apêndice I uma breve descrição dos Exercícios Espirituais.

através de celebrações religiosas ou espirituais apropriadas. Para os católicos, a Eucaristia é a celebração de uma comunidade de fé centrada em Cristo. Todos os membros adultos da comunidade são animados a participar dessas celebrações, não apenas como uma expressão de sua própria fé, mas também para dar testemunho das finalidades do colégio.

69. Os membros católicos da comunidade educativa recebem e celebram o perdão amoroso de Deus no sacramento da reconciliação. Dependendo das circunstâncias locais, os centros educativos da Companhia preparam os alunos (e também os adultos) para a recepção de outros sacramentos.

70. A obediência de Cristo à vontade do Pai levou-o a entregar-se totalmente a serviço dos outros; a relação com Deus envolve necessariamente uma relação com outras pessoas³⁰. A educação jesuíta promove uma fé que está *centrada na pessoa histórica de Cristo* e que, portanto, conduz a um compromisso de imitá-lo como “Homem para os outros”.

71. 5. Uma resposta amorosa e livre ao amor de Deus não pode ser meramente especulativa ou teórica. Por mais que custe, os princípios teóricos devem levar uma ação decisiva: “O amor se mostra nas obras”³¹. Inácio pede um compromisso total e ativo dos homens e mulheres que, “para imitar e parecer-se mais a Cristo Nosso Senhor”³², querem pôr em prática os seus ideais no mundo real da família, dos negócios, dos movimentos sociais, das estruturas políticas e legais e das atividades religiosas³³.

30. Isto é tratado com maior detalhe na próxima seção e na 9ª Seção.

31. Exercícios Espirituais, n. 230.

32. *Ibidem*, n. 167.

33. A “Fórmula do Instituto”, que é a descrição original da Companhia de Jesus, escrita por Inácio, é uma aplicação deste princípio básico dos Exercícios Espirituais: “Todo aquele que pretende combater por Deus sob a bandeira da cruz na nossa Companhia... depois dos votos solenes de perpétua castidade, pobreza e obediência, persuada-se de que é membro da Companhia. Ela foi instituída principalmente para a defesa e a propagação da fé e o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristãs...” (In: *Vida Religiosa do Jesuíta*, São Paulo, Loyola, n. 1, 1984, p. 115).

72. *A educação da Companhia:*

- é uma preparação para um compromisso na vida ativa.
- serve à fé que promove a justiça.
- pretende formar “homens e mulheres para os outros”.
- manifesta uma preocupação especial pelos pobres.

5.1. Compromisso de ação na vida

73. “O amor se mostra em obras”: a resposta humana, livre, de amor ao amor redentor de Deus se manifesta em uma vida ativa de serviço. A educação jesuíta — em etapas progressivas que levam em conta os estágios do crescimento, e sem nenhuma tentativa de manipulação — ajuda a formação de homens e mulheres dispostos a pôr em prática suas convicções e atitudes em suas próprias vidas. “Estaremos junto a vocês para guiá-los e inspirá-los, para animá-los e ajudá-los. Mas temos suficiente confiança de que vocês serão capazes de levar adiante, em suas vidas e no mundo, a formação que receberam.”³⁴

5.2. Educação a serviço da Fé que promove a Justiça³⁵

74. A “ação decisiva” exigida hoje é a *fé que promove a justiça*: “a missão da Companhia de Jesus, hoje, é o serviço da fé, da qual a promoção da

34. Assim, o Padre-Geral Peter-Hans Kolvenbach dirigiu-se ao 3º Congresso Mundial de Antigos Alunos da Companhia em Versalhes. Veja nota 24.

35. A “fé” é tratada na 1ª e 4ª Seções; a presente seção se concentra sobre a “justiça”. Sem dúvida, é importante não separar esses dois conceitos: “Viver nesta unidade de fé e justiça é possível, mediante um estreito seguimento de Jesus histórico. Como partes essenciais deste seguimento, propomos os seguintes pontos:

- Ao anunciar o Reino e em sua luta contra o pecado, Jesus entrou em conflito com pessoas e estruturas que, por serem objetivamente pecaminosas, eram opostas ao Reino de Deus.
- A base fundamental para essa conexão entre justiça e fé há de ver-se na sua conexão inseparável com o novo mandamento do amor. Por uma parte, a luta pela justiça é a forma que deve tomar o amor em um mundo injusto; por outra, o Novo Testamento é sumamente claro em mostrar que o caminho real que revela que somos amados por Deus e que nos conduz ao amor de Deus é o amor aos outros, homens e mulheres”.

justiça constitui uma exigência absoluta, enquanto faz parte da reconciliação dos homens, exigida pela reconciliação dos mesmos com Deus”³⁶. Este serviço da fé que promove a justiça é uma ação que imita a Cristo; é a justiça de Deus, *informada pela caridade evangélica*: “É a caridade que dá força à fé e ao desejo de justiça. A justiça não atinge sua plenitude interior senão na caridade. O amor cristão implica e radicaliza as exigências da justiça ao dar-lhe uma motivação e uma força interior nova... A justiça sem caridade não é evangélica”³⁷. O Reino de Deus é Reino de justiça, de amor e de paz³⁸.

75. A promoção da justiça inclui, como um componente necessário, a *ação pela paz*. Mais do que a ausência da guerra, a busca da paz é a busca de relações de amor e de confiança entre todos os homens e mulheres.

76. A meta da fé que promove a justiça e trabalha pela paz é *um novo tipo de pessoa e de sociedade*, na qual cada indivíduo tem a oportunidade de ser plenamente humano e cada um aceita a responsabilidade de promover o desenvolvimento humano dos demais. O compromisso ativo pedido aos alunos — e praticado pelos antigos alunos e pelos membros adultos da comunidade educativa — é um compromisso livre de lutar por um mundo mais humano e por uma comunidade de amor. Para os cristãos, esse compromisso é uma resposta ao chamamento de Cristo, e é assumido com o reconhecimento humilde de que a conversão só é possível com a ajuda de Deus. Para eles, o sacramento da reconciliação é uma parte necessária da luta pela paz e pela justiça. Porém, todos os membros da comunidade educativa, mesmo aqueles que não compartilham da fé cristã, podem colaborar neste trabalho. Um genuíno senso da dignidade da pessoa humana pode ser o ponto de partida para o trabalho conjunto na promoção da justiça e pode se tornar o começo de um diálogo ecumênico que vê a justiça intimamente ligada à fé.

(Reunião Latino-Americana de Educação, Lima, Peru, julho de 1976; publicado por CERPE, Caracas, Venezuela, p. 65.)

36. Decreto 4º da 32ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, “Nossa Missão Hoje: Serviço da Fé e Promoção de Justiça”, n. 4. Ver nota 3.

37. NC, n. 11.

38. Cf. o prefácio da missa de Cristo Rei.

77. Em um colégio jesuíta a orientação central é a educação para a justiça. Um conhecimento adequado aliado a um pensamento rigoroso e crítico pode tornar mais efetivo o compromisso de trabalhar pela justiça na vida adulta. Além dessa formação necessária básica, a educação para a justiça inclui, no contexto educacional, três aspectos distintos:

78. 1. *O tratamento dos problemas da justiça no currículo.* Isto pode exigir, às vezes, cursos complementares; mas mais importante é a presença da dimensão da justiça em todas as matérias lecionadas³⁹. Os professores tentam ser progressivamente conscientes desta dimensão, de modo que possam oferecer aos alunos uma formação intelectual, moral e espiritual, que lhes permita assumir um compromisso de serviço, que os transforme em agentes de mudança. O currículo inclui uma análise crítica da sociedade, adaptada ao nível de idade dos alunos; o esboço de uma solução na linha dos princípios cristãos é parte desta análise. Os pontos de referência são a Palavra de Deus, os ensinamentos da Igreja e as ciências humanas⁴⁰.

79. 2. *As linhas de ação e os programas de um colégio jesuíta dão testemunho concreto da fé que promove a justiça;* dão um contratestemunho dos valores da sociedade de consumo. A análise social da realidade em que vive e se situa o colégio pode levar a uma autoavaliação institucional, que venha a exigir mudanças nas linhas de ação e na vida prática do colégio⁴¹. As linhas de ação e a vida escolar devem incentivar o respeito mútuo e devem promover a dignidade humana e os direitos humanos de toda pessoa, adultos e jovens, na comunidade educativa.

39. No seu discurso aos Presidentes e Reitores de Universidades da Companhia, em ocasião do encontro celebrado em Frascati, em 5 de novembro de 1985, o Padre-Geral, Peter-Hans Kolvenbach, põe vários exemplos de como os problemas da justiça podem ser tratados nos diversos cursos acadêmicos (cf. *A Universidade Jesuítica Hoje*, publicado na Coleção Ignatiana n. 29, São Paulo, Loyola, 1987, p. 5 ss.).

40. Cf. Gabriel Codina, S.J., *Fé e Justiça nos conteúdos da instituição educativa* (In: Col. Ignatiana, n. 30, São Paulo, Loyola, 1987).

41. Cf. Codina, op. cit.

80. 3. “Não há genuína conversão à justiça, se não houver *obras de justiça*.”⁴² As relações interpessoais dentro do colégio manifestam uma preocupação pela justiça e pela caridade. Como preparação para um compromisso de vida, existem oportunidades na educação jesuíta de contato real com o mundo da injustiça. Assim, a análise da sociedade dentro do currículo torna-se uma reflexão baseada no contato direto com dimensões estruturais da injustiça.

81. Os membros da comunidade educativa têm consciência dos graves problemas de nosso tempo e estão envolvidos com eles. A comunidade educativa e cada um de seus membros estão conscientes da influência que podem ter sobre os outros; as linhas de ação do colégio são formuladas com consciência dos possíveis efeitos sobre uma comunidade maior e sobre suas estruturas sociais.

5.3. Homens e mulheres para os outros⁴³

82. A educação da Companhia ajuda os alunos a perceber que os *talentos são dons a serem desenvolvidos*, não para a satisfação ou proveito próprio, mas antes, com a ajuda de Deus, para o bem da comunidade humana. Os estudantes são incentivados a utilizar suas qualidades no serviço aos outros, motivados pelo amor de Deus:

“Nossa meta e objetivo educacional é formar homens que não vivam para si, senão para Deus e para seu Cristo; para Aquele que por nós morreu e ressuscitou; homens para os outros, quer dizer: que não concebam o amor a Deus sem o amor ao homem; um amor eficaz que tem como primeiro postulado a justiça e que é a garantia única de que nosso amor a Deus não é uma farsa, ou ainda uma roupagem farisaica que oculte nosso egoísmo”⁴⁴.

42. *Ibidem*, n. 64. O destaque é original.

43. Ver a nota 5. Os “outros” na frase tantas vezes repetida é o “próximo” da parábola do Bom Samaritano (Lucas 10,29-37). A citação no texto é o desenvolvimento do Pe. Arripe desta ideia (ver nota seguinte).

44. “Homens para os outros” (rever a nota 5).

83. A fim de promover uma consciência dos “outros”, a educação jesuíta *acentua os valores comunitários*, tais como a igualdade de oportunidades para todos, os princípios de justiça distributiva e social e a atitude mental que vê o serviço aos demais como uma realização própria mais valiosa que o sucesso ou a prosperidade⁴⁵.

84. Os membros adultos da comunidade educativa — especialmente os que estão em contato diário com os alunos — *manifestam em suas próprias vidas* a preocupação pelos outros e estima pela dignidade humana⁴⁶.

5.4. Uma preocupação especial pelos pobres

85. Refletindo sobre a situação real do mundo de hoje e respondendo ao chamado de Cristo que teve um especial amor e uma especial preocupação pelos pobres, a Igreja e a Companhia de Jesus fizeram uma “*opção preferencial*”⁴⁷ pelos pobres. Isto inclui os que não têm meios econômicos, os excepcionais, os marginalizados e todos os que, de algum modo, estão impedidos de viver uma vida plenamente humana. Na educação da Companhia, esta opção se reflete tanto nos alunos admitidos como no tipo de formação que lhes é dada.

86. Os centros da Companhia não existem apenas para uma dada classe de estudantes⁴⁸. Inácio aceitava colégios somente quando eram completamente dotados de fundos ou patrimônio, de modo que a educação

45. Exemplos concretos do acento posto nos valores comunitários se podem encontrar em quase todas as seções da presente descrição das características da educação da Companhia de Jesus.

46. “Além da influência da família, o exemplo dos professores e o clima criado por eles na escola será o fator de maior influência em qualquer esforço de educar para a fé e a justiça” (Robert J. Starrat, S.J. *Lançando Sementes de Fé e de Justiça*, Col. Ignatiana n. 24, São Paulo, Loyola, 1983, p. 26).

47. A frase é frequente nos recentes documentos da Igreja e da Companhia. Seu exato significado é muito discutido; o que certamente não significa é uma opção por uma única classe social com exclusão das demais. Seu significado dentro do contexto educativo se descreve nesta Seção 5.4.

48. “A Companhia de Jesus tem uma única finalidade: nós estamos a serviço de todos, ricos e pobres, oprimidos e opressores, de todos. Ninguém é excluído de nosso apostolado; isto é verdade também para nossos centros educativos” (NC, n. 16).

pudesse estar à disposição de qualquer um; insistia que facilidades especiais para alojar a todos os estudantes pobres formassem parte da fundação de todo o colégio que ele aprovava, e que os professores dessem atenção especial às necessidades dos alunos pobres. Hoje, embora a situação seja bastante diversa de um país para outro e os critérios específicos para a seleção de alunos dependam das “circunstâncias de lugares e pessoas”, todo colégio da Companhia deve fazer o que pode para que a educação jesuíta seja *acessível a todos*, incluindo os pobres e necessitados⁴⁹. A ajuda financeira e a concessão de bolsas de estudo sempre que possível são meios para tornar isso viável; além disso, os centros educativos da Companhia oferecem orientação acadêmica e pessoal para os que dela necessitem, de modo que todos possam tirar proveito da educação oferecida.

87. Para que os pais, especialmente os pobres, possam exercer a liberdade de escolha na educação de seus filhos, os centros da Companhia se unem aos movimentos que promovem a igualdade de oportunidades educativas para todos. “A reivindicação da igualdade de oportunidades no campo da educação e a da liberdade de ensino são coisas que se encaixam na nossa luta pela promoção da justiça.”⁵⁰

88. Mais importante que o tipo de estudantes admitidos é o tipo de formação que é dada. Na educação jesuíta, os valores que a comunidade escolar transmite dão testemunho e se tornam operantes nas linhas de ação e nas estruturas da escola. Os valores que permeiam o ambiente do colégio são aqueles que promovem uma preocupação especial por homens e mulheres desprovidos dos meios para viver com dignidade humana. Nesse sentido, *os pobres formam o contexto* da educação jesuíta: “Nosso planejamento educacional deve ser feito em função dos pobres, desde a perspectiva dos pobres”⁵¹.

49. A questão da admissão de estudantes varia notavelmente de um país para outro. Onde não há ajuda dos governos, os centros existem graças ao que cobram e aos donativos. A preocupação pela justiça inclui salários justos e boas condições trabalhistas para todos que trabalham na escola, devendo também tomar-se em consideração a opção pelos pobres.

50. NC, n. 8.

51. Cf. Codina, op. cit., n. 34. Nesse documento se dá uma explicação mais completa desses pontos.

89. O colégio jesuíta oferece aos estudantes *oportunidades para entrar em contato com os pobres e de serviço a eles*, tanto no colégio como em projetos externos de serviço, permitindo que os estudantes aprendam a amar a todos como irmãos e irmãs na comunidade humana, e possam também chegar a uma compreensão melhor das causas da pobreza.

90. Este contacto, para ser educativo, é acompanhado da correspondente reflexão. A promoção da justiça no currículo, descrita acima (80), tem como objetivo concreto uma análise das causas da pobreza.

91. 6. Para Inácio, a resposta ao chamado de Cristo se realiza na Igreja Católica e através dela, que é o instrumento por meio do qual Cristo está sacramentalmente presente no mundo. Maria, a Mãe de Jesus, é o modelo desta resposta. Inácio e seus primeiros companheiros foram todos sacerdotes e puseram a Companhia de Jesus a serviço do Vigário de Cristo, para ir “a qualquer lugar aonde ele julgasse conveniente enviá-los para a maior glória de Deus e bem das almas”⁵².

92. *A Educação da Companhia:*

- É um instrumento apostólico, a serviço da Igreja, servindo à sociedade humana.
- prepara os alunos para uma participação ativa na Igreja e na comunidade local e para o serviço aos outros.

6.1. Um instrumento apostólico a serviço da Igreja

93. Os centros educativos da Companhia fazem parte da *missão apostólica da Igreja* na construção do Reino de Deus. Embora o processo educativo tenha mudado radicalmente desde o tempo de Inácio, e as maneiras de expressar os conceitos religiosos sejam completamente diferentes, a educação da Companhia continua a ser um meio para ajudar os estudantes a conhecer melhor a Deus e responder a Ele; o colégio continua a ser apto para responder às novas necessidades do Povo de Deus. O obje-

52. *Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares*. São Paulo, Loyola, 2004, n. [603].

tivo da educação da Companhia é a formação de pessoas orientadas em seus princípios e em seus valores para o serviço aos outros, segundo o exemplo de Jesus Cristo. Por isso, ensinar em um colégio da Companhia é um ministério.

94. Por ser uma característica de todas as obras jesuítas, a atitude inaciana de *lealdade e serviço à Igreja*, Povo de Deus, será transmitida a toda a comunidade educativa em um colégio da Companhia. Os propósitos e os ideais de pessoas de outros credos podem harmonizar-se com as metas do colégio jesuíta, e tais pessoas podem dedicar-se a estas metas para o desenvolvimento dos alunos e o aprimoramento da sociedade.

95. A educação da Companhia — sempre respeitando a consciência e as convicções de cada estudante — é *fiel aos ensinamentos da Igreja*, especialmente na formação moral e religiosa. Enquanto possível, o colégio escolhe como dirigentes da comunidade educativa aquelas pessoas que podem ensinar e dar testemunho dos ensinamentos de Cristo apresentados pela Igreja Católica.

96. A comunidade educativa, baseada no exemplo de Cristo — e no de Maria em sua resposta a Cristo⁵³ —, e *refletindo sobre a cultura de hoje*, à luz dos ensinamentos da Igreja, promoverá⁵⁴:

- uma visão espiritual do mundo diante do materialismo;
- uma preocupação pelos outros diante do egoísmo;
- a austeridade diante do consumismo;
- a causa dos pobres diante da injustiça social.

97. Como parte de seu serviço à Igreja, os centros da Companhia *servirão à comunidade civil e religiosa e cooperarão com o bispo do lugar*. Um exemplo disso é que as decisões importantes sobre as linhas de ação escolar tomem em conta as orientações pastorais da Igreja local e considerem seus possíveis efeitos sobre a Igreja e na comunidade local.

53. Cf. Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Igreja “Lumen Gentium”, n. 66-69.

54. A “visão espiritual” mencionada aqui inclui toda a resposta de fé das seções anteriores. Mais uma vez o problema da justiça não pode ser separado da fé e da caridade evangélicas, nas quais se baseia.

98. Para o melhor resultado no seu serviço às necessidades humanas, um colégio jesuíta trabalha em *cooperação com outras obras apostólicas* da Companhia, com as paróquias locais e outras organizações católicas e civis, e com os centros de apostolado social.

99. Todos os membros da comunidade educativa são membros ativos *a serviço da comunidade local e de suas igrejas*. Participam de reuniões e outras atividades, especialmente as que se relacionam com a educação.

100. A comunidade de um colégio jesuíta fomenta a *colaboração em atividades ecumênicas* com outras Igrejas e é ativa no diálogo com todos os homens e mulheres de boa vontade; a comunidade dá testemunho do Evangelho de Cristo, a serviço da comunidade humana.

6.2. Preparação para a participação ativa na Igreja

101. A educação jesuíta está comprometida com o desenvolvimento religioso de todos os alunos. Eles serão instruídos sobre as verdades básicas de sua fé. Para os alunos cristãos, isto inclui o conhecimento das Escrituras, especialmente dos Evangelhos.

102. Para os estudantes católicos, a educação da Companhia oferece o *conhecimento e o amor da Igreja e dos sacramentos*, como meios privilegiados do encontro com Cristo.

103. De maneira apropriada ao colégio, são colocadas à disposição de todos os estudantes *experiências concretas da vida da Igreja*, através da participação em projetos e atividades desta. Os professores leigos, especialmente os que participam de atividades paroquiais, podem ser os líderes desta participação; eles podem comunicar aos alunos a ênfase que se dá atualmente ao apostolado dos leigos.

104. Seguindo o exemplo dos primeiros colégios jesuítas, onde as Congregações Marianas desempenharam um papel tão importante na promoção da devoção e do compromisso cristão, se oferecem meios tais como as Comunidades de Vida Cristã (CVX) aos estudantes e adultos que desejam conhecer mais profundamente a Cristo e n'Ele moldar suas

vidas mais intimamente. Oportunidades semelhantes são oferecidas a membros de outras confissões religiosas que querem aprofundar o seu compromisso de fé.

105. 7. Inácio insistiu repetidas vezes no “magis”, o “mais”. A sua preocupação constante era o maior serviço de Deus através do seguimento mais próximo de Cristo. Essa preocupação passou a toda a ação apostólica dos seus primeiros companheiros. A resposta concreta a Deus deve ser “de maior valor”⁵⁵.

106. *A educação da Companhia:*

- busca a excelência na sua ação formativa.
- dá testemunho de excelência.

7.1. Excelência na formação

107. Na educação da Companhia, o critério de excelência é aplicado a todas as áreas da vida escolar: o objetivo é o desenvolvimento mais amplo possível de todas as dimensões da pessoa, ligado ao desenvolvimento de um sentido dos valores e de um compromisso com o serviço aos outros, que dá prioridade às necessidades dos pobres e está disposto a sacrificar o interesse próprio para a promoção da justiça⁵⁶.

A busca da excelência acadêmica é própria de um colégio jesuíta, mas somente dentro do contexto mais amplo de *excelência humana*⁵⁷.

108. A excelência, como todos os demais critérios inacianos, é determinada pelas “circunstâncias de lugares e pessoas”. “A natureza da instituição, a sua localização, o número de alunos, a formulação dos objetivos para a qualidade acadêmica ou da clientela a ser servida etc. são elemen-

55. A expressão é tirada da meditação sobre o chamado de Jesus Cristo Rei, nos Exercícios Espirituais, n. 97, em que a intenção básica é conduzir a pessoa que faz os Exercícios a um seguimento mais próximo de Jesus Cristo.

56. “Esta excelência consiste em que nossos alunos, sendo homens de princípios retos e bem assimilados, sejam ao mesmo tempo homens abertos aos sinais dos tempos, em sintonia com a cultura e os problemas que envolvem, e homens para os outros”, NC, n. 9.

57. Alguns critérios sobre a excelência são dados na Seção 9.1; são os mesmos que os critérios para o discernimento.

tos que diversificam o instrumento a fim de adaptá-lo às circunstâncias em que é utilizado.”⁵⁸ Buscar o *magis*, portanto, é oferecer o tipo e o nível de educação para cada grupo de estudantes, segundo sua idade, que melhor corresponda às *necessidades da região em que se encontra o colégio*.

109. “Mais” não implica uma comparação com outros nem uma medida do progresso, em relação a um padrão absoluto. Antes, é o *desenvolvimento mais pleno possível das capacidades individuais de cada pessoa em cada etapa de sua vida, unido ao desejo de continuar este desenvolvimento, ao longo da vida, e a motivação para utilizar as qualidades desenvolvidas em benefício dos outros*.

110. O objetivo tradicional da educação da Companhia tem sido formar “líderes”: homens e mulheres que assumam posições de responsabilidade na sociedade, através das quais exercem uma influência positiva sobre os outros. Este objetivo tem levado, por vezes, a excessos que devem ser corrigidos. Qualquer que tenha sido o significado deste conceito no passado, a meta da educação da Companhia na compreensão hodierna da visão inaciana de mundo não é preparar uma elite socioeconômica, mas educar líderes no serviço. Portanto, os centros educativos da Companhia ajudam seus estudantes a desenvolver suas qualidades mentais e afetivas que os capacitem — em qualquer situação que venham a ter na vida — para trabalhar com outros para o bem de todos no serviço do Reino de Deus.

111. O serviço é baseado em um *compromisso de fé* em Deus; para os cristãos isto se expressa no seguimento de Cristo. A decisão de seguir a Cristo, feita no amor, leva ao desejo de fazer sempre “mais”, permitindo que nos tornemos agentes multiplicadores⁵⁹. Por sua vez, este desejo se

58. NC, n. 6.

59. “A estranha expressão que o Pe. Pedro Arrupe usava com tanta frequência — que devemos formar ‘agentes multiplicadores’ — está, efetivamente, de acordo com a visão apostólica de Inácio. Sua correspondência de 6.815 cartas demonstra sem dúvida que Inácio nunca cessou de buscar e desejar a maior colaboração possível com toda classe de pessoas” (Padre-Geral Peter-Hans Kolvenbach, em seu discurso de abertura no 3º Congresso Mundial de Antigos Alunos da Companhia, em Versalhes. Op. cit. Ver a nota 24).

transforma na preparação pessoal necessária na qual o aluno se dedica ao estudo, à formação pessoal e, finalmente, à ação.

112. A *Ratio Studiorum* recomenda a competição — normalmente entre grupos, mais do que entre indivíduos — como um poderoso estímulo ao crescimento acadêmico. Hoje, a educação jesuíta enfrenta uma realidade diversa: um mundo de excessiva competitividade, que se reflete no individualismo, no consumismo e no afã de êxito a todo custo. Embora o colégio jesuíta valorize o estímulo de jogos competitivos, incentiva os estudantes a se distinguirem por sua capacidade de trabalhar juntos, de ser sensíveis uns para com os outros, de se comprometer com o serviço aos outros, expresso na ajuda mútua. “Este desejo de testemunho cristão... não se desenvolve com a emulação acadêmica e a superioridade de qualidades pessoais, em comparação com os outros, mas somente através da aprendizagem da disponibilidade e do hábito de servir.”⁶⁰

7.2. Testemunho de excelência

113. As linhas de ação da escola são de tal natureza que criam um ambiente ou “clima” que promova a excelência. Essas linhas de ação incluem uma avaliação contínua das metas, programas, serviços e métodos de ensino, em um esforço para dar à educação da Companhia uma maior eficácia na consecução de seus objetivos.

114. Os *membros adultos* da comunidade educativa dão testemunho de excelência, unindo o crescimento em competência profissional a seu progresso em dedicação.

115. Os professores e diretores de um colégio jesuíta cooperam com outras escolas e organismos educativos para descobrir políticas institucionais, processos educativos e métodos pedagógicos mais eficazes⁶¹.

60. NC, n. 12.

61. “A razão principal para a abertura de nossos colégios e seu contacto com os demais é outra: a necessidade de aprender e a obrigação de compartilhar. As vantagens dos intercâmbios e colaboração de todo tipo são imensas. Seria falso presumir que nada temos a aprender. Seria irresponsável planificar por nossa exclusiva conta sem ter em vista a

116. 8. Quando Inácio passou a experimentar o amor de Deus revelado em Jesus Cristo e começou a responder entregando-se a si mesmo a serviço do Reino de Deus, compartilhou sua experiência e atraiu outros companheiros que se tornaram “amigos no Senhor”⁶² para o serviço ao próximo. A força do trabalho de sua comunidade no serviço do Reino é maior que a de um só indivíduo ou a de um grupo de indivíduos.

117. *A educação da Companhia:*

- enfatiza a colaboração entre jesuítas e leigos.
- baseia-se em um espírito de comunidade entre:
 - pessoal docente e administrativo;
 - a comunidade jesuíta;
 - os conselhos diretores;
 - os pais;
 - os alunos;
 - os antigos alunos;
 - os benfeitores.
- realiza-se dentro de uma estrutura que promove a comunidade.

8.1. Colaboração entre jesuítas e leigos

118. A colaboração entre jesuítas e leigos é um objetivo que os centros educativos da Companhia tentam atingir em resposta ao Concílio Vaticano II⁶³ e às últimas Congregações Gerais⁶⁴. Como esta ideia de *missão*

necessidade de acoplamento com outros colégios de religiosos e mesmo de leigos... Esta articulação de nosso trabalho com as instituições educativas homólogas no âmbito eclesial, local, regional e nacional potenciará nossa efetividade apostólica e nosso sentido eclesial” (NC, n. 25). O tema do discurso é retomado com maior detalhe na 9ª Seção.

62. O autor desta frase foi o mesmo Inácio em uma carta escrita a Juan de Verdolay, em 24 de julho de 1537 (Monumenta Ignatiana Epp. XII, 321 e 323).

63. “Apostolicam Actuositatem”, sobre o apostolado dos leigos. Ver nota 2.

64. A 31ª Congregação Geral, Decreto 33 (A Companhia e o laicato); Decreto n. 28 (Apostolado da Educação), n. 27. 32ª Congregação Geral, Decreto n. 2 (Jesuítas Hoje), n. 29. 33ª Congregação Geral, Decreto n. 1 (Companheiros de Jesus enviados ao mundo de hoje), n. 47.

comum é ainda nova, requer-se a seu respeito crescente compreensão e cuidadoso planejamento.

119. Em um colégio jesuíta há uma predisposição da parte dos leigos e dos jesuítas para *assumir as responsabilidades apropriadas*: para trabalhar juntos na liderança e no serviço. Todos se esforçam por alcançar uma verdadeira união de mentes e corações e por trabalhar juntos como um corpo apostólico unido⁶⁵ na formação dos alunos. Existe, portanto, uma comunhão de visão, finalidade e esforço apostólico.

120. A estrutura legal do colégio permite a maior colaboração possível na sua direção⁶⁶.

121. Os jesuítas promovem ativamente a colaboração com os leigos no colégio. “Considerem os jesuítas a importância que tem para a mesma Companhia tal colaboração com os leigos, pois eles serão sempre para nós os intérpretes naturais do mundo moderno e assim nos prestarão uma ajuda eficaz e constante neste apostolado.”⁶⁷ “Devemos estar sempre dispostos a trabalhar com os outros... dispostos a desempenhar um papel subordinado, de apoio, anônimo, prontos a aprender como servir daqueles mesmos a quem servimos.”⁶⁸ Uma das responsabilidades do Superior religioso é fomentar essa abertura no trabalho apostólico.

8.2. Pessoal docente e administrativo

122. Enquanto possível, as pessoas escolhidas para fazerem parte da comunidade educativa de um centro educativo da Companhia serão ho-

65. “Costumávamos pensar na instituição como ‘dos nossos’, com uns tantos leigos ajudando-nos, embora seu número fosse maior que o dos jesuítas. Hoje em dia, alguns jesuítas se inclinam a pensar que o número de leigos aumentou tanto e o controle se deslocou tanto, que a instituição, na realidade, já não é da Companhia (...). Eu insistiria em que a Universidade mesma continua sendo um instrumento de apostolado, não só dos jesuítas, mas dos jesuítas e leigos trabalhando juntos” (Padre-Geral Peter-Hans Kolvenbach. “A Universidade jesuítica hoje”. In: *O Apostolado Universitário na Companhia de Jesus hoje* (Col. Ignatiana n. 29, São Paulo, Loyola, 1987, p. 14).

66. Ver mais abaixo, Seções 8.7 e 9.3.

67. 31ª Congregação Geral, Decreto n. 28, Apostolado da educação, n. 27.

68. 32ª Congregação Geral, Decreto n. 2, Jesuítas Hoje, n. 29.

mens e mulheres *capazes de entender a sua natureza especial e de contribuir para a realização das características resultantes da visão inaciana.*

123. A fim de promover uma *compreensão comum dos objetivos* aplicada às circunstâncias concretas da vida escolar, professores, administradores e auxiliares, jesuítas e leigos comunicam-se regularmente em nível pessoal, profissional e religioso. Estão prontos a discutir a sua visão e esperanças, aspirações e experiências, sucessos e fracassos.

8.3. A comunidade jesuíta

124. Os jesuítas que trabalham no colégio devem ser “um grupo de homens com uma identidade nítida, que vivem do mesmo carisma inaciano, estreitamente unidos *ad intra* pela união e amor mútuo e *ad extra* pela sua participação generosa na missão comum... A mesma comunidade deve servir de inspiração e estímulo para os demais componentes da comunidade educativa... *É essencial o testemunho de nossas vidas*”⁶⁹.

125. Os jesuítas serão mais eficazes em seu serviço e na inspiração da comunidade educativa total se realizarem este mesmo *serviço e inspiração entre si mesmos*, formando uma verdadeira comunidade de oração e de vida. Este testemunho vivo é um meio de fazer de seu trabalho no colégio um apostolado “corporativo” e ajudará toda a comunidade escolar a estar mais unida efetiva e afetivamente.

126. Ao menos em algumas ocasiões especiais, os demais membros da comunidade educativa são convidados a participar de alguma refeição, de alguma função litúrgica ou ato social na comunidade jesuíta. Uma ajuda para formar comunidade é o emprego informal do tempo juntos; os leigos poderão chegar a uma melhor compreensão da vida dos jesuítas se tiverem oportunidades de tomar parte nela.

127. Além de suas responsabilidades profissionais no colégio, como professores, administradores ou encarregados da pastoral, os jesuítas estão dispostos a proporcionar diversas oportunidades — como debates, gru-

69. NC, nn. 16, 18.

pos de trabalho e retiros — que possam propiciar aos outros membros da comunidade educativa um melhor conhecimento e apreciação da visão inaciana do mundo.

128. A educação — o trabalho de um professor ou administrador ou membro da equipe de auxiliares — é em si mesma um trabalho apostólico. Sem dúvida, de acordo com a natureza do colégio como instrumento apostólico da Igreja, os sacerdotes jesuítas atuam também mais diretamente no trabalho sacerdotal, mediante a celebração da Eucaristia e sua disponibilidade para a administração do sacramento da reconciliação etc.

129. Os estatutos do colégio definem as responsabilidades do diretor e a autoridade da Companhia de Jesus (vide 8, 9 abaixo). Dependendo das circunstâncias locais, os jesuítas, como indivíduos e como comunidade, não têm no processo de decisões na escola jesuíta mais poder que o que está definido nesses estatutos.

8.4. Conselhos diretivos

130. A 31ª Congregação Geral da Companhia de Jesus recomendou o estudo da conveniência de formar em alguns centros de estudos superiores um Conselho Diretor composto por jesuítas e leigos⁷⁰. Essas comissões ou conselhos são novos meios de compartilhar responsabilidades entre leigos e jesuítas e assim promover a colaboração entre eles, beneficiando-se além disso das competências profissionais de diferentes tipos de pessoas. Os membros desses conselhos ou comissões, jesuítas e leigos, devem estar familiarizados com as finalidades de um colégio da Companhia e com a visão de Inácio, na qual essas finalidades se baseiam.

70. “Será útil também verificar se conviria formar em alguns de nossos centros de estudos superiores um Conselho de Direção composto parte por jesuítas e parte por leigos” (31ª Congregação Geral, Decreto n. 28, Apostolado da Educação, n. 27).

8.5. Pais de alunos

131. Os professores e diretores em um centro educativo da Companhia *colaboram estreitamente com os pais dos alunos*, que são também membros da comunidade educativa. Existe comunicação frequente e um diálogo permanente entre a família e o colégio. Os pais são mantidos informados acerca das atividades escolares e são incentivados a se encontrar com os professores para discutir o progresso de seus filhos. Os pais são apoiados e ajudados para crescer no desempenho de seu papel como pais e para que participem de grupos consultivos da escola. Assim, os pais são auxiliados a desempenhar seus direitos e responsabilidades como educadores no lar e na família e, ainda, contribuem no trabalho educativo que se realiza no colégio⁷¹.

132. Dentro do possível, os pais *entendem, valorizam e aceitam a visão inaciana do mundo* que caracteriza os colégios da Companhia. A comunidade escolar, tendo em conta as diferentes situações de cada país, oferece oportunidades para que os pais se tornem mais familiarizados com essa visão de mundo e suas aplicações na educação.

133. É necessária a *coerência entre os valores promovidos no colégio e os que se promovem em casa*. Quando os filhos se matriculam pela primeira vez no colégio, os pais são informados sobre o compromisso da educação da Companhia com a fé que promove a justiça. São oferecidos programas de formação permanente apropriados aos pais para que estes possam entender melhor essa orientação e se sintam fortalecidos em seu próprio compromisso com ela.

8.6. Os alunos

134. Os alunos formam uma *comunidade de compreensão e apoio mútuo*, que vem reforçada por procedimentos informais e também através de

71. “Sabemos que (os pais) são os responsáveis últimos pela formação de seus filhos. (...) Merecem louvor as organizações — associações, revistas, cursos — que promovem a formação educacional dos pais dos alunos e os preparam para colaborar mais eficazmente com o colégio” (NC, n. 22).

estruturas, tais como grêmios e diretórios acadêmicos. Além disso, de acordo com a sua idade e capacidade, procura-se fomentar a participação estudantil na comunidade escolar maior, através de grupos consultivos e outras comissões escolares.

8.7. Antigos alunos

135. Os antigos alunos são membros da “comunidade que trabalha no serviço do Reino”, e um colégio jesuíta tem responsabilidade especial por eles. Enquanto permitirem os recursos, o colégio oferecerá *orientação e formação permanente*, de modo que os que receberam sua formação básica no colégio possam pôr em prática essa formação de maneira mais efetiva na sua vida adulta e possam continuar a aprofundar sua dedicação no serviço aos outros⁷². Entre *os centros educativos da Companhia e as associações de Antigos Alunos* existem laços estreitos de amizade e apoio mútuo⁷³.

72. “Os antigos alunos são uma grande responsabilidade da Companhia, que não pode declinar sua obrigação de atender à sua reeducação permanente. É um trabalho que, praticamente, só nós podemos fazer, porque se trata de remodelar o que fizemos há 20 ou 30 anos. O homem de hoje tem de ser diferente do que formamos então. É uma tarefa imensa, superior a nossas possibilidades, pelo que temos de valer-nos de leigos capazes de realizá-la” (NC, n. 23).

73. “Qual é o compromisso da Companhia de Jesus para com seus antigos alunos? É o compromisso de Inácio, reiterado por Pedro Arrupe: converter-vos em agentes multiplicadores, fazer-vos capazes de incorporar a visão de Inácio e a (...) missão da Companhia em nossas próprias vidas. (...) A formação que recebestes deveria ter-vos proporcionado os valores e o compromisso que marcam as vossas vidas, junto com a habilidade de ajudarem-se uns aos outros a renovar este compromisso e aplicar estes valores às circunstâncias variadas de vossas vidas e às necessidades cambiantes do mundo. Nós, jesuítas, não vos abandonaremos — mas tampouco vamos continuar a dirigir-vos! Estaremos ao vosso lado para vos guiar e inspirar, para vos estimular e ajudar. Mas confiamos em vós o bastante para julgar-vos capazes de levar adiante em vossas vidas e no mundo a formação que recebestes” (Padre-Geral Peter-Hans Kolvenbach, Alocução na abertura do 3º Congresso Mundial dos Antigos alunos dos Jesuítas, Versalhes. Op. cit. Ver nota 24. Toda esta alocução desenvolve o tema da relação entre a Companhia de Jesus e seus antigos alunos).

8.8. Os benfeitores

136. De modo semelhante, o colégio jesuíta tem uma responsabilidade especial para com seus benfeitores e a eles oferecerá o apoio e a orientação de que necessitem. De modo particular, os benfeitores têm oportunidades de ampliar seu conhecimento do caráter distintivo de um colégio da Companhia, da visão inaciana em que se baseia, e das suas finalidades, para as quais eles contribuem.

8.9. A estrutura do colégio

137. Nos últimos anos tem-se desenvolvido um maior grau de partilha de responsabilidade. Cada vez mais, as decisões são tomadas depois de haver recebido pareceres através de consultas informais, comissões formais e outros procedimentos; e todos os membros da comunidade educativa recebem habitualmente informação acerca das decisões e dos acontecimentos importantes da vida da escola. Para ser verdadeiramente eficaz, uma participação na responsabilidade deve estar fundada em uma *visão comum* ou em uma comunhão de objetivos, como descrito anteriormente.

138. No passado, o Reitor da comunidade jesuíta, nomeado pelo Superior-Geral da Companhia de Jesus, era responsável pela direção do colégio e se reportava regularmente ao Provincial. Hoje, em muitas partes, o Reitor da comunidade não é o “Diretor da obra”; em alguns casos, um conselho administrativo trabalha em colaboração com a Companhia na nomeação do diretor, que cada vez mais frequentemente vem sendo um leigo. Qualquer que seja a situação particular e qualquer que seja o modo de nomeação, a responsabilidade confiada ao diretor de um colégio jesuíta inclui sempre uma *missão que finalmente vem da Companhia* de Jesus. Essa missão, por sua relação com o caráter próprio do colégio, está sujeita a avaliações periódicas por parte da Companhia (normalmente através do Provincial ou seu Delegado).

139. *O papel do diretor é o de um líder apostólico.* Este papel é vital para dar inspiração, para desenvolver uma visão comum e para preservar a unidade dentro da comunidade educativa. Uma vez que a visão inaciana

do mundo é a base sobre a qual se assenta a visão comum da escola, o diretor deve-se guiar por aquela concepção. Compete-lhe especificamente assegurar que sejam oferecidas as devidas oportunidades, a fim de que os demais membros da comunidade cheguem a uma maior compreensão de tal mundivisão e de suas aplicações à educação. Além de seu papel de inspiração, o diretor é o *responsável último pela execução da política educacional básica do colégio e pela natureza caracteristicamente jesuíta desta educação*. A natureza precisa desta responsabilidade é descrita nos estatutos de cada colégio.

140. Em não poucos casos, a responsabilidade pelos centros educativos da Companhia é compartilhada por várias pessoas com distintos papéis (Reitor, Diretor, Presidente etc.); a responsabilidade final pelas linhas de ação e pela prática é muitas vezes confiada a um conselho de administração. Todos aqueles que compartilham a responsabilidade do colégio jesuíta formam uma *equipe de direção*, conhecedora da visão inaciana, tal como esta é aplicada à educação e aberta a ela. Estas pessoas são capazes de trabalhar juntas com apoio e respeito mútuo e fazendo uso dos talentos de cada um. Este tipo de estrutura de equipe, que é uma aplicação do princípio de subsidiariedade, tem a vantagem de aproveitar as qualidades de mais gente na liderança do colégio; além disso, assegura maior estabilidade na execução das linhas de ação que implementam a orientação básica do colégio.

141. Se o colégio é “jesuíta”, a Companhia de Jesus deve manter em suas mãos suficientes autoridade e controle para poder responder aos apelos da Igreja, através de suas instituições, e para assegurar que o colégio continue fiel às suas tradições. Assegurado este ponto, a autoridade efetiva no colégio pode ser exercida por qualquer pessoa, jesuíta ou leigo, que, tendo o necessário conhecimento das características da educação da Companhia, simpatiza e se identifica comprometidamente com elas.

142. As estruturas do colégio *garantem os direitos* dos estudantes, diretores, professores e pessoal auxiliar, e conclamam cada um para o cumprimento de suas responsabilidades individuais. Todos os membros da comunidade trabalham juntos para criar e manter as condições mais favoráveis para que cada um possa crescer no uso responsável de sua

liberdade. Todo membro da comunidade é convidado a *comprometer-se ativamente* no crescimento de toda a comunidade. A estrutura do colégio é um reflexo da nova sociedade, que o colégio, por meio da educação, está tentando construir.

143. 9. Inácio e seus companheiros tomavam suas decisões com base em um processo permanente de “discernimento”⁷⁴ pessoal e comunitário, sempre feito em um contexto de oração. Mediante a reflexão sobre os resultados de suas atividades, feita em oração, os companheiros revisavam as decisões anteriores e introduziam adaptações em seus métodos, em uma busca constante do maior serviço de Deus (“magis”).

144. A educação da Companhia:

- adapta meios e métodos, a fim de atingir suas finalidades com a maior eficácia.
- é um “sistema” de colégios com uma visão comum e com metas comuns.
- ajuda a preparação profissional e a formação permanente necessária, especialmente dos professores.

9.1. Adaptação para atingir as finalidades da educação da Companhia

145. A comunidade educativa de um centro da Companhia estuda as necessidades da sociedade atual, refletindo sobre as linhas de ação da escola,

74. A palavra “discernimento” é usada em contextos diversos. Inácio tem suas “Regras para o discernimento de espíritos” nos Exercícios Espirituais, nn. 313-336. No contexto presente, trata-se mais do “discernimento apostólico em comum”, praticado pelos primeiros companheiros e recomendado pela 33ª Congregação Geral: uma revisão de todas as obras e atividades que inclui “escuta da palavra de Deus; exame e deliberação segundo a tradição inaciana; conversão pessoal e comunitária, fundamental para que nos tornemos ‘contemplativos na ação’; esforço por viver na ‘indiferença’ e ‘disponibilidade’, indispensáveis para ‘encontrar a Deus em todas as coisas’; mudança de nossos esquemas habituais de pensamento através de uma constante interação entre a experiência, a reflexão e a ação. Importa também pautar-nos sempre pelos critérios que para a nossa atuação oferecem as Constituições na Parte Sétima e pelas recentes diretrizes a respeito dos ministérios a promover e dos trabalhos a descartar como menos idôneos” (33ª Congregação Geral, Decreto n. 1, n. 40).

as estruturas, os métodos, a pedagogia e todos os demais elementos do ambiente escolar, para encontrar *os meios que melhor podem realizar as finalidades do colégio* e implementar a sua filosofia educacional. Na base destas reflexões *são introduzidas mudanças* consideradas necessárias ou úteis na estrutura, nos métodos, no currículo etc. Um educador, segundo a tradição jesuíta, é incentivado a exercitar grande liberdade e imaginação na escolha de técnicas de ensino, métodos pedagógicos etc. *As linhas básicas de ação e as práticas escolares fomentam a reflexão e a avaliação e facilitam toda mudança necessária.*

146. Embora as normas gerais devam ser aplicadas às circunstâncias concretas, os princípios sobre os quais esta reflexão se baseia encontram-se nos documentos recentes da Igreja e da Companhia de Jesus⁷⁵. Além disso, as *Constituições* da Companhia proporcionam os critérios para guiar o discernimento, a fim de alcançar o “magis”; o bem mais universal, a necessidade mais urgente, os valores mais permanentes, o trabalho que não está sendo feito por outros etc.⁷⁶.

147. As “circunstâncias de pessoas e lugares” exigem que os currículos, os processos educativos, os estilos de ensino e toda a vida do colégio *se adaptem para atender às necessidades específicas do lugar* em que se encontra o colégio e das pessoas a quem serve.

9.2. O “sistema” de colégios jesuítas

148. Os jesuítas nos primeiros colégios da Companhia trocavam ideias e os frutos de sua experiência, buscando princípios e métodos que se revelassem “mais” eficazes para a realização das finalidades de seu trabalho educativo. Cada instituição aplicava esses princípios e métodos à sua própria situação; a força do “sistema” jesuíta surgiu desse intercâmbio.

75. Um dos documentos mais recentes e mais completos é a carta “Sobre o discernimento apostólico em comum”, dirigida pelo Padre-Geral Peter-Hans Kolvenbach a toda a Companhia, em 5 de novembro de 1986. Esta carta constitui uma rica fonte de informações sobre esse tema e proporciona uma perspectiva histórica e sugestões concretas sobre o mesmo (Col. Ignatiana, n. 31, São Paulo, Loyola).

76. Cf. Constituições, Parte VII, especialmente nn. [612]-[624].

Os colégios jesuítas ainda formam uma rede, unidos não pela unidade de administração ou uniformidade de programas, mas por uma *visão e metas comuns*; os professores e administradores das escolas da Companhia estão novamente compartilhando ideias e experiências, a fim de descobrir os princípios e os métodos que mais eficazmente possam conduzir à implementação dessa visão comum.

149. O intercâmbio de ideias será mais proveitoso se cada colégio *estiver inserido na realidade concreta* da sua região e estiver engajado em uma *troca permanente de ideias e experiências com outros colégios* e obras educacionais da Igreja local e do país. Quanto mais amplo o intercâmbio em nível regional, tanto mais poderá ser frutífero o intercâmbio entre os centros educativos jesuítas em nível internacional.

150. Para melhor promover o intercâmbio de ideias e experiências se incentiva, onde possível, um *intercâmbio de professores e alunos*.

151. Uma ampla variedade de experimentos para descobrir meios mais eficazes para tornar a “fé que promove a justiça” uma dimensão do trabalho educativo realiza-se atualmente em todas as partes do mundo. Por causa da importância deste desafio e da dificuldade em atingi-lo, esses experimentos necessitam ser avaliados e seus resultados compartilhados com outros, de modo que as experiências positivas possam ser incorporadas às linhas de ação, às práticas e à comunidade de cada colégio em particular. A necessidade de uma troca de ideias e experiências nesse campo é especialmente grande, não apenas para cada colégio, mas também para o apostolado da educação como tal.

9.3. Preparação profissional e formação permanente

152. O mundo moderno se caracteriza pela rapidez das mudanças. A fim de manter a sua eficácia como educadores e a fim de “discernir a resposta mais concreta ao chamado de Deus”, todos os membros adultos da comunidade educativa precisam aproveitar as *oportunidades de educação continuada e do desenvolvimento pessoal permanente*, especialmente na competência profissional, nas técnicas pedagógicas e na formação espi-

ritual. Os centros educativos da Companhia fomentam essa formação, oferecendo programas adequados em cada um deles e, quanto possível, também o tempo e a ajuda econômica necessária para uma preparação e formação mais ampla.

153. A fim de chegar à genuína colaboração e partilha de responsabilidade, *os leigos necessitam conhecer a espiritualidade inaciana*, a história educativa, as tradições e a vida da Companhia. *Os jesuítas, por sua vez necessitam* compreender as experiências vividas, os desafios e as diversas maneiras com que o Espírito de Deus move também os leigos, conhecendo ainda a *contribuição que os leigos fazem à Igreja* e aos centros educativos da Companhia. Os colégios jesuítas oferecem programas especiais de orientação para seus novos colaboradores, além de outros programas e processos permanentes, que fomentam uma tomada de consciência e uma compreensão progressiva das metas da educação da Companhia, e dão aos jesuítas uma oportunidade de aprender dos membros leigos da comunidade. Onde possível, desenvolvem-se programas especiais de formação profissional e espiritual para ajudar os leigos a assumirem cargos de direção nos centros educativos da Companhia.

10. Alguns princípios metodológicos da pedagogia jesuíta

154. Inácio insistia que os colégios da Companhia adotassem os métodos da Universidade de Paris (*modus Parisiensis*) porque considerava que eram os mais eficazes para atingir as finalidades que tinha em mente para esses colégios. Tais métodos foram experimentados e adaptados pelos educadores jesuítas de acordo com sua experiência religiosa nos *Exercícios Espirituais* e sua crescente experiência prática em educação. Muitos destes princípios e métodos são ainda típicos da educação jesuíta, porque são ainda eficazes para a implementação das características descritas nas seções anteriores. Alguns desses princípios mais conhecidos são mencionados nesta última seção, como exemplo.

A. A partir da experiência dos Exercícios Espirituais⁷⁷

155. 1. Embora existam diferenças óbvias entre as duas situações, a *natureza* da relação entre o diretor dos *Exercícios Espirituais* e a pessoa que os faz é o modelo para a relação entre professor e alunos. Como o diretor dos Exercícios, o professor está a serviço dos alunos, sempre pronto para detectar dotes ou dificuldades especiais, envolvido pessoalmente e ajudando no desenvolvimento do potencial interior de cada aluno individualmente.

156. 2. O papel ativo do *exercitante* é o modelo do papel, igualmente ativo, do aluno no estudo pessoal, na descoberta e na criatividade.

157. 3. A progressão nos Exercícios é uma das fontes da abordagem prática e disciplinada de adequar “os meios aos fins”, característica da educação da Companhia⁷⁸.

158. 4. O “Pressuposto” dos *Exercícios*⁷⁹ é a norma para o estabelecimento de boas relações pessoais entre professores e alunos, entre professores e diretores do Centro, no âmbito do corpo docente e discente e em todos os setores da comunidade educativa.

159. 5. Muitas das “anotações” ou “sugestões para o diretor dos *Exercícios*” são, com as devidas adaptações, sugestões válidas para os professores de um centro educativo da Companhia.

77. A conexão da educação da Companhia com os princípios e métodos dos Exercícios Espirituais foi objeto de muitos estudos. Uma das obras clássicas — algo antiga, mas ainda válida — que trata esta matéria com grande detalhe é *A Pedagogia dos Jesuítas*, por François Charmont, SJ, Paris, 1941. Estudos mais recentes sobre o mesmo tema se podem encontrar em *Reflections on the Educational Principles of the Spiritual Exercises* de Robert R. Newton (publicado em 1977 por Jesuit Secondary Education Association, Washington) e *O segredo dos Jesuítas* de Joseph Thomas (São Paulo, Loyola).

78. Ver 1ª Seção.

79. Inácio escreveu o “Pressuposto” dos Exercícios Espirituais para indicar a relação entre o diretor e a pessoa que faz os Exercícios. O texto pode ser um guia para as relações humanas em geral e, especialmente, dentro da comunidade educativa. “Para que tanto o que dá os Exercícios Espirituais como o que os recebe mais se ajudem e tirem maior proveito, deve-se pressupor que todo bom cristão está mais pronto a justificar a proposição do próximo que a condená-la. Se não pode justificá-la, pergunte como ele a entende; se a entende mal, corrija-o com amor; se isto não basta, procure todos os meios convenientes para que a entenda bem e assim se salve” (Exercícios Espirituais, n. 221).

160. 6. Existem certas analogias entre os métodos dos *Exercícios* e os métodos da pedagogia jesuíta tradicional, muitos dos quais foram incorporados à *Ratio Studiorum*:

- a) Os “prelúdios” e “pontos” para a oração têm seu paralelo na preleção da matéria a ser ensinada;
- b) A “repetição” da oração se assemelha ao domínio da matéria lecionada, através da repetição cuidadosa e frequente do assunto tratado em aula;
- c) A “aplicação dos sentidos” (“sentir” para Inácio) se reflete na insistência no criativo e imaginativo, na experiência, motivação, desejo e prazer de aprender.

B. Alguns exemplos das diretrizes procedentes das Constituições e da *Ratio Studiorum* (ver-se-á no Apêndice I uma descrição mais ampla dos conteúdos destes dois documentos)

161. 1. O currículo deve ser cuidadosamente estruturado, quanto à ordem do trabalho diário, ao modo como as disciplinas se baseiam sobre a matéria tratada em disciplinas anteriores e ao modo como as disciplinas estão relacionadas umas com as outras. O currículo deve estar integrado de tal modo que cada disciplina particular contribua para a consecução do objetivo geral do colégio.

162. 2. A pedagogia deve incluir a análise, a repetição, a reflexão ativa e a síntese; deve combinar ideias teóricas com suas aplicações práticas.

163. 3. Não é a quantidade de matéria tratada que é importante, mas antes uma formação sólida, profunda e básica. (*Non multa, sed munitum.*)

Conclusão

164. A introdução deste documento faz referência à reunião realizada em Roma, em 1980, e ao discurso que o Pe. Pedro Arrupe fez na conclusão daquela reunião. O discurso foi depois publicado sob o título *Nossos colegas hoje e amanhã* e foi citado várias vezes no corpo deste documento e nas notas.

165. Nesse discurso, o Pe. Arrupe descreveu a finalidade de um centro educativo da Companhia. Ela é, disse ele, ajudar a formação de “Homens novos, transformados pela mensagem de Cristo, cuja morte e ressurreição eles devem testemunhar com a própria vida. Os que saem de nossos colégios devem ter adquirido, na proporção de sua idade e maturidade, uma força de vida que seja por si mesma proclamação da *caridade* de Cristo, da *fé* que dele nasce e a Ele leva, e da justiça que Ele proclamou”⁸⁰.

166. Mais recentemente, o atual Geral da Companhia de Jesus, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, expressou a mesma finalidade com palavras muito semelhantes: “O nosso ideal é a pessoa harmonicamente formada, que é intelectualmente competente, aberta ao crescimento, religiosa, movida pelo amor e comprometida com a prática da justiça no serviço generoso ao povo de Deus”⁸¹.

167. A finalidade da educação jesuíta nunca foi simplesmente a aquisição de um acervo de informações e de técnicas ou a preparação para uma carreira, embora estas sejam importantes em si mesmas e úteis para futuros líderes cristãos. O fim último da educação secundária da Companhia é antes o crescimento pleno da pessoa que leva à ação — uma ação animada pelo espírito e pela presença de Jesus Cristo, o Homem para os outros.

168. O Conselho Internacional do Apostolado da Educação da Companhia de Jesus tentou descrever as características da educação jesuíta, a fim de ajudar os seus centros educativos a atingir mais efetivamente a sua finalidade. O material apresentado não é novo; o documento não está completo; o trabalho de renovação nunca termina. Uma descrição das características da educação da Companhia nunca pode ser perfeita, nem pode se considerar definitiva. Mas uma compreensão progressiva da herança destes colégios, da visão inaciana aplicada à educação, pode fornecer o impulso para uma renovada dedicação à obra educativa e uma nova disposição para assumir os meios que a tornem sempre mais eficaz.

80. NC, n. 12.

81. Discurso do Padre-Geral Peter-Hans Kolvenbach em Winnipeg, Canadá, 14 de maio de 1986.

Inácio, os primeiros colégios jesuítas e a *Ratio Studiorum*

A. O Itinerário Espiritual de Inácio de Loyola: 1491-1540

(Esta narrativa da vida de Inácio se baseia na Autobiografia de Inácio de Loyola⁸², ditada pelo próprio Inácio a um companheiro jesuíta três anos antes de sua morte. Ao falar, Inácio sempre se refere a si mesmo na terceira pessoa.)

De Loyola a Montserrat

169. Inácio era um fidalgo, nascido em 1491, no castelo de Loyola, no país Basco, e foi educado como cavalheiro na corte de Espanha. Na sua autobiografia ele resume seus primeiros vinte e seis anos em uma frase: “Foi homem entregue às vaidades do mundo; deleitava-se principalmente no exercício de armas, com grande e vão desejo de ganhar honra”⁸³. O desejo de conquistar fama levou Inácio a Pamplona a defender essa cidade fronteiriça, atacada pelos franceses. A situação era desesperadora. Quando, a 20 de maio de 1521, Inácio foi ferido por uma bala de canhão que lhe quebrou uma perna, ferindo gravemente a outra, Pamplona e Inácio caíram em mãos dos franceses.

82. Ver Autobiografia de Inácio de Loyola, tradução e notas de Pe. Armando Cardoso, SJ, São Paulo, Loyola, 1974.

83. Autobiografia. Op. cit. n. 1.

170. Os médicos franceses cuidaram de Inácio ferido e o levaram a Loyola, onde passou por uma longa convalescença. Durante este período de inatividade forçada, pediu livros para ler. Embora com tédio, aceitou os únicos que havia na casa: um livro da *Vida dos Santos* e a *Vida de Cristo*. Quando não estava lendo, o cavaleiro romântico sonhava, às vezes, em imitar os feitos de São Francisco e São Domingos, às vezes, com feitos cavalleirescos a serviço “de uma certa dama”⁸⁴. Depois de algum tempo, veio a entender que havia “esta diferença: quando pensava nos assuntos de mundo, tinha muito prazer; mas quando, depois de cansado, os deixava, achava-se seco e descontente... quando pensava... em imitar todos os rigores que via nos santos, não se consolava só quando se detinha em tais pensamentos, mas ainda, depois de os deixar, ficava contente e alegre... até que uma vez se lhe abriram um pouco os olhos, e começou a maravilhar-se desta diversidade e refletir sobre ela... Assim veio pouco a pouco a conhecer a diversidade dos espíritos que o moviam...”⁸⁵. Inácio ia descobrindo a mão de Deus em sua vida. O seu desejo de honra foi se transformando em um desejo de dedicar-se completamente a Deus, embora ainda estivesse pouco seguro do que isso significava. “Tudo o que desejava realizar, logo que sarasse, era ir a Jerusalém... com tantas disciplinas e tantas abstinências, quantas um ânimo generoso, aceso do amor de Deus, deseja praticar”⁸⁶.

171. Inácio começou a viagem para Jerusalém assim que ficou recuperado. A sua primeira parada foi no famoso mosteiro de Montserrat. No dia 24 de março de 1522, deixou a espada e o punhal “diante do altar de Nossa Senhora de Montserrat, onde determinara deixar suas vestes e vestir as armas de Cristo”⁸⁷. Passou toda a noite em vigília, com o seu bordão de peregrino na mão. De Montserrat passou a um lugar chamado Manresa, com a intenção de ficar apenas alguns dias. Acabou permanecendo quase um ano.

84. *Ibidem*, n. 6.

85. *Ibidem*, n. 7.

86. *Ibidem*, n. 9.

87. *Ibidem*, n. 17.

Manresa

172. Inácio viveu como peregrino, mendigando o seu sustento e passando quase todo o seu tempo em oração. No começo, os dias eram cheios de grande consolação e alegria, mas logo a oração se tornou um tormento e experimentou graves tentações, escrúpulos e tão grande desolação, que chegou a querer “lançar-se de um buraco grande que aquele quarto tinha”⁸⁸. Finalmente, retornou a paz. Inácio refletia na oração sobre “os bons e maus espíritos”⁸⁹ que o moviam em experiências como esta e começou a reconhecer que a sua liberdade para responder a Deus era influenciada por estes sentimentos de “consolação” e “desolação”. Neste tempo, Deus o tratava como um mestre-escola trata a um menino, ensinando-o⁹⁰.

173. O peregrino pouco a pouco se tornou mais sensível às moções interiores do coração e às influências externas do mundo em seu redor. Reconheceu que Deus revelava o seu amor e pedia uma resposta, mas também reconheceu que a sua liberdade para responder a esse amor podia ser ajudada ou impedida pela maneira como ele lidava com essas influências. Aprendeu a responder na liberdade ao amor de Deus, lutando para remover os obstáculos à liberdade. O amor porém “deve consistir mais em obras”⁹¹. A plena liberdade levou inevitavelmente à fidelidade total. A resposta livre de Inácio ao amor de Deus tomou a forma de um serviço cheio de amor — dedicação total ao serviço de Cristo que, para Inácio, o nobre cavaleiro, era o seu “Rei”. Porque era uma resposta de amor ao amor de Deus, nunca podia ser suficiente; a lógica do amor exigia uma resposta que fosse sempre mais (“magis”).

174. A conversão ao serviço de Deus, por amor, foi confirmada em uma experiência que sucedeu quando Inácio parou um dia para descansar à margem do rio Cardoner. “Estando ali sentado, começaram a abrir-se-lhe os olhos do entendimento. Não tinha visão alguma, mas entendia

88. *Ibidem*, n. 24.

89. *Ibidem*, n. 25.

90. *Ibidem*, n. 27.

91. Exercícios Espirituais, n. 230. (Ver mais acima, nota 8.)

e penetrava muitas verdades, tanto em assuntos espirituais como de fé e letras. Isto, com uma ilustração tão grande que lhe pareciam coisas novas... Recebeu tão intensa claridade no entendimento que, em todo o decurso de sua vida, até os 62 anos de idade, coligindo todas as ajudas recebidas de Deus e tudo o que aprendera por si mesmo, não lhe pareceu ter alcançado tanto quanto daquela só vez.⁹²

175. Inácio registrava suas experiências em um caderninho, uma prática que havia iniciado durante sua convalescença em Loyola. No começo essas notas eram só para seu uso pessoal, mas depois viu a possibilidade de que pudessem ter aplicação maior. Algumas coisas que ele observava em sua alma e achava úteis aos outros, punha-as por escrito...⁹³. Tinha encontrado a Deus e assim encontrado o sentido da vida. Aproveitava todas as oportunidades possíveis para conduzir outros por esta mesma experiência. Com o passar do tempo, os apontamentos foram tomando uma forma mais estruturada e se tornaram a base para o livrinho chamado *Exercícios Espirituais*⁹⁴, publicado para ajudar outros a guiarem as pessoas pela experiência da liberdade interior que leva ao serviço fiel dos outros, a serviço de Deus.

176. Os *Exercícios Espirituais* não são um simples livro de leitura. São guia para uma experiência, um engajamento ativo que permite o crescimento na liberdade e leva a um serviço fiel. A experiência de Inácio em Manresa pode tornar-se também para outros uma experiência pessoal vivida.

Nos *Exercícios*, cada um tem a possibilidade de descobrir que, embora pecador, ele ou ela, é particularmente amado por Deus e convidado a responder a esse amor. Essa resposta começa com o reconhecimento do pecado e suas consequências, o dar-se conta de que o amor de Deus supera o pecado, e o desejo desse amor compassivo e redentor. A liberdade para responder é possível graças à crescente capacidade de reconhecer e superar, com a ajuda de Deus, todos os fatores internos e externos que

92. Autobiografia, n. 30.

93. *Ibidem*, n. 99.

94. Ver nota 8.

impedem uma resposta livre. A resposta se desenvolve positivamente através de um processo de buscar e abraçar a vontade de Deus Pai, cujo amor foi revelado na pessoa e na vida de Seu Filho Jesus Cristo, e de descobrir e escolher os caminhos específicos pelos quais o serviço amoroso de Deus se realiza no serviço ativo do próximo, dentro da realidade do mundo.

De Jerusalém a Paris

177. Inácio deixou Manresa em 1523 para continuar sua viagem a Jerusalém. As experiências dos meses passados completaram a ruptura com a sua vida passada e confirmaram o seu desejo de se entregar completamente ao serviço de Deus. Mas esse desejo não tinha ainda um objetivo bem definido. Queria ficar em Jerusalém, visitando os santos lugares e servindo o próximo. Mas não lhe foi permitido ficar naquela cidade conturbada. “Depois que o peregrino entendeu ser vontade de Deus não continuar em Jerusalém, veio sempre pensando consigo o que faria. Por fim se inclinava mais a estudar algum tempo para ajudar as almas e determinava ir a Barcelona.”⁹⁵

Embora já tivesse trinta anos de idade, sentou-se nos bancos da escola ao lado dos meninos da cidade para aprender gramática. Dois anos depois passou a frequentar a Universidade de Alcalá. Quando não estava estudando, ensinava aos outros sobre os caminhos de Deus e compartilhava com eles os seus Exercícios Espirituais. A Inquisição, porém, não se mostrava disposta a tolerar que falasse de coisas espirituais sem a devida preparação teológica. Antes que calar-se sobre a única coisa que realmente era importante para ele, e convencido de que Deus o conduzia, Inácio deixou Alcalá e foi para Salamanca. A Inquisição continuou a persegui-lo, até que, finalmente, em 1528, abandonou a Espanha e foi para a França, para a Universidade de Paris.

178. Inácio permaneceu sete anos em Paris. Embora sua pregação e orientação espiritual em Barcelona, Alcalá e Salamanca tivessem atraí-

95. Autobiografia, n. 50.

do alguns companheiros que ficaram com ele por algum tempo, foi na Universidade de Paris que um grupo duradouro de “amigos no Senhor”⁹⁶ se formou. Pedro Fabro e Francisco Xavier eram seus companheiros de quarto, “aos quais depois ganhou para o serviço de Deus por meio dos Exercícios”⁹⁷. Atraídos pelo mesmo ideal, quatro outros depois se juntaram a eles. Cada um desses homens experimentou pessoalmente o amor de Deus e seu desejo de responder foi tão completo que suas vidas foram completamente transformadas. À medida que cada um partilhava essa experiência com os demais, constituíram um grupo compacto que duraria para o resto de suas vidas.

De Paris a Roma

179. Em 1534, este pequeno grupo de sete companheiros dirigiu-se a uma pequena capela de um mosteiro em Montmartre, nos arredores de Paris, e aí o único sacerdote entre eles, Pedro Fabro, celebrou uma missa na qual consagraram suas vidas a Deus, através dos votos de pobreza e castidade. Foi durante esses dias que “tinham decidido todos o que haviam de fazer, isto é: ir a Veneza e a Jerusalém e gastar a vida em proveito das almas”⁹⁸. Em Veneza os seis outros companheiros foram ordenados sacerdotes, entre eles Inácio, mas sua decisão de ir a Jerusalém não se tornaria uma realidade.

180. As guerras constantes entre cristãos e muçulmanos tornaram impossível a viagem a Jerusalém. Enquanto esperavam que a situação se acalmasse e recomeçassem as peregrinações, os companheiros dedicavam seu tempo a pregar, dar os Exercícios, trabalhar com os pobres nos hospitais. Finalmente, depois que se passara um ano e a ida a Jerusalém continuava impossível, resolveram “voltar a Roma e apresentar-se ao Vigário de Cristo, para empregá-los no que julgasse ser de maior glória de Deus, e utilidade das almas”⁹⁹.

96. Ver antes nota 62.

97. Autobiografia, n. 82.

98. *Ibidem*, n. 85.

99. *Ibidem*.

181. A resolução de se colocarem a serviço do Santo Padre significava que poderiam ser enviados a qualquer parte do mundo onde o Papa necessitasse deles: os “amigos no Senhor” poderiam ser dispersados. Foi só então que decidiram criar um vínculo permanente entre eles, que os mantivesse unidos mesmo quando estivessem fisicamente separados. Acrescentariam aos outros dois o voto de obediência, tornando-se assim uma ordem religiosa.

182. Já no fim de sua viagem para Roma, em uma pequena capela à beira do caminho, em um lugarejo chamado La Storta, Inácio foi muito especialmente visitado pelo Senhor... “Estando um dia a algumas milhas de Roma, numa igreja, fazendo oração, sentiu tal mudança em sua alma e viu tão claramente que Deus Pai o punha com o Cristo seu Filho, que não teria ânimo para duvidar disto, de que o Pai o punha com seu Filho.”¹⁰⁰ Os companheiros tornam-se Companheiros de Jesus, para se associarem intimamente à obra redentora do Cristo ressuscitado, prolongada na Igreja e através dela, atuando no mundo. O serviço de Deus em Cristo Jesus tornou-se o serviço na Igreja e da Igreja na sua missão redentora.

183. Em 1539, os companheiros, agora já dez, foram favoravelmente recebidos pelo Papa Paulo III, e a Companhia de Jesus foi formalmente aprovada em 1540. Alguns meses mais tarde, Inácio foi eleito o primeiro Superior-Geral.

B. A Companhia de Jesus assume o Apostolado da Educação: 1540-1556

184. Muito embora todos esses primeiros companheiros de Inácio fossem formados na Universidade de Paris, a finalidade original da Companhia de Jesus não incluía instituições educacionais. Conforme a “Fórmula” apresentada ao Papa Paulo III para a sua aprovação, a Companhia de Jesus foi fundada “para dedicar-se principalmente ao proveito das almas na vida e doutrina cristãs, e para a propagação da fé, por meio de pregações públicas, do ministério da palavra de Deus, dos Exercícios Espirituais e obras de caridade, e concretamente pela formação cristã das

100. Ibidem, n. 96.

crianças e dos ignorantes, bem como por meio de confissões, buscando principalmente a consolação espiritual dos fiéis”¹⁰¹. Inácio queria que os jesuítas estivessem livres para se moverem de um lugar para outro, onde a necessidade fosse maior. Ele acreditava que as instituições os prenderiam e impediriam a sua mobilidade. Os companheiros tinham apenas uma única meta: “Em todas as coisas amar e servir a Divina Majestade”¹⁰²; adotariam qualquer meio que mais os ajudasse a realizar esse amor e serviço de Deus através do serviço do próximo.

185. Logo se tornaram evidentes os resultados que se poderiam obter através da educação da juventude e não passou muito tempo sem que os jesuítas se dedicassem a este trabalho. Francisco Xavier, escrevendo de Goa, na Índia, em 1542, se mostrava entusiasmado com os resultados que estavam obtendo os jesuítas que lá ensinavam no Colégio de São Paulo. Inácio respondeu incentivando o seu esforço. Havia sido estabelecido um colégio em Gandía, na Espanha, para a formação dos que desejavam entrar na Companhia de Jesus. Em 1546, por insistência dos pais, começou a admitir também outros jovens da cidade. O primeiro “Colégio da Companhia”, no sentido de uma instituição voltada principalmente para leigos, foi fundado em Messina, na Sicília, apenas dois anos mais tarde. Quando se viu claro que a educação era não só um meio apto para o desenvolvimento humano e espiritual, mas também um instrumento eficaz para a defesa da fé atacada pelos reformadores, o número dos colégios da Companhia começou a crescer rapidamente. Antes de sua morte em 1556, Inácio pessoalmente aprovou a fundação de 40 colégios. Durante séculos as ordens religiosas tinham contribuído para a formação em filosofia e teologia. Que os membros dessa nova ordem religiosa ampliassem seu trabalho, ensinando as humanidades e dirigindo colégios, era algo novo na vida da Igreja, que necessitava de uma aprovação formal, mediante um decreto do Papa.

101. Fórmula do Instituto; ver nota 33.

102. Exercícios Espirituais, n. 233.

186. Inácio, entretanto, permanecia em Roma e dedicava os últimos anos de sua vida à redação das *Constituições*¹⁰³ desta nova Ordem Religiosa.

187. Inspirado pelo mesmo espírito dos *Exercícios Espirituais*, as *Constituições* demonstram a capacidade inaciana de aliar os mais elevados fins com os meios exatos e concretos de alcançá-los. A obra, dividida em 10 partes, é o manual de formação para a vida da Companhia.

Na sua primeira redação, a Parte IV constava de diretrizes para a educação dos jovens que estavam sendo formados como jesuítas. Como ele estava aprovando o estabelecimento de novos colégios ao mesmo tempo em que escrevia as *Constituições*, Inácio reviu parcialmente a Parte IV para incluir os princípios educacionais que guiassem o trabalho que devia ser feito nesses colégios. Esta seção das *Constituições* é, portanto, a melhor fonte para conhecer o pensamento explícito e direto de Inácio sobre o apostolado da educação, embora tenha sido escrita em grande parte antes que ele percebesse o importante papel que a educação iria desempenhar no trabalho apostólico dos jesuítas.

O preâmbulo da Parte IV fixa a meta: “O fim que a Companhia tem diretamente em vista é ajudar as almas próprias e as do próximo a atingir o fim último para o qual foram criadas. Este fim exige uma vida exemplar, os conhecimentos necessários, e a maneira de os apresentar”¹⁰⁴.

As prioridades na formação dos jesuítas tornaram-se também as prioridades da educação da Companhia: a ênfase nas humanidades, seguidas pela filosofia e teologia¹⁰⁵, um progresso ordenado a ser observado na sequência destes sucessivos ramos do conhecimento¹⁰⁶, as repetições da matéria, e a participação ativa dos estudantes na sua própria educação¹⁰⁷. Bastante tempo deve ser empregado em cultivar um bom estilo literário¹⁰⁸. O papel do Reitor, como centro de autoridade, inspiração e unidade, é essencial¹⁰⁹. Estes não eram métodos pedagógicos novos.

103. Ver nota 7.

104. *Constituições*, n. [307].

105. *Ibidem*, n. [351].

106. *Ibidem*, n. [366].

107. *Ibidem*, nn. [375] e [378].

108. *Ibidem*, n. [381].

109. *Ibidem*, nn. [421] e [439].

Inácio conhecia a falta de método e conhecia também os métodos de muitas escolas, particularmente os cuidadosos métodos da Universidade de Paris. Simplesmente escolheu e adotou os que lhe pareciam mais adequados para alcançar as finalidades da educação jesuíta.

Ao falar explicitamente sobre os colégios para estudantes leigos no capítulo 7 da Parte IV, Inácio especifica apenas alguns pontos. Insiste, por exemplo, que os estudantes (naquele tempo, praticamente todos eram cristãos) “sejam bem instruídos na doutrina cristã”¹¹⁰. Também, de acordo com os princípios da “gratuidade dos ministérios”, nada se deve cobrar pelo ensino¹¹¹. Com exceção destes e de outros pequenos detalhes, Inácio se contenta em aplicar um princípio básico encontrado através das Constituições: “Como nos casos particulares há de haver grande variedade, segundo as circunstâncias de lugares e de pessoas, não se desce a mais pormenores. Basta dizer que haja regras que se apliquem a todas as necessidades de cada colégio”¹¹². Em uma nota posterior, acrescenta uma sugestão: “Do regulamento do Colégio Romano poderá adaptar-se aos outros colégios aquilo que lhes for conveniente”¹¹³.

188. Em correspondência separada, Inácio prometeu ulterior desenvolvimento das regras ou princípios básicos que deveriam reger todos os colégios. Insistia, porém, que não poderia dar esses princípios até que fosse possível deduzi-los da experiência concreta dos que estavam envolvidos no trabalho educativo. Antes que pudesse cumprir o que prometera, Inácio veio a morrer, na manhã de 31 de julho de 1556.

110. *Ibidem*, n. [395].

111. *Ibidem*, n. [398].

112. *Ibidem*, n. [395].

113. *Ibidem*, n. [396]. O Colégio Romano foi estabelecido pelo próprio Inácio em 1551. Ainda que seus começos fossem muito modestos, Inácio desejou que chegasse a ser o modelo de todos os colégios dos jesuítas em todo o mundo. Através do tempo, converteu-se em uma Universidade, cujo nome trocou, depois da unificação da Itália, para o de Universidade Gregoriana.

C. A *Ratio Studiorum* e a história recente

189. Nos anos seguintes à morte de Inácio, nem todos os jesuítas estavam de acordo em que o trabalho dos colégios fosse uma atividade própria da Companhia de Jesus. Foi uma luta que entrou pelo século XVII. Contudo, o compromisso dos jesuítas na educação continuou crescendo rapidamente. Dos 40 colégios que Inácio havia pessoalmente aprovado, pelo menos 35 estavam em funcionamento quando ele morreu, embora o número total de membros da Companhia de Jesus ainda não houvesse chegado a 1.000. No espaço de quarenta anos, o número de colégios chegou a 245. A preparação do documento prometido, colocando os princípios comuns para todos os colégios jesuítas, tornou-se uma necessidade prática.

190. Sucessivos superiores jesuítas promoveram uma troca de ideias baseada em experiências concretas, de modo que, sem quebrar o princípio de Inácio de que se levassem em conta “as circunstâncias de lugares e pessoas”, se pudesse preparar um currículo básico e princípios pedagógicos gerais que fluíssem desta experiência e fossem comuns a todos os colégios da Companhia. Seguiu-se um período de intenso intercâmbio entre todos os colégios.

191. As primeiras versões do documento foram baseadas, como Inácio havia desejado, nas “Regras do Colégio Romano”. Uma comissão internacional de seis jesuítas foi nomeada pelo Padre-Geral Rodolfo Acquaviva. Reuniram-se em Roma para adaptar e modificar essas versões provisórias, baseando-se nas experiências de outras partes do mundo. Em 1586 e de novo em 1591, esse grupo publicou versões mais completas que foram largamente distribuídas para comentários e correções. Mais intercâmbio, novas reuniões de comissão e trabalho de redação resultaram finalmente na publicação da *Ratio Studiorum*¹¹⁴ no dia 8 de janeiro de 1599.

114. O original latino da *Ratio Studiorum* de 1599 junto com os rascunhos prévios foram publicados recentemente com o Volume V da Monumenta Paedagogica Societatis Iesu, por Ladislau Lukacs, SJ (Institutum Historicum Societatis Iesu, Via dei Penitenzieri, 20, 00193 Roma, Itália, 1896). Existe uma tradução portuguesa do Pe. Leonel Franca, SJ: *O Método Pedagógico dos Jesuítas. O “Ratio Studiorum”. Introdução e tradução.* Rio de

192. Na sua forma final, a “Ratio Studiorum” ou “Plano de Estudos” para os colégios jesuítas é um manual para ajudar os professores e dirigentes na marcha diária do colégio. Contém uma série de “regras” ou diretrizes práticas que tratam de assuntos como a direção geral do colégio, a formação e a distribuição dos professores, os programas, ou os métodos de ensino. Como a Parte IV das Constituições, não é tanto uma obra original, como a coletânea dos métodos educativos mais eficazes do tempo, provados e adaptados às finalidades dos colégios jesuítas.

Há poucas referências explícitas aos princípios subjacentes que derivam da experiência de Inácio e seus companheiros, corporificada nos *Exercícios Espirituais* e nas *Constituições*. Esses princípios foram expressos nas primeiras versões, mas foram pressupostos na edição final de 1599. A relação entre professor e aluno, por exemplo, deve refletir a relação entre o que dá os *Exercícios* e a pessoa que os faz. Como os autores da *Ratio*, bem como quase todos os professores dos colégios, eram jesuítas, isto se poderia facilmente supor. Embora não se declare explicitamente, o espírito da *Ratio*, como o espírito dos primeiros colégios jesuítas, era a expansão da visão de Inácio.

193. O processo que conduziu à redação e publicação da “Ratio” produziu um “sistema” de colégios cuja força e influência residiam no espírito comum que havia se traduzido em princípios pedagógicos comuns baseados na experiência, corrigidos e adaptados através de um constante intercâmbio. Foi o primeiro sistema educacional deste tipo que o mundo conheceu.

194. O sistema se desenvolveu e enriqueceu durante mais de duzentos anos, mas teve um fim repentino e trágico. Quando a Companhia de Jesus foi supressa por uma Bula Pontifícia em 1773, foi praticamente destruída uma rede de 845 instituições educacionais espalhadas por toda a Europa, as Américas, Ásia e África. Alguns poucos colégios jesuítas permaneceram em territórios da Rússia onde a supressão nunca teve efeito.

Janeiro, Agir, 1952. Em 2010 a Profª. Margarida Miranda publicou nova tradução da *Ratio*, intitulada: *O Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus* (edição bilingue latim/português). Lisboa, Editora Esfera do Caos, 2010, 286 p.

195. Quando Pio VII estava para restaurar a Companhia de Jesus em 1814, uma das razões que teve para a sua decisão foi a de que “a Igreja Católica possa contar novamente com os benefícios de sua experiência educativa”¹¹⁵. O trabalho educativo começou de novo quase imediatamente, e pouco depois, em 1832, foi publicada experimentalmente uma versão revista da *Ratio Studiorum*. Nunca foi, porém, definitivamente aprovada. As turbulências do século XIX na Europa, marcada por revoluções e frequentes expulsões dos jesuítas de vários países e, conseqüentemente, de seus colégios, impediram uma renovação da filosofia e pedagogia da educação jesuíta. Muitas vezes, a própria Companhia se achava dividida, e suas instituições educativas eram utilizadas como apoio ideológico de um ou de outro lado das nações em luta. Apesar de tudo, em meio a situações difíceis, os colégios da Companhia começaram a florescer novamente, de maneira especial nas nações que então se desenvolviam nas Américas, na Índia e na Ásia Oriental.

196. O século XX, especialmente nos anos posteriores à 2ª Guerra Mundial, trouxe um espetacular aumento no tamanho e no número das instituições educativas da Companhia. Os decretos das diversas Congregações Gerais, particularmente as aplicações do Concílio Vaticano II incorporadas ao Decreto n. 28 da 31ª Congregação Geral, espalharam sementes de um espírito renovado. Hoje, o apostolado educacional da Companhia se estende a mais de 2.000 instituições de uma incrível variedade de tipos e níveis. 10.000 jesuítas trabalham em estreita colaboração com quase 100.000 leigos na educação de mais de 1.500.000 jovens e adultos em 56 países em todo o mundo.

197. A educação da Companhia hoje não constitui nem pode constituir o “sistema” unificado do século XVII. Embora alguns princípios da *Ratio* original ainda conservem sua validade, o currículo e a estrutura uniforme impostos a todos os centros educativos do mundo foram substituídos pelas diferentes necessidades das culturas e confissões religiosas e pelo

115. Da Bula Papal “Sollicitudo Omnium Ecclesiarum”, de 7 de agosto de 1814, pela qual foi restaurada a Companhia de Jesus em todo o mundo.

aperfeiçoamento dos métodos pedagógicos que variam de uma cultura para outra.

198. Isto não significa que o “sistema” educacional da Companhia não seja mais uma real possibilidade. Foram o espírito comum e a visão de Inácio que permitiram aos colégios dos jesuítas do século XVI desenvolver princípios e métodos comuns. Foi o espírito comum, unido às metas comuns, que criou o “sistema” escolar jesuíta do século XVII, tanto ou mais que os princípios e métodos mais concretos coligidos na *Ratio*. Esse mesmo espírito comum, juntamente com as finalidades básicas, os objetivos e as linhas de ação que dele derivam, pode ser uma realidade em todas as escolas da Companhia hoje, em todos os países do mundo, mesmo quando as aplicações mais concretas sejam muito diferentes e muitos detalhes da vida escolar sejam determinados por fatores culturais diversos e por outras instâncias exteriores.

Apresentação esquemática do documento

(Oferecemos aqui uma apresentação esquemática da relação entre a visão espiritual de Inácio e as características da educação da Companhia. Os nove pontos da coluna da esquerda repetem as linhas substanciais da visão inaciana, tal como formuladas nas primeiras nove seções do corpo do documento. As notas ao pé da página, por sua parte, relacionam essas mesmas ideias com os escritos de Inácio — sobretudo os *Exercícios Espirituais* e as *Constituições* — e com os parágrafos do resumo histórico contido no Apêndice I. As 28 características básicas da educação da Companhia são repetidas na coluna da direita, ordenadas de modo que se possa perceber sua fundamentação na visão inaciana do mundo. Não se pretende estabelecer um paralelo rigoroso: mais do que uma aplicação direta da espiritualidade inaciana, seria mais exato dizer que essas características derivam da visão espiritual de Inácio ou nela se radicam.)

A visão inaciana do mundo	A educação da Companhia...
<p>1. Para Inácio, Deus é Criador e Senhor, Supremo Bem, a única Realidade que é absoluta¹¹⁶; todas as demais realidades procedem de Deus e têm valor somente enquanto nos conduzem a Deus¹¹⁷. Este Deus está presente em nossas vidas, “trabalhando por nós” em todas as coisas; pode ser descoberto, pela fé, em todos os acontecimentos naturais e humanos, na história como um todo, e muito especialmente no íntimo da experiência vivida por cada pessoa individual¹¹⁸.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É um instrumento apostólico. • Inclui uma dimensão religiosa que permeia toda a educação. • Afirma a realidade do mundo. • Promove o diálogo entre a fé e a cultura. • Ajuda na formação total de cada pessoa dentro da comunidade humana.
<p>2. Cada homem ou mulher é conhecido e amado pessoalmente por Deus. Esse amor convida a uma resposta que, para ser autenticamente humana, deve ser expressão de uma liberdade radical¹¹⁹. Por isso, a fim de responder ao amor de Deus, toda pessoa é chamada a ser:</p> <ul style="list-style-type: none"> • livre, para dar-se a si mesma, aceitando a responsabilidade e as consequências das próprias ações; livre para ser fiel; 	<ul style="list-style-type: none"> • Insiste no cuidado e interesse pessoal por cada pessoa. • Estimula a abertura ao crescimento permanente.

116. Apêndice I (n. 175); os diversos nomes com que Santo Inácio se refere a Deus podem ser encontrados em suas obras; veja-se, por exemplo, Exercícios Espirituais nn. 15 e 16.

117. Assim se expressa o Princípio e Fundamento dos Exercícios, n. 23; ver mais acima, nota 8.

118. A ideia de Deus trabalhando por nós na criação é básica na espiritualidade inaciana. Dois exemplos nos Exercícios são a meditação da “Encarnação” (nn. 101-109) e a “Contemplação para alcançar amor” (nn. 230-237). A citação foi retirada do n. 236. Inácio falava repetidamente de “ver a Deus em todas as coisas”, o que foi parafraseado por Nadal (um dos primeiros companheiros de Inácio) no famoso tema “contemplativos na ação”.

119. Apêndice I (n. 173).

A visão inaciana do mundo	A educação da Companhia...
<ul style="list-style-type: none"> • livre para trabalhar na fé rumo à felicidade verdadeira, que é a finalidade da vida humana; livre para trabalhar com outros no serviço do Reino de Deus para a redenção da criação¹²⁰. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dá grande importância à atividade por parte do aluno.
<p>3. Por causa do pecado e dos seus efeitos, a liberdade para responder ao amor de Deus não é automática. Ajudados e fortalecidos pelo amor redentor de Deus, estamos engajados em uma luta constante para reconhecer os obstáculos que bloqueiam a liberdade — incluindo os efeitos do pecado — e trabalhar contra eles, ao mesmo tempo que desenvolvemos as capacidades necessárias para o exercício da verdadeira liberdade¹²¹.</p> <p>a) Essa liberdade exige um verdadeiro conhecimento, amor e aceitação de nós mesmos, unidos à determinação de nos liberarmos de qualquer excessivo apego à riqueza, à fama, à saúde, ao poder ou a qualquer outra coisa, mesmo à própria vida¹²².</p> <p>b) A verdadeira liberdade exige também um conhecimento realista das diversas forças presentes no mundo e inclui a liberdade das percepções distorcidas da realidade, dos falsos valores, das atitudes rígidas e da sujeição a ideologias estreitas¹²³.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Incentiva o conhecimento, amor e aceitação realista de si mesmo. • Proporciona um conhecimento realista do mundo em que vivemos.

120. A finalidade de quem faz os Exercícios Espirituais foi resumida na expressão “liberdade espiritual”. Inácio mesmo o expressa no título do livro, ao escrever “Exercícios Espirituais para vencer a si mesmo e ordenar sua vida, sem determinar-se por afeição alguma que seja desordenada” [n. 21].

121. Apêndice I, n. 172; esta afirmação é um resumo da “Primeira Semana” dos Exercícios.

122. Apêndice I, n. 173; Exercícios nn. 313-329 (Regras para o discernimento de espíritos).

123. Apêndice I, n. 173; Exercícios nn. 142-146. (As Duas Bandeiras).

A visão inaciana do mundo	A educação da Companhia...
<p>c) Para conquistar essa verdadeira liberdade é preciso aprender a reconhecer e lidar com as influências que podem promover ou limitar a liberdade: as moções dentro do próprio coração; experiências passadas de todo tipo; interações com outras pessoas; a dinâmica da história, das estruturas sociais e da cultura¹²⁴.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Está orientada para os valores.
<p>4. A visão que Inácio tem do mundo está centrada na pessoa histórica de Jesus Cristo¹²⁵. Ele é o modelo de toda vida humana por causa de sua resposta total ao amor do Pai, no serviço aos outros. Ele compartilha nossa condição humana e nos convida a segui-Lo sob a bandeira da cruz, em resposta ao amor do Pai¹²⁶. Ele está vivo em nosso meio e continua a ser o homem para os outros no serviço de Deus.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Propõe Cristo como o modelo da vida humana. • Proporciona uma atenção pastoral adequada. • Celebra a fé na oração pessoal e comunitária, em outras formas de culto e no serviço.
<p>5. Uma resposta amorosa e livre ao amor de Deus não pode ser meramente especulativa ou teórica. Por mais que custe, os princípios teóricos devem levar a uma ação decisiva: “O amor se mostra nas obras”¹²⁷.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É uma preparação para um compromisso na vida ativa.

124. Exercícios nn. 24-42. (“O exame de consciência”) e “As Duas Bandeiras”, como o anterior.

125. Apêndice I nn. 173, 182; Exercícios nn. 53, 95, 98 (Meditação do Reino de Cristo); n. 167 (A terceira maneira de humildade). A 2ª, 3ª e 4ª Semanas dos Exercícios pretendem conduzir o exercitante a um compromisso no seguimento de Cristo.

126. Exercícios n. 109 (o colóquio da Encarnação); ver também o dito mais acima sobre as “Duas bandeiras”.

127. Apêndice I, nn. 173, 179; Exercícios nn. 135, 169, 189 (a Eleição).

A visão inaciana do mundo	A educação da Companhia...
<p>Inácio pede um compromisso total e ativo dos homens e mulheres que, “para imitar e parecer-se mais a Cristo Nosso Senhor”, querem pôr em prática os seus ideais no mundo real da família, dos negócios, dos movimentos sociais, das estruturas políticas e legais e das atividades religiosas¹²⁸.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Serve a fé que promove a justiça. • Pretende formar “homens e mulheres para os outros”. • Manifesta uma preocupação especial pelos pobres.
<p>6. Para Inácio, a resposta ao chamado de Cristo se realiza na Igreja Católica e através dela, que é o instrumento por meio do qual Cristo está sacramentalmente presente no mundo¹²⁹. Maria, a Mãe de Jesus, é modelo dessa resposta¹³⁰.</p> <p>Inácio e seus primeiros companheiros eram todos sacerdotes e puseram a Companhia de Jesus a serviço do Vigário de Cristo, para ir a qualquer lugar aonde ele julgasse conveniente enviá-los para a maior glória de Deus e bem das almas¹³¹.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É um instrumento apostólico a serviço da Igreja, servindo à sociedade humana. • Prepara os alunos para uma participação ativa na Igreja e na comunidade local e para o serviço aos outros.
<p>7. Inácio insistiu repetidas vezes no “magis” o <i>mais</i>. Sua constante preocupação era o maior serviço de Deus através do seguimento mais próximo. Essa preocupação passou a toda a ação apostólica dos seus primeiros companheiros. A resposta concreta a Deus deve ser de maior valor¹³².</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Busca a excelência na ação formativa. • Dá testemunho de excelência.

128. Apêndice I, nn. 177 e 184.

129. Exercícios, nn. 352-370 (Regras para o sentido verdadeiro que na Igreja militante devemos ter); Fórmula do Instituto; Constituições n. [603] e em outros muitos lugares nos escritos de Inácio. Quando não pôde viajar à Terra Santa para servir a Cristo diretamente, Inácio escolheu o “seguinte bem maior”, e foi a Roma para servir à Igreja sob o “Vigário de Cristo”.

130. A devoção a Maria, a Mãe de Jesus, aparece ao longo de toda a vida de Inácio; ela inspirou seu itinerário em Montserrat (Apêndice I, n. 171); a Virgem aparece também ao longo de todos os Exercícios — p. ex., nn. 47, 63, 102 ss., 111 ss., 147, 218, 299.

131. Apêndice I, nn. 180, 182. Segundo alguns, Inácio foi o criador do termo “Vigário de Cristo”; verdade ou não, uma peculiar lealdade ao Papa caracteriza Inácio e a Companhia por ele fundada.

132. Apêndice I, n. 173; Exercícios nn. 971, 155.

A visão inaciana do mundo	A educação da Companhia...
<p>8. Quando Inácio passou a experimentar o amor de Deus revelado em Jesus Cristo e começou a responder, entregando-se a si mesmo a serviço do Reino de Deus, compartilhou sua experiência e atraiu outros companheiros que se tornaram “amigos no Senhor” para o serviço ao próximo¹³³. A força do trabalho de uma comunidade no serviço do Reino é maior que a de um só indivíduo ou a de um grupo de indivíduos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Enfatiza a colaboração. • Baseia-se em um espírito de comunidade entre o pessoal docente e administrativo, a comunidade jesuíta, os conselhos diretores, os pais, estudantes, os antigos alunos e os benfeitores. • Realiza-se dentro de uma estrutura que promove a comunidade.
<p>9. Inácio e seus companheiros tomavam suas decisões com base em um processo permanente de discernimento pessoal e realizado sempre em um contexto de oração. Mediante a reflexão sobre os resultados de suas atividades, feita em oração, os companheiros revisavam as decisões anteriores e introduziam adaptações em seus métodos, numa busca constante do maior serviço de Deus (<i>magis</i>)¹³⁴.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Adapta meios e métodos, a fim de atingir suas finalidades com maior eficácia. • É um “sistema” de colégios com uma visão comum e com metas comuns. • Ajuda a preparação profissional e a formação permanente necessária, especialmente dos professores.

133. Apêndice I, nn. 178, 181.

134. O “discernimento de espíritos” está presente em toda a vida de Inácio. Esta atitude já é evidente em Manresa (Apêndice I, n. 170), mas continuou a desenvolver-se ao longo de toda a sua vida. Um breve documento intitulado “Deliberação dos primeiros padres” descreve o discernimento dos primeiros companheiros de Inácio que conduz à fundação da Companhia de Jesus. Veja-se também Apêndice I, nn. 189-193 (o processo que conduz à primeira *Ratio Studiorum*) e Exercícios nn. 313-336 (Regras para o discernimento de espíritos).



**ÍNDICE ANALÍTICO DAS *CARACTERÍSTICAS*
*DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS***

Pe. Luiz Fernando Klein, SJ

Apresentação

Publicado em 1986, o documento *Características da educação da Companhia de Jesus* continua sendo um documento acolhido positivamente em todas as partes do mundo. Segundo as palavras do então Superior-Geral dos Jesuítas, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, as “Características” podem ser “o fundamento de uma reflexão renovada sobre a experiência do apostolado educativo e, à luz dessa reflexão, de uma avaliação das orientações e da vida da escola”.

Este Índice Analítico foi elaborado para facilitar o conhecimento e a utilização de documento tão decisivo. A sua reedição visa atender à solicitação de educadores e pesquisadores de diversos âmbitos, de modo que se lhes facilitem o estudo e a reflexão dos diversos conceitos das “Características”.

Os números em algarismos romanos correspondem aos parágrafos da carta introdutória do Padre-Geral; os demais algarismos correspondem à numeração corrida dos parágrafos do texto das “Características”.

Pe. Luiz Fernando Klein, SJ

AÇÃO: ver Linhas de Ação.

ADAPTAÇÕES (da Educação Jesuíta): a Educação Jesuíta se adapta para responder às necessidades do país e da cultura onde está o Colégio 39; esta A. não significa aceitação cega dos valores nacionais 39; cada aluno pode se desenvolver e atingir objetivos em um ritmo adequado à sua capacidade individual 42; as circunstâncias de pessoas e lugares exigem... que toda a vida do Colégio se adapte às necessidades específicas 147; A. de “meios aos fins” é característica da Educação Jesuíta 157; muitas das “Anotações” dos Exercícios, com as devidas A., são sugestões válidas para os professores 159; A. é princípio básico das Constituições escritas por S. Inácio 187. O currículo inclui uma análise crítica da sociedade adaptada ao nível de idade dos alunos 78; A natureza da instituição, sua localização... diversificam o instrumento para adaptá-lo às circunstâncias 108; Inácio e seus companheiros introduziram A. em seus métodos 143.

ADAPTAÇÕES DE “CARACTERÍSTICAS”: ver Características/Adaptações.

ADEQUAÇÃO: ver Adaptações.

ADMINISTRADORES: exercem a função de serviço à Igreja e à sociedade V; são convidados a tornar a tradição inaciana adaptada e refletida 11; comunicam-se regularmente para promover a compreensão comum 123; estão prontos a discutir sua visão, esperanças, aspirações... 123; A. estão compartilhando ideias e experiências 148; o trabalho de um A. é em si mesmo um trabalho apostólico 128; a responsabilidade final pelas linhas de ação e prática do Colégio tem sido confiada a um Conselho de Administração 140; um Conselho Administrativo trabalha em colaboração com a Companhia na nomeação do diretor 138.

ADMIRAÇÃO: a Educação Jesuíta trata de criar um senso de A. ao estudar a criação 24; o sentido de A. deve ajudar os alunos a descobrir Deus atuante na história e na criação 36.

ADULTOS E ALUNOS: A. orientam os alunos para o desenvolvimento de um conjunto de valores... 43; estão dispostos a compartilhar suas próprias experiências de vida 43; e **COMPROMISSO:** compromisso praticado pelos A. é de lutar por um mundo mais humano e uma comunidade de amor 76; relações entre os A. revelam preocupações de uns pelos outros 44; e **CRESCIMENTO:** relações pessoais com os alunos ajudam os A. a se abrirem à mudança, a continuarem a aprender 47; A. podem ter dificuldade para entender e interpretar as pressões culturais que afetam os jovens 47; A. são incentivados a continuar a amadurecer 48; A. precisam aproveitar as oportunidades de formação continuada 152; A. são animados a participar das celebrações 68; dependendo das circunstâncias, os centros jesuítas também preparam os A.

para os sacramentos 69; se oferece aos A. a CVX como meio para conhecer mais profundamente a Cristo 104; e DIREITOS: os direitos humanos de todos devem ser promovidos na comunidade educativa 79; e TESTEMUNHO: suas vidas sejam exemplo aos alunos 43; manifestam em suas vidas preocupação pelos outros 84; dão testemunho da excelência 114.

AFETIVIDADE: a Educação Jesuíta dá atenção ao desenvolvimento da A. 28. Os adultos têm interesse pessoal no desenvolvimento afetivo 43.

AGENTES MULTIPLICADORES: A expressão A. está ligada à visão apostólica de Inácio: nota 59, p. 60; a decisão de seguir a Cristo... permite que nos tornemos A. 111; a meta da Educação Jesuíta é descrita agora como formação de A. 7d; é o compromisso dos Antigos Alunos: nota 59. O compromisso da Companhia com os Antigos Alunos é convertê-los em A.: nota 73.

ALCALÁ: estudos de S. Inácio em A. e a experiência com a Inquisição 177.

ALUNOS: ver Estudantes.

AMBIENTE DO COLÉGIO: ver Clima (do colégio).

AMIZADE: ver Amor de Deus, União.

AMOR DE DEUS: convida a uma resposta 40; torna possível o perdão e a conversão 54; Jesus Cristo dá testemunho do A. 61; a Educação Jesuíta se preocupa com a formação integral de cada aluno... amado por Deus 25; cada homem ou mulher é pessoalmente amado por Deus 40; este A. convida a uma resposta 40; somos ajudados e fortalecidos pelo A. redentor de Deus 49; e **FORMAÇÃO:** nossa meta é formar homens que não concebam o A. de Deus sem o A. ao homem 82; **RESPOSTA** de A: por causa do pecado e dos seus efeitos, a Liberdade para responder ao A. de Deus não é automática 49; os membros da Comunidade Educativa se esforçam por alcançar uma amizade pessoal com Jesus Cristo 62; a atenção pastoral possibilita que cada um reconheça e responda ao A. divino 63; o A. se mostra em obras 71 e 73; o A. cristão radicaliza as exigências da justiça 74; o compromisso pedido a todos é lutar por uma comunidade de A. 76; a justiça é a garantia única de que o nosso A. não é uma farsa 82; de SI: a liberdade exige A. e aceitação de nós mesmos 49a.

ANÁLISE CRÍTICA: ver Consciência Crítica.

ANÁLISE DA REALIDADE: a Educação Jesuíta tenta desenvolver nos alunos a capacidade de conhecer a realidade 58; o currículo inclui A. adaptada ao nível de idade dos alunos 78; a A. em que se situa o Colégio pode levar a uma autoavaliação institucional 79; a A. dentro do currículo... baseada no contato direto com dimensões estruturais da injustiça 80; os alunos possam chegar à compreensão melhor das causas da pobreza 89; a promoção da justiça no currículo tem como objetivo concreto uma análise das causas da

pobreza 90; a Comunidade Educativa estuda as necessidades da sociedade atual 145.

ANTIGOS ALUNOS E ATUAÇÃO: o compromisso ativo... praticado pelos A. é de lutar por um mundo mais humano 76; A. possam pôr em prática na vida adulta a formação básica recebida no Colégio 135; e **COLÉGIO:** enquanto permitirem os recursos, o Colégio oferecerá orientação e formação permanente 135; as Associações de A. têm laços estreitos com os Colégios 135; e **COMUNIDADE:** A. são membros da Comunidade que trabalha pelo Reino 135; o interesse pessoal (da Comunidade) se estende também aos A. 44; e **JESUÍTAS:** A. são grande responsabilidade da Companhia: nota 72; o compromisso da Companhia com os A. é convertê-los em agentes multiplicadores: nota 73; os jesuítas não os abandonaremos mas tampouco vamos continuar a dirigi-los: nota 73.

APOSTOLADO (EDUCATIVO): tem sido seriamente revisto nos últimos anos III; em alguns países se encontra em crise III; em muitas partes do mundo há renovação evidente III; agradecimentos a todos os envolvidos no A. IV; a publicação das “Características...” é expressão de grande confiança neste A. IV; a Companhia deve continuar em sua resposta à (educação) V; a educação continua sendo A. preferencial da Companhia V; em muitas partes questões sobre a atual eficácia dos centros educativos da Companhia I; reunião convocada para examinar questionamentos sobre o A. e sugerir procedimentos para a sua renovação I; mudanças o influenciaram e afetaram 7; seria impossível falar do A. se não fosse a dedicação de jesuítas e leigos... apesar das frustrações 17; o testemunho vivo dos jesuítas fará de seu trabalho no Colégio um apostolado “corporativo” 125; os leigos prestarão ajuda eficaz no nosso A. 121; o trabalho de um professor, administrador ou membro de equipe de auxiliares é em si mesmo um trabalho apostólico 128; o Colégio Jesuíta é instrumento apostólico da Igreja 128; os centros educativos da Companhia fazem parte da missão apostólica da Igreja 93; a articulação do nosso trabalho com as instituições educativas... potenciará nossa afetividade apostólica: nota 61; necessidade para o A. da troca de ideias e experiências sobre fé/justiça 151; uma das responsabilidades do Superior Religioso é fomentar esta abertura no trabalho apostólico 121; a Parte IV das Constituições é a melhor fonte 187.

APRENDER: ALUNOS: encontrem alegria de 24; formação intelectual completa e profunda... através de um estudo acurado e continuado 26; desenvolvimento da imaginação, da afetividade e da criatividade... enriquecem a aprendizagem e impedem que ela se torne meramente intelectual 28; estudo pessoal é caminho para participação ativa 45; desejo de A. sempre 46; A. com independência a assumir a responsabilidade da própria educação 45; A. é importante mais muito mais importante é aprender a aprender e

desejar continuar aprendendo 46; importante a autodisciplina manifestada no rigor intelectual, na aplicação a um estudo sério 52; o desejo de fazer sempre “mais”... o aluno se dedica ao estudo... 111; a aprendizagem da disponibilidade e do hábito de servir 112; papel ativo do “exercitante” é modelo do estudo pessoal 156; COMUNIDADE: todos os membros da Comunidade Educativa A. uns dos outros 44; as relações pessoais com os alunos ajudam os adultos a se abrirem à mudança e a continuarem a A. 47; razão principal da abertura dos centros jesuítas é a necessidade de A.: nota 61; devemos estar dispostos a A. a servir daqueles mesmos a quem servimos 121; a Comunidade Educativa estuda as necessidades da sociedade atual 145; os jesuítas têm a oportunidade de A. dos leigos da comunidade 153.

ARRUPE, PADRE: identificação dos centros educativos jesuítas 3; “inacianidade” que devem adquirir nossos alunos 3; estamos a serviço de todos: ricos e pobres, oprimidos e opressores: nota 48; finalidade do centro educativo (tipo de homens a formar) 165.

ASSOCIAÇÕES DE ANTIGOS ALUNOS: entre os centros educativos da Companhia e as A. há laços estreitos de amizade e apoio 72.

ATEÍSMO: os centros da Companhia de Jesus fazem todo o possível para responder à missão que lhes foi dada de “opor-se valentemente ao ateísmo” juntando suas forças 35.

ATENÇÃO PASTORAL: se preocupa com o desenvolvimento espiritual... que não se limita à relação entre Deus e a pessoa individual... nota 27; a A. é uma dimensão da “cura personalis” 63; é oferecida a todos os membros da Comunidade Educativa 63; está centrada na pessoa de Jesus Cristo 64.

ATENÇÃO PESSOAL: continua a ser característica básica da Educação Jesuíta 43; professores e direção têm interesse pessoal no... desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual de cada aluno 43; a preocupação pelo estudante como pessoa permanece como característica de nossa vocação de jesuítas: nota 19; A. não se restringe à relação professor/aluno mas afeta também o currículo e toda a vida da instituição 44; se estende também aos Antigos Alunos, aos pais e aos alunos 44; ver também contato pessoal.

AUTORES DE “CARACTERÍSTICAS...”: ver Características.

AUTORIDADE: os estatutos do colégio definem as responsabilidades do diretor e a A. da Companhia 129; se o colégio é “jesuíta”, a Companhia deve manter em suas mãos suficiente A. 141; a A. efetiva no colégio pode ser exercida por qualquer pessoa com conhecimento, simpatia e identificação com as Características 141.

AUXILIARES DO COLÉGIO: agradecimento da Companhia aos A. IV; A. comunicam-se regularmente e estão prontos a discutir sua visão etc. 123; o trabalho

dos A. é um trabalho apostólico 128; as estruturas do colégio garantem os direitos dos A. 142; os colégios jesuítas oferecem programas especiais de orientação de seus novos colaboradores 153; ver também: Adultos, Leigos.

AVALIAÇÃO: do nosso trabalho educativo com este documento IV; das orientações e da vida da escola VII; a Companhia apela para a reavaliação de nossos métodos apostólicos tradicionais, atitudes e instituições 7d; o êxito da educação jesuíta é medido... em termos de qualidade de vida 37; a análise social da realidade em que vive o colégio pode levar à autoavaliação institucional 79; A. contínua das metas, programas, serviços e métodos de ensino para maior eficácia 113; a missão do Diretor está sujeita à A. periódica por parte da Companhia 138; as linhas básicas de ação e práticas escolares fomentam a reflexão e a A. 145; necessidade de A. dos experimentos de Fé/Justiça 151.

BARCELONA: estudos de S. Inácio em 177.

BENFEITORES: o colégio jesuíta tem responsabilidade especial para com os B. 136; e a eles oferece a orientação e apoio de que necessitam 136; os B. têm oportunidade de ampliar seu conhecimento do caráter distintivo do colégio jesuíta... 136.

BISPO: os centros da Companhia cooperarão com o B. do lugar 97.

BOLSA DE ESTUDO: meio para o colégio ser acessível a todos 86.

CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS: ADAPTAÇÕES: dar síntese do documento aos pais e aos alunos X; cada país ou região deve desenvolver documentos suplementares VII; os que trabalham em outro nível de instituições jesuítas (especialmente universidades e ensino superior) teriam de fazer as A. IX e 12; as Características necessitam de ampliação e A. a situações locais 19; APLICAÇÃO: ensino secundário dos centros jesuítas IX, 12 e 19; todos os níveis da educação jesuíta IX; os que trabalham em outro tipo de apostolado (paróquias, retiros, obras sociais) podem se servir deste documento IX; DESTINATÁRIOS: todos os jesuítas, leigos e membros de outras congregações religiosas que colaboram em nosso apostolado I; e outros religiosos dos centros jesuítas; professores, administradores, pais e órgãos diretivos, que são todos convidados a tornar efetivas estas Características 11; DIVULGAÇÃO: as Características devem ter ampla difusão X; imprimir grandes tiragens em apresentação atraente e de fácil leitura a todos a quem afeta X; dar exemplar a todos os professores e membros das equipes dirigentes e administrativas X; dar síntese do documento aos pais e aos alunos X; colocar exemplares à disposição de jesuítas e leigos que trabalhem em outro campo de apostolado X; ELABORAÇÃO: trabalho realizado: pelo Conselho Internacional do Apostolado Educativo I; durante os últimos quatro anos XI; através de reuniões e consultas realizadas em todo

o mundo 6; o Conselho tentou descrever as Características da Educação Jesuíta 168; ENFOQUE: ênfase do documento é sobre a educação básica da escola secundária jesuíta 12 e 19; não é uma nova “Ratio” II; não apresenta, mas não ignora nem minimiza as dificuldades dos educadores 17; não propõe soluções fáceis a problemas complexos 17; é fonte para reflexão e estudo antes que obra acabada 19; o material apresentado não é novo: o documento não está completo 168; ESTRUTURA: apêndices sobre a história de S. Inácio e da educação jesuíta 13; as 28 características são divididas em 9 secções 15; procedência das declarações e das características 15; aplicações das características 15; a descrição é de forma geral e esquemática 19; expressão no indicativo presente 20; FINALIDADE (OBJETIVOS): dar-nos visão comum e sentido de nossa finalidade II; modelo com o qual nos confrontemos a nós mesmos II; é instrumento para progredir na renovação IV; instrumento para um estudo mais profundo do nosso trabalho educativo IV; instrumento para sua avaliação IV; podem ajudar aos que trabalham em educação no exercício do discernimento apostólico VII; podem ser fundamento de reflexão renovada sobre a experiência do apostolado educativo VII; de avaliação das orientações e da vida da escola 17; este documento é uma fonte para a reflexão e o estudo 19, VII; IDENTIDADE: não é nova “Ratio”: II; é nova declaração de nossos objetivos em educação IV; OBSERVAÇÕES: uma leitura parcial pode dar visão distorcida (da educação jesuíta) 18; o material apresentado não é novo; o documento não está completo 19 e 168; uma descrição das características da educação da Companhia nunca pode ser considerada obra definitiva 168; PROMULGAÇÃO: pelo Padre-Geral Kolvenbach I e XI; SIGNIFICADO: expressão de grande confiança no apostolado educativo IV; expressa esperança de efetividade na consecução desses objetivos IV.

CARACTERÍSTICO NA EDUCAÇÃO JESUÍTA: distingue qualquer colégio da Companhia; pode ser descoberto pela reflexão sobre a experiência vivida por Inácio 8; não quer dizer “único” nem no espírito, nem no método 9; C. significa o “nosso modo de proceder”; a inspiração, os valores, as atitudes e o estilo que têm marcado a educação da Companhia 9; a atenção pessoal continua a ser C. básica da educação jesuíta 43; é C. de todas as obras jesuítas a atitude de lealdade e serviço à Igreja 94; a busca da excelência acadêmica é própria de um colégio jesuíta, mas somente dentro do contexto mais amplo da excelência humana 107; as pessoas escolhidas para fazerem parte da Comunidade Educativa serão capazes de entender a natureza especial (do centro educativo) 122; a visão inaciana do mundo caracteriza os colégios da Companhia 132; a progressão nos Exercícios é a adequação de “meios aos fins” é C. 157.

CARDONER: visão de S. Inácio no rio C. 174.

CELEBRAÇÕES: a comunidade educativa de sua fé através de C. religiosas ou espirituais apropriadas 68; a Eucaristia é a C. de uma comunidade de fé centrada em Cristo 68; todos os adultos são animados a participar destas C. 68; recebem e celebram o perdão amoroso de Deus 69; os centros educativos preparam os alunos para a recepção dos sacramentos 69; os sacerdotes jesuítas atuam também mais diretamente no trabalho sacerdotal, mediante C. 128.

CENTROS EDUCATIVOS: ABERTURA: os C. servirão a comunidade civil e religiosa 97; razão principal de abertura dos nossos C. é a necessidade de aprender e a obrigação de compartilhar: nota 61, p. 61; e ALUNOS: incentivam e ajudam os alunos a responder ao chamado de Deus 66; os C. oferecem aos alunos oportunidades de contato com os pobres 89; preparam os A. para os sacramentos 69; ajudam seus A... a trabalharem com os outros no serviço do Reino 110; valorizam o estímulo de jogos competitivos 112; incentivam os A. a se distinguirem na capacidade de trabalhar juntos... de se comprometer no serviço aos outros 112; e AMBIENTE: em um C. é legítimo um ambiente de busca mesmo através do confronto de pontos de vista opostos 53; o ambiente no C. deve oferecer o trabalho com compreensão e amor 33; a ANTIGOS ALUNOS: o C. tem responsabilidade especial pelos antigos alunos 135 e nota 72; oferecerá orientação e formação permanente aos antigos alunos 135; entre os C. e as Associações de antigos alunos existem laços de amizade e respeito 135; e BENFEITORES: o C. tem responsabilidade especial pelos benfeitores 136; oferecerá a eles a orientação e apoio de que necessitem 136; CLIENTELA: os C. não existem apenas para uma classe dada de estudantes 86; todo C. deve fazer o que pode para que a educação jesuíta seja acessível a todos 86; COLABORAÇÃO: o C. trabalha em cooperação com outras obras apostólicas da Companhia III 98; fomenta a colaboração em atividades ecumênicas 100; os C. tentam atingir a colaboração entre jesuítas e leigos 118; COMPROMISSO: os C. unem-se aos movimentos que promovem a igualdade de oportunidades educativas para todos 87; e COMUNIDADE EDUCATIVA: os C. oferecem adequada atenção pastoral a todos os membros da C. 63; os C. fomentam a formação permanente (dos adultos) 152; oferecem programas especiais de orientação para seus novos colaboradores 153; dão oportunidade aos jesuítas de aprender dos leigos da comunidade 153; DIRIGENTES: o C. escolhe como dirigentes os que podem ensinar e testemunhar os ensinamentos de Cristo apresentados pela Igreja Católica 95; antes costumávamos pensar na instituição como dos “nossos” (jesuítas) nota 65; alguns jesuítas chegaram a pensar que o número de leigos aumentou tanto que o C. já não é da Companhia: nota 65; os estatutos do C. definem as

responsabilidades do diretor e a autoridade da Companhia 129; os jesuítas não têm mais poder nas decisões que o que está definido nos estatutos 129; hoje, em muitas partes o Reitor da Comunidade (jesuíta) não é o “Diretor da Obra” (Colégio) 138; a responsabilidade confiada ao diretor de um C. é uma missão da Companhia 138; se o C. é “jesuíta”, a Companhia deve manter em suas mãos suficiente autoridade 141; a autoridade efetiva dos C. pode ser exercida por qualquer pessoa 141; ENTRE SI: os C. ainda formam uma rede, unidos por visão e metas comuns 148; quanto mais amplo o intercâmbio dos C. em nível regional, mais frutífero o intercâmbio em nível internacional 149; ESTRUTURA: em um C. há predisposição de jesuítas e leigos para assumirem responsabilidades apropriadas 119; a estrutura de equipe aproveita as qualidades de mais gente na liderança do C. 140; a estrutura legal do C. permite a maior colaboração possível na sua direção 120; a responsabilidade pelos C. é compartilhada por várias pessoas 140; as estruturas do C. garantem os direitos de (todos) 142; a estrutura do C. é reflexo da nova sociedade 142; FINALIDADE: os C. fazem todo o possível para responderem à missão de luta contra o ateísmo 35; o C. continua sendo um meio apto para responder às novas necessidades do Povo de Deus 93; IDENTIDADE: ainda que chamados C. jesuítas, a “visão” deveria ser mais propriamente chamada “inaciana” 10; um espírito característico distingue ainda qualquer C. 8; deve ser facilmente identificável como tal 3; a busca de excelência acadêmica é própria de um C. 107 a Companhia deve assegurar que o C. continue fiel às suas tradições 141; e IGREJA; em nossos C. devemos prestar o serviço que Deus e a Igreja querem que nós prestemos 3; os C. fazem parte da missão apostólica da Igreja 93 e 128; continua a ser apto para responder às novas necessidades do Povo de Deus 93; ensinar em um C. é um ministério 93; os C. cooperarão com o Bispo local 97; e PAIS: existe comunicação frequente e diálogo entre a família e o C.; 131; PROGRAMA dos: oferecem orientação acadêmica e pessoal aos que a necessitem 86; as linhas de ação dos C. são formuladas com consciência dos possíveis efeitos sobre uma comunidade maior 81; a análise da realidade em que vive o C. pode levar à autoavaliação institucional e a mudanças 79; em um C. a orientação central é a educação para a justiça 77; houve sobre a atual eficácia dos C. 1; ver também História dos colégios jesuítas e Metas da educação jesuíta.

CHAMAMENTO: ver Vocação.

CIRCUNSTÂNCIAS (DE PESSOAS E LUGARES): as C. devem ser consideradas (na aplicação das Características) 20; adaptação às C. é princípio básico das Constituições (escritas por S. Inácio) 187; dependendo das C., os centros jesuítas preparam os alunos para os sacramentos 69; dependendo das C., todo colégio jesuíta deve fazer o que pode para ser acessível a todos 86; a excelên-

cia é determinada pelas C. 108; (deve haver) comunicação para promover a compreensão comum aplicada às C. 123; dependendo das C., os jesuítas... não têm nas decisões da escola mais poder que o que está definido nos estatutos 129; considerando as diferentes situações a comunidade escolar oferece oportunidade para os pais se familiarizarem com esta visão 132; de acordo com a sua idade e a capacidade, procura-se fomentar a participação estudantil 134; as normas gerais devem ser aplicadas a C. concretas 146; as C. exigem que os currículos, etc. se adaptem para entender as necessidades do lugar 147; os Superiores Jesuítas promovem troca de ideias sem quebrar o princípio inaciano de levar em conta as C. 190; o espírito comum ainda pode ser uma realidade hoje, mesmo com as diferenças culturais 198.

CLIMA (DO COLÉGIO): deve favorecer compreensão, amor e respeito mútuo 33; C. deve fortalecer resposta de fé 35; o C. criado na escola será o fator mais importante para educar na Fé/Justiça: nota 46; os valores que permeiam o ambiente escolar são os que promovem a preocupação pelos pobres 88; as linhas de ação são de tal natureza que criam um C. que promova a excelência 113.

COLABORAÇÃO: os programas de esportes ajudam os jovens a C. com os demais 31; todos os membros da Comunidade Educativa podem C. neste trabalho (Fé/Justiça) 76; os centros jesuítas C. com o bispo do lugar 97; o colégio jesuíta trabalha em C. com outras obras apostólicas da Companhia 98; o colégio jesuíta fomenta a C. em atividades ecumênicas 100; professores e diretores de um colégio jesuíta C. com outras escolas e organismos educativos 115; as vantagens dos intercâmbios e C. de todo tipo são imensas: nota 61; a C. entre jesuítas e leigos é um objetivo que os colégios jesuítas tentam atingir 118; a estrutura legal do colégio permite a maior C. possível na direção 120; os jesuítas promovem ativamente a C. com os leigos no colégio 121; as pessoas escolhidas para fazer parte da Comunidade Educativa serão capazes de contribuir para a realização das Características 122; as comissões ou conselhos... 130; um conselho administrativo trabalha em C. com a Companhia na nomeação do diretor 138; são novos meios de promover a C. entre jesuítas e leigos 153; para chegar à genuína C. os leigos necessitam conhecer a espiritualidade inaciana 153.

COLABORADORES: ver Auxiliares do Colégio.

COLÉGIOS: ver Centros Educativos.

COLÉGIOS, HISTÓRIA DOS: ver História dos colégios jesuítas.

CONSELHO INTERNACIONAL DO APOSTOLADO EDUCATIVO: em setembro de 1980 um pequeno grupo internacional de jesuítas e leigos reuniu-se em Roma para debater questões importantes quanto à educação secundária da

Companhia 1; a C. afirmou que os centros educativos da Companhia poderiam enfrentar o desafio do futuro se permanecessem fiéis à peculiaridade da sua herança jesuíta 2; a C. recomendou tratar as questões relativas à educação secundária 4; nomes dos membros da C. 5; a C. tentou descrever as características da educação para ajudar os centros educativos a atingir efetivamente a sua finalidade 168.

COMISSÕES: são novos meios de compartilhar responsabilidades entre jesuítas e leigos 130; seus membros jesuítas e leigos devem estar familiarizados com as finalidades do Colégio e com a visão inaciana 130; de acordo com sua idade e capacidade procura-se fomentar a participação estudantil através de C. 134; decisões são tomadas depois de ouvir pareceres através de C. 137; em muitas partes um Conselho Administrativo trabalha em colaboração com a Companhia na nomeação do diretor 138; a responsabilidade final pelas linhas de ação e a vida escolar têm sido confiadas a um Conselho de Administração 140.

COMPANHIA DE JESUS: E ANTIGOS ALUNOS: os Antigos Alunos são grande responsabilidade da C., que não pode declinar sua obrigação de atender à reeducação: nota 72; o compromisso da C. com os antigos alunos é convertê-los em agentes multiplicadores... nota 73; **APOSTOLADO EDUCATIVO:** a C. tem apelado para uma reavaliação de seus métodos apostólicos 7d; tem sido revisto seriamente nos últimos anos III; a educação continua sendo apostolado preferencial da C. V; os estatutos do colégio definem a autoridade da C. 129; a 31ª Congregação Geral da C. recomendou o estudo para a formação de um Conselho Diretor, de jesuítas e leigos, nos centros superiores 130; a responsabilidade confiada ao diretor do Colégio é missão da C. 138; se o Colégio é “jesuíta” a C. deve manter em suas mãos suficiente autoridade 141; **CONSTITUIÇÕES:** nos documentos da C. baseiam-se os princípios (da educação jesuíta) 146; as Constituições da C. para discernimento 146; a Parte IV proporciona critérios para o discernimento 146; a Parte IV é a melhor fonte para conhecer o pensamento de Inácio sobre o apostolado educativo 187; trata dos Colégios 187; critérios para a seleção de ministérios 146; **FINALIDADE** da C.: Ela foi instituída principalmente para a defesa e a propagação da fé e aperfeiçoamento dos alunos na vida e na doutrina cristãs; nota 33; a C. foi fundada para... 184; **HISTÓRIA** da C.: sua fundação 181 e 183; quando foi supressa em 1773 tinha 845 instituições educativas 194; sua restauração em 1814, 195; e **IGREJA:** Inácio e seus companheiros puseram a C. a serviço do Vigário de Cristo 91; **MISSÃO:** sua missão hoje está comprometida com o serviço da fé e a promoção da justiça 7d e 74; fez opção preferencial pelos pobres 85; está a serviço de todos: ricos e pobres, oprimidos e opressores: nota 48, p. 51; “Fórmula” ou finalidade da 184.

COMPARTILHAR: EXPERIÊNCIAS: professores e direção estão prontos a C. (com os alunos) suas alegrias e tristezas 43; os adultos da comunidade estão dispostos a C. suas próprias experiências de vida 43; a razão principal da abertura de nossos colégios... é a obrigação de C.: nota 61; Inácio compartilhou sua experiência e atraiu companheiros 116; os jesuítas dos primeiros colégios trocavam ideias e experiências 148; professores e administradores estão novamente compartilhando ideias e experiências 148; o Colégio engajado em uma troca permanente de ideias e experiências com outros Colégios da Igreja local e do país 149; necessidade de partilhar a avaliação e os resultados dos experimentos de Fé/Justiça 151; necessidade de partilha no campo de Fé/Justiça é especialmente grande 151; Jesus Cristo C. nossa condição humana 59; **REQUISITO** para C.: para chegar à genuína partilha os leigos necessitam conhecer a espiritualidade inaciana 153; **RESPONSABILIDADE:** a responsabilidade dos colégios jesuítas é compartilhada por várias pessoas 100; as comissões ou conselhos são novos modos de C. responsabilidades entre jesuítas e leigos 130; todos os que compartilham a responsabilidade do colégio formam uma equipe de direção 140.

COMPROMISSO: A educação jesuíta tenta desenvolver nos alunos a capacidade de conhecer a realidade e avaliá-la criticamente 58; o C. ativo pedido dos alunos é um C. livre de lutar por um mundo mais humano e por uma comunidade de amor 76; um conhecimento adequado pode tornar mais efetivo o C. de trabalhar pela justiça na vida adulta 77; as Congregações Marianas desempenharam papel importante na promoção do C. cristão 104; nas Comunidades de Vida Cristã (CVX), estudantes e adultos querem aprofundar o seu compromisso de fé 104; o serviço é baseado em um C. de fé em Deus 111; como preparação para um C. de vida, existem oportunidades na educação jesuíta de contato real com o mundo da injustiça 80; **ESTÍMULOS PARA O C.:** descoberta de Deus atuante leva a C. de serviço 63; atenção pastoral a todos os membros da Comunidade Educativa para despertar e fortalecer o C. 63; a oração é meio que conduz ao C. 67; o conhecimento adequado aliado a pensamento rigoroso e crítico pode tornar mais efetivo o C. 77; formação intelectual, moral e espiritual que permita aos alunos assumir C. de serviço 78; como preparação para o C. de vida há oportunidades de contato com o mundo da injustiça 80; critério de excelência visa desenvolver C. com o serviço aos outros 107; os pais são informados sobre o C. com a Fé/Justiça, para serem fortalecidos em seu C. com ela 133; programas de formação permanente aos pais para fortalecê-los no C. com a educação jesuíta 133; **FUNDAMENTO** do C.: em Jesus Cristo todos podem encontrar inspiração e lições de seu C. 61; a fé centrada na pessoa histórica de Jesus Cristo conduz a imitá-lo como “Homem para os outros” 70; para os cristãos este C. é

resposta ao chamamento de Cristo 76; OBJETO ou TIPOS de: trabalhar por estruturas humanas mais justas 58; cada um responde ao amor divino... através de C. de serviço dentro da comunidade 63; Inácio pede um C. total e ativo dos homens e mulheres 71; C. ativo pedido a alunos é C. livre de lutar por um mundo mais humano 76; os estudantes são estimulados a se distinguir no C. com o serviço aos outros 112; C. da Companhia de Jesus com os Antigos Alunos é convertê-los em agentes multiplicadores... nota 73; todo membro da Comunidade Educativa é convidado a comprometer-se no crescimento da comunidade 142.

COMUNHÃO: ver União.

COMUNICAÇÃO: todos se comunicam regularmente em nível pessoal, profissional e religioso 123; os membros da Comunidade Educativa recebem habitualmente informações das decisões 137; professores e direção estão prontos a ouvir... os alunos e a compartilhar com eles 43; na matrícula os pais são informados sobre compromisso de Fé/Justiça 133; existe C. frequente entre família e colégio 131; os pais são mantidos informados sobre as atividades escolares 131.

COMUNICAÇÃO SOCIAL: ver Meios de comunicação social.

COMUNIDADE EDUCATIVA: COMPONENTES: há membros de várias confissões e culturas que fazem parte da C. 61; pessoas escolhidas para fazer parte da C. serão capazes de entender sua natureza especial e contribuir... 122; os alunos formam uma C. de compreensão e apoio mútuo 134; pais de alunos são também membros da C. 131; Antigos Alunos fazem parte da C. 135; **COMPROMISSO:** os membros da C. são chamados a construir solidariedade com os demais 33; todos os membros da C. mesmo os que não compartilham da fé cristã podem colaborar neste trabalho (Fé/Justiça) 76; a C. promoverá visão espiritual do mundo diante do materialismo; preocupação pelos outros diante do egoísmo; austeridade diante do consumismo; causa dos pobres diante da injustiça social 96; todos os membros da C. são convidados a comprometer-se ativamente no crescimento da C. 142; **CONSCIÊNCIA:** seus membros têm consciência dos graves problemas do nosso tempo 81; estão conscientes da influência que podem ter sobre os outros 81; todos os membros da C. recebem habitualmente informação acerca das decisões e acontecimentos 137; estuda as necessidades do mundo atual 145; **DIREITOS:** as linhas de ação e a vida escolar devem promover os direitos de todos na C. 79; **FÉ:** os membros cristãos da C. se esforçam por alcançar amizade pessoal com Jesus Cristo 62; os centros jesuítas oferecem a todos os membros da C. uma atenção pastoral para despertar e fortalecer seu compromisso de fé pessoal 63; C. é Comunidade de fé 68; os membros adultos da C. são animados a participar das celebrações 68; membros católicos da C. recebem

e celebram o perdão de Deus 69; baseada no exemplo de Cristo e de Maria promoverá... 96; **FORMAÇÃO**: os jesuítas estão dispostos a proporcionar à C. o conhecimento e apreciação da visão inaciana do mundo 127; oferece oportunidades para os pais se familiarizarem com a visão inaciana 132; todos os membros da C. aprendem uns com os outros 44; ajuda para formar C. o emprego informal do tempo juntos 126; **IGREJA**: a atitude de lealdade e serviço à Igreja será transmitida a toda a C. 94; todos os seus membros são atuantes no serviço à comunidade local e à Igreja 99; fomenta a colaboração em atividades ecumênicas 100; **TESTEMUNHO**: os membros da C. manifestam a preocupação pelos outros 84; dá testemunho do Evangelho de Cristo 100; membros adultos da C. dão testemunho da excelência 114; jesuítas devem servir de inspiração e estímulo para a C. 124; os jesuítas serão mais eficazes em seu serviço e na inspiração da C. se realizam este... entre si mesmos 125; **UNIÃO**: a C. está unida por laços não meramente humanos 68; o apostolado “corporativo” (dos jesuítas) ajudará a C. a estar unida 125; algumas vezes seus membros são convidados a participar de alguma refeição, função litúrgica ou ato social da comunidade jesuíta 126; todos os membros da C. trabalham juntos para... cada um crescer no uso responsável de sua liberdade 142; o papel do diretor é garantir a unidade dentro da C. 139.

COMUNIDADES DE VIDA CRISTÃ: meio para estudantes e adultos conhecerem mais profundamente a Cristo e nele moldarem suas vidas 104.

CONGREGAÇÕES MARIANAS: desempenharam papel importante... 104.

CONHECIMENTO: a educação da Companhia reconhece Deus autor de todo C. 23; C. mais completo da criação pode conduzir a Deus 24; os alunos sintam o desejo de um maior e mais profundo C. 124; cada homem e mulher é pessoalmente conhecido e amado por Deus 40; a liberdade exige verdadeiro C. de nós mesmos 49a; a verdadeira liberdade exige também C. realista do mundo 49b; o C. do bem e do mal e da hierarquia dos bens relativos é necessário 51; o C. se une à vida moral 51; um C. realista da criação vê a bondade de tudo quanto Deus criou 57; a educação jesuíta tenta desenvolver nos alunos a capacidade de C. da realidade 58; um C. adequado aliado a um pensamento rigoroso e crítico para trabalhar pela justiça 77; a educação da Companhia continua sendo um meio para ajudar os estudantes a conhecerem melhor a Deus 93.

CONSCIÊNCIA CRÍTICA: criticar criativamente as contribuições e deficiências de cada cultura 38; o programa educativo tenta ajudar os alunos a desenvolver uma faculdade crítica 56; a educação jesuíta tenta desenvolver nos alunos a capacidade de conhecer a realidade e avaliá-la criticamente 58; um conhecimento adequado aliado a um pensamento rigoroso e crítico pode tornar mais efetivo o compromisso com a justiça 77; o currículo inclui uma análise

crítica da realidade adaptada... aos alunos 78; é parte desta análise o esboço de uma solução na linha dos princípios cristãos 78; a análise da sociedade baseia-se no contato com dimensões estruturais de injustiça 80; ver também Análise da realidade.

CONSELHOS: ver Comissões.

CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS: as C. demonstram a capacidade inaciana de aliar os elevados fins com os meios exatos e concretos de alcançá-los 187; a obra, dividida em 10 partes, é o manual de formação para a vida da Companhia; sobretudo a Parte IV, cap. 7, fala sobre os colégios 187.

CONSULTA: este documento se beneficiou de C. realizadas por todo o mundo XI; os pais são ajudados a participar dos grupos consultivos 131; de acordo com sua idade e capacidade, procura-se fomentar a participação estudantil nos grupos de C. 134; decisões são tomadas através de pareceres e de C. 137.

CONTATO PESSOAL: devemos manter o C. com os que frequentem nossos colégios: nota 19; o C. com os alunos ajuda os adultos a se abrirem à mudança 47; o C. entre estudante e professor favorece o uso da liberdade 43; os alunos são ajudados em suas relações interpessoais 70; as relações interpessoais dentro do colégio manifestam uma preocupação pela justiça 80; o “Pressuposto” dos Exercícios é norma para as boas relações na Comunidade Educativa 158; ver também Atenção Pastoral e Relações Pessoais.

CONTEÚDOS DO ESTUDO: ver Estudo.

COOPERAÇÃO: ver Colaboração e Serviço dos outros.

criação: Deus está presente e trabalhando em toda a C. 23; cada elemento da C. é digno de estudo e contemplação, capaz de infinda exploração 23; a educação da Companhia tenta criar um senso de admiração e de mistério ao estudar a C. de Deus 24; disposição de trabalhar com Deus em sua contínua C. 24; todos os aspectos do processo educativo podem levar a adorar a Deus presente e operante na C. e a reverenciar a C. como reflexo de Deus 36; um conhecimento realista da C. vê a bondade de tudo quanto Deus criou 57; sem ser cego à bondade essencial da C. 57; Deus ativo em toda a C. 63; ver também Mundo.

criatividade: desenvolvimento da C. 28; a C. pessoal é caminho para a participação ativa 45; o papel ativo do “exercitante” é modelo do estudo pessoal... na C. 156.

CRISTÃO: significa seguir a Cristo e ser com Ele 62.

CULTURA: a educação jesuíta promove o diálogo entre fé e C. que inclui o diálogo entre fé e ciência 38; as estruturas culturais são humanas, imperfeitas e às vezes afetadas pelo pecado e necessitadas de conversão 38; Deus se revela de maneiras diversas e distintas culturalmente 38; a educação jesuíta promove o

contato com outras C. e sua apreciação 38; a educação jesuíta se adapta para responder às necessidades do país e à C. onde está o colégio 39; aplicação também na relação com a própria C. e o país 39; necessidade de redenção em todas as C. 57; a Comunidade Educativa deve refletir sobre a C. de hoje 96.

CURA PERSONALIS: ver Atenção pessoal.

CURRÍCULO: apreço pela literatura, estética, música e belas artes através do C. 28; C. centrado na pessoa antes que na matéria a ser desenvolvida 42; a atenção pessoal afeta também o C. 44; tratamento de problemas de justiça no C. 78; C. inclui análise crítica da sociedade 78; a análise da sociedade dentro do C. baseia-se no contato direto com dimensões estruturais da injustiça 80; promoção da justiça no C. tem como objetivo concreto uma análise das causas da pobreza 90; são introduzidas mudanças consideradas necessárias ou úteis no C. 145; as circunstâncias de pessoas e lugares exigem adaptações no C. 147; o C. deve ser cuidadosamente estruturado 161; deve estar integrado 161; ver também Estudar e Programa educativo.

CURRÍCULO E PROGRAMAS: o C. é centrado na pessoa antes que na matéria a ser desenvolvida 42; o C. inclui uma análise crítica da sociedade, adaptada ao nível de idade dos alunos 78; o esboço de uma solução na linha dos princípios cristãos é parte desta análise 78; assim, a análise da sociedade dentro do C. toma-se uma reflexão baseada no contato direto com dimensões estruturais da injustiça 80; a promoção da justiça no C. tem como objetivo concreto uma análise das causas da pobreza 90; as circunstâncias de pessoas e lugares exigem que os C. se adaptem para atender às necessidades específicas do lugar e das pessoas a quem serve 147; o C. deve ser cuidadosamente estruturado, quanto à ordem do trabalho diário, ao modo como as disciplinas se baseiam sobre a matéria tratada 161; o currículo deve estar de tal modo integrado que contribua para a consecução do objetivo geral do colégio 161; embora alguns princípios da *Ratio* original ainda conservem sua validade, o C. e a estrutura uniforme foram substituídos pelas diferentes necessidades das culturas e confissões religiosas que variam de uma cultura para outra 197.

CURSOS: ver Programa educativo.

CVX: ver Comunidades de vida cristã.

DECISÕES: D. importantes sobre as linhas de ação escolar tomem em conta as orientações pastorais da Igreja 97; os jesuítas não têm no processo de D. da escola mais poder que o definido em estatutos 129; cada vez mais as D. são tomadas depois de haver recebido através de consultas... 137; todos os membros da Comunidade Educativa recebem habitualmente informação acerca das D. 137; Inácio e seus companheiros tomavam D. à base do discernimento 143; mediante a reflexão... revisavam as D. anteriores 143.

DESTINATÁRIOS DO DOCUMENTO: ver Características/Destinatários.

DEUS: ATUAÇÃO DE: D. está trabalhando por nós 21; a educação da Companhia reconhece D. como autor de toda realidade, toda verdade e todo conhecimento 23; D. está trabalhando em toda a criação: na natureza, na história, nas pessoas 23; disposição de trabalhar com D. em sua contínua criação 24; todos os aspectos do processo educativo podem levar o D. operante na criação 36; D. age em toda a criação e em toda a história 38; a atenção pastoral possibilita que cada pessoa veja D. ativo nas próprias vidas, nas dos demais e em toda a criação 63; cada homem ou mulher é pessoalmente conhecido e amado por D. 40; o conhecimento realista da criação vê a bondade de tudo quanto D. criou 57; **CONCEITO:** 21 e 23; **CONHECER:** D. pode ser descoberto pela fé, em todos os acontecimentos naturais e humanos, na história e na experiência de cada pessoa 21; D. se revela pela beleza 28; ajudar os alunos a descobrirem D. na história e na criação 36; D. se revela de maneiras diversas e distintas culturalmente 38; a meta é sempre descobrir D. 39; o conhecimento mais completo da criação pode ajudar a descobrir D. 24; é especialmente revelado no mistério da pessoa 25; D. se revela de modos distintos 38; a educação jesuíta continua sendo um meio para os estudantes conhecerem e responderem melhor a D. 93; **CONVERSÃO a:** a reconciliação com D. exige reconciliação entre os homens 74; a conversão só é possível com a ajuda de D. 76; **RELAÇÃO com:** compreender a experiência de D. pela reflexão das experiências pessoais 56; a oração é meio excelente para estabelecer relação pessoal com D. 67; a relação da fé com D. é comunitária e pessoal 68; a relação com D. envolve necessariamente a relação com outras pessoas 70; a meta e objetivo educacional é formar homens que vivam para D. 82; **RESPOSTA a:** resposta amorosa e livre a D. não pode ser meramente especulativa 71; a resposta de amor ao seu amor se manifesta em vida de serviço 73; a preocupação constante de Inácio era o maior serviço de Deus 105; ver também Jesus Cristo.

DIGNIDADE HUMANA: a autodisciplina se manifesta na conduta que reconhece a D. 52;... se construam estruturas humanas mais justas que possibilitem a maior D. 58; um genuíno senso da D. pode ser o ponto de partida para a promoção da justiça 76; as linhas de ação e a vida escolar devem promover a D. 79; os adultos da comunidade manifestam estima pela D. 84; ver também Respeito mútuo.

DIREÇÃO (ÓRGÃOS DIRETIVOS): ATUAÇÃO: são mais que orientadores acadêmicos 43; estão envolvidos na vida dos alunos e têm interesse pessoal no seu desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual 43; são convidados a tornar a tradição inaciana adaptada e afetiva 11; o Colégio escolhe como dirigentes os que podem ensinar e testemunhar os ensinamentos de Cristo

apresentados pela Igreja Católica 95; COLABORAÇÃO: os D. colaboram com outras escolas e organismos educativos: para descobrir políticas... métodos mais eficazes 115; a estrutura legal do Colégio permite a maior colaboração possível na sua D. 120; os D. colaboram estreitamente com os pais dos alunos 131; CONSELHOS de: a 31ª Congregação Geral recomendou o estudo para a formação de um Conselho Diretor em algumas instituições superiores 130; os membros dos conselhos diretores — jesuítas e leigos — devem estar familiarizados com as finalidades do Colégio e a visão de Inácio 130; em alguns casos um Conselho Administrativo trabalha em colaboração com a Companhia na nomeação do diretor 138; a responsabilidade final pelas linhas de ação e vida escolar tem sido confiada a um Conselho de Administração 140; todos os que compartilham as responsabilidades do Colégio formam uma equipe de direção 140; a equipe de direção é capaz de trabalhar junto com o apoio, respeito mútuo, fazendo uso dos talentos... 140; FORMAÇÃO: programas... especiais para ajudar os leigos a assumirem cargos de D. nos Colégios 153; RELAÇÕES: as relações pessoais entre a D. (e outros) evidenciam uma preocupação por todos 44; as estruturas do Colégio garantem os direitos dos D. (e dos demais) 142; o “Pressuposto” dos Exercícios é norma de boas relações entre professores e D. 158.

DIREITOS: as linhas de ação e a vida escolar devem promover os D. humanos de todos 79; as estruturas do Colégio garantem os D. dos estudantes, diretores, professores e pessoal auxiliar 142; os pais são ajudados a desempenhar seus D. e responsabilidade 131.

DIRETOR: os estatutos do Colégio definem as responsabilidades do D. 129; no passado o Reitor da comunidade jesuíta era responsável pela direção do Colégio 138; hoje, em muitas partes o Reitor da comunidade não é o Diretor da Obra 138; em alguns casos um Conselho Administrativo trabalha em colaboração com a Companhia na nomeação do diretor, cada vez mais frequentemente um leigo 138; a responsabilidade confiada ao D. inclui uma missão que vem da Companhia 138; a missão do D. está sujeita a avaliações periódicas por parte da Companhia 138; seu papel é o de líder apostólico 139; deve dar inspiração, desenvolver visão comum, preservar unidade 139; deve-se guiar pela visão inaciana 139; deve assegurar oportunidades para que os membros da Comunidade Educativa compreendam a mundivisão (inaciana) 139; é responsável último pela execução da política educacional básica e a natureza jesuíta da escola 139; as estruturas do Colégio garantem os direitos dos D. e de outros 142.

DISCERNIMENTO: significado do D. nota 74; as Constituições da Companhia proporcionam os critérios para guiar o D. 146; o D. é sempre feito em um contexto de oração 143; é exercido sobre a experiência do apostolado VI; é

obra de toda a Comunidade Educativa VIII; Inácio começa a experiência do D. em Loyola 170; Inácio e seus companheiros tomavam suas decisões à base do D. 143; as Características podem se servir deste documento como base para o D. IX; para o apostólico comum os jesuítas trazem seu conhecimento e experiência VII; os leigos contribuem com sua experiência de vida familiar, social e política VIII; programas de educação continuada para os educadores discernirem a resposta ao chamado de Deus 152.

DISCIPLINA: um bom sistema disciplinar ajuda a formação do caráter e da vontade 52; importância da autodisciplina manifestada no rigor intelectual, no estudo sério e na conduta com os demais 52.

DIVULGAÇÃO DO DOCUMENTO: ver Características/Divulgação.

DOCUMENTO: ver Características da educação da Companhia de Jesus.

DOCUMENTOS SUPLEMENTARES: ver Características/Adaptações.

ECUMÊNICO: os propósitos e os ideais de pessoas de outros credos podem harmonizar-se com as metas do Colégio Jesuíta 94; o Colégio Jesuíta fomenta a colaboração em atividades E. 100; oportunidades são oferecidas aos membros de outras confissões religiosas que querem se aprofundar 104; a promoção da justiça pode ser começo de trabalho E. 76.

EDUCAÇÃO: A educação jesuíta investiga a significação da vida humana e se preocupa com a formação integral de cada aluno como indivíduo pessoalmente amado por Deus 25; o objetivo da educação jesuíta é ajudar o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus a cada indivíduo como membro da comunidade humana 25; a formação religiosa e espiritual é parte integrante da educação jesuítica; não é algo extrínseco ao processo educativo ou dele separado 34; a Companhia pretende promover o Espírito criativo que atua em cada pessoa, oferecendo a oportunidade de uma resposta de fé a Deus, reconhecendo, porém, ao mesmo tempo, que a fé não pode ser imposta... 35.

EDUCAÇÃO CONTINUADA: ver Formação permanente.

EDUCAÇÃO FÍSICA: enfoque da 31; embora o Colégio Jesuíta valorize os jogos competitivos, incentiva os estudantes a se distinguirem por... 112.

EDUCADORES: ver Professores.

EDUCATIVO, PROGRAMA: ver Programa educativo.

ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO: ver Características/Elaboração.

ENFOQUE DO DOCUMENTO: ver: Características/Enfoque.

ENSINAR/ENSINO: E. de qualidade e bem motivado 26; E. em um colégio da Companhia é um ministério 93; o Colégio escolhe como dirigentes da Comunidade Educativa os que podem E. e dar testemunho dos ensinamentos de Cristo apresentados pela Igreja Católica 95.

ESPÍRITO COMUM: pulsa um E. na pedagogia, nos currículos e na vida escolar 8; E. é que criou o “sistema” escolar jesuíta 193; e 198; E. pode ser ainda hoje uma realidade em todos os Colégios Jesuítas 198.

ESPORTES: enfoque dos E. 31.

ESTRUTURA DO COLÉGIO: a E. legal do Colégio permite a maior colaboração possível na sua direção 120; os alunos formam parte da Comunidade através de E., como grêmios e diretórios acadêmicos 134; a E. de equipe é aplicação do princípio de subsidiariedade: e aproveita as qualidades de mais gente na liderança do Colégio 140; as E. do Colégio garantem os direitos de (todos) e conclamam cada um para o cumprimento de suas responsabilidades 142; E. é um reflexo da nova sociedade 142; a Comunidade Educativa reflete sobre a E. buscando realizar as finalidades do Colégio 145; são introduzidas mudanças consideradas necessárias ou úteis nas E. 145.

ESTRUTURA DO DOCUMENTO: ver Características/Estrutura.

ESTUDANTES E AUTODISCIPLINA: que se espera de cada aluno, é manifestada no rigor intelectual, no estudo sério e na conduta com os demais 52; e **COMPROMISSO:** os alunos são levados ao serviço dos outros, imitando Cristo 64; o compromisso ativo pedido aos E. é compromisso livre, de lutar por um mundo mais humano 76; a formação intelectual, moral e espiritual permita aos E. a assumir em um compromisso de serviço 78; são incentivados a utilizar suas qualidades no serviço aos outros 82; os centros jesuítas ajudam os E. a desenvolver suas qualidades para trabalhar com os outros no serviço do Reino 110; incentivados a se distinguirem por sua capacidade de trabalhar juntos, de ser sensíveis com os outros de se compreender com o seu serviço 112; e **COMUNIDADE:** formam uma comunidade de compreensão e apoio mútuo 134; procura-se fomentar participação E. na comunidade maior 134; e **CONSCIÊNCIA CRÍTICA:** ajudados a descobrir seus preconceitos... e avaliar os valores que se confrontam 55; são ajudados a reconhecer influências que recebem e a desenvolver uma faculdade crítica 56; ajudados a desenvolver a capacidade de conhecer e avaliar criticamente a realidade 58; **DIMENSÃO SOCIAL:** são incentivados a construir uma solidariedade com os demais... 33; são ajudados a perceber os talentos como dons não para proveito próprio, mas para o bem da comunidade 82; o Colégio oferece aos E. oportunidades de contato com os pobres e serviço a eles 89; e **ESTUDOS:** reconhecendo a presença de Deus sintam alegria em aprender 24; têm oportunidades para apreciar a literatura, a estética, a música e as belas artes 29; são ajudados no manejo dos MCS 29; ajudados a descobrir Deus atuante na história e na criação 36; ajudados a aprender com independência e a assumir a responsabilidade da própria educação 45; o papel ativo do “exercitante” é modelo do estudo pessoal do E. 156; e **FÊ:** encorajados a enfrentar o pecado

como obstáculo à liberdade 54; são ajudados e estimulados a refletir sobre suas experiências pessoais para compreender a própria experiência de Deus 56; encontram um amigo e guia na pessoa de Cristo 64; experimentam Cristo em várias ocasiões 64; incentivados a responder ao chamado pessoal de Deus, à sua vocação de serviço 66; são preparados para a recepção dos sacramentos 69; a educação da Companhia continua sendo um meio para os E. conhecerem e responderem melhor a Deus 93; a educação jesuíta está comprometida com o desenvolvimento religioso de todos os alunos 101; são instruídos sobre as verdades básicas da sua fé 101; para os E. católicos se oferecem conhecimento e amor da Igreja e dos sacramentos 102; colocam-se à disposição de todos experiências concretas da vida da Igreja 103; oferecem-se aos E. a CVX como meio de conhecerem mais profundamente a Jesus Cristo 104; e **FORMAÇÃO**: são ajudados a amadurecer gradualmente 42; podem atingir os objetivos em um ritmo adequado à sua capacidade individual 42; são orientados a desenvolver um conjunto de valores 43; estimulados a refletir sobre as experiências pessoais 56; para cada grupo de E. 108; o desejo de fazer sempre “mais” se transforma na preparação pessoal necessária na qual o aluno se dedica ao estudo, à formação pessoal, à ação 111; aprendam a amar a todos como irmãos e compreendam melhor as causas da pobreza 89; a busca do “magis” oferece o tipo e nível de educação mais importante que o tipo de E. admitidos é a formação dada 88, 108; **PROCEDÊNCIA** dos: provêm de diversos grupos sociais, culturais e religiosos 7; e; alguns não têm fé religiosa 7; e **RELACIONAMENTO**: a relação pessoal com o professor favorece o crescimento 43; são ajudados nas relações interpessoais 43; relações pessoais entre os E. revelam preocupação pelos outros 44; relações pessoais com os adultos ajuda-os a se abrir à mudança 47; a relação entre o diretor dos Exercícios e o exercitante é modelo para a relação entre professor e E. 155; o “Pressuposto” dos Exercícios é norma de boas relações entre professores e E. 158; **RESPEITO**: a educação da Companhia sempre respeita a consciência e as convicções de cada E. 95; **SELEÇÃO**: tipo de E. admitidos e a formação que lhes é dada revela a opção pelos pobres 85; os centros jesuítas não existem apenas para uma classe de E. 86; os critérios para a seleção de E. dependem de circunstâncias de lugares e pessoas 86.

ESTUDAR: ver Aprender.

ESTUDO (CONTEÚDOS DO): cada elemento da criação é digno de E. 23; criar senso de admiração e de mistério ao E. a criação de Deus 24; E. a significação da vida humana 25; domínio das disciplinas básicas, humanísticas e científicas 26; E. atento e crítico da tecnologia 27; ciências físicas e sociais 27; acentua os estudos humanísticos tradicionais, essenciais para a compreensão da pessoa 27; oportunidades para os alunos chegarem a apreciar a... literatura, estética,

música e belas artes 28; desenvolvimento de técnicas eficazes de comunicação 29; desenvolve as habilidades tradicionais de falar e escrever 29; ajuda os alunos a adquirirem facilidade no manejo dos meios de comunicação de massa 30; formação de valores e atitudes 51; formação da vontade 51; verdades básicas da fé 101; ver também Currículo e Programa educativo.

ESTUDOS HUMANÍSTICOS: ênfase nas disciplinas científicas acarretou negligência dos E. 7a.; tradicionalmente enfatizados na educação jesuíta 7a; são essenciais para a compreensão da pessoa 27.

EXCELENCIA: em que consiste a E. nota 56; o objetivo da E. é o desenvolvimento mais amplo de todas as dimensões da pessoa... sentido dos valores... compromisso com os outros... 107; na educação jesuíta o critério de E. é aplicado a toda a vida escolar 107; a busca da E. acadêmica é própria de um Colégio Jesuíta somente dentro do contexto mais amplo da E. humana 107; é determinada pelas circunstâncias de lugares e pessoas 108; as linhas de ação são de tal natureza que criam um “clima” que provoca a E. 113; adultos da Comunidade Educativa dão testemunho da E. 114.

EXEMPLO: DOS ADULTOS: esforçam-se por viver de tal maneira que suas próprias vidas possam servir de E. aos alunos 43; participação dos adultos nas celebrações dão testemunho das finalidades dos Colégios 68; adultos da comunidade educativa manifestam em suas vidas preocupação pelos outros 84; membros adultos dão testemunho da excelência 114; da **COMUNIDADE:** a Comunidade do Colégio Jesuíta dá testemunho do Evangelho de Cristo 100; da **DIREÇÃO:** Colégio escolhe como dirigentes da Comunidade Educativa os que podem dar testemunho dos ensinamentos de Cristo apresentados pela Igreja Católica 95; dos **JESUÍTAS:** essencial o testemunho de nossas vidas 124; o testemunho dos jesuítas é meio de fazer um apostolado “corporativo” e ajudará a comunidade a estar mais unida 125; de **JESUS CRISTO:** Ele é modelo de toda a vida humana 59; para todas as pessoas, quaisquer que sejam suas crenças, Jesus Cristo é modelo de vida humana 61; Jesus Cristo dá o testemunho do amor e do perdão de Deus 61; o E. de Cristo que rezava regularmente ao Pai 67; o objetivo da educação da Companhia é a formação de pessoas... para o serviço aos outros segundo o E. de Jesus Cristo 93; a Comunidade Educativa baseia-se no E. de Cristo e Maria 96; dos **PROFESSORES:** vida dos professores e da direção deve ser E. para os alunos 43; E. dos professores será o fator de maior importância para educar na Fé/Justiça: nota 46; do **PROGRAMA:** as linhas de ação e programas de um Colégio Jesuíta dão testemunho da fé que promove a justiça 79; **FUNDAMENTO:** o desejo do testemunho cristão não se desenvolve em comparação com os outros, mas na aprendizagem de servir 112.

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS: Definição dos E. 176; estrutura dos E. 176; Inácio era leigo quando experimentou o chamado de Deus e o descreveu nos E. 10; Inácio começou a redigir os E. 175; é meio de conhecer e seguir Jesus Cristo 65; podem ajudar a Comunidade Educativa a conhecer melhor a visão de Inácio e o espírito da Educação Jesuíta 65; modalidades de realizar os E. 65; a relação entre o diretor dos E. e a pessoa é modelo para o professor 55; o papel ativo do “exercitante” é modelo do estudo pessoal 156; a progressão nos E. é uma das fontes de abordagem prática 157; o “Pressuposto” dos E. é norma de boas relações na Comunidade Educativa 158; muitas das “Anotações” são sugestões válidas para os professores 159; há analogias entre os métodos dos E. e os da Ratio 160; os “Prelúdios” e “Pontos” para a oração têm seu paralelo na preleção da matéria 160a; a “Repetição” da oração se assemelha ao domínio da matéria lecionada 160b; a “Aplicação dos Sentidos” se reflete na insistência no criativo e imaginativo 160c.

FÉ E COMPROMISSO: a F. conduz ao compromisso: nota 27; o serviço é baseado em um compromisso de F. 111 e COMUNIDADE alguns alunos e professores não têm F. religiosa 7e; a Comunidade Educativa é comunidade de F. 68; esta se exprime através de celebrações apropriadas 68; os membros da Comunidade Educativa que não compartilham a F. podem colaborar neste trabalho (Fé/Justiça) 76; e DEUS: Deus pode ser descoberto pela F. 21; a F. não pode ser imposta 35; a oração é expressão de F. 67; a relação de F. com Deus é comunitária e também pessoal 68; e FORMAÇÃO: a educação jesuíta oferece oportunidade de resposta de F. como algo verdadeiramente humano e não oposto à razão 35; a atenção pastoral permite que cresçam as sementes de F. 63; a educação jesuíta promove uma F. centrada na pessoa histórica de Jesus Cristo 70; os alunos serão instruídos sobre as verdades básicas da F. 101; e RELAÇÕES: a educação jesuíta promove diálogo entre F. e cultura e ciência 38.

FÉ E JUSTIÇA: AVALIAÇÃO: os experimentos de F. que se realizam necessitam ser avaliados e seus resultados compartilhados 151; e COLÉGIO: as linhas de ação e os programas de um Colégio Jesuíta dão testemunho concreto de F. 79; o exemplo dos professores e o clima criado na escola serão os fatores mais importantes para formar na F. nota 46; quando os pais matriculam seus filhos são informados sobre o compromisso pela F. 133; ampla variedade de experimentos... para tornar a F. dimensão do trabalho educativo 151; **COMPROMISSO DA COMPANHIA:** a Companhia está comprometida com a F. 7d; é a missão da Companhia hoje 74; **CONCEITO:** a ação decisiva hoje é a Fé que promove a Justiça 74; faz parte da reconciliação dos homens, exigida pela reconciliação dos mesmos com Deus 74; é a justiça de Deus informada pela caridade evangélica 74; **FUNDAMENTO:** este serviço é ação que imita

Cristo 74; META: um novo tipo de pessoa e de sociedade 76; que permita aos estudantes assumir um compromisso de serviço 78.

FINALIDADES DA EDUCAÇÃO JESUÍTA ver Metas da educação jesuíta.

FORMAÇÃO INTEGRAL: preocupação pela F. de cada aluno 25; deve conter o desenvolvimento da imaginação, da afetividade, da criatividade 28; oportunidades para os alunos chegarem a apreciar a literatura, a estética, a música e as belas artes 28; incluir desenvolvimento físico 31; todos os aspectos da vida escolar contribuem para a F. 32; professores e direção, jesuítas e leigos... têm um interesse pessoal no desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual de cada aluno 43; a preocupação com o desenvolvimento integral do homem, como criatura de Deus, contribui para o “humanismo cristão” da Educação Jesuíta 34.

FORMAÇÃO INTELECTUAL: completa e profunda 26; inclui o domínio das disciplinas básicas, humanísticas e científicas 26; através de um estudo acurado e continuado, baseado em um ensino de qualidade e bem motivado 26; inclui capacidade de raciocinar 26.

FORMAÇÃO PERMANENTE: a educação da Companhia reconhece que o crescimento intelectual, afetivo e espiritual continua pela vida afora 48; programas adequados para os adultos continuarem a amadurecer em todos os aspectos 48; são oferecidos programas de F. aos pais 133; enquanto permitirem os recursos o Colégio oferecerá F. aos antigos alunos 135; a Companhia não pode declinar sua obrigação de atender à reeducação permanente dos antigos alunos: nota 72; os adultos da Comunidade Educativa precisam aproveitar as oportunidades de educação continuada... 152; os centros jesuítas fomentam esta F. oferecendo programas e, quanto possível, tempo e ajuda econômica 152; os centros oferecem programas e processos permanentes de tomada de consciência e compreensão das metas da educação jesuíta 153.

FORMAÇÃO RELIGIOSA E ESPIRITUAL: é parte integrante da educação jesuíta 34; todos os professores compartilham a responsabilidade pela dimensão religiosa do centro 34; muito especialmente nas aulas formais de religião procura-se apresentar a possibilidade de uma resposta de fé a Deus 35; professores e direção, jesuítas e leigos têm um interesse pessoal no desenvolvimento... moral e espiritual de cada aluno 43; o desenvolvimento espiritual é mais que simplesmente humano... nota 27; que permita aos alunos assumir um compromisso de serviço 78; a educação da Companhia é fiel aos ensinamentos da Igreja, especialmente na F. 95; a educação jesuíta está comprometida com o desenvolvimento religioso de todos os alunos 101; oportunidades de educação continuada em F. para os adultos 152; onde for possível programas de F. para ajudar os leigos a assumirem cargos de direção nos colégios 153.

FUNCIÓNÁRIOS: ver Auxiliares do colégio.

GRÊMIOS: os alunos formam comunidade, reforçada por estruturas tais como G. 134.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA: uma síntese do desenvolvimento da educação da Companhia encontra-se no Apêndice I: nn. 184 a 198; EM VIDA DE INÁCIO: a finalidade original da Companhia de Jesus não incluía instituições educacionais 184; Inácio acreditava que as instituições impediriam a mobilidade dos jesuítas 184; os primeiros resultados do trabalho com a juventude em Goa 185; Inácio respondeu a São Francisco Xavier incentivando seu trabalho educacional 185; a aceitação de externos no Colégio de Gandia 185; o primeiro “Colégio da Companhia” em Messina 185; Inácio só aceitava Colégios quando dotados de fundos... 86; antes de sua morte Inácio aprovou pessoalmente a fundação de 40 Colégios 185; NAS CONSTITUIÇÕES: Inácio incluiu na Parte IV os princípios educacionais que guiassem o trabalho nos Colégios 187; esta seção é a melhor fonte para conhecer o pensamento explícito e direto de Inácio sobre o apostolado educativo 187; as prioridades na formação dos jesuítas tornaram-se também as prioridades da educação da Companhia... 187; Inácio conhecia os métodos de muitas escolas e escolheu os que lhe pareciam mais adequados para seus fins: 187; Inácio insistia em que os Colégios adotassem o “método de Paris” 154; o “método de Paris” foi adotado pelos jesuítas de acordo com a experiência dos Exercícios Espirituais 154; os jesuítas dos primeiros Colégios trocavam ideias e experiências, buscando princípios e métodos “mais” eficazes 148; ao falar explicitamente sobre os colégios no cap. 7 da Parte IV, Inácio especifica apenas alguns pontos... 187; Inácio prometeu regras e princípios para os Colégios insistindo, porém, na experiência concreta 188; Antes da *Ratio*: após a morte de Inácio nem todos os jesuítas estavam de acordo com que a Companhia trabalhasse em Colégios 189; no espaço de 40 anos o número de Colégios chegou a 245, 189; os Superiores jesuítas promoveram troca de ideias e de experiências 190; as primeiras versões da *Ratio* basearam-se nas “regras do Colégio Romano” 191; versões provisórias da *Ratio*, em 1586 e 1591, receberam comentários de várias partes do mundo 191; a publicação da *Ratio* foi em 1599, 191; estrutura e conteúdo da *Ratio* 191; APÓS A *RATIO*: o processo de redação e publicação da *Ratio* produziu o primeiro sistema educacional 193; no séc. 18 os Colégios Jesuítas foram famosos pelo desenvolvimento das técnicas de comunicação ou “eloquência” 29; o sistema se desenvolveu durante mais de 200 anos 194; a supressão da Companhia em 1773 destruiu uma rede de 895 instituições educativas 194; o trabalho educativo recomeçou pouco depois da restauração da Companhia em 1814, 95; versão experimental da nova *Ratio* foi publicada em 1832, 195; as turbulências do séc. 19 afetaram os Colégios Jesuítas 195; séc. 20: após a 2ª Guerra

Mundial houve espetacular aumento das instituições educativas 196; dados estatísticos atuais: a visão de Inácio sustentou as escolas e colégios durante quatro séculos 2; adaptação dos Colégios à sua realidade 197; e os LEIGOS: a fim de chegar à genuína colaboração e partilha na responsabilidade, os leigos necessitam conhecer a história educativa e as tradições da Companhia 153.

IDENTIDADE DO DOCUMENTO: ver Características/Identidade.

IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO JESUÍTA: um centro educativo da Companhia deve ser facilmente identificável como tal 3; a educação oferecida aos alunos deve dotá-los de certa “inacianidade” 3; há um espírito característico que distingue ainda qualquer colégio da Companhia 8; característico não quer dizer único 9; a descrição jesuíta se encontra no documento (Características) como um todo 18.

IGREJA: professor e administrador exercem função de serviço à I. VI; refletindo sobre a situação real do mundo, a I. fez a opção pelos pobres 85; a I. é instrumento por meio do qual Cristo está sacramentalmente presente no mundo 91; Inácio e seus companheiros colocaram a Companhia de Jesus a serviço do Vigário de Cristo 91; os centros jesuítas fazem parte de sua missão apostólica 93; a atitude inaciana de lealdade e serviço à I. é característica de todas as obras jesuítas 94; será transmitida a toda a Comunidade Educativa 94; a educação da Companhia é fiel aos ensinamentos da I. 95; o Colégio escolhe como dirigentes os que podem dar testemunho dos ensinamentos de Cristo apresentados pela I. 95; as linhas de ação escolar tomem em conta as orientações da I. e considerem seus possíveis efeitos sobre ela 97; a educação jesuíta oferece aos alunos católicos conhecimento e amor da I. 102; colocam-se à disposição de todos os estudantes experiências concretas da vida da Igreja 103; a articulação do nosso trabalho com instituições educativas no âmbito eclesial... potenciará nosso sentido eclesial: nota 61; o Colégio como instrumento apostólico da I. 128; a Companhia deve manter... suficiente autoridade para responder aos apelos da I. 141; nos documentos recentes da I. baseiam-se os princípios (da educação jesuíta) 146.

IMAGINAÇÃO: desenvolvimento da I. 28; o educador é incentivado a exercitar a I. na escolha de técnicas e métodos 145.

INACIANIDADE: a educação oferecida aos alunos deve dotá-los de certa I. 3; I. não se trata de atitudes esnobistas ou arrogantes 3; I. é lógica consequência da vivência e atuação do nosso carisma 3; embora sejam chamados “centros jesuítas”, a visão deveria ser chamada mais propriamente “inaciana” 10.

INÁCIO e os COLÉGIOS: sua visão sustentou os Colégios Jesuítas durante quatro séculos 2; sua experiência e escritos ajudam a descobrir o característico da educação jesuíta; I. aceitava Colégios somente quando dotados de fundos

ou patrimônio 86; I. insistia em que os Colégios da Companhia adotassem os métodos da Universidade de Paris 154; e os EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS: I. era leigo quando sentiu o chamado de Deus e o descreveu nos Exercícios 10; I. mesmo dirigiu muitas outras pessoas leigas pela mesma experiência 10; VISÃO DE I.: os Exercícios são meios para compreender a visão de I. 65; I. e o conceito de Deus 21; a visão de mundo de I. está centrada na pessoa histórica de Jesus Cristo 59; I. pede um compromisso total e ativo dos homens e mulheres para imitar a Cristo 71; para I. a resposta ao chamado de Cristo se realiza na Igreja Católica 91; I. insistiu repetidas vezes no “magis” 105; sua preocupação constante era o maior serviço de Deus 105; compartilhou sua experiência e atraiu outros companheiros 116; I. e seus companheiros decidiram à base de um discernimento 143; ITINERÁRIO: na sua Autobiografia I. resume seus primeiros anos de vida 169; I. ferido em Pamplona 169; experimentou em Loyola a diversidade de espíritos 170; faz a vigília em Montserrat 171; faz a experiência de “desolações” e “consolações” em Manresa 172; aprendeu a responder na liberdade 173; a visão do rio Cardoner 174; a redação dos Exercícios 175 e 176; visita a Jerusalém 177; estudos em Barcelona, Alcalá e Salamanca 177; chegada a Paris e conquista dos primeiros companheiros 178; os votos de Montmartre 179; apresentação ao Papa 180; a decisão de criar um vínculo permanente 181; a visão de La Storta 182; I. é eleito 12 Superior-Geral 183; morte de I. 188.

INFORMAÇÃO: ver Comunicação.

INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS: ver Centros educativos.

INTERCÂMBIO: a força do “sistema” jesuíta... surgiu do I. 148; o I. será mais proveitoso se o Colégio estiver inserido na realidade local 149; I. em nível regional e internacional 149; se incentiva o I. de professores e alunos 150; os princípios pedagógicos eram corrigidos e adaptados através de constante I. 193; necessidades do I. com outras instituições: nota 61.

JERUSALÉM: viagem a 177; impossibilidade da ida dos companheiros a 180.

JESUÍTAS: APOSTOLADO EDUCATIVO: agradecimento aos J. envolvidos neste apostolado IV; e **CARACTERÍSTICAS:** J. são destinatários deste documento I; os J. que trabalham em outros apostolados deverão ter o documento à disposição X; e **COMUNICAÇÃO:** as relações pessoais devem revelar preocupação pelos outros 44; comunicam-se regularmente 123; estão prontos a discutir sua visão... 123; comunicam-se regularmente para promover visão comum 123; nos primeiros Colégios trocavam ideias e experiências 148; e **ESTRUTURA:** em um Colégio Jesuíta há predisposição para J. e leigos assumirem responsabilidades apropriadas 119; dependendo das circunstâncias os J. não têm mais poder nas decisões que o que está definido nos estatutos 120; al-

guns J. chegam a pensar que a instituição já não é da Companhia: nota 65; membros das comissões — jesuítas e leigos — ... devem estar familiarizados com as finalidades do Colégio e com a visão inaciana 130; se o Colégio é Jesuíta a Companhia deve manter em suas mãos suficiente autoridade 141; IDENTIDADE: são mais que orientadores acadêmicos 43; J. que trabalham no Colégio devem ser um grupo com identidade nítida 124; J. formando verdadeira comunidade de oração e de vida 125; INSPIRAÇÃO: J. oferecem seu conhecimento e experiência para o discernimento apostólico VIII; a Comunidade J. deve servir de inspiração e estímulo para a Comunidade Educativa 124; J. serão mais eficazes neste serviço e inspiração se o realizam entre si mesmos 125; J. estão dispostos a proporcionar conhecimento e apreço da visão inaciana 127; e LEIGOS: as Congregações Gerais têm insistido na sua colaboração com os leigos 7c; os centros educativos tentam atingir colaboração entre J. e leigos 118; promovem ativamente a colaboração com os leigos 121; os leigos poderão compreender melhor a vida dos J. se tiverem oportunidade de tomar parte nela 126; os J. necessitam compreender experiências vividas pelos leigos... e sua contribuição 153; os J. recebem oportunidade de aprender dos leigos da Comunidade 153; e PASTORAL: os J. atuam também no trabalho sacerdotal 128.

JESUS CRISTO: a visão que Inácio tem do mundo está centrada na pessoa histórica de J. 59; J. está vivo em nosso meio 59; modelo de toda vida humana 59 e 61; membros cristãos da Comunidade Educativa procuram amizade pessoal com J. 62; a consideração da missão de J. é em vista do seu seguimento: nota 26; em J. se centra a atenção pastoral 64; está presente na Comunidade Cristã 64; J. é amigo e guia dos estudantes 64; modos de ser descoberto 64; Exercícios Espirituais são meio de conhecer e seguir J. 65; J. dava o exemplo de rezar regularmente ao Pai 67; sua obediência ao Pai levou-o ao serviço dos outros 70; a educação jesuíta promove a fé centrada na pessoa de J. 70; teve especial preocupação pelos pobres 85; por meio da Igreja Católica J. está sacramentalmente presente no mundo 91; a educação jesuíta oferece conhecimento e amor da Igreja e dos sacramentos como meios para o encontro de J. 102; oferecem a CVX como meio para conhecimento de J. 104; para os cristãos o serviço se expressa no seguimento de J. 111; a decisão de seguir J. leva ao desejo de fazer sempre “mais”: 111; ver também: Deus e Seguimento.

JUSTIÇA: compromisso de trabalhar por mudanças que construam estruturas humanas mais justas 58; sua promoção é exigência absoluta da fé 74; não atinge sua plenitude interior a não ser na caridade 74; o amor cristão implica e radicaliza as exigências da J. 74; sem caridade a J. não é evangélica 74; sua promoção inclui ação pela paz 75; um genuíno senso de dignidade humana

pode ser o ponto de partida para a promoção da J. 76; em um Colégio Jesuíta a orientação central é a educação para a J. 77; o conhecimento adequado pode favorecer o compromisso pela J. 77; a educação para a J. inclui três aspectos distintos 77; não há genuína conversão à J. se não houver obras de J. 80; as relações interpessoais dentro do Colégio manifestam preocupações pela J. 80; J. é o primeiro postulado do amor eficaz 82; é a garantia única de que nosso amor a Deus não é uma farsa 82; sua preocupação inclui salários justos e condições trabalhistas: nota 49; reivindicação da igualdade de oportunidades de educação e liberdade de ensino encaixa-se na luta pela J. 87.

JUSTIÇA E FÉ: ver Fé e Justiça.

KOLVENBACH, PADRE: a finalidade dos Colégios 116; devemos manter o contato pessoal com os alunos: nota 19; o compromisso político é próprio do laicato: nota 24; devemos formar agentes multiplicadores: nota 59; a universidade continua sendo instrumento de apostolado de jesuítas e leigos: nota 65; qual o compromisso da Companhia com os Antigos Alunos? 73.

LEIGOS: APOSTOLADO: os professores leigos que participam de atividades paroquiais podem comunicar aos alunos a ênfase que se dá ao apostolado dos L. 103; **COMPROMISSO:** compromisso político é seu papel próprio: nota 24; os professores de atividades paroquiais podem comunicar aos alunos a ênfase que se dá ao apostolado dos L. 103; **COMUNICAÇÃO:** comunicam-se regularmente para promover a compreensão comum 123; estão prontos a discutir sua visão, etc. 23; **CONTRIBUIÇÃO dos:** contribuem com experiência da vida familiar, social, política para o discernimento apostólico VIII; L. têm contribuição a dar, baseada na experiência... e enriquecerá e aumentará os centros 10; L. serão sempre para nós (jesuítas) os intérpretes naturais do mundo 121; os L., nos prestarão ajuda eficaz neste apostolado 121; temos de valer-nos de L. capazes para trabalhar com os Antigos Alunos: nota 72; e **DIREÇÃO:** em um Colégio Jesuíta há predisposição para Jesuítas e L. assumirem responsabilidades apropriadas 119; alguns jesuítas chegam a pensar que o número de L. aumentou tanto que a instituição já não é da Companhia: nota 65; compartilham responsabilidades com jesuítas através de órgãos diretivos 130; a nomeação do diretor cada vez mais vem sendo um L. 138; a autoridade efetiva no Colégio pode ser exercida por qualquer pessoa — jesuíta e L. — 141; **FORMAÇÃO:** a fim de chegar à genuína colaboração e partilha de responsabilidades, os L. necessitam conhecer a espiritualidade inaciana, a história educativa, as tradições e a vida da Companhia 153; onde possível, programas especiais de formação para ajudar os L. a assumirem cargos de direção 153; e **JESUÍTAS:** a Companhia tem insistido na colaboração entre jesuítas e L. 7c; os centros educativos tentam atingir a colaboração entre jesuítas e L. 118; os jesuítas promo-

vem ativamente a colaboração com os L. 121; os L. poderão chegar a melhor compreensão da vida dos jesuítas se tiverem oportunidade de tomar parte nela 126; os jesuítas necessitam compreender a contribuição dos L. à Igreja 153; os jesuítas têm oportunidade de aprender dos L. da comunidade 153; e VISÃO INACIANA: Inácio era leigo quando experimentou o chamado de Deus 10; número incalculável de pessoas leigas tem compartilhado a inspiração de Inácio 10; os membros das comissões jesuítas e L. devem estar familiarizados com as finalidades do Colégio e a visão inaciana 130; para chegar à genuína colaboração e participação, os L. necessitam conhecer a espiritualidade inaciana 153.

LIBERDADE: a resposta do homem a Deus deve ser expressão de uma L. radical 40; cada pessoa é chamada a ser livre para dar-se a si mesma, para ser fiel, para trabalhar na fé, para trabalhar com os outros no serviço do Reino de Deus 40; a relação pessoal entre estudante e professor favorece o crescimento no uso responsável da L. 43; a L. envolve responsabilidade dentro da comunidade 44; o crescimento em maturidade e independência é necessário para a L. 45; por causa do pecado e dos seus efeitos a L. não é automática 49; estamos engajados em uma luta constante para reconhecer os obstáculos que bloqueiam a L. 49; exige conhecimento, amor e aceitação de nós mesmos 49a; determinação de nos libertarmos de qualquer apego excessivo 49a; a verdadeira L. exige conhecimentos realistas das forças no mundo 49b; inclui a libertação de percepções distorcidas da realidade 49b; para conquistar a verdadeira L., aprender a reconhecer e a lidar com as forças que a promovem ou limitam 49c; o conhecimento do bem e do mal é necessário para reconhecer as influências que afetam a L. 51; uso responsável da L. traz felicidade de vida 54; luta para reconhecer os obstáculos ao crescimento da L. 55; trabalhar por estruturas humanas mais justas que possibilitem o exercício da L. 58; L. dos pais na escolha da educação de seus filhos 87; Jesus Cristo conquistou a verdadeira L. 62; todos os membros trabalham para cada um crescer no uso responsável da L. 142; o educador é incentivado a exercer grande L. na escolha de técnicas e métodos 145; Inácio aprendeu a responder na L. 173.

LÍDERES; LIDERANÇA: o objetivo tradicional da Companhia tem sido formar L. 110; hoje a meta não é preparar uma elite socioeconômica, mas L. no serviço 110; os professores leigos que participam de atividades paroquiais podem ser os L. na participação (dos alunos nos projetos da Igreja) 103; jesuítas e leigos estão dispostos a trabalhar juntos na L. e no serviço 119; o papel do diretor é o de um L. apostólico 139; a estrutura de equipe aproveita mais gente na L. do Colégio 140; a aquisição de informação e de técnicas ou a preparação para uma carreira são úteis para a formação de futuro L. cristão 167.

LINHAS DE AÇÃO: dão testemunho concreto da fé que promove a justiça 79; a autoavaliação institucional pode exigir mudanças nas L. 79; as L. devem incentivar o respeito mútuo 79; são formadas com consciência dos efeitos que podem ter sobre a comunidade maior 81; as L. tomem em conta as orientações da Igreja local 97; são de tal natureza que criam um “clima” que promova a excelência 113; estas L. incluem avaliação contínua das metas, programas, serviços e métodos... 113; a responsabilidade final pelas L. tem sido confiada a um Conselho de Administração 140; a estrutura de equipe... assegura mais estabilidade na execução das L. 140; a Comunidade Educativa reflete sobre as L. buscando realizar as finalidades do Colégio 145; fomentam a reflexão e a avaliação e facilitam toda mudança necessária 145; experiências positivas de Fé/Justiça sejam incorporadas às L. 151;

LOYOLA: nascimento de S. Inácio 169; convalescença em L. 170.

MAGIS; MAIS: Inácio insistiu repetidas vezes no M. 105; a resposta concreta, a Deus deve ser de “maior valor” 105; buscar o M. é oferecer o tipo e o nível de educação para cada grupo de estudantes... 108; M. não implica comparação com outros... 109; M. é o desenvolvimento mais pleno possível das capacidades individuais de cada pessoa 109; a decisão de seguir a Cristo leva ao desejo de fazer sempre M. 111; disposição para assumir os meios que tornem a obra educativa M. eficaz 168; os jesuítas dos primeiros Colégios trocavam ideias e experiências buscando princípios e métodos M. eficazes 148; Inácio e seus companheiros introduziam adaptações em seus métodos buscando o M. 143; a Comunidade Educativa reflete sobre as estruturas, métodos, pedagogia... buscando realizar M. as finalidades do Colégio 145; as Constituições da Companhia proporcionam os critérios para o discernimento para se alcançar o M. 146.

MANRESA: chegada a 171; experiências de consolações e desolações 172; experiência das moções interiores da liberdade e da resposta de Deus 173; visão do rio Cardoner 174; redação dos Exercícios Espirituais 175; despedida de 177.

MARIA: modelo da resposta a Cristo 96.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: as escolas da Companhia no séc. 17 foram famosas pelo desenvolvimento das técnicas de comunicação ou “eloquência” 29; no mundo de hoje o desenvolvimento de técnicas eficazes de comunicação é mais necessário do que nunca 29; a Educação Jesuíta desenvolve habilidades tradicionais de falar e escrever 29; ajuda os alunos a adquirir facilidade no manejo de instrumentos modernos de comunicação 29; consciência da influência dos M. nas atitudes e percepções dos povos 30; programas para entender e avaliar criticamente a influência dos M. de massa 30.

MESSINA: 1º Colégio da Companhia em M. 185.

METAS E TRAÇOS DA EDUCAÇÃO JESUÍTA (EJ); ADAPTAÇÃO: EJ se adapta para responder às necessidades do país e da cultura onde está o Colégio 39; os propósitos e os ideais de pessoas de outros credos podem harmonizar-se com M. 94; **COMPROMISSO:** como preparação a um compromisso de vida existem oportunidades na educação jesuíta de contato real com o mundo da injustiça 80; **COMUNHÃO COM A IGREJA:** EJ é fiel aos ensinamentos da Igreja 95; oferece o conhecimento e o amor da Igreja 102; **DESENVOLVIMENTO DA PESSOA:** desenvolvimento mais completo de todos os talentos 25; formação da pessoa equilibrada 32; com filosofia pessoal de vida 32; com hábitos de reflexão permanentes 32; sempre respeita a consciência e as convicções de cada estudante 95; pessoa harmonicamente formada, intelectualmente competente, aberta ao crescimento... comprometida com a prática da justiça 166; o fim último da EJ é o crescimento pleno da pessoa que leva à ação... animada pelo espírito e a pessoa de Cristo 167; **DESTINATÁRIOS:** na EJ a opção pelos pobres se reflete no tipo de alunos admitidos 85; seja acessível a todos 86; **DIMENSÃO COMUNITÁRIA:** ajuda a desenvolver o papel de cada pessoa como membro da comunidade humana 33; se preocupa com a maneira pela qual os alunos aproveitarão sua formação dentro da comunidade humana 37; ajuda os alunos a perceber os talentos... não para proveito próprio, mas para o bem da comunidade 82; a fim de promover uma “consciência dos outros” acentua os valores comunitários 83; **DIMENSÃO DE FÉ:** promover o Espírito criativo em cada pessoa e suscitar resposta de fé 35; responder à missão de opor-se ao ateísmo 35; promove o diálogo fé e cultura 38; descobrir a Deus presente e ativo na criação e na história 39; encoraja cada estudante a superar o pecado 54; dar uma forma de vida cristã aos alunos: nota 28; oferece iniciação progressiva à oração 67; promove uma fé centrada na pessoa histórica de Jesus Cristo 70; continua a ser um meio para ajudar os alunos a conhecer e responder melhor a Deus 93; está comprometida com o desenvolvimento religioso de todos os alunos 101; oferece o conhecimento e o amor da Igreja e dos sacramentos 102; **DIMENSÃO SOCIAL:** os pobres formam o contexto da EJ 88; os pais são informados do compromisso da educação da Companhia com a fé/justiça 133; o Colégio, por meio da educação, está tentando construir a nova sociedade 142; **ENRIQUECIMENTO INTELECTUAL:** tenta inculcar a alegria e o desejo de aprender sempre 46; nunca foi aquisição de acervo de informações e de técnicas ou a preparação para uma carreira 167; **ESTUDO:** a EJ tenta criar um senso de admiração e de mistério ao estudar a criação de Deus 24; investiga a significação da vida humana 25; inclui também um estudo atento e crítico da tecnologia juntamente com as ciências físicas e sociais 27;

acentua os estudos humanísticos tradicionais, essenciais para a compreensão da pessoa 27; dá atenção particular ao desenvolvimento da imaginação, da afetividade e da criatividade 28; desenvolve as habilidades tradicionais de falar e escrever 29; ajuda os alunos a adquirir facilidade no manejo de instrumentos modernos de comunicação 29; inclui programas para entender e avaliar criticamente a influência dos meios de comunicação de massa 30; inclui programa bem desenvolvido de esportes e educação física 31; reconhece que o crescimento intelectual, afetivo e espiritual continua pela vida afora 48; inclui a formação de valores, atitudes e da capacidade de avaliar critérios, isto é, a formação da vontade 51; a EJ encoraja cada estudante a enfrentar este obstáculo (o pecado) à liberdade 54; PADRÃO: na EJ o critério de excelência é aplicado a todas as áreas da vida escolar 107; SERVIÇO DOS OUTROS: serviço dos outros 37; em um Colégio jesuíta a orientação central é a educação para a justiça 77; é a formação de pessoas em seus princípios e valores para o serviço dos outros 93; TIPOS DE PESSOAS A FORMAR: agentes multiplicadores e homens para os outros 7d; homens que não vivam para si mesmos mas para Deus... para os outros, que não concebam o amor de Deus sem o amor ao homem 82; deve ser acessível a todos 86; tradicionalmente tem sido formar líderes... de serviço 110; formação de homens novos, transformados pela mensagem de Cristo, devem dar testemunho..., devem ter adquirido... uma força de vida 165; VIDA PRÁTICA: preparação para a vida, que é em si mesma preparação para a vida eterna 37; o êxito da EJ é a qualidade de vida 37; enfatiza a necessidade de contato com o mundo 57; em etapas progressivas ajuda homens e mulheres a porem em prática avaliação contínua das M. 113; os Colégios jesuítas ainda formam uma rede unidos por M. comuns 148; as prioridades da educação dos jesuítas tornam-se prioridades da educação da Companhia... 187.

MINISTÉRIO: ensinar em um Colégio da Companhia é um M. 93; critérios para a seleção de M. 146.

MISSÃO: a M. de Jesus é considerada em vista do seu seguimento: nota 26; os centros educativos da Companhia fazem parte da M. da Igreja 93; a ideia de M. comum (entre jesuítas e leigos) é ainda nova e requer crescente compreensão 118; participação generosa dos jesuítas na M. comum 124; a responsabilidade confiada ao diretor é M. da Companhia 138; a M. do diretor está sujeita a periódicas avaliações 138; nossa M. comum será efetiva se continuarmos aprendendo uns dos outros VIII.

MODELO: ver Exemplo.

MONTSERRAT: vigília de S. Inácio 171.

MUDANÇA: as circunstâncias locais estão em contínua M. VIII; elementos de M. têm afetado detalhes da vida escolar e alterado suas orientações fundamen-

tais 8; abertura dos adultos à M. 47; o mundo está necessitando de transformação 57; consciência de que as pessoas e as estruturas podem mudar 58; compromisso de trabalhar pelas M. 58; formação intelectual, moral e espiritual que transforme os alunos em agentes de M. 78; a autoavaliação institucional pode exigir M. nas linhas de ação e na vida prática do Colégio 79; o processo educativo mudou radicalmente desde o tempo de Inácio 93; são introduzidas M. consideradas necessárias ou úteis na estrutura, nos métodos, no currículo etc. 145; as linhas de ação e práticas escolares facilitam a M. necessária 145; a rapidez das M. é característica do mundo moderno 152.

MULTIPLICADORES, AGENTES: ver Agentes multiplicadores.

MUNDO: a educação da Companhia afirma a bondade radical do M. 23; considera cada elemento da criação digno de estudo e contemplação, capaz de infinita exploração 23; a Educação Jesuíta enfatiza a necessidade de contato com o M. 57; a visão inaciana do M. está centrada na pessoa de Jesus Cristo 59; oportunidades de contato com o M. da injustiça 80; compromisso do laicato... na luta por estruturas que façam o M. mais humano: nota 24; o compromisso pedido dos alunos, antigos alunos e adultos da Comunidade Educativa é lutar por um M. mais humano 76; refletindo sobre a situação real do M. a Igreja e a Companhia fizeram a opção preferencial pelos pobres 85; Igreja Católica, instrumento pelo qual Cristo está sacramentalmente presente no M. 91; a Comunidade Educativa promoverá uma visão espiritual do M. diante do materialismo 96; os jesuítas proporcionarão à Comunidade Educativa o conhecimento e a visão inaciana do M. 127; Ver também Criação.

OBJETIVOS DO DOCUMENTO: ver Características, Finalidades da Educação Jesuíta.

OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO JESUÍTA: ver Metas da educação jesuíta.

OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES: ver Pobres.

ORAÇÃO: pessoal e comunitária deve expressar culto e reverência 36; através da O. os alunos experimentam Cristo 64; é expressão de fé e meio excelente para estabelecer relação pessoal com Deus 67; Educação Jesuíta oferece introdução progressiva à O. 67; todos são encorajados a louvar, agradecer, rezar uns pelos outros, pedir... 67; jesuítas serão mais eficazes no seu serviço formando comunidade de O. e vida 125; o discernimento é sempre feito em um contexto de O. 143.

ÓRGÃOS DIRETIVOS: ver Direção.

PAIS DE ALUNOS E APOIO: professores e diretores colaboram estreitamente com os P. 131; P. são incentivados a se encontrarem com os professores; são apoiados e ajudados a crescer no seu papel de P. 131; são auxiliados a desempenhar seus direitos e responsabilidades como educadores 131; e **COMUNICAÇÃO:**

P. devem receber síntese do documento X; existe comunicação frequente e diálogo constante entre a família e o Colégio 131; os P. são mantidos informados acerca das atividades escolares 131; quando matriculam seus filhos são informados do compromisso com a Fé/Justiça 133; e COMUNIDADE: o interesse pessoal se estende também aos P. 44; P. são também membros da Comunidade Educativa 131; e EDUCAÇÃO: os P. fazem grandes esforços para proporcionar boa educação aos filhos V; parecem muitas vezes preocupados apenas com o sucesso acadêmico dos filhos 7; os P. especialmente os pobres, possam exercer liberdade na escolha da educação dos filhos 87; são responsáveis últimos pela formação de seus filhos: nota 71; é necessária a coerência entre os valores promovidos no Colégio e em casa 133; FORMAÇÃO: são oferecidas oportunidades para os P. se familiarizarem com esta visão 132; são oferecidos programas de formação permanente para os P. entenderem melhor essa orientação 133; louváveis organizações que promovem a formação educacional dos P.: nota 71; e PARTICIPAÇÃO: são convidados a tornar a tradição inaciana adaptada e efetiva 11; a participarem dos grupos consultivos da escola 131; contribuem no trabalho educativo que se realiza no Colégio 131; e VISÃO INACIANA: dentro do possível, entendem, valorizam e aceitam a visão inaciana 132.

PAMPLONA: defesa e queda de 169.

PARIS: chegada a 177; Inácio conquista alguns companheiros 178; votos de Montmartre 179.

PARTICIPAÇÃO: DOS ALUNOS: o crescimento... depende da P. ativa mais que de uma recepção passiva 45; P. dos alunos em projetos e atividades da Igreja 103; de acordo com a sua idade e capacidade procura-se fomentar a P. estudantil na comunidade escolar maior 34; dos JESUÍTAS: devem ser um grupo de homens com uma identidade nítida... pela sua P. generosa na missão comum 124; dos LEIGOS: as Congregações Gerais têm insistido na... P. dos leigos nas finalidades e na responsabilidade dos centros educacionais 7c; ao menos em algumas ocasiões especiais os demais membros da Comunidade Educativa são convidados à P. em alguma refeição, função litúrgica ou ato social na Comunidade Jesuíta 126; dos PAIS: são apoiados e ajudados a crescer... para que participem dos grupos consultivos da escola 131; dos PROFESSORES: especialmente os que participam de atividades paroquiais, podem ser os líderes desta P. 103; REQUISITO para a: para ser verdadeiramente eficaz, uma P. na responsabilidade. deve estar fundada em uma visão comum 137; o caminho rumo a esta P. ativa inclui estudo pessoal... e uma atitude de reflexão 45.

PARTILHAR: ver Compartilhar.

PATRIOTISMO: enfoque de P. 39.

PAZ: o Reino de Deus é de justiça, de amor e de P. 74; a promoção da justiça inclui ação pela P. 75; a ação pela P. é busca de relações de amor e de confiança entre os homens e mulheres 75.

PECADO: por causa do P. e dos seus efeitos, a liberdade não é automática 49; a Educação Jesuíta reconhece sua realidade e efeitos 54; consciência dos efeitos sociais do P. 57; o P. afeta pessoas e estruturas 38.

PESSOA: COMPREENSÃO DA: os estudos humanísticos tradicionais são essenciais para a compreensão da P. 26; **DESENVOLVIMENTO DA:** objetivo da Educação Jesuíta é o desenvolvimento mais completo de todos os talentos dados por Deus a cada indivíduo 25; o desenvolvimento da imaginação, da afetividade e da criatividade... essencial para a formação integral da P. 28; a educação da P. como um todo implica o desenvolvimento físico 31; todos os aspectos da vida escolar contribuem para o desenvolvimento total da P. 32; a Educação Jesuíta ajuda a desenvolver o papel de cada P. 33; a educação da Companhia pretende promover o Espírito Criativo que atua em cada P. 35; o currículo é centrado na P. 42; os adultos da comunidade orientam os alunos... as decisões que transcendem a própria P. 43; o desenvolvimento pessoal... é ajudado por regulamentos escolares... 52; consciência de que as P. podem mudar 58; o critério de excelência visa ao desenvolvimento mais amplo possível de todas as dimensões da P. 107; o “mais” é o desenvolvimento mais pleno possível das capacidades individuais de cada P. 109; o fim da educação secundária da Companhia é o crescimento pleno da P. que leva à ação 167; **DEUS e a:** Deus pode ser descoberto na experiência de cada P. 21; Deus está presente e trabalhando... nas P. 23; Deus é especialmente revelado no mistério da P. 25; cada homem ou mulher é pessoalmente conhecido e amado por Deus 25 e 40; através da P. os alunos experimentam Cristo 64; **TIPO de:** pessoa equilibrada, como filosofia pessoal de vida... 32; a meta da Fé/Justiça é novo tipo de P... 76; P. harmonicamente formada... 166; homens novos, transformados pelas mensagens de Cristo 165; P. orientadas em seus princípios e valores para o serviço aos outros 93; **VOCAÇÃO da:** cada P. é chamada a ser livre... 40; ver também Atenção pessoal, Contato pessoal e Relações pessoais.

PESSOAL, ATENÇÃO: ver Atenção pessoal.

PESSOAL, CONTATO: ver Relações pessoais.

PESSOAL AUXILIAR: ver Auxiliares do colégio.

PLANEJAMENTO: nosso P. educacional deve ser feito em função dos pobres, desde a perspectiva do pobre 88.

POBRES: as finalidades e possibilidades da educação estão sendo reexaminadas na preocupação pelos P. 7d; Cristo teve especial preocupação pelos P. 85;

Igreja e Companhia fizeram opção preferencial pelos P. 85; a opção pelos P. inclui os que não têm meios econômicos... 85; notas 47 e 85; esta opção se reflete tanto nos alunos admitidos como no tipo de formação 85; a Educação Jesuíta deve incluir P. e necessitados 86; os P. formam o contexto da Educação Jesuíta 88; o planejamento educacional deve ser feito em função dos P. 88; o Colégio Jesuíta oferece aos alunos oportunidades de contato com os P. 89; e de serviço a eles 89; os alunos... possam chegar a uma compreensão melhor das causas da pobreza 89; a promoção da justiça no currículo visa à análise das causas da pobreza 90; a Comunidade Educativa promoverá a causa dos P. diante da injustiça social 96; o critério de excelência... dá prioridade às necessidades dos P. 107.

PRESSUPOSTO (DOS EXERCÍCIOS): é norma de boas relações na Comunidade Educativa 158; significado do P.: nota 79.

PRINCÍPIO E FUNDAMENTO (DOS EXERCÍCIOS): noção de: nota 8.

PROCESSO EDUCATIVO: ver Programa educativo.

PROFESSORES E ALUNOS: estão envolvidos na vida dos alunos e têm um interesse pessoal no desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual de cada aluno 43; estão prontos a ouvir suas perguntas e preocupações sobre o significado da vida 43; estão prontos a compartilhar suas alegrias e tristezas 43; prontos a ajudá-los no seu crescimento pessoal e relações interpessoais 43; sua tarefa é ajudar o aluno a aprender com independência a assumir a responsabilidade da própria educação 45; ajudam os alunos a refletir sobre suas experiências pessoais 56; procuram ser conscientes da dimensão de justiça e oferecer aos alunos formação... para o compromisso 78; P. leigos, especialmente os que participam de atividades paroquiais, podem ser os líderes de participação (dos alunos nos projetos da Igreja) 103; **COLABORAÇÃO:** cooperam com outras escolas e organismos educativos para descobrir políticas institucionais, processos educativos e métodos pedagógicos mais eficazes 115; colaboram estreitamente com os pais dos alunos 131; **COMUNICAÇÃO:** comunicam-se regularmente 123; estão prontos a discutir sua visão, esperanças, experiências, sucessos e fracassos 123; P. estão compartilhando ideias e experiências 148; **COMUNIDADE:** P. são incentivados a construir solidariedade 33; as relações pessoais evidenciam preocupação por todos 44; e **DIREITOS:** as estruturas do Colégio garantem os direitos dos P. 142; e **EXERCÍCIOS:** a relação entre o diretor dos Exercícios e a pessoa é modelo da relação entre P. e alunos 155; como o diretor dos Exercícios, o P. está a serviço dos alunos 155; o “pressuposto” dos Exercícios é norma de boas relações entre P. e alunos e diretores 158; muitas das “Anotações” dos Exercícios são sugestões válidas para os P. 159; e **FÉ:** P. compartilham responsabilidade pela dimensão

religiosa 34; FUNÇÃO: professores e... são mais que orientadores acadêmicos 43; o trabalho de um P. é em si mesmo um trabalho apostólico 128; o P. exerce função de serviço à Igreja e à sociedade V; e PAIS: colaboram estreitamente com os pais dos alunos 131; os pais são incentivados a se encontrarem com os P. para discutir o progresso dos seus filhos 131; PROCEDÊNCIA: P. vêm de diversos grupos sociais, culturais e religiosos 7c; alguns não têm fé religiosa 7c; e VISÃO INACIANA: P. são convidados a tornar a tradição inaciana adaptada e efetiva 11; devem receber exemplar do documento X; Ver também: Adultos e Leigos.

PROFISSÃO: a educação jesuíta também se preocupa com a maneira pela qual os alunos aproveitarão sua formação dentro da comunidade humana, no serviço aos outros 37; a meta da educação da Companhia não é preparar um elite socioeconômica, mas antes educar líderes no serviço 110.

PROGRAMA EDUCATIVO E DIMENSÃO SOCIAL: em um Colégio Jesuíta a orientação central é para a justiça 77; mais importante é a presença da dimensão da Justiça em todas as matérias lecionadas 78; o currículo inclui uma análise crítica da sociedade 78; a análise da sociedade dentro do currículo torna-se uma reflexão baseada no contato direto com dimensões estruturais da injustiça 80; os P. dão testemunho concreto da fé que promove a justiça 79; o P. deve ser feito em função dos pobres 88; e EXCELÊNCIA: professores e diretores cooperaram com outras escolas... para descobrir P. mais eficaz 115; a Comunidade Educativa reflete sobre as linhas de ação, estruturas, métodos, pedagogia... para realizar melhor as finalidades do Colégio 145; são introduzidas mudanças necessárias ou úteis na estrutura, nos métodos, no currículo 145; as circunstâncias de pessoas e lugares exigem que... os P. se adaptem para melhor atender às necessidades específicas 147; e EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS (EE): a progressão nos EE é uma das fontes de abordagem prática e disciplina de adequar “os meios aos fins” 157; os “Prelúdios” e “Pontos” para a oração nos EE têm seu paralelo na preleção da matéria a ser ensinada 160a; a “Repetição” da oração se assemelha ao domínio da matéria lecionada através da repetição cuidadosa e frequente 160b; a “Aplicação dos Sentidos” se reflete na insistência sobre o criativo e imaginativo 160c; a pedagogia deve incluir a análise, a repetição, combinar ideias teóricas com suas aplicações práticas 162; não é a quantidade de matéria que é importante, mas a formação sólida 163; e FÉ: qualquer matéria do P. é meio para se chegar a Deus 34; a formação religiosa e espiritual... não é algo extrínseco ao P. ou dele separado 34; em todos os cursos procura-se apresentar a possibilidade de uma resposta de fé a Deus 35; todos os aspectos do P. podem levar, em definitivo, a adorar a Deus... e a reverenciar a criação 36; e METODOLOGIA: os cursos são ministrados de tal maneira que os alunos reconheçam humilde-

mente a presença de Deus, encontrem alegria e desejo de aprender 24; ensino de qualidade e bem motivado 26; o P. confronta os alunos realisticamente consigo mesmos, tenta ajudá-los a reconhecer as diversas influências que recebem e desenvolver uma faculdade crítica 56; e MONTAGEM: as matérias bem relacionadas 32; P. bem planejado 32; o currículo deve ser cuidadosamente estruturado quanto à ordem do trabalho diário, ao modo como as disciplinas se baseiam sobre a matéria tratada e como as disciplinas estão relacionadas umas com as outras 161; em um Colégio Jesuíta a orientação central é para a justiça 77; o P. deve ser feito em função dos pobres 88; o P. reconhece as etapas evolutivas do crescimento intelectual, afetivo e espiritual de cada aluno 42; o currículo deve estar integrado de modo que cada disciplina contribua para o objetivo geral do Colégio 161; e PARTICIPAÇÃO: segundo a tradição jesuíta o educador é incentivado à liberdade e escolha de técnicas de ensino e métodos 145; Ver também: Currículo.

RATIO STUDIORUM e as CARACTERÍSTICAS: este documento não é nova R. II; este documento passou por revisões e consultas com a R. XI; MÉTODO: a R. recomenda a competição normalmente entre grupos 112; há analogias entre os métodos dos Exercícios Espirituais e os da R. 160; HISTÓRIA: Inácio prometeu desenvolver regras e princípios que deveriam reger todos os Colégios, mas faleceu antes 188; em 40 anos o número de Colégios chegou a 245 tornando necessário o documento 189; superiores jesuítas promoveram troca de ideias e experiências com um período de intenso intercâmbio 190; as primeiras versões da R. basearam-se nas “Regras do Colégio Romano” 191; Conselho Internacional trabalhou sobre as versões provisórias e as experiências 191; as versões de 1586 e 1591 foram distribuídas para consultas 191; em 1599 a versão definitiva 191; ESTRUTURA: R. é manual para ajudar professores e dirigentes 192; contém série de regras ou diretrizes práticas 192; APÓS A PUBLICAÇÃO: o processo de redação e publicação da R. produziu um “sistema” de Colégios, o primeiro sistema educacional 193; após a restauração da Companhia nova R. foi publicada experimentalmente em 1832, 195; ATUALMENTE: alguns princípios da R. original ainda conservam sua validade 197.

REDE DE COLÉGIOS: ver Sistema de colégios.

REFLEXÃO: formação da pessoa equilibrada com hábitos permanentes de R. 32; o caminho rumo à participação ativa inclui... uma atitude de R. 45; desenvolver a capacidade de raciocinar reflexivamente 57; a análise social dentro do currículo torna-se uma R. baseada no contato direto com dimensões estruturais da injustiça 80; o contato com os pobres, para ser educativo, é acompanhado da correspondente R. 90; a Comunidade Educativa... refletindo sobre a cultura de hoje, promoverá... 96; mediante a R. sobre

suas atividades os companheiros (de Inácio) introduziram adaptações em seus métodos 143; com base nas R. sobre linhas de ação etc., a Comunidade Educativa introduz mudanças... 145; as linhas de ação e as práticas escolares fomentam a R. e a avaliação... 145; a pedagogia deve incluir a R. ativa 162.

REITOR: ver Diretor.

RELAÇÕES PESSOAIS: devemos manter R. com os que frequentam nossos centros: nota 19; as R. com os alunos ajudam os adultos a se abrirem à mudança 47; R. entre estudantes e professor favorece uso responsável da liberdade 43; professores e direção estão prontos a ajudar os alunos nas suas R. 43; as R. entre os alunos e também entre adultos evidenciam a preocupação de uns com os outros 44; as relações humanas são expressão e extensão da relação com Deus: nota 27; a oração é meio excelente para estabelecer R. com Deus 67; a relação com Deus envolve necessariamente uma relação com outras pessoas 70; as R. manifestam preocupação pela justiça e pela caridade 80; o “Pressuposto” dos Exercícios é norma para as boas R. na Comunidade Educativa 158.

RELIGIOSA, FORMAÇÃO: ver Formação religiosa.

RENOVAÇÃO: em muitas partes há R. evidente III; esta declaração é instrumento para progredir na R. IV; as Características podem ser o fundamento de uma reflexão renovada VII; R. depende de compreensão mais clara e explícita da natureza peculiar da Educação Jesuíta 2; a compreensão progressiva da herança inaciana pode fornecer o impulso para a renovada dedicação à obra educativa 168.

RESPEITO MÚTUO: as relações com o próximo baseiam-se no R. 33; R. de uns com os outros no centro jesuíta 33; as linhas de ação e a vida escolar devem incentivar o R. 79; os membros da equipe de direção trabalham com R. 140.

RESPONSABILIDADE: ALUNOS: os alunos são ajudados a se tornarem responsáveis dentro da comunidade 43; ajudar cada estudante a assumir a R. dentro da própria educação 45; **DE TODOS:** a liberdade envolve R. dentro da comunidade 44; em novo tipo de pessoa e de sociedade, cada um aceita a R. de promover o desenvolvimento dos demais 76; em um Colégio Jesuíta há predisposição para jesuítas e leigos assumirem R. apropriadas 119; as estruturas do Colégio conclamam cada um para o cumprimento de suas R. individuais e para cada um crescer no uso da R. na liberdade 142; **DIREÇÃO:** uma das R. do superior é fomentar a abertura no trabalho apostólico 121; os estatutos do Colégio definem as R. do diretor 129; as comissões e conselhos são novos meios de compartilhar R. entre jesuítas e leigos 130; a R. confiada ao diretor de um Colégio Jesuíta inclui uma missão da Companhia 138;

o diretor é R. pela execução da política educacional básica e natureza jesuíta da escola 139; a natureza precisa da R. do diretor está descrita nos estatutos do Colégio 139; a R. pelos centros é partilhada por várias pessoas 140; a R. final é muitas vezes confiada a um Conselho de Administração 140; todos os que compartilham a R. no Colégio formam uma equipe de direção 140; ESPECÍFICAS: o Colégio Jesuíta tem R. especial pelos Antigos Alunos 135: nota 72; o Colégio Jesuíta tem R. especial para com os benfeitores 136; PARTICIPAÇÃO na: comissões ou conselhos como novos meios de compartilhar R. entre jesuítas e leigos 130; nos últimos anos tem havido maior grau de partilha de R. 137; a fim de chegar à genuína partilha de R., os leigos necessitam conhecer a espiritualidade inaciana 153; PROFESSORES: todos os professores compartilham a R. pela dimensão religiosa do centro 34.

RESPOSTA: a Educação Jesuíta visa promover uma R. de fé a Deus como algo humano e não oposto à razão 35; Jesus Cristo é modelo de toda vida humana por causa de sua R. total ao amor do Pai 59; a única meta a ser atingida: responder à vontade do Pai no serviço aos outros 61; a atenção pastoral possibilita... que cada um responda ao amor divino... a essa descoberta... 35, 63; a R., para ser amorosa e livre ao amor de Deus, não pode ser meramente especulativa ou teórica 71; R. humana, livre, de amor ao amor de Deus se manifesta em uma vida ativa de serviço 73; a R. ao chamamento de Cristo é compromisso de lutar por um mundo mais humano 76; a R. ao chamado de Cristo para Inácio se realiza na Igreja 91; Maria é o modelo desta R. (ao chamado de Cristo) 91; a Educação Jesuíta continua sendo um meio para ajudar os estudantes a conhecer e responder melhor a Deus 93; a R. concreta a Deus deve ser de maior valor 105; educação continuada para os adultos da Comunidade Educativa discernirem a R. mais concreta ao chamado de Deus 152; Inácio aprendeu a responder na liberdade ao amor de Deus 173.

ROMA: resolução de Inácio de ir a 180; decisão de fundar a Companhia 181; visão de La Storta 181; fundação da Companhia de Jesus 183.

SACRAMENTOS: os alunos experimentam Cristo através dos S. 64; os membros católicos da Comunidade Educativa celebram o S. da Reconciliação 69; os centros educativos preparam os alunos para a recepção dos S. 69; o S. da Reconciliação é parte necessária da luta pela paz e pela justiça 76; a Educação Jesuíta oferece conhecimentos dos S. 102; os sacerdotes jesuítas atuam também mais diretamente no trabalho sacerdotal mediante o S. 128.

SALAMANCA: experiência de S. Inácio com a Inquisição em 177.

SEGUIMENTO DE CRISTO: Jesus Cristo... nos convida a segui-Lo, sob a bandeira da cruz 59; ser “cristão” significa seguir a Cristo e ser como Ele 62; a prática dos Exercícios Espirituais é incentivada como meio para conhecer melhor

a Cristo... seguindo-O 65; as CVX se oferecem como meios a estudantes e adultos que desejam... n'Ele moldar suas vidas 104; a preocupação de Inácio era o maior serviço de Deus através do S. mais próximo de Cristo 105; a decisão de seguir a Cristo leva ao desejo de fazer sempre “mais” 111; ver também: Vocação.

SELEÇÃO DE ALUNOS: os critérios dependem das circunstâncias 86; mais importante que o tipo de estudantes admitidos é o tipo de formação dada 88; quando os filhos se matriculam pela primeira vez no colégio, os pais são informados sobre o compromisso pela Fé e Justiça 133.

SERVIÇO DOS OUTROS: RENEGAÇÃO: o S. está disposto a sacrificar o interesse próprio para a promoção da Justiça 107; do **COLÉGIO:** a Companhia de Jesus está a S. de todos, ricos e pobres, oprimidos e opressores, de todos. Ninguém é excluído de nosso apostolado: nota 48; a Comunidade dá testemunho do Evangelho de Cristo a S. da comunidade humana 100; **FORMAÇÃO** para o S.: os programas de esportes ajudam os jovens a utilizarem as melhores qualidades pessoais para contribuir para o maior bem de todo o grupo 31; os outros jesuítas incentivam e ajudam o estudante a responder à sua vocação de S. 66; os professores tentam oferecer aos alunos uma formação que lhes permita assumir um compromisso de S. 78; a educação da Companhia ajuda os alunos a perceber que os talentos são dons a ser desenvolvidos não para a satisfação ou proveito próprio, mas para o S. aos outros 82; a Educação Jesuíta estimula a atitude mental que vê o S. aos demais como uma realização própria, mais valiosa que o sucesso ou a prosperidade 83; os estudantes são incentivados a se distinguir no compromisso de S. 112; aprendizagem da disponibilidade e do hábito de servir 112; **FUNDAMENTO:** Jesus Cristo é modelo de toda a vida humana por causa de sua resposta no S. 59; Jesus Cristo entrega sua vida a S. 61; única meta a ser atingida: responder a vontade do Pai no S. 61; os descobrimentos de Deus conduzem ao S. de Deus no S. à comunidade, nota 27; a obediência de Cristo à vontade do Pai levou-o a entregar-se totalmente a S. 70; os alunos são levados ao S. dos outros, imitando Cristo 59 e 64; a resposta humana, livre, de amor ao amor redentor de Deus se manifesta em uma vida ativa de S. 73; os estudantes são incentivados... no S. motivados pelo amor de Deus 82; O S. é baseado em um compromisso de fé em Deus 111; Inácio atraiu outros companheiros para o S. 116; **MEIOS:** a oração é um meio excelente para estabelecer uma relação pessoal com Deus que conduz ao compromisso de S. 67; o Colégio Jesuíta oferece aos estudantes oportunidades para entrar em contato com os pobres e de S. a eles 89; **MEMBROS DA COMUNIDADE:** eles são atuantes no S. da comunidade local e de suas Igrejas 99; devemos estar dispostos a aprender a S. daqueles mesmos a quem servimos 121; os jesuítas serão mais eficazes

em seu S... se realizam este S. e inspiração entre si mesmos 125; OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO: a Educação Jesuíta se preocupa como os alunos a aproveitarão no S. 37; os alunos respondem por meio de um compromisso de S. dentro da comunidade 63; os centros jesuítas incentivam a cada estudante a responder à sua vocação de S. 66; objetivo da educação da Companhia é a formação de pessoas orientadas em seus princípios e valores para o S. 93; os centros educativos ajudam seus estudantes a desenvolver suas qualidades... para trabalhar com outros no S. 110; o objetivo do critério de excelência é o desenvolvimento de um compromisso com o S. 107; a meta da Educação Jesuíta é formar líderes de S. 110; os antigos alunos possam aprofundar sua dedicação no S. 135; os centros jesuítas servirão à comunidade civil e religiosa 97.

SIGNIFICADO DO DOCUMENTO: ver Características/Significado.

SISTEMA DE COLÉGIOS: a força do S. surgiu do intercâmbio dos jesuítas 148; os Colégios Jesuítas ainda formam uma rede, unidos não pela unidade administrativa ou uniformidade de programas, mas por uma visão e metas comuns 148; o processo que conduziu à redação da Ratio produziu o primeiro S. educacional 193; o S. se desenvolveu e enriqueceu durante mais de duzentos anos 194; quando a Companhia foi supressa em 1773, foi praticamente destruída uma rede de 845 instituições 194; a educação da Companhia hoje não significa que o S. educacional da Companhia não seja mais uma real possibilidade 198.

SOLIDARIEDADE: ver União.

TESTEMUNHO: ver Exemplo.

TRABALHAR JUNTOS: ver União.

TRANSFORMAÇÃO: ver Mudança.

TROCA DE EXPERIÊNCIAS: ver Compartilhar.

UNIÃO: os alunos, professores e demais membros da Comunidade Educativa são incentivados a construir uma solidariedade com os demais 33; a força de trabalho de uma comunidade no serviço do Reino é maior que a de um indivíduo 116; a Comunidade Educativa do Colégio Jesuíta está unida por laços que não são meramente humanos 68; o ambiente de um centro educativo deve ser tal que todos possam viver e trabalhar juntos... em um Colégio Jesuíta há uma predisposição da parte dos jesuítas e leigos para trabalhar juntos 119; todos se esforçam por alcançar uma verdadeira U. de mentes e corações e por trabalhar juntos como um corpo apostólico unido 119; os jesuítas estão estreitamente unidos pela união, amor e participação na missão comum 124; testemunho vivo dos jesuítas... ajudará a comunidade escolar a estar mais efetiva e afetivamente 125; os alunos formam uma comunidade

de compreensão e apoio mútuo 134; entre os centros educativos da Companhia e as Associações de Antigos Alunos existem laços estreitos de amizade e apoio mútuo 135; o papel do diretor é vital para preservar a U. dentro da Comunidade Educativa 139; os que formam a equipe de direção são pessoas capazes de trabalhar juntas 140; todos os membros da Comunidade trabalham juntos 142; os colégios jesuítas ainda formam uma rede... unidos por uma visão e metas comuns 148.

UNIVERSIDADE: os que trabalham em U. teriam de fazer adaptações a este documento IX; a 31ª Congregação Geral da Companhia recomendou o estudo para a formação de um Conselho Diretor, de jesuítas e leigos, nos centros superiores 130; que adaptem estas Características às próprias situações 12.

VALORES: procura-se desenvolver os V. que capacitam para resistir ao secularismo da vida moderna 35; a adaptação do Colégio às necessidades do país e da cultura não significa aceitação cega dos V. nacionais 39; os adultos da Comunidade orientam os alunos para o desenvolvimento de um conjunto de V. que conduzem a decisões... 43; a verdadeira liberdade... inclui a libertação dos falsos V. 48b; a Educação Jesuíta inclui a formação de V. 51; se adquire um sistema de V. através de um confronto de pontos de vista opostos 53; os estudantes são ajudados a avaliar os V. que se confrontam 55; ser cristão é compartilhar e promover os V. de Cristo 62; as linhas de ação e programas do Colégio dão contratestemunho dos V. da sociedade de consumo 79; a Educação Jesuíta acentua os V. comunitários 83; V. que permeiam o ambiente do Colégio promovem preocupação especial pelos pobres 88; o objetivo da educação da Companhia é a formação de pessoas orientadas em seus princípios V. 93; o critério de excelência visa desenvolver um sentido dos V. 107; é necessária coerência entre os V. promovidos no Colégio e em casa 133.

VENEZA: ordenação sacerdotal de S. Inácio em 179.

VERDADE: a educação da Companhia reconhece Deus autor de toda V. 23.

VISÃO COMUM: este documento pode dar-nos a todos uma V. de nossa finalidade 11; no Colégio Jesuíta existe uma comunhão de V., finalidade e esforço apostólico 119; a comunidade escolar oferece oportunidades para os pais se familiarizarem com esta V. do mundo 132; para ser eficaz, a participação na responsabilidade deve estar baseada na V. 137; o papel do diretor é desenvolver uma V. 139; os Colégios Jesuítas ainda formam uma rede, unidos por uma V. 148; professores e administradores compartilham ideias e experiências buscando implantar esta V. 148.

VISÃO INACIANA: sustentou os Colégios durante quatro séculos 2; se for reavivada e adequada poderá fornecer o contexto para enfrentar os problemas 2; seu estudo ajuda a descobrir o característico da Educação Jesuíta 8; ainda quan-

do os centros são chamados “Centros Jesuítas”; a visão deveria ser chamada mais apropriadamente “Inaciana” e nunca limitada unicamente aos jesuítas 10, § 2; um número incalculável de pessoas leigas e membros de outras congregações religiosas tem compartilhado e sido influenciado pela inspiração de Santo Inácio 10; as características da educação da Companhia surgem da reflexão sobre essa V. 15; a V. que Inácio tem no mundo está centrada na pessoa histórica de Jesus Cristo 59; os Exercícios também podem ajudar a compreender a V. 65; as pessoas escolhidas para fazer parte da Comunidade Educativa devem contribuir para a realização das características resultantes da V. 122; os jesuítas estão dispostos a proporcionar diversas oportunidades para os membros da Comunidade Educativa apreciarem a V. 127; os Antigos Alunos capazes de incorporar a V.: nota 73; os membros dos conselhos e comissões devem estar familiarizados com a V. 130; oportunidades para os benfeitores conhecerem a V. 136; dentro do possível os pais entendem, valorizam e aceitam a V. 132; a V. é a base da visão comum da escola 139; a equipe de direção é conhecedora da V. 140; a compreensão progressiva da V. pode impulsionar a renovada dedicação à obra educativa 168; a V. do mundo e as Características da Educação Jesuíta estão listadas no Apêndice II.

VOCAÇÃO: Jesus Cristo nos convida a segui-Lo sob a bandeira da cruz 59; Jesus nos convida por um chamamento: nota 26; os estudantes são ajudados a responder à sua V. de serviço 66; o compromisso de lutar por um mundo mais humano é resposta ao chamamento de Cristo 76; respondendo ao chamado de Cristo e à Companhia, fizeram a opção pelos pobres 85; para Inácio, a resposta ao chamado de Cristo se realiza na Igreja Católica 91; Maria é o modelo desta resposta (ao chamado de Cristo) 91; educação continuada para os adultos discernirem a resposta ao chamado de Deus 152.

VONTADE: a educação da Companhia inclui a formação da V. 51; a formação da V. é ajudada por regulamentos escolares e um bom sistema disciplinar 52; única meta a ser atingida: responder à V. do Pai no serviço aos outros 61.

IV

**PEDAGOGIA INACIANA.
UMA PROPOSTA PRÁTICA**

Carta do Superior-Geral dos Jesuítas aos Superiores Provinciais apresentando o documento *Pedagogia Inaciana*

Reverendo e Caro Padre:
A Paz de Cristo!

Desde a publicação das *Características da educação da Companhia de Jesus*, há sete anos, muitos educadores do mundo inteiro manifestaram sua gratidão por este documento. Educadores leigos e jesuítas descobriram nele uma visão nova, atual e ao mesmo tempo arraigada na espiritualidade inaciana.

As *Características* acenaram, sobretudo, com ideias e objetivos que permitiram a nossos colégios e universidades avaliar seus esforços nesse importantíssimo ministério da educação.

Enquanto as *Características* confirmavam de maneira inédita os princípios inspiradores do nosso trabalho educativo, muitos jesuítas e colaboradores solicitaram nesses últimos anos ajuda para pô-los em prática. Perguntaram-se: como podemos introduzir na sala de aula todos esses valores, princípios e diretrizes? Como podemos conseguir que nós mesmos e nossos colegas de trabalho realizemos na prática esses magníficos ideais? Como podemos incorporar a espiritualidade das *Características* nos pormenores concretos da nossa vida cotidiana?

O Conselho Internacional do Apostolado Educativo da Companhia (International Commission on the apostolate of Jesuit Education – Icaje) dedicou algum tempo à elaboração de uma resposta prática a essas perguntas.

Sem demora, caiu na conta de que uma renovação prática e eficaz deve visar à comunidade educativa e especialmente aos professores. O

Icaje precisava de um modelo, um paradigma que impulsionasse nossos ideais educativos e não destoasse das realidades práticas do processo de ensino e aprendizagem escolar. O Decreto n. 1 da 33ª Congregação Geral sugeriu um padrão, ao exortar-nos à revisão dos ministérios da Companhia que incluísse, entre outros, “a mudança dos modos de pensar, que se obtém exercitando-se em um esforço constante de integrar experiência, reflexão e ação” (n. 40).

Fiel ao modo de proceder inaciano, essa tríplice pista contém uma sugestão para dar cumprimento às *Características* no quadro escolar cotidiano. Ao elaborar este Paradigma, o Icaje notou que, para ser completo, o novo modelo devia levar em conta o contexto das experiências dos alunos e a avaliação, como fase essencial de toda a aprendizagem. Daí resultaram cinco etapas, incluídas no *Paradigma Pedagógico Inaciano*: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. Envio-lhe um exemplar de *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*, que expõe o Paradigma Inaciano e o projeto subsequente.

O Icaje pensou, com toda a razão, que um Projeto de Pedagogia Inaciana devia conter algo mais que um documento introdutório. Para serem eficientes, os professores precisariam familiarizar-se com os métodos pedagógicos que o animam. Assim, uma vez elaborado o Paradigma Pedagógico Inaciano, o Icaje tinha outras duas tarefas a executar. A primeira, formular uma declaração que explicasse a filosofia e os processos do Paradigma, que apresento nesta carta. A segunda, dar início a um programa de preparação do professorado para ensinar e difundir a pedagogia inaciana em nível regional, nacional e local. Este foi o objetivo do recente encontro internacional realizado em Villa Cavalletti (Roma), de 20 a 30 de abril. Projetado especificamente para iniciar este programa, delegados de 26 países se reuniram para tomar conhecimento do Paradigma, ensaiar a aplicação de seus vários componentes e elaborar projetos estratégicos de três a quatro anos de duração para capacitar outras pessoas no ensino do Paradigma em seus respectivos países.

Depois dessa informação preliminar, faça-lhe dois pedidos. Primeiro, convido-o a ler o documento *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*, que situa claramente o Paradigma no seio da nossa tradição

espiritual e educativa. Peço-lhe que, como foi feito com as *Características da educação da Companhia de Jesus*, dê também a este a máxima publicidade entre os professores, jesuítas e leigos, de suas instituições educativas e centros de ensino não formal. Sugiro que cada professor, dirigente e membro da direção dos centros de ensino, bem como nossos colaboradores em centros de ensino formal e informal da sua Província, disponham de um exemplar. Um resumo do mesmo poderia ser distribuído entre os pais de alunos. Em muitos casos, isto importará em uma tradução, e sempre em uma edição, em forma atraente, que facilite a leitura. Para tanto, poderia valer-se do seu Delegado de Educação, possivelmente em colaboração com os demais Superiores Maiores do seu país ou Assistência.

O que mais importa, porém, não é o número de leitores a atingir, mas o grau de renovação que a leitura inspire no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula. Em vista disso, meu segundo pedido, ainda mais importante: rogo-lhe que preste o seu mais firme apoio às equipes regionais ou provinciais que projetam e dirigem os programas de preparação a longo prazo em nossas escolas, colégios e universidades, bem como em centros de ensino formal e informal, para capacitarem os nossos professores na aplicação do Paradigma Pedagógico Inaciano. A realização do projeto deverá levar em consideração as circunstâncias locais, sempre instáveis; cada país ou região deverá refletir sobre o significado e as consequências da Pedagogia Inaciana em suas respectivas situações locais e, por conseguinte, elaborar material suplementar para aplicação do presente documento e programa universal a suas necessidades concretas e específicas.

Concluindo, desejo agradecer aos membros do Conselho Internacional para o Apostolado Educativo da Companhia pela realização deste projeto e pelos planos para sua difusão no mundo inteiro. É um belo exemplo do “efeito multiplicador” e, como tal, autenticamente inaciano. Embora este documento já tenha passado por vários rascunhos, a redação final e definitiva será a que se efetuar quando sua mensagem houver logrado interessar e inspirar nossos professores e alunos. Ao recomendar-lhe este documento, peço a Deus que ele chegue a ser mais um passo importante rumo à consecução do nosso ideal de educadores:

formar homens e mulheres que se distingam pela competência, integridade e espírito de serviço.

Fraternalmente em Cristo
Pe. Peter-Hans Kolvenbach, SJ
Superior-Geral
Roma, 31 de julho de 1993

Prólogo

A publicação, em 1986, das *Características da educação da Companhia de Jesus* despertou renovado interesse entre professores, dirigentes, alunos, pais e outras pessoas. Proporcionou-lhes um sentido de identidade e direção. O documento, traduzido em 13 línguas, tem sido o tema principal de seminários, reuniões e estudos. As reações foram francamente positivas.

Ultimamente, uma pergunta estava sendo formulada em vários lugares do mundo: Como tornar os princípios e a orientação das *Características* mais proveitosos para os professores? De que modo se podem incorporar os ideais inacianos em uma pedagogia prática que, na aula, concorra para a interação entre professores e alunos?

O Conselho Internacional de Educação Jesuíta (Icaje) trabalhou por mais de três anos para dar resposta a esta pergunta. Com a ajuda de contribuições e sugestões de educadores leigos e jesuítas de todo o mundo, escreveram-se sete rascunhos para a presente publicação, que introduz o *Paradigma Pedagógico Inaciano*. Desde o início, porém, tínhamos a convicção de que um documento não poderia por si só ajudar os professores a realizar as adaptações que a educação inaciana exige, quanto ao enfoque pedagógico e aos métodos de ensino.

Os membros do Conselho Internacional têm a convicção de que, para conseguir pôr em prática o *Paradigma Pedagógico Inaciano*, os programas de preparação do professorado, em cada Província e centro educativo, desempenham papel essencial. Os professores precisam de muito mais que de uma introdução teórica ao Paradigma. Necessitam de uma

capacitação prática, que os mobilize e prepare para refletir sobre a experiência de uma aplicação confiante e eficaz destes novos métodos. Foi por isso que o Icaje trabalhou desde o começo neste *projeto*, para ajudar os professores.

O projeto pedagógico inclui

- 1) **um documento introdutório sobre o *Paradigma Pedagógico Inaciano***, como explanação da 10ª parte das *Características*; e
- 2) **um programa de preparação do professorado** em nível regional, provincial e local.

Os programas de iniciação do professorado deveriam durar de três a quatro anos para uma capacitação e familiarização graduais com os enfoques pedagógicos inacianos.

No intuito de tornar este projeto efetivo e introduzir os programas de iniciação do professorado em nível de colégio, vários grupos de diversas Províncias estão estudando o *Paradigma Pedagógico Inaciano* e treinando-se no emprego dos correspondentes métodos de ensino. Todo esse processo teve início em uma reunião internacional celebrada em Villa Cavalletti, Roma, de 20 a 30 de abril de 1993. Seis educadores de cada continente (em um total de uns 40, provenientes de 26 países) foram convidados a *capacitar-se*, ou seja, a conhecer, praticar e dominar alguns dos métodos pedagógicos mais relevantes. Estas pessoas, por sua vez, estão preparando seminários de capacitação para equipes de suas regiões geográficas, e essas equipes, por sua vez, poderão iniciar em nível de colégio programas de preparação do professorado.

Sem o auxílio da equipe de capacitação da Villa Cavalletti e sem a generosidade dos participantes daquela reunião, não teria sido possível o processo de propiciar a nossos professores o Projeto Pedagógico Inaciano. Sou muito grato a todos eles, por se terem posto a serviço da educação da Companhia em nível verdadeiramente mundial.

Devo um agradecimento especial aos membros do Conselho Internacional para o Apostolado Educativo da Companhia (Icaje), que tão assiduamente trabalharam, ao longo de três anos, redigindo sete rascunhos deste documento introdutório, bem como elaborando os processos pedagógicos que contêm a substância do Projeto Pedagógico Inaciano. Os membros do Icaje representam a experiência e os pontos de vista das mais remotas partes do mundo: Padres Agustín Alonso (Europa), Anthony Berridge (África e Madagascar), Charles Costello (América do Norte), Daven Day (Ásia Oriental), Gregory Naik (Ásia Meridional) e Pablo Sada (América Latina).

De antemão, agradeço aos Provinciais, seus Delegados de Educação, professores, dirigentes, membros da diretoria de colégios, cujo apoio e colaboração neste esforço global de renovação do nosso apostolado educativo são cruciais.

Finalmente, quero fazer constar a generosa ajuda econômica recebida de três fundações, que desejam permanecer anônimas. A sua participação neste esforço é um exemplo notável de interesse e colaboração que caracterizam a comunidade educativa da Companhia.

Pe. Vincent J. Duminuco, SJ

Secretário de Educação da Companhia de Jesus

Notas introdutórias

1. Este documento deriva da décima parte das *Características da educação da Companhia de Jesus*, como resposta às numerosas solicitações recebidas no sentido de que se formulasse uma pedagogia prática, que fosse coerente com aquele texto e transmitisse eficazmente a visão do mundo e os valores inacianos nele propostos. Essencial é, por isso, que o que aqui se diz seja entendido como fazendo parte do espírito e impulso apostólico inaciano fundamental que aparecem nas *Características da educação da Companhia de Jesus*.
2. O sistema pedagógico da Companhia de Jesus foi debatido em numerosos livros e trabalhos de pesquisa durante séculos. Neste documento, vamos tratar unicamente de alguns aspectos desta pedagogia, que sirvam de introdução a uma estratégia prática referente ao ensino-aprendizagem. O *Paradigma Pedagógico Inaciano* aqui proposto nos ajudará a unificar e concretizar muitos dos princípios enunciados nas *Características da educação da Companhia de Jesus*.
3. Hoje, obviamente, um currículo universal para as escolas ou colégios dos jesuítas, semelhante ao proposto na *Ratio Studiorum* original, tornou-se impossível. Contudo, o que parece importante e de acordo com a tradição da Companhia é dispor de uma pedagogia sistematicamente organizada, cuja substância e métodos implementem a visão explícita da missão educativa contemporânea dos jesuítas. A responsabilidade de efetuar *adaptações* culturais se dá melhor em nível regional e local. Hoje, parece mais apropriado formular com caráter universal um *Paradigma*

Pedagógico Inaciano capaz de ajudar professores e alunos a enfocar o próprio trabalho de tal modo que seja solidamente acadêmico e simultaneamente formador de “homens para os outros”.

4. O paradigma pedagógico aqui proposto comporta um estilo e processo didáticos particulares. Exige a *inserção* do tratamento de valores e o crescimento pessoal, *dentro do currículo existente*, mais do que acréscimos de cursos específicos. Estimamos que tal planejamento é preferível, não só por ser mais realista, em relação aos já sobrecarregados planos existentes na maioria das instituições educativas, mas também por ser esse modo de proceder o mais eficaz para ajudar os alunos a interiorizar e agir de acordo com os valores inacianos propostos nas *Características da educação da Companhia de Jesus*.

5. Chamamos este documento *Pedagogia Inaciana* por destinar-se não só à educação formal nas escolas, colégios e universidades da Companhia, mas porque pode ser útil também a outros tipos de educação que, de uma forma ou de outra, estejam inspirados na experiência de Santo Inácio compendiada nos *Exercícios Espirituais*, na quarta parte das *Constituições da Companhia de Jesus* e na *Ratio Studiorum*.

6. A Pedagogia Inaciana inspira-se na fé. Todavia, mesmo aqueles que não compartilham essa fé podem descobrir nesse documento expectativas válidas, já que a pedagogia que se inspira em Santo Inácio é profundamente humana e, por conseguinte, universal.

7. Desde o começo, a pedagogia inaciana foi eclética na seleção de metodologias de ensino e aprendizagem. O próprio Inácio de Loyola adotou o “modus parisiensis”, sistema pedagógico usado na Universidade de Paris em sua época. Este método foi enriquecido com um conjunto de princípios pedagógicos previamente desenvolvidos por ele ao dar os *Exercícios Espirituais*. É natural que, no século XVI, os jesuítas não dispusessem de métodos formais, cientificamente comprovados, que hoje em dia se propõem, por exemplo, na psicologia pedagógica. A atenção individual prestada a cada aluno tornou esses professores jesuítas sensíveis ao que realmente podia concorrer para a aprendizagem e a maturidade humana. Compartilharam suas descobertas em numerosas partes do mundo

e comprovaram a validade universal de seus métodos pedagógicos. Estes métodos foram integrados na *Ratio Studiorum*, código de educação liberal, que chegou a se converter em norma para todos os seus colégios.

8. No decorrer dos séculos, foi-se integrando na pedagogia da Companhia bom número de outros métodos específicos desenvolvidos mais cientificamente por outros educadores, *à medida que estes contribuíam para os fins da educação da Companhia*. Característica constante da pedagogia inaciana é a incorporação sistemática dos métodos hauridos de diversas fontes, que podem contribuir melhor para a formação integral, intelectual, social, moral e religiosa da pessoa.

9. Este documento é só uma parte *de um projeto integral de renovação* que visa introduzir a pedagogia inaciana por meio da compreensão e prática de métodos apropriados para alcançar o objetivo da educação jesuíta. Por isso, este texto deve ser acompanhado de programas práticos de capacitação pessoal, que ajudem os professores a assimilar com facilidade as estruturas de ensino-aprendizagem do *Paradigma Pedagógico Inaciano*, e de outros métodos específicos que facilitem seus usos. Para garantir este objetivo, vão ser preparados educadores leigos e jesuítas de todos os continentes, para serem capazes de liderar programas de desenvolvimento.

10. O Projeto Pedagógico Inaciano destina-se em primeiro lugar aos professores. Pois é especialmente na sua interação com os alunos no processo de ensino-aprendizagem que se podem alcançar as metas e objetivos educativos da Companhia. Como se relaciona o professor com seus alunos, como concebe a aprendizagem, como desafia seus alunos a buscar a verdade, o que espera deles, a integridade e os ideais do professor — fatores que têm todos um tremendo efeito formador no desenvolvimento do aluno. O Pe. Kolvenbach ressalta o fato de que “Santo Inácio antepõe claramente o exemplo pessoal do professor à sua ciência ou talento oratório, como meio apostólico de ajudar o aluno a desenvolver-se nos valores positivos” (cf. Apêndice 2, 142). Compreende-se facilmente que, nos colégios, os diretores, equipes de coordenação, funcionários e outros membros da comunidade desempenham funções-chave, indispensáveis

no que se refere a criar o ambiente e processos de aprendizagem que possam favorecer os objetivos da pedagogia inaciana. Por esta mesma razão, importa fazê-los participar do projeto.

Pedagogia Inaciana

11. A pedagogia é o caminho pelo qual os professores acompanham o crescimento e desenvolvimento dos seus alunos. A pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida a mera metodologia. Deve incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar. Isto indica o objetivo e fim para o qual se orientam os diversos aspectos de uma tradição educativa. Também proporciona os critérios para a seleção dos recursos a serem usados no processo da educação. A visão do mundo e o ideal da educação da Companhia em nossos dias foram expostos nas *Características da educação da Companhia de Jesus*. A *Pedagogia Inaciana* assume esta visão do mundo e avança mais um passo, sugerindo modos mais explícitos que permitam aos valores inacianos integrar-se no processo de ensino-aprendizagem.

Objetivo da educação da Companhia de Jesus

12. Qual é o nosso objetivo? As *Características da educação da Companhia de Jesus* nos proporcionam uma descrição que foi ampliada pelo Padre-Geral Peter-Hans Kolvenbach:

“A promoção do desenvolvimento intelectual de cada aluno, para desenvolver os talentos recebidos de Deus, continua sendo com razão um objetivo de destaque da educação da Companhia. Todavia, a sua finalidade jamais foi simplesmente acumular quantidades de informação ou preparo para uma profissão, embora sejam estas importantes em si e úteis para a formação de líderes cristãos. O objetivo supremo da educação jesuíta é, antes, o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação, ação inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo, filho de Deus e ‘Homem para os outros’. Este objetivo, orientado para a ação, baseia-se em uma compreensão reflexiva e vivificada pela contemplação e desafia os alunos ao domínio de si mesmos e à iniciativa, integridade e exatidão. Simultaneamente, distingue as formas de pensar fáceis e superficiais, indignas do indivíduo, e sobretudo perigosas para o mundo que eles e elas são chamados a servir”¹.

13. O Pe. Arrupe resumiu tudo isso declarando que a nossa meta educativa é a “formação de homens e mulheres para os outros”. Pe. Kolvenbach descreveu o aluno formado em um colégio jesuíta como uma pessoa

1. *Características*, n. 167; P. Peter-Hans Kolvenbach, *Discurso na Universidade de Georgetown*, 7 de julho de 1989.

“equilibrada, intelectualmente competente, aberta ao progresso, religiosa, amável e comprometida com a justiça no serviço generoso do povo de Deus”. Ele também define o nosso objetivo quando diz: “Pretendemos formar líderes no serviço e imitação de Cristo Jesus, homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão”.

14. Tal objetivo requer uma formação total e profunda da pessoa humana, um processo educativo que aspire à excelência, um esforço de superação no desenvolvimento das próprias potencialidades, que integre o intelectual, o acadêmico e todo o resto. Procura alcançar uma excelência humana, cujo modelo é o Cristo do Evangelho, uma excelência que reflita o mistério e a realidade da Encarnação, uma excelência que respeite a dignidade de todo o mundo e a santidade de toda a criação. Há inúmeros exemplos na história de uma excelência educativa concebida estreitamente, de pessoas muito adiantadas do ponto de vista intelectual, mas que ao mesmo tempo permanecem sem um adequado desenvolvimento emocional, e moralmente imaturas. Estamos começando a perceber que a educação não humaniza necessariamente nem transmite valores cristãos às pessoas e à sociedade. Vamos perdendo a fé na ideia ingênua de que toda a educação, prescindindo da sua qualidade, empenho ou finalidade, conduz à virtude. Por conseguinte, percebemos cada vez mais claro que, se nossa educação aspira exercer influência ética na sociedade, devemos conseguir que o processo educativo se desenvolva tanto no plano moral como intelectual. Não queremos um programa de doutrinação que abafe o espírito; nem tampouco pretendemos organizar cursos teóricos especulativos e alheios à realidade. Precisamos é de um padrão na busca do modo de abordar os problemas e valores da vida, e professores capazes e dispostos a orientar essa busca.

Para uma pedagogia pela fé e pela justiça

15. Os jovens deveriam sentir-se livres para seguir o caminho que lhes permita crescer e desenvolver-se como seres humanos. Não obstante, o nosso mundo tende a considerar o objetivo da educação em termos excessivamente utilitários. A ênfase exagerada posta no êxito econômico pode contribuir para exacerbar a competitividade e a obsessão por interesses egoístas. Como resultado, o que há de humano em uma matéria ou disciplina específica passa despercebido à consciência do aluno. E isto pode chegar facilmente a ofuscar os valores reais e os objetivos de uma educação humanista. Para evitar tal distorção, os professores dos colégios da Companhia expõem os temas acadêmicos em uma perspectiva humana, pondo ênfase em descobrir e analisar as estruturas, relações, fatos, questões, intuições, conclusões, problemas, soluções e implicações que, em cada disciplina concreta, iluminam o sentido do ser pessoa. A educação, por conseguinte, deve chegar a ser uma investigação ciosamente ponderada, mediante a qual os alunos formam ou reformam suas atitudes costumeiras diante dos outros e ante o mundo.

16. Do ponto de vista cristão, o modelo da vida humana e, portanto, o ideal do indivíduo educado humanamente é a pessoa de Jesus. Ele nos ensina com sua palavra e exemplo que, em última análise, a realização da nossa capacidade humana em plenitude consegue-se graças à nossa união com Deus, união que se procura e alcança no relacionamento amoroso, justo e compassivo com nossos irmãos. Então, o amor de Deus encontra sua expressão autêntica em nosso amor cotidiano ao próxi-

mo, em nossa solicitude compassiva pelos pobres e sofredores, em nossa preocupação profundamente humana pelos outros como povo de Deus. É um amor que dá testemunho de fé e se exprime pela atuação em prol de uma nova comunidade de justiça, amor e paz.

17. Hoje, a missão da Companhia de Jesus, como ordem religiosa dentro da Igreja Católica, é “o serviço da fé, da qual a promoção da justiça é elemento essencial”. Missão arraigada na crença de que um novo mundo de justiça, amor e paz precisa de gente formada e com competência profissional, responsabilidade e compaixão; homens e mulheres que estejam preparados para acolher e promover tudo o que for realmente humano, comprometidos no trabalho em favor da liberdade e dignidade de todos os povos, e decididos a agir assim, em cooperação com outros igualmente empenhados em modificar a sociedade e suas estruturas. Precisamos de gente perseverante e capaz de renovar nossos sistemas sociais, econômicos e políticos, de tal forma que fomentem e preservem nossa humanidade comum, e libertem as pessoas para se dedicarem generosamente ao amor e cuidado dos outros. Precisamos de pessoas educadas na fé e na justiça, que tenham a convicção possante e sempre crescente de que podem chegar a ser defensores eficazes, agentes e modelos da justiça, do amor e da paz de Deus, nas circunstâncias habituais da vida e do trabalho cotidiano, bem como fora delas.

18. Por consequência, a educação na fé e pela justiça começa pelo respeito à liberdade, ao direito e à capacidade dos indivíduos e grupos humanos de criarem para si mesmos uma vida diferente. Isto significa ajudar os jovens a se comprometerem no serviço e na alegria de partilhar suas vidas com outros. E, sobretudo, ajudá-los a descobrir que o que realmente devem oferecer é o que eles mesmos são, mais do que aquilo que têm. Significa ensinar-lhes que a sua maior riqueza é compreender outras pessoas. Significa acompanhá-los em seus próprios caminhos, rumo a um maior conhecimento, liberdade e amor. Eis uma parte essencial da nova evangelização a que nos chama a Igreja.

19. Portanto, a educação nos colégios da Companhia pretende transformar a maneira segundo a qual a juventude vê-se a si mesma e aos outros,

aos sistemas sociais e suas estruturas, ao conjunto da humanidade e a toda a criação natural. A educação jesuíta, se realmente alcança o seu objetivo, deve conduzir finalmente a uma transformação radical, não só do modo ordinário de pensar e agir, mas também do modo de entender a vida, como homens e mulheres competentes, conscientes e compassivos, que buscam o “maior bem” na realização do compromisso da fé e da justiça, para melhorar a qualidade de vida dos homens, especialmente dos pobres de Deus, oprimidos e desamparados.

20. Para atingir o nosso objetivo como educadores dos colégios da Companhia, precisamos de uma pedagogia que lute por formar “homens e mulheres para os outros”, em um mundo pós-moderno no qual estão atuando forças antagônicas a este objetivo². Além disso, precisamos de uma formação permanente para que, como mestres, possamos transmitir esta pedagogia com eficácia. Todavia, em muitos lugares, a administração pública impõe limites aos programas educativos, e a formação do professorado contradiz uma pedagogia que estimule a atividade do aluno na aprendizagem, fomenta o crescimento e a qualidade humana, e promova a formação na fé e nos valores, além de transmitir conhecimentos e habilidades, como dimensões integrantes do processo formativo. Esta pode ser a situação real que muitos de nós temos de enfrentar, professores ou dirigentes dos colégios da Companhia. Ela cria um desafio apostólico complexo em nosso trabalho cotidiano de conquistar a confiança de novas gerações de jovens, acompanhá-los na senda da verdade, ajudá-los a trabalhar em prol de um mundo justo, repleto da compaixão de Cristo.

21. Como podemos fazer isso? Desde a publicação, em 1986, das *Características da educação da Companhia de Jesus*, uma pergunta surgiu, tanto da parte de professores como da de diretores de nossos colégios, em face das realidades do mundo hodierno: como podemos conseguir o que se nos propõe neste documento, a formação de jovens para serem

2. Por exemplo, o secularismo, o materialismo, o pragmatismo, o utilitarismo, o fundamentalismo, o racismo, os nacionalismos, a pornografia, o consumismo... só para nomear alguns.

“homens e mulheres para os outros”? A resposta precisa ser relevante para culturas muito diferentes; útil para situações diferentes; aplicável a diversas disciplinas; atraente para estilos e preferências múltiplas. E, sobretudo, que fale aos professores tanto das realidades como dos ideais do ensino. Ademais, tudo isso deve ser feito atendendo especialmente ao amor preferencial pelos pobres que caracteriza a missão da Igreja atual. O desafio é difícil, mas não podemos esquecê-lo, porque afeta o núcleo do apostolado educativo da Companhia. A solução não consiste simplesmente em exigir maior dedicação de nossos professores e diretores. O de que mais necessitamos é um modelo prático para saber como havemos de proceder no intuito de promover os objetivos da educação jesuíta, um paradigma que seja significativo para o processo de ensino-aprendizagem, para a relação professor-aluno, e que tenha um cunho prático e aplicável para a sala de aula.

22. O primeiro decreto da 33ª Congregação Geral da Companhia, *Companheiros de Jesus enviados ao mundo de hoje*, estimula os jesuítas a um constante discernimento apostólico sobre seus ministérios, tanto tradicionais como novos. Recomenda que esta revisão seja atenta à Palavra de Deus e inspirada pela tradição inaciana. Além disso, deve dar vez a uma transformação dos modos de pensar habituais, mediante uma constante **inter-relação de experiência, reflexão e ação**³. Nisto deparamos com o esquema de um modelo para conseguir que as *Características da educação da Companhia de Jesus* adquiram vida em nossos colégios atuais, graças a um modo de proceder profundamente coerente com o objetivo da educação jesuíta e perfeitamente alinhado com a missão da Companhia de Jesus. Vamos pois considerar um paradigma inaciano que priorize a interação constante de EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO e AÇÃO.

3. Decreto n. 1, item 40. Grifo nosso.

A pedagogia dos *Exercícios Espirituais*

23. Característica singular do paradigma da pedagogia inaciana é que, considerado à luz dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, não só é uma descrição adequada da contínua interação da experiência, reflexão e ação do processo de ensino-aprendizagem, mas também uma descrição ideal da inter-relação dinâmica entre o professor e o aluno, na caminhada deste último rumo à maturidade do conhecimento e da liberdade.

24. Os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio são um livrinho que nunca foi concebido para ser lido como qualquer outro livro. A sua intenção era antes expor um modo de proceder na direção de outras pessoas em suas experiências de oração, nas quais elas poderiam encontrar o Deus vivo e converter-se a Ele — para chegarem a confrontar-se honestamente com seus autênticos valores e crenças e assim poderem tomar decisões livres e conscientes acerca do futuro de suas vidas. Os *Exercícios Espirituais*, cuidadosamente estruturados e descritos no manualzinho de Santo Inácio, não são concebidos como objeto de atividades meramente cognitivas ou práticas de devoção. Pelo contrário, são exercícios rigorosos do espírito, que comprometem totalmente o corpo, a mente, o coração e a alma da pessoa humana. Por isso, propõem não só temas de meditação, mas também realidades para a contemplação, cenas para a imaginação, sentimentos que se devem avaliar, possibilidades a serem exploradas, opções a considerar, alternativas a ponderar, juízos a formular e eleições a fazer em vista de um objetivo único: ajudar as pessoas a “buscar e achar a vontade divina na ordenação da própria vida”.

25. Dinâmica fundamental dos *Exercícios Espirituais* é o convite contínuo a refletir na oração sobre o conjunto de toda a experiência pessoal, para poder discernir aonde nos conduz o Espírito de Deus. Inácio exige a reflexão sobre a experiência humana como meio indispensável para discernir sua validade, pois sem uma reflexão prudente há muito perigo de mera ilusão enganosa e, sem uma consideração atenta, o sentido da experiência individual pode ser desvalorizado ou vulgarizado. Só depois de uma reflexão adequada sobre a experiência e de uma interiorização do sentido e das implicações do que se estuda, é possível proceder livre e confiadamente a uma eleição correta dos modos de proceder que favoreçam o desenvolvimento total de alguém como ser humano. Portanto, a reflexão constitui o ponto central para Inácio, na passagem da experiência para a ação; tanto que ele confia ao diretor ou orientador das pessoas que fazem os *Exercícios Espirituais* a responsabilidade primordial de ajudá-las no processo da reflexão.

26. Para Inácio, a dinâmica vital dos *Exercícios Espirituais* é o encontro da pessoa com o Espírito da Verdade. Não surpreende, pois, que encontremos em seus princípios e orientações para guiar a outros durante os *Exercícios Espirituais* uma descrição perfeita da atitude pedagógica do professor, como alguém cuja função não é a de meramente informar, mas de ajudar o estudante em seu progresso rumo à verdade⁴. Para servir-se com êxito do *Paradigma Pedagógico Inaciano*, os professores devem estar cômicos da própria experiência, atitudes, opiniões, para que não imponham aos alunos as próprias ideias (cf. § 111).

4. A visão fundamental do paradigma inaciano dos Exercícios Espirituais e suas implicações na educação jesuíta foi estudada por François Charmot, SJ, em *La Pédagogie des Jésuites: ses principes, son actualité*, Paris, Éditions Spes, 1943. “Podem-se encontrar mais razões convincentes nos dez primeiros capítulos do diretório dos Exercícios Espirituais. Aplicados à educação, realçam o princípio pedagógico de que o professor não se pode conformar com informar, mas deve ajudar os alunos em seu caminho para a verdade” (texto do Pe. Michael Kurimay, SJ, em uma nota resumindo uma seção do livro de Charmot que trata do papel do professor segundo os Exercícios, extraído de um comentário e tradução particulares de trechos do livro citado).

Relação professor-discípulo

27. Aplicando, pois, o paradigma inaciano à relação professor-aluno na educação da Companhia, a função primordial do professor será facilitar um relacionamento progressivo do aluno com a verdade, mormente nas matérias concretas que está estudando com a assistência do professor. Ele criará as condições, lançará os fundamentos, proporcionará as oportunidades para que o aluno possa levar a cabo um inter-relacionamento contínuo de EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO e AÇÃO.

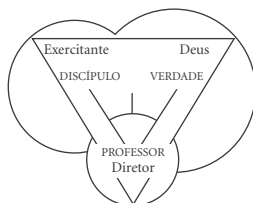


Figura 1. Paradigma Inaciano e relação professor-aluno

28. Começando pela EXPERIÊNCIA, o professor cria as condições para que os alunos recolham e recordem os dados da própria experiência e selecionem o que consideram relevante para o tema que estão tratando, sobre fatos, sentimentos, valores, introspecções e intuições. Depois, o professor guia o aluno na assimilação da nova informação e experiência, de modo que o seu conhecimento progrida em amplitude e verdade. O professor assenta as bases para que o aluno “aprenda como aprender”, iniciando-o nas técnicas da REFLEXÃO. Deve-se ativar a memória, o entendimento, a imaginação e os sentimentos, para captar o significado e valor essencial do que se está estudando, para relacioná-los com outros

aspectos do conhecimento e atividade humana, para avaliar suas implicações na busca contínua da verdade. A reflexão deve ser um processo formativo e livre, que construa a consciência dos alunos — suas atitudes habituais, seus valores e crenças, bem como seus modos de pensar — de tal sorte que se sintam impelidos a passar do conhecimento à AÇÃO. Por conseguinte, o papel do professor é garantir que haja oportunidades de desenvolver a imaginação e exercitar a vontade dos alunos, a fim de que optem pela melhor linha de atuação, que derive do aprendido e seja seu efeito. O que eles vão realizar como consequência sob a direção do professor, se bem que não consiga transformar o mundo inteiro de imediato em uma comunidade de justiça, paz e amor, ao menos poderá ser um passo educativo neste sentido e na direção deste objetivo, mesmo que não sirva mais que para proporcionar novas experiências, ulteriores reflexões e ações coerentes com a matéria estudada.

29. A contínua inter-relação de EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO E AÇÃO na dinâmica do ensino-aprendizagem da sala de aula situa-se no coração mesmo da pedagogia inaciana. É o nosso modo peculiar de proceder nos colégios da Companhia, acompanhar os alunos na caminhada que os leva a serem pessoas maduras. É um paradigma pedagógico inaciano que qualquer um de nós pode aplicar nas matérias que leciona e nos programas que organiza, sabendo que deve adaptá-los e aplicá-los às nossas situações específicas.

O Paradigma Inaciano

30. O Paradigma Inaciano “experiência, reflexão, ação” sugere uma multidão de caminhos pelos quais os professores poderiam acompanhar seus alunos e facilitar-lhes a aprendizagem e amadurecimento, fazendo-os encarar a verdade e o sentido da vida. É um Paradigma que pode fornecer resposta muito adequada aos problemas educativos por nós hoje enfrentados, e ter a capacidade intrínseca de ultrapassar o meramente teórico e chegar a ser um instrumento prático e eficaz no sentido de efetuar mudanças em nossa maneira de ensinar e na de os nossos alunos aprenderem. O modelo “experiência, reflexão e ação” não é somente uma ideia interessante, merecedora de um diálogo sério, nem uma simples proposta intrigante para provocar longos debates. Pelo contrário, é um Paradigma Inaciano educativo, simultaneamente novo e familiar; um modo de proceder que todos podemos adotar confiadamente em nossa tarefa de ajudar os alunos em seu desenvolvimento autêntico como pessoas competentes, conscientes e sensíveis à compaixão.



Figura 2. Paradigma Inaciano

31. Característica de importância decisiva do Paradigma Inaciano é a introdução da reflexão como dinâmica essencial. Durante séculos, con-

siderou-se que a educação consistia em acumular conhecimentos adquiridos por meio de lições e provas⁵. O ensino obedecia a um modelo primitivo de comunicação, segundo o qual a informação se transmitia e o conhecimento se transferia do professor para o aluno. Os alunos recebiam um ponto claramente exposto e totalmente explicado e, em troca, o professor exigia deles a ação de demonstrar, frequentemente recitando de memória, que tinham assimilado o que lhes fora comunicado. Embora a pesquisa das duas últimas décadas haja demonstrado reiteradas vezes, graças a múltiplos estudos, que a aprendizagem eficaz resulta da interação do aluno com a experiência, grande parte do ensino que ainda se ministra continua restrita a um modelo educativo de duas fases: EXPERIÊNCIA — AÇÃO, no qual o professor desempenha um papel muito mais ativo do que o aluno⁶. Há um modelo frequentemente adotado, cujo objetivo pedagógico primordial é o desenvolvimento da capacidade de memorização dos alunos. Não obstante, como modelo de ensino para a educação da Companhia de Jesus, é muito deficiente por dois motivos:

- 1) O intuito dos colégios da Companhia é que a experiência da aprendizagem conduza, além do estudo memorístico, ao desenvolvimento das habilidades de aprendizagem mais complexas da compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação.

5. A metodologia da “aula magistral” em que prevalecia a autoridade do professor (*magister*) como comunicador do conhecimento chegou a ser o modelo predominante desde a Idade Média. A leitura em voz alta na aula constituía a “lectio” ou lição, que os alunos deviam aprender e defender. Os progressos da técnica da imprensa proporcionaram maior facilidade no uso de livros para a leitura e o estudo pessoal. Em épocas mais recentes, a proliferação de textos e apostilas, escritos por especialistas e maciçamente difundidos pelos editores, tiveram um impacto significativo no ensino escolar. Em muitos casos, o livro de texto substituiu o professor como autoridade máxima, a ponto de a escolha de um texto talvez ser uma das decisões pedagógicas mais importantes a serem tomadas pelo professor. É prática comum que a matéria da disciplina seja definida pelos capítulos ou páginas do texto que os alunos devem saber para passar no exame. É frequente que se preste pouca atenção ao modo como o conhecimento e as ideias que se utilizam em uma determinada disciplina não só podem aumentar o acervo de conhecimentos, mas também influir decisivamente na compreensão e valorização do mundo em que se vive.

6. Basta pensar nos “aprendizes” do mundo artesanal, para dar-nos conta de que nem sempre a pedagogia supôs tal passividade no aluno.

- 2) E, se o ensino terminasse aqui, não seria inaciano. Faltar-lhe-ia o componente da REFLEXÃO, graças à qual os alunos são impelidos a considerar o significado e a importância humana daquilo que estão estudando e a incorporar responsabilmente esse significado, para irem amadurecendo como pessoas competentes, conscientes e sensíveis à compaixão.

Dinâmica do Paradigma

32. A compreensão do Paradigma Pedagógico Inaciano deve estender-se tanto ao contexto da aprendizagem como ao processo mais explicitamente pedagógico. Além disso, deveria indicar os modos de fomentar a abertura ao desenvolvimento, mesmo após ter o aluno concluído um ciclo determinado de estudos. Neste sentido, cinco pontos devem ser levados em consideração: CONTEXTO, EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO, AÇÃO, AVALIAÇÃO.

33. 1. CONTEXTO DA APRENDIZAGEM: Inácio, antes de dar início ao acompanhamento de alguém nos Exercícios Espirituais, sempre fazia questão de conhecer-lhe as predisposições para a oração e para com Deus. Dera-se conta de quão importante era para uma pessoa estar aberta aos movimentos do Espírito, se quisesse conseguir de fato algum fruto do processo espiritual que se dispunha a realizar. Baseado neste conhecimento prévio, Inácio podia formar uma ideia da aptidão do candidato para começar a experiência; e da sua possibilidade de aproveitar dos Exercícios completos ou se mais lhe convinha uma experiência abreviada.

34. Nos Exercícios Espirituais, Inácio faz questão de que a experiência do exercitante sempre dê forma e contexto aos exercícios que se estão fazendo. Não obstante, cabe ao diretor a responsabilidade, não só de selecionar os exercícios que pareçam mais proveitosos e convenientes, mas também de modificá-los e adaptá-los para que sejam mais diretamente aplicáveis ao exercitante. Inácio estimula o diretor dos Exercícios a

inteirar-se o mais de perto e previamente possível da vida do exercitante, para ter condições de melhor ajudá-lo a discernir as moções do Espírito, no decorrer do retiro.

35. Da mesma forma, a atenção pessoal e a preocupação pelo aluno, que é um distintivo da educação jesuíta, requer do professor que conheça quanto for possível e conveniente a vida do aluno. E, como a experiência humana, ponto de partida da pedagogia inaciana, nunca se produz no vazio, devemos conhecer, na medida do possível, o contexto concreto em que se processa o ensino-aprendizagem. Como professores, portanto, precisamos entender o mundo do aluno, sem descuidar as formas pelas quais a família, os amigos, os companheiros, a subcultura juvenil e seus costumes, bem como as pressões sociais, a vida escolar, a política, a economia, a religião, os meios de comunicação, a arte, a música e outras realidades, estão causando impacto neste mundo e influenciando no aluno para o bem ou para o mal. De vez em quando, deveríamos mover claramente nossos alunos a refletir seriamente sobre as realidades contextuais dos nossos dois mundos. Quais as forças que neles influem? Como percebem que essas forças estão atuando em suas atitudes, valores, crenças, e modelando suas percepções, juízos e opções? E as realidades do mundo, como chegam a afetar seu modo de aprender e os ajudam a moldar as próprias estruturas habituais de pensamento e ação? Que medidas práticas estão dispostos a tomar para conseguir maior liberdade e controle do seu futuro?

36. Para que surja a relação de autenticidade e verdade entre professores e alunos, requerem-se confiança e respeito, que se nutrem de uma constante experiência do outro como genuíno companheiro de aprendizagem. Significa, além disso, ter profunda consciência e estar atentos para o ambiente institucional do colégio. Como professores e diretores, é preciso também ficar atentos ao complexo e, não raro, sutil universo de normas, comportamentos e relações que geram o clima educativo.

37. O apreço, o respeito e o serviço deveriam distinguir a relação existente, não só entre professores e alunos, mas também entre todos os membros da comunidade escolar. Como ideal, os colégios da Companhia de-

veriam ser lugares onde cada um se sinta compreendido, considerado e atendido; onde os talentos naturais e a capacidade criativa das pessoas sejam reconhecidas e elogiadas; onde todos sejam tratados com justiça e equidade; onde seja normal o sacrifício em prol dos economicamente pobres, marginalizados sociais e intelectualmente menos bem dotados; onde cada um de nós encontre o desafio, o estímulo e a ajuda de que precisa para realizar ao máximo as suas potencialidades individuais; onde nos ajudemos uns aos outros e juntos trabalhemos com entusiasmo e generosidade, esforçando-nos por tornar concretamente visíveis, por palavras e obras, os ideais que defendemos para nossos alunos e para nós mesmos.

38. Em consequência, os professores e demais membros da comunidade educativa deveriam considerar: a) **o contexto real da vida do aluno** que abrange sua família, os companheiros, as situações sociais, a própria instituição educativa, a política, a economia, o clima cultural, a situação eclesial, os meios de comunicação, a música e outras realidades. Tudo isso exerce um impacto positivo ou negativo sobre o estudante. De vez em quando, será útil e importante estimular os alunos a refletir sobre os fatores ambientais cujo influxo experimentam e como afetam suas atitudes, suas maneiras de captar a realidade, suas opiniões e preferências. Especial importância terá isso quando os alunos estiverem estudando temas que provavelmente vão provocar neles sentimentos intensos;

39. b) o contexto socioeconômico, político e cultural no qual o aluno vive pode afetar seriamente seu crescimento como “homem para os outros”. Por exemplo, uma cultura de pobreza endêmica afeta em geral negativamente as expectativas de êxito escolar; os regimes políticos opressivos bloqueiam os questionamentos que possam pôr em perigo suas ideologias dominantes. Estes e muitos outros fatores podem restringir a liberdade que a pedagogia inaciana tanto fomenta;

40. c) o ambiente institucional do colégio ou centro educativo, isto é, todo o complexo e, não raro, sutil conjunto de normas, expectativas e especialmente relações criadas pela atmosfera da vida escolar. Estudos recentes sobre as escolas católicas destacam a importância de um am-

biente positivo na escola. No passado, as melhorias na educação religiosa e dos valores foram promovidas com base na implantação de novos programas, recursos audiovisuais e bons livros de texto. Todas essas melhorias produzem alguns resultados. Mas em geral alcançam muito menos do que prometem. Os resultados de uma pesquisa recente indicam que o ambiente geral do colégio pode muito bem ser a condição prévia e necessária para que uma educação de valores possa até mesmo chegar a começar, e que é preciso prestar muito mais atenção ao ambiente ou clima escolar em que se está processando o desenvolvimento moral e a formação religiosa do adolescente. Concretamente, a preocupação por um ensino de qualidade, pela verdade, pelo respeito aos demais, malgrado as diferenças de opiniões, a ambiência, o perdão e algumas manifestações evidentes da crença da Instituição no Transcendente, são características de um ambiente escolar que ajuda na obtenção de um desenvolvimento humano integral. Um colégio da Companhia deve ser uma comunidade de fé, transparente, na qual prevaleça uma autêntica relação pessoal entre professores e alunos. Sem esta relação, perder-se-ia praticamente grande parte da nossa genuína força educativa, já que a autêntica relação de confiança e amizade entre professores e alunos é necessária como condição “sine qua non” para progredir de algum modo no compromisso com os valores. Por conseguinte, a “*alumnorum cura personalis*”, ou seja, o amor autêntico e a atenção pessoal prestada a cada um dos nossos alunos, é essencial para criar um ambiente que favoreça o paradigma pedagógico iniciano proposto;

41. d) conceitos adquiridos previamente que os alunos trazem consigo no início do processo de aprendizagem. Os seus pontos de vista e os conceitos que possam ter adquirido em aprendizagens anteriores, ou ter captado espontaneamente do seu ambiente cultural, bem como os sentimentos, atitudes e valores que dizem respeito à matéria que vão estudar, tudo isto faz parte do contexto real do ensino.

42. 2. A EXPERIÊNCIA significa para Inácio “saborear as coisas internamente”. Isto requer, em primeiro lugar, ter conhecimento de fatos, conceitos e princípios. Exige do indivíduo que seja sensível às conotações e matizes das palavras e aos acontecimentos, que analise e avalie as

ideias, que raciocine. Só mediante uma compreensão exata do que se está considerando é possível alcançar uma apreciação adequada do seu significado. Mas a experiência inaciana ultrapassa a compreensão puramente intelectual. Inácio exige que “o homem todo” — mente, coração e vontade — se envolva na experiência educativa. Estimula a valer-se tanto da experiência, da imaginação e dos sentimentos como do entendimento. As dimensões afetivas do ser humano devem ficar tão implicadas quanto as cognitivas, pois, se o sentimento interno não se alia ao conhecimento intelectual, a aprendizagem não moverá ninguém à ação. Por exemplo, uma coisa é saber que Deus é Pai. Mas, para que essa verdade se torne vida e chegue a ser eficiente, Inácio nos fará *sentir* a ternura com que o Pai de Jesus nos ama e cuida de nós, perdoadando-nos. E essa experiência mais profunda pode fazer-nos cair na conta de que Deus partilha seu amor com todos os irmãos e irmãs da grande família humana. No mais íntimo do nosso ser, poderemos sentir-nos compelidos a nos preocupar com os outros — com suas alegrias e penas, esperanças, provações, pobreza, e com a injustiça que sofrem — e a querer fazer algo por eles. Nisto estão implicados o coração e a cabeça, a pessoa em sua totalidade.

43. Portanto, empregamos a palavra EXPERIÊNCIA para descrever qualquer atividade em que, junto com uma aproximação cognitiva da realidade em questão, o aluno percebe uma reação de caráter afetivo. Em qualquer experiência, o aluno percebe os dados cognitivamente. À força de perguntar-se, imaginar e investigar seus elementos e relações, o aluno estrutura os dados em uma hipótese. “Que é isto? É parecido com o que já conheço? Como funciona?” E, sem mediar uma escolha deliberada, já surge a reação afetiva espontânea a, por exemplo: “Gosto disso... Isto me dá medo... Não me dou com esse tipo de coisas... Isto é interessante... Isto me enoja”.

44. Ao começar matéria nova, o professor pode perceber frequentemente quanto os sentimentos dos alunos os ajudam a crescer. Pois é muito difícil que um aluno entre em contato com uma novidade no estudo sem relacioná-la com os conhecimentos anteriores. Novos fatos, ideias, pontos de vista ou teorias quase sempre representam um desafio ao que o aluno já sabe sobre o assunto. Isto implica um crescimento, uma com-

preensão mais plena, que podem modificar ou transformar os conhecimentos que ele pensava já possuir satisfatoriamente. O confronto de um conhecimento novo com o já sabido, especialmente quando o novo não encaixa exatamente no já conhecido, não se pode limitar simplesmente à memorização ou assimilação passiva de dados adicionais. O aluno estranha ao perceber que não compreende as coisas perfeitamente. E isto provoca novas tentativas para melhor compreender — análise, comparações, contrastes, sínteses, avaliação — todo o tipo de atividades mentais e psicomotoras, pelas quais os alunos tentam captar mais profundamente a realidade.

45. A experiência humana pode ser direta ou indireta:

— Direta

Uma coisa é ler em um jornal que as cidades costeiras de Porto Rico foram arrasadas por um furacão. Talvez se tenha notícia de alguns pormenores: a velocidade do vento, sua direção, o número de vítimas fatais e de feridos, a extensão e localização dos danos materiais. Mas esse conhecimento puramente intelectual pode deixar o leitor distante e frio, com referência às proporções humanas da tormenta. Há grande diferença entre estar alguém ao relento quando o vento sopra, a sentir o ímpeto do temporal e o perigo imediato que ameaça a sua vida, seu lar e tudo o que possui, e sentir o medo apoderar-se-lhe das entranhas porque teme pela própria vida e pela de seus familiares, enquanto o ensurdece o sibilar do vento. Este exemplo mostra claramente como a experiência direta é, via de regra, mais intensa e afeta mais a pessoa. No contexto escolar, a experiência direta costuma ocorrer nas relações interpessoais, tais como conversas ou debates, descobertas de laboratório, pesquisas de campo, práticas de serviço social, atividades esportivas, ou similares.

— Indireta

Nos estudos, a experiência direta nem sempre é possível. A aprendizagem estrutura-se, com frequência, por meio de experiências indiretas,

lendo ou ouvindo uma leitura. Para empenhar os alunos em uma experiência de aprendizagem mais profunda em nível humano, os professores são desafiados a estimular a imaginação deles e a aplicação dos sentidos, de sorte que possam ter acesso mais pleno à realidade estudada. Será necessário enriquecer o contexto histórico, as implicações temporais do tema em estudo, bem como os fatores culturais, sociais, políticos e econômicos que, na época, tenham afetado a vida das pessoas. As simulações, representações, o uso de material audiovisual e outros recursos semelhantes podem ser de grande valia.

46. Nas fases iniciais da experiência, quer direta quer indireta, os alunos percebem simultaneamente os fatos e as próprias reações afetivas. Só articulando esses dados será possível captar o significado cabal da experiência, respondendo a perguntas como: “Que é isto?” e “qual é a minha reação?” Por isso devem os alunos ficar atentos e ativos para conseguir a percepção e a compreensão das realidades humanas que os questionam.

47. 3. A REFLEXÃO: No decorrer da sua vida, Inácio conscientizou-se de que estivera constantemente sujeito a diferentes tendências e sugestões, quase sempre alternativas contraditórias. O seu maior empenho foi procurar descobrir o que o movia em cada caso: o impulso que o levava ao bem ou o inclinava para o mal; o desejo de servir aos outros ou a preocupação com sua própria afirmação egoísta. Converteu-se assim em mestre do discernimento, e hoje continua a sê-lo, pois conseguiu distinguir esta diferença. Para Inácio, “discernir” significava esclarecer as próprias motivações internas, os objetivos que agiam por trás de suas opiniões; pôr em questão as causas e implicações do que experimentara, ponderar as possíveis opções e avaliá-las à luz de suas prováveis consequências, para obter o objetivo pretendido: ser uma pessoa livre, que busca, encontra e executa a vontade de Deus em cada situação.

48. Neste nível da REFLEXÃO, a memória, o entendimento, a imaginação e os sentimentos são utilizados para captar o significado e valor essencial do que está sendo estudado, para descobrir sua relação com outros aspectos do conhecimento e da atividade humana, e para apre-

ciar suas implicações na constante busca da verdade e da liberdade. Esta REFLEXÃO é um processo formativo e libertador. Forma a consciência dos alunos (suas crenças, valores, atitudes e, até mesmo, sua forma de pensar), de tal sorte que os desafia a ir além do puro conhecimento e passarem à ação.

49. Com o termo “reflexão”, queremos significar a reconsideração séria e ponderada de um tema determinado, experiência, ideia, propósito ou reação espontânea, visando captar o seu sentido mais profundo. Portanto, a reflexão é o processo pelo qual se traz à tona o sentido da experiência:

50. Quando se percebe com maior clareza a verdade em estudo. Por exemplo: “Qual é o pressuposto desta teoria do átomo, de tal exposição da história dos povos indígenas, desta análise estatística? São válidos os resultados? São honestos? Seria possível partir de outros pressupostos? No caso de se terem feito outras hipóteses iniciais, surgiriam resultados diferentes?”

51. Quando se diagnosticam as causas dos sentimentos ou reações que se experimentam ao considerar atentamente alguma coisa. Por exemplo: “Ao estudar este episódio, o que é que me interessa mais particularmente? Por quê? O que é que me deixa perplexo nesta tradução? Por quê?”

52. Quando se penetra mais a fundo nas implicações do que se chegou a entender por si mesmo ou com a ajuda alheia. Por exemplo: “Dos esforços feitos para controlar o efeito estufa, que consequências podem resultar para a minha vida, a da minha família ou dos meus amigos, e para a vida dos povos dos países pobres?”

53. Quando se conseguem convicções pessoais sobre fatos, opiniões, verdades — distorcidas ou não — e coisas semelhantes. Por exemplo: “A maioria das pessoas considera que seria desejável uma repartição mais equitativa dos recursos do mundo; não só, mas é um imperativo moral. Poderiam o meu próprio estilo de vida pessoal e tantas coisas que me parecem normais e julgo naturais contribuir para tal desigualdade? Estou disposto a reconsiderar de quanto preciso para ser feliz?”

54. Ao conseguir compreender quem sou (“O que é que me move, e por quê?”) **e quem deveria ser em relação aos outros**. Por exemplo: “Que influência tem sobre mim a problemática que estou ponderando? Por quê? Vivo em paz estas reações que se produzem em mim? Por quê? Se não, por que não?”.

55. Desafio ainda maior para o professor, nesta etapa do paradigma da aprendizagem, é formular perguntas que ampliem a sensibilidade do aluno e o façam considerar o ponto de vista dos outros, especialmente dos pobres. A tentação, para o professor, talvez venha a ser procurar impor os próprios pontos de vista. Caso isto aconteça, o risco de manipulação ou doutrinação (certamente não inaciano) seria grande, e os professores devem precaver-se de tudo o que favoreça este risco. Mas permanece o desafio de incrementar a sensibilidade dos alunos para as implicações humanas do que estudam, de sorte que progridam além das próprias experiências anteriores e cresçam em qualidade humana.

56. Como educadores, insistimos em que tudo se deve fazer com total respeito à liberdade do aluno. É possível que, mesmo depois de um processo reflexivo, um aluno resolva agir de forma egoísta. Sabemos que, em razão de fatores evolutivos, insegurança ou outras situações que ordinariamente afetam a vida do jovem, este pode não ser capaz, em tal conjuntura, de amadurecer na linha de um maior altruísmo, respeito à justiça etc. O próprio Jesus enfrentou reações dessas com o jovem rico do Evangelho. Cumpre ser respeitosos para com a liberdade individual de quem resiste ao amadurecimento. Nós somos simplesmente semeadores; a seu tempo, a providência de Deus fará germinar a semente.

57. A reflexão que estamos considerando pode e deve estender-se onde quer seja conveniente, de tal sorte que alunos e professores sejam capazes de partilhar suas reflexões, e assim tenham a oportunidade de crescer juntos. Uma reflexão partilhada pode reforçar, desafiar, estimular a reconsideração e, finalmente, dar maior segurança de que a ação que se vai empreender — individual ou coletiva — vai ficar mais integrada e ser mais coerente com o que significa ser uma “pessoa para os outros”.

58. (Os termos EXPERIÊNCIA e REFLEXÃO podem ser definidos de maneiras diferentes, de acordo com as diversas escolas pedagógicas. E

julgamos conveniente que hoje se utilizem esses e outros termos semelhantes para exprimir ou promover um ensino personalizado e ativo, cujo objetivo não seja a mera assimilação de matérias, mas o desenvolvimento da pessoa. Na tradição educativa inaciana, contudo, esses termos são particularmente significativos, porque traduzem o “modo de proceder” mais eficaz para conseguir a “formação integral” do aluno, isto é, um modo de experimentar e refletir que leva o aluno não só a aprofundar-se nas matérias, mas a buscar um significado para a vida e efetuar opções pessoais (AÇÃO) de acordo com uma visão integradora do mundo. Por outro lado, sabemos que a experiência e a reflexão não são fenômenos separáveis. Não é possível ter uma experiência sem um mínimo de reflexão, e todas as reflexões implicam algumas experiências intelectuais ou afetivas, intuições ou ilustrações, uma visão do mundo e dos outros.)

59. 4. A AÇÃO: para Inácio, a prova mais contundente do amor é o que se faz, não o que se diz. “O amor demonstra-se com fatos, não com palavras.” O impulso dos *Exercícios Espirituais* permitia precisamente ao exercitante conhecer a vontade de Deus, para livremente cumpri-la. Por isso também, Inácio e os primeiros jesuítas ocupavam-se principalmente da formação das atitudes dos alunos, de seus valores e ideais, à luz dos quais tomariam decisões em uma grande variedade de situações em que teriam de intervir. Nos colégios da Companhia, Inácio queria formar jovens que pudessem contribuir inteligente e eficazmente para o bem-estar da sociedade.

60. A reflexão pedagógica inaciana seria um processo truncado se terminasse na compreensão e nas reações afetivas. A reflexão inaciana começa precisamente com a realidade da experiência e termina necessariamente nessa mesma realidade, para atuar sobre ela. A reflexão só faz crescer e amadurecer quando resulta em decisão e compromisso.

61. Em sua pedagogia, Inácio distingue o estágio afetivo/avaliativo do processo de formação, por ter consciência de que os sentimentos afetivos, além de permitir a “sentir e saborear”, ou seja, inserir-se na própria experiência, são forças motivadoras que fazem o indivíduo passar da compreensão à ação e ao compromisso. Respeitando a liberdade de cada

um, trata preferentemente de animar à decisão e ao compromisso pelo “magis”, o maior serviço de Deus e de nossos irmãos e irmãs.

62. A palavra AÇÃO refere-se aqui ao crescimento humano interior baseado na experiência na qual se refletiu, bem como à sua manifestação externa. *Isto supõe duas etapas:*

1) Opções interiorizadas

Após a reflexão, o aluno considera a experiência de um ponto de vista pessoal e humano. À luz da compreensão intelectual da experiência e dos sentimentos nela implicados — positivos ou negativos — é que a vontade se sente mobilizada. Os conteúdos percebidos e analisados conduzem a opções concretas. Estas podem ocorrer quando alguém resolve que tal verdade vai ser o seu ponto de referência pessoal, a atitude ou predisposição que influirá em uma série de decisões. E pode adquirir a forma de um esclarecimento gradual das próprias prioridades. Neste momento, um aluno pode resolver-se a assumir tal verdade como própria, mantendo-se ainda aberto no sentido de perceber para onde esta verdade o leva.

2) As opções que se manifestam externamente

Com o tempo, esses conteúdos, atitudes e valores interiorizados vão se incorporando à pessoa e impelem o aluno a agir, a fazer algo coerente com suas convicções. Caso o conteúdo seja positivo, o aluno esforçar-se-á provavelmente por incrementar as condições ou circunstâncias em que a experiência original ocorreu. Por exemplo, um aluno que teve êxito na educação física inclinar-se-á a praticar habitualmente algum esporte durante os tempos livres. Se uma aluna criou gosto pela história da literatura, tomará tempo para leitura. Outro, que julga valioso ajudar os colegas nos estudos, pode oferecer-se como voluntário em algum programa de ajuda aos colegas mais fracos. Se ele ou ela avaliam melhor as necessidades dos pobres, depois de terem passado por experiências de assistência em áreas marginalizadas e refletido sobre elas, isto

poderia influir na escolha da própria carreira, ou em sentir-se motivados a um trabalho voluntário em favor dos pobres. Se o conteúdo tiver sido negativo, então, provavelmente o aluno procurará reagir, mudar, discernir ou evitar condições e circunstâncias em que ocorreu a experiência original. Por exemplo, se o aluno se dá conta agora das causas do seu fracasso escolar, poderá decidir-se a melhorar seus hábitos de estudo para evitar outros fracassos.

63. 5. A AVALIAÇÃO: Todos os professores sabem da importância de avaliar de vez em quando o progresso de cada aluno nos estudos. As perguntas diárias, as provas semanais ou mensais e os exames finais são instrumentos usuais de avaliação para apreciar o domínio dos conhecimentos e das capacidades adquiridas. As provas periódicas informam o professor e o aluno sobre o progresso intelectual e detectam as lacunas que devem ser preenchidas. Provavelmente, esse tipo de realimentação pode conscientizar o professor da necessidade de recorrer a métodos diferentes de ensino; e fornece-lhe a oportunidade de estimular e aconselhar pessoalmente cada aluno sobre o seu progresso acadêmico (por exemplo, revendo os hábitos de estudo).

64. A pedagogia inaciana, contudo, visa conseguir uma formação que, embora inclua o domínio das matérias, pretende ir mais longe. Neste sentido, nós nos preocupamos com o equilíbrio no desenvolvimento dos alunos como “pessoas para os outros”. Por isso, é essencial a avaliação periódica do seu progresso nas atitudes, prioridades, modo de proceder de acordo com o objetivo de ser “pessoas para os outros”. Provavelmente esta avaliação integral não deverá ser tão frequente como nos estudos, mas precisa programar-se periodicamente, pelo menos uma vez por trimestre. Um professor observador perceberá, com muito mais frequência, indícios de maturidade ou imaturidade nas discussões em aula, atitudes de generosidade dos alunos relativamente às necessidades comuns, etc.

65. Há muitos modos de avaliar o processo de maturação humana. Tudo deve ser levado em conta: a idade, o talento e o nível de desenvolvimento de cada aluno. Nisto as relações de respeito e confiança mútua, que sempre deveriam existir entre professor e aluno, são as que criam um

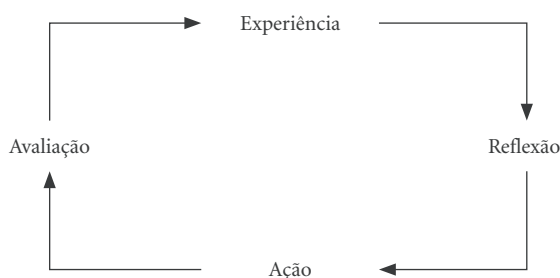
clima propício para falar sobre a maturidade. Há métodos pedagógicos adequados, como o diálogo pessoal, a revisão dos diários dos alunos, a autoavaliação dos próprios alunos nas várias etapas de desenvolvimento, bem como a revisão das atividades de tempo livre e o serviço voluntário a outros.

66. Este pode ser um momento privilegiado, tanto para que o professor parabeneze e anime o aluno pelo esforço despendido como para estimular uma ulterior reflexão à luz dos pontos obscuros ou lacunas detectados pelo próprio aluno. O professor pode motivá-lo a realizar as revisões oportunas, fazendo perguntas interessantes, abrindo novas perspectivas, fornecendo a informação necessária e sugerindo modos de ver as coisas de pontos de vista diferentes.

67. Com o correr do tempo, as atitudes dos alunos, suas prioridades e resoluções podem ser investigadas novamente à luz de ulteriores experiências, mudanças de ambiente, desafios provocados por deslocamentos sociais e culturais, ou coisas parecidas. O modo discreto de o professor perguntar pode sugerir a necessidade de tomar decisões ou compromissos mais adequados, o que Inácio de Loyola denomina “magis”. Esta nova consciência da necessidade de amadurecer pode servir ao aluno para novamente empreender o ciclo do paradigma da aprendizagem inaciana.

Um processo contínuo

68. Este modo de proceder pode converter-se em um exercício constante e eficiente de aprendizagem, bem como em um estímulo para permanecer aberto ao crescimento durante a vida inteira.



69. Uma reaplicação do Paradigma Inaciano pode ajudar o aluno a amadurecer, pois este:

- aprenderá gradualmente a discernir e selecionar suas experiências;
- tornar-se-á capaz de adquirir maior plenitude e riqueza pessoais, a partir da reflexão sobre estas experiências; e
- conseguirá automotivar-se, baseado em sua própria honestidade e humanidade, para optar consciente e responsabilmente.

70. Além disso, e talvez seja o mais importante, o uso coerente do paradigma inaciano pode levar à aquisição de hábitos permanentes de aprendizagem, que fomentem a intensidade da experiência, a compreensão reflexiva que supere o interesse individual, e os critérios de uma ação

responsável. Estas aquisições educativas caracterizavam os ex-alunos da Companhia de Jesus primitiva. Talvez sejam ainda mais necessárias para os cidadãos responsáveis do terceiro milênio.

Traços predominantes do Paradigma Pedagógico Inaciano

71. É natural que nos satisfaça uma pedagogia inaciana que se refere às *Características da educação da Companhia de Jesus* e a nossos próprios objetivos como professores. A contínua interação de EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO e AÇÃO nos propicia um modelo pedagógico muito significativo no contexto cultural do nosso tempo. É um modelo básico e sugestivo que se refere diretamente ao processo de ensino-aprendizagem. É um modo de proceder cuidadoso e razoável, concebido em coerência lógica com os princípios da espiritualidade inaciana e com a educação da Companhia. Mantém firmemente a importância e conveniência da inter-relação de professor, aluno e matéria. Ainda mais importante, atende às realidades, como aos ideais de formação, de maneira prática e sistemática, ao mesmo tempo que oferece os recursos básicos de que necessitamos para dar sentido à nossa missão educativa de formar “homens e mulheres para os outros”. E, se queremos trabalhar para fazer da pedagogia inaciana uma característica essencial da educação jesuíta em nossos colégios e em nossas aulas, será útil recordar o seguinte, relativamente ao paradigma proposto:

72. O Paradigma Pedagógico Inaciano adapta-se a todos os planos de estudo. Como atitude, mentalidade e enfoque permanente que transcende todas as nossas programações curriculares, o Paradigma Pedagógico Inaciano adapta-se a todos os planos de estudo propostos pelas administrações públicas. Não exige o acréscimo de um só curso, mas requer a inclusão de novos enfoques no modo de distribuir as aulas exigidas pela programação curricular.

73. O Paradigma Pedagógico Inaciano é fundamental no processo da aprendizagem. Aplica-se não só às disciplinas teóricas, mas também às áreas não teóricas, tais como as atividades para escolares, esportes, programas de serviço social, convivências e outras semelhantes. Dentro de uma disciplina concreta (história, matemática, línguas, literatura, física, arte etc.), o Paradigma pode ser um instrumento útil para preparar as aulas, planejar tarefas e escolher atividades formativas. O Paradigma é dotado de um potencial considerável para ajudar os alunos a relacionarem as matérias de cada disciplina, e estas entre si, e para incorporar seus conteúdos ao já estudado. Sendo usado constantemente no decurso de um programa escolar, o Paradigma confere coerência a toda a experiência educativa do aluno. A aplicação regular do modelo nas diversas situações escolares contribui para criar nos alunos o hábito espontâneo de refletir sobre a experiência, antes de passar à ação.

74. O Paradigma Pedagógico Inaciano pode contribuir para o aprimoramento do professorado. Permite enriquecer o conteúdo e a estrutura do que os professores estão ensinando. Fornece ao professor meios adicionais de apoio às iniciativas estudantis. Leva os professores a melhorarem suas expectativas com referência aos alunos e a exigir deles mais responsabilidade e cooperação na própria formação. Ajuda o professor a motivar os alunos, proporcionando-lhes ocasiões e argumentos para animá-los a relacionar o que estão estudando com experiências efetivadas em seu ambiente.

75. O Paradigma Pedagógico Inaciano personaliza o ensino. Induz os alunos a refletir sobre o conteúdo e significado do que estão estudando. Trata de motivá-los, envolvendo-os como participantes ativos e críticos no processo do ensino. Empenha-se por uma aprendizagem mais pessoal, que permita relacionar mais estreitamente as experiências de alunos e professores. Convida-os a harmonizar as experiências educativas feitas na aula com as de casa, do trabalho, dos colegas etc.

76. O Paradigma Pedagógico Inaciano acentua a dimensão social do ensino e da aprendizagem. Fomenta a estreita cooperação e a comunicação mútua de experiências mediante o diálogo reflexivo entre os alu-

nos. Relaciona o estudo e o amadurecimento próprios com a interação pessoal e as relações humanas. Propicia um impulso firme e resolutivo para a ação que afetará positivamente a vida dos outros. Os alunos aprendem gradualmente que suas mais profundas expectativas provêm de suas relações humanas, relações e experiências de e com outras pessoas. A reflexão deveria levar sempre a um maior respeito pela vida alheia e pelas ações, normas de conduta ou estruturas que favorecem ou obstaculizam o desenvolvimento das pessoas. Isto, naturalmente, supõe que os professores estejam conscientes e comprometidos com tais valores.

Objecções à prática da pedagogia inaciana

77. Não é fácil cumprir metas que se orientam para valores, com as propostas nas *Características da educação da Companhia de Jesus*. Hoje elevam-se vozes poderosas agindo em oposição aos nossos propósitos. Registremos aqui algumas:

1. Um enfoque restrito da educação

78. Frequentemente, o objetivo da educação nos é apresentado como simples transmissão de cultura; por exemplo, transmitir às novas gerações a sabedoria acumulada durante séculos. Esta é, sem dúvida, uma função importante para a salvaguarda da coerência do esforço humano, dentro de qualquer sociedade e da humanidade em geral. Deixar de informar a juventude e prepará-la acerca do que já sabemos resultaria na necessidade de cada nova geração ter de reinventar a roda. De fato, em muitos lugares, a transmissão da cultura é o objetivo supremo, senão o único da educação pública.

79. Mas o objetivo da educação no mundo de hoje, marcado por tão rápidas mudanças em todos os níveis da iniciativa humana, e por sistemas e ideologias competitivas entre si, não pode permanecer tão restrito, se quisermos efetivamente preparar homens e mulheres que sejam competentes e conscientes, capazes de contribuir significativamente para o futuro da humanidade. Do ponto de vista puramente pragmático, a educação que se restringe à transmissão de cultura acaba efetuando uma preparação para o que já está caindo em desuso. Isto é evidente quando organizamos

programas de preparação tecnológica. Menos aparentes são, contudo, as consequências do equívoco em avaliar as implicações humanas das inovações que afetam realmente a vida, como a engenharia genética, a cultura da imagem, as novas formas de energia, o papel dos blocos econômicos emergentes das nações e muitíssimas outras inovações que o progresso nos promete. Muitas delas brindam-nos com a esperança de melhorar a vida humana. Mas a que preço? Não se podem deixar simplesmente tais perguntas por conta dos líderes políticos ou dirigentes da indústria; direito e responsabilidade de cada cidadão é julgar e agir de modo adequado em favor da comunidade humana que se está configurando. Cumpre educar as pessoas para exercerem uma cidadania responsável.

80. Por conseguinte, é essencial acrescentar à transmissão da cultura o preparo para a participação significativa no progresso desta cultura. Sem dúvida alguma, os homens e mulheres do terceiro milênio precisarão de novas capacitações técnicas; mas, e isto é muito mais importante, precisarão habilitar-se para compreender e criticar, baseados no amor, todos os aspectos vitais, de modo que tomem decisões (pessoais, sociais, morais, profissionais, religiosas) que influam benéficamente em nossas vidas. Os critérios desse desenvolvimento (fruto do estudo, da reflexão, da análise, da crítica e da evolução de alternativas eficazes) baseiam-se, inevitavelmente, em valores morais. E isto é certo, quer tais valores sejam rejeitados explicitamente, quer não. Todo ensino fornece valores que podem promover, por exemplo, a justiça, ou podem agir total ou parcialmente, contra a missão da Companhia de Jesus.

81. Por isso, precisamos de uma pedagogia que alerte os jovens sobre as complexas redes de valores que, não raro, se disfarçam tão sutilmente na vida moderna — através da publicidade, da música, da propaganda política, etc. —, de tal modo que os alunos possam examiná-las e julgá-las e comprometer-se livremente com elas, baseados em uma autêntica compreensão.

2. O predomínio do pragmatismo

82. Muitos governos estão acentuando exclusivamente os elementos pragmáticos da educação, levados pela ânsia de galgar metas de pro-

gresso econômico, que podem perfeitamente ser legítimas. O resultado é que a educação fica reduzida a uma preparação para o trabalho. Tal tendência é frequentemente fomentada pelos interesses comerciais, por mais que estes louvem teoricamente a extensão da educação a objetivos culturais. Nos últimos anos, em muitas regiões do mundo, numerosas instituições acadêmicas aderiram a esta perspectiva estreita da educação. E é alarmante presenciar a enorme mudança havida na escolha de especializações universitárias por parte dos estudantes; como abandonam as humanidades, a sociologia, a psicologia, a filosofia e a teologia, e se inclinam exclusivamente para ciências empresariais, econômicas, técnicas, físicas ou biológicas.

83. Na educação jesuíta, não nos limitamos a lamentar sem mais estes fatos da vida moderna. Queremos examiná-los e estudá-los. Cremos que cada disciplina acadêmica, for honesta consigo mesma, tem consciência de que os valores que transmite dependem do ideal da pessoa e da sociedade que lhe servem de ponto de partida. Portanto, consideramos de grande relevância os programas educativos, o ensino e a pesquisa, e as metodologias que se aplicam nas escolas, colégios e universidades, pois rejeitamos qualquer versão parcial ou deformada da pessoa humana, imagem de Deus. Isto contrasta claramente com as instituições educativas que, não raro inconscientemente, descartam a preocupação fundamental pela pessoa humana, influenciadas por um enfoque fragmentário das especializações.

84. Isto significa que a educação jesuíta deve insistir na formação integral de seus alunos com meios tais como a exigência de um currículo básico que inclua humanidades, filosofia, perspectivas teológicas, questões sociais e outras semelhantes, como parte de todos os programas educativos especializados. E, além disso, dever-se-ia aplicar nas especializações o sistema de complementação curricular para estudar mais a fundo as implicações humanas, éticas, sociais do programa acadêmico.

3. O desejo de soluções simples

85. A tendência a procurar soluções simples para questões e problemas humanos complexos caracteriza muitas sociedades contemporâneas. O uso frequente de *slogans* como resposta aos problemas não ajuda precisamente a resolvê-los. Nem tampouco a tendência que vemos em muitos países do mundo inteiro para o fundamentalismo, em um extremo do espectro, e para o secularismo, no extremo oposto. Ambos tendem a ser reducionistas; não satisfazem cabalmente a sede de crescimento humano integral, que tantos irmãos e irmãs nossos reclamam.

86. Na realidade, a educação jesuíta, cujo objetivo é a formação integral da pessoa, enfrenta o desafio de traçar um caminho e aplicar uma pedagogia que evite esses extremos e ajude nossos alunos a captar uma verdade mais plena, as implicações humanas do que aprendem, precisamente para poderem contribuir mais eficazmente no saneamento da humanidade e na construção de um mundo mais humano e mais divino.

4. Os sentimentos de insegurança

87. Um dos motivos que mais contribuem para a busca tão generalizada de respostas fáceis é a insegurança que muita gente experimenta, devida ao fracasso das instituições humanas essenciais, que normalmente proporcionam contextos de crescimento. Tragicamente, a família, sociedade humana fundamental, está se desintegrando em todos os países do mundo. Em muitos países do primeiro mundo, de cada dois matrimônios, um acaba em divórcio, com efeitos devastadores para os cônjuges e, sobretudo, para os filhos. Outra fonte de insegurança e confusão é o fato de estarmos assistindo a uma histórica e maciça migração por toda a face da terra. Milhões de homens, mulheres e crianças são arrancado dos próprios ambientes culturais, em consequência da opressão, das guerras civis, ou da escassez de comida ou de meios de manter-se. Talvez os adultos possam conservar elementos da própria herança cultural e religiosa, mas os jovens ficam geralmente sujeitos a conflitos culturais e sentem-se obrigados a adotar os valores dominantes em suas novas pátrias, para serem aceitos por elas. Apesar de tudo, no fundo, sentem dú-

vidas a respeito desses novos valores. A insegurança traduz-se amiúde em atitudes defensivas e egoístas, em um comportamento do tipo “primeiro eu”, que bloqueia a capacidade de interessar-se pelas necessidades alheias. A ênfase que o paradigma inaciano põe na reflexão, com o intuito de alcançar o sentido, pode ajudar os alunos a entender os motivos subjacentes às inseguranças que sentem e a buscar formas mais construtivas de enfrentá-las.

5. Os programas de estudos impostos pelas administrações públicas

88. Para além de todos esses fatores, está a realidade do pluralismo do mundo atual. Ao contrário do que sucedia nos colégios da Companhia no século XVI, não existe mais um currículo único, reconhecido como “Trivium” ou “Quatrivium”, que possa ser aplicado como estrutura exclusiva de formação para o nosso tempo. Os programas atuais refletem, como é lógico, culturas locais e necessidades particulares consideravelmente mutáveis. Mas em numerosos países os governos controlam rigorosamente os cursos que integram os programas de estudo nos níveis primário e secundário. E isto pode impedir um desenvolvimento curricular em consonância com a prioridade formativa dos colégios.

89. Já que o processo inaciano de aprender requer certo estilo de ensino-aprendizagem, enfrenta as disciplinas do programa mais por infusão do que praticando modificações ou acréscimos nas unidades didáticas. Assim fazendo, evitam-se novos acréscimos aos currículos escolares já sobrearregados, e ao mesmo tempo evita-se que determinados conteúdos sejam vistos como suplemento decorativo das disciplinas “importantes”. Naturalmente, isto não descarta a possibilidade de que alguma unidade específica de ética ou de outras matérias semelhantes possa ser aconselhável em um contexto particular.

Da teoria à prática: programas para a formação do professorado

90. Ao refletir sobre o exposto, pode haver quem se pergunte como é possível pôr tudo isso em execução. Na realidade, muito poucos são os professores que praticam essa metodologia de modo coerente. E a falta de experiência talvez seja o maior obstáculo para qualquer mudança efetiva no comportamento de um professor. Os membros do “Conselho Internacional para o Apostolado Educativo da Companhia de Jesus” (Icaje) compreendem perfeitamente esses reparos. A experiência mostrou que muitas inovações educacionais fracassaram precisamente por causa desse problema.

91. Neste sentido, estamos convencidos de que nos centros educativos, nas províncias ou regiões onde se utilizará esse *Paradigma Pedagógico Inaciano* serão essenciais os programas de formação do professorado que incluam uma preparação no local. Já que só se consegue dominar as técnicas de ensino mediante a prática, os professores precisarão não só de explicações sobre métodos, mas também de oportunidades para neles se exercitarem. Tais programas podem equipar os professores com um conjunto de métodos pedagógicos inspirados na pedagogia inaciana, dentre os quais poderão adotar aqueles que forem mais adequados às necessidades dos alunos a seu cargo. Neste sentido, a formação do professorado em nível de colégio ou de Província faz parte essencial do Projeto Pedagógico Inaciano.

92. De acordo com isto, julgamos necessário selecionar e preparar equipes capacitadas para apresentar esses programas de formação a grupos

locais ou provinciais de professores, para aplicação do *Paradigma Pedagógico Inaciano*. Assim, já se estão organizando cursos de formação; estes, naturalmente, procurarão adaptar a cada lugar métodos específicos coerentes com a pedagogia inaciana proposta.

Alguns apoios concretos para entender o Paradigma

93. Os apêndices deste documento proporcionam uma compreensão mais ampla das raízes da Pedagogia Inaciana, através dos próprios escritos de Inácio (Apêndice I) e do resumo apresentado pelo Pe. Kolvenbach sobre métodos mais relevantes que caracterizam a educação jesuíta (Apêndice II). Por fim, uma breve lista de métodos e processos adequados a cada etapa do *Paradigma Pedagógico Inaciano* (Apêndice III). Os programas de formação deverão orientar e capacitar os professores a praticar e chegar a dominar esses métodos.

Convite à cooperação

94. Só conseguiremos saber como adaptar e aplicar o *Paradigma Pedagógico Inaciano* à grande variedade de situações e circunstâncias educativas dos colégios da Companhia no mundo se nos pusermos a trabalhar à luz do Paradigma em nossa interação cotidiana com os alunos, dentro e fora da aula, e descobriremos, por meio desses esforços concretos, os modos práticos de utilizá-lo para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, esperamos que apareçam em breve muitas propostas úteis e pormenorizadas do *Paradigma Pedagógico Inaciano*; elas se irão enriquecendo com a experiência de professores preparados e experimentados em sua aplicação, dentro de áreas concretas e disciplinas específicas. Todos nós, que labutamos na educação, temos a doce esperança de nos beneficiar com a intuição e as sugestões que nos possam propiciar outros professores.

95. De acordo com o espírito inaciano de cooperação, confiamos em que os professores que utilizem o Paradigma Inaciano partilhem com outros as programações que implementarem nas matérias específicas de suas disciplinas. Por isso, esperamos poder oferecer de vez em quando breves subsídios ilustrativos. Por esta razão, convidamos os professores a enviar-nos breves descrições de como aplicaram o Paradigma Inaciano em matérias específicas:

The International Center for Jesuit Education
Borgo S. Spirito, 4
C.P. 6139
00195 ROMA — ITÁLIA

96. Apêndice I: Alguns Princípios Pedagógicos Importantes

Anotações Inacianas

Adaptação das notas introdutórias de Santo Inácio para quem dá os Exercícios Espirituais a outra pessoa. Apontam-se as implicações pedagógicas mais explícitas.

97. Apêndice II: A Pedagogia Inaciana Hoje

Discurso do Pe. Peter-Hans Kolvenbach, SJ, aos participantes do grupo de trabalho sobre a A PEDAGOGIA INACIANA: UMA PROPOSTA PRÁTICA. Villa Cavalletti, 29 de abril de 1993.

98. Apêndice III: Breve lista de métodos e processos adequados a cada uma das etapas do *Paradigma Pedagógico Inaciano*. Os métodos aqui selecionados provêm da tradição educativa da Companhia (Santo Inácio, *Ratio Studiorum* etc.) ou de métodos pedagógicos desenvolvidos mais recentemente em outros círculos, que sejam coerentes com a *Pedagogia Inaciana*. (N.B. Os programas de formação deverão orientar e capacitar os professores a praticar e conseguir dominar esses métodos.)

Alguns princípios pedagógicos importantes (anotações inacianas)

99. A seguir, apresentamos as *Anotações* ou notas orientadoras para o Diretor dos *Exercícios Espirituais*, convertidas em princípios introdutórios da Pedagogia Inaciana:

100. 1. Por “aprender”, entende-se qualquer tipo de experiência, reflexão e ação referentes à verdade; qualquer modo de preparar e dispor a pessoa para vencer todos os obstáculos que tolhem a liberdade e o crescimento (*Anotação 1*).

101. 2. O professor explica ao aluno o modo e a ordem da matéria e narra os fatos fielmente. Atém-se ao que é importante neste ponto e só acrescenta uma curta explicação. Motivo disto é que, quando se expõe aos alunos o fundamental, e eles trabalham e refletem sobre isso, descobrem que a matéria torna-se mais clara e se compreende melhor. A clareza provém do seu próprio raciocínio e causa maior sensação de conquista e satisfação do que se o professor houvesse explicado e desenvolvido o significado por extenso. Não é o muito saber que sacia e satisfaz os alunos, mas o sentir e saborear intimamente a verdade (*Anotação 2*).

102. 3. Em toda a aprendizagem, usamos do entendimento para raciocinar e da vontade para exprimir o nosso afeto (*Anotação 3*).

103. 4. Determinam-se espaços de tempo específicos para o estudo, que via de regra correspondem às divisões naturais da matéria. Contudo, não se quer dizer com isto que cada parte deva efetuar-se necessariamente em um tempo fixo. Pois pode suceder que alguns sejam mais lentos em

alcançar o que se pretende, ao passo que outros sejam mais diligentes e outros tenham mais problemas ou estejam mais cansados. Por isso, pode ser preciso abreviar o tempo em certas ocasiões e estendê-lo em outras (*Anotação 4*).

104. 5. O aluno que começa um estudo deveria fazê-lo com “*grande ânimo e generosidade*”, empenhando livremente toda a sua ação e vontade no que faz (*Anotação 5*).

105. 6. Quando o professor repara que o aluno não se sente movido por nenhuma experiência, deve assediá-lo com perguntas, inquirindo como e quando se dedica ao estudo, examinando a compreensão das instruções, perguntando pelos resultados da reflexão e pedindo contas (*Anotação 6*).

106. 7. Se o professor nota que o aluno está com problemas, deve conversar com ele pausada e amavelmente. O professor deve animá-lo e confortá-lo com vistas ao futuro, revendo os erros com delicadeza e sugerindo modos de melhorar (*Anotação 7*).

107. 8. Se, durante a reflexão, um aluno sente alegria ou desalento, deve pensar mais detidamente nas causas desses sentimentos. Partilhar essa reflexão com um professor pode ajudar o aluno a perceber áreas de satisfação ou estímulo que podem contribuir para seu maior crescimento pessoal ou, senão, bloqueá-lo sutilmente (*Anotações 8, 9, 10*).

108. 9. O aluno deveria propor-se a aprendizagem da matéria com que está lidando como se nada mais tivesse de aprender. Não deveria ter pressa em dar conta de tudo. “*Non multa, sed multum*”: “Trata a matéria selecionada em profundidade; não pretendas dar conta de todos os assuntos de determinada área de estudo” (*Anotação 11*).

109. 10. O aluno deveria dedicar ao estudo todo o tempo marcado. Vale mais dar um tempo suplementar do que reduzi-lo, mormente quando a “tentação de encurtar” é forte e custa estudar. Assim, o aluno se acostumará a não se dar por vencido e a fortalecer o seu estudo no futuro (*Anotações 12 e 13*).

110. 11. Caso o aluno progrida com grande êxito, o professor o aconselhará a avançar com cuidado e menos pressa (*Anotação 14*).

111. 12. Enquanto o aluno aprende, convém mais que o que o motiva e dispõe seja a própria verdade. O professor, como fiel da balança, não se inclina mais para uma coisa do que para outra, mas deixa que o aluno se relacione diretamente com a verdade e seja influenciado por ela (*Anotação 15*).

112. 13. Para que o Criador e Senhor atue mais fielmente em sua criatura, convirá mais ao aluno trabalhar contra qualquer obstáculo que impeça uma franca abertura à verdade total (*Anotação 16*).

113. 14. O aluno deve informar sinceramente ao professor sobre qualquer problema ou dificuldade que o afetem, para que o processo de aprendizagem possa ser adequado e adaptado às suas necessidades pessoais (*Anotação 17*).

114. 15. A aprendizagem deve ser sempre adaptada à situação do aluno que a realiza (*Anotação 18*).

115. 16. (As duas últimas anotações permitem adaptações criativas para adequar-se às pessoas e circunstâncias. Esta disposição para adaptar-se à experiência do ensino e da aprendizagem é extraordinariamente criativa.) (*Anotações 19 e 20*).

A pedagogia inaciana hoje

Discurso do Pe. Peter-Hans Kolvenbach S.J.,
aos membros do grupo de trabalho sobre
“A pedagogia inaciana: uma proposta prática”
Villa Cavalletti, 29 de abril de 1993.

Contexto: o humanismo cristão hoje

116. Inicialmente, quero situar nossos esforços no contexto da tradição educativa da Companhia. Desde suas origens, no século XVI, a educação jesuíta orientou-se para o desenvolvimento e transmissão de um autêntico humanismo cristão. Esse humanismo tem duas raízes: a experiência espiritual específica de Inácio de Loyola e os desafios culturais, sociais e religiosos da Renascença e da Reforma na Europa.

117. A raiz espiritual desse humanismo descobre-se na contemplação final dos *Exercícios Espirituais*. Nela, Santo Inácio leva o exercitante a pedir conhecimento interno de como Deus habita nas pessoas, dando-lhes o conhecimento e plasmando-as à Sua imagem e semelhança, e a considerar como Deus trabalha e opera em todas as coisas criadas, em benefício de cada pessoa. Esse conhecimento da relação de Deus com o mundo implica que a fé em Deus e a afirmação de tudo o que é verdadeiramente humano, sejam inseparáveis entre si. Essa espiritualidade habilitou os primeiros jesuítas a se apropriarem do humanismo da Renascença e fundarem uma rede de centros educativos, que significavam uma renovação e respondiam às necessidades urgentes do seu tempo. A Fé e o fomento da “humanitas” trabalhavam de mãos dadas.

118. Desde o Concílio Vaticano II, vimos experimentando um novo e profundo desafio que postula uma forma nova de humanismo cristão, com ênfase particular no social. O Concílio afirma que “o divórcio entre a fé que muita gente professa e a realidade de suas vidas no cotidiano

merece ser contado entre os erros mais graves de nosso tempo” (G.S. 43). O mundo se nos depara dividido, fragmentado.

119. O problema básico é o seguinte: que sentido tem a fé em Deus, em face da Bósnia e Angola, Guatemala e Haiti, Auschwitz e Hiroshima, as ruas regurgitantes de gente em Calcutá e os corpos destroçados na Praça Tienanmen? Que vem a ser o humanismo cristão, em face dos milhões de homens, mulheres e crianças que morrem de fome na África? Que significa o humanismo cristão em face dos milhões de pessoas arrancadas aos seus países pela perseguição e o terror, e obrigados a procurar novas terras estrangeiras? Que significa o humanismo cristão, quando contemplamos os sem-teto que vagueiam por nossas cidades e o crescente número de marginalizados pela sociedade que se veem condenados à desesperança perpétua? Que sentido tem a educação humanista nesse contexto? A sensibilidade voltada para a miséria e a exploração dos homens não é simplesmente doutrina política ou sistema econômico. É humanismo, sensibilidade humana que de novo deve ser recuperada em meio aos apelos de nossos dias, e como resultado de uma educação cujo ideal se inspira nos dois grandes mandamentos: amar a Deus e ao próximo.

120. Por outras palavras, o humanismo cristão do final do século XX inclui necessariamente o humanismo social. Como tal, compartilha em grande parte os ideais de outras crenças, de levar o amor a Deus a uma expressão eficaz, à construção no mundo de um Reino de Deus justo e pacífico. Assim como os primeiros jesuítas contribuíram de modo peculiar para o humanismo do século XVI, graças às suas inovações educativas, assim também somos nós chamados hoje a uma tarefa semelhante. Isto requer criatividade em todas as áreas do pensamento, da educação e da espiritualidade. Será fruto de uma pedagogia inaciana a serviço da fé, mediante uma autorreflexão sobre o sentido pleno da mensagem cristã e de suas exigências em nosso tempo. O serviço da fé e a promoção da justiça por ele implicada são o fundamento do humanismo cristão contemporâneo. Ele é o núcleo da tarefa educativa católica e jesuíta de nossos dias. É o que as *Características da educação jesuíta hoje* chamam de “excelência humana”. É o que pretendemos dizer ao falar que o fim da educação dos

jesuítas é a formação de homens e mulheres para os outros, pessoas competentes, conscientizadas e sensibilizadas para o compromisso.

Resposta da Companhia a este contexto

121. Há precisamente dez anos, solicitava-se de vários pontos do mundo uma exposição atualizada dos princípios essenciais da pedagogia jesuíta. Tal necessidade fazia-se sentir, diante das importantes mudanças e das novas normas dos governos que regulam o currículo, a composição do corpo estudantil e outros aspectos similares da nossa Pedagogia, a um número crescente de professores leigos, que não estavam familiarizados com a educação jesuíta; diante da Missão da Companhia na Igreja atual, e especialmente diante do ambiente mutável e cada vez mais des-norteador em que vive e cresce a juventude atual. Nossa resposta foi o documento que descreve as *Características da educação jesuíta hoje*. Mas esse documento, cuja acolhida no mundo da educação jesuíta foi excelente, suscitou uma pergunta ainda mais premente. Como? Como transferir-nos de um mero conhecimento dos princípios que hoje norteiam a educação jesuíta para o nível prático da aplicação desses princípios à realidade cotidiana, do intercâmbio — interação — entre professores e alunos? Pois é precisamente neste ponto, no desafio e atuação do processo de ensino-aprendizagem, que esses princípios podem produzir resultados. Este Grupo de Trabalho, do qual sois membros, pesquisa os métodos práticos que deem resposta à pergunta crucial: como concretizar na aula as *Características da educação da Companhia de Jesus*? O *Paradigma Pedagógico Inaciano* propõe linhas básicas para incorporar na docência o fator crucial da reflexão. Esta proporciona aos alunos a oportunidade de considerar o significado humano e as consequências decorrentes do que estudam.

122. Em meio a tantas forças desencontradas que lhes reclamam o tempo e as energias, vossos alunos buscam sentido para suas vidas. Sabem que o holocausto nuclear é mais do que um pesadelo de louco. Pelo menos inconscientemente, padecem o medo da vida, em um mundo unificado mais pelo equilíbrio do terror que pelos laços do amor. Já são muitos os

jovens que se sentiram alvo de interpretações muito cínicas do homem: um amontoado de instintos egoístas, todos a exigir satisfação instantânea; vítimas inocentes de sistemas desumanos, cujo controle lhes fugiu das mãos. Em razão das crescentes pressões econômicas que se registram em não poucas regiões do mundo, muitos alunos dos países desenvolvidos vivem na obsessão de fazer carreira e autorrealizar-se, e rejeitam o próprio desenvolvimento humano mais amplo. Como não se sentiriam inseguros? Por baixo de seus medos, contudo, muitas vezes dissimulados por uma atitude de desafio, e por baixo da sua perplexidade devida às interpretações divergentes sobre o homem, jaz o desejo de uma visão unificadora do significado da vida e deles mesmos. Em muitos países em desenvolvimento, os jovens com quem trabalhamos sofrem a ameaça da fome e os terrores da guerra. Querem esperar que a vida humana tenha valor e futuro entre as cinzas da devastação, que é o único mundo que conheceram. Em outros países, onde a pobreza arrasa o espírito humano, os meios de comunicação propalam cinicamente a vida boa em termos de opulência e consumismo. Seria para estranhar que nossos alunos estejam confusos e incertos quanto ao sentido da vida?

123. No decorrer do seu ensino secundário, os jovens, eles e elas, têm liberdade para ouvir e explorar (no campo das ideias). Mas não se sentem imersos no mundo. Preocupam-se com as questões profundas, com os “por quê” e “para quê” da vida. Podem sonhar sonhos irrealizáveis e sentir-se atraídos por visões do que poderia ser. A Companhia destinou muitas pessoas e recursos aos alunos do curso secundário, precisamente por terem os olhos postos nas fontes da vida, em algo que ultrapassa “os mais altos níveis acadêmicos”. Não há dúvida de que qualquer professor merecedor de tal nome deva ter fé em seus alunos e deseje animá-los na procura de ideais elevados. Isto significa que a vossa visão unificadora da vida deve ser excitante e atraente para vossos alunos, estimulando-os ao diálogo sobre os temas que realmente importam. Deve animá-los a assimilar atitudes de profunda e universal compaixão por nossos irmãos e irmãs sofredores, e a se transformarem, eles mesmos, em homens e mulheres de paz e justiça, comprometidos em serem agentes de mudança em um mundo que reconhece quão difundida está a injustiça, e quão persuasivas são as forças da opressão, o egoísmo e o consumismo.

124. Claro está que essa tarefa não é fácil. Como todos nós em nossos anos “pré-reflexivos”, vossos alunos aceitaram inconscientemente valores incompatíveis com o que realmente conduz à felicidade humana. Mais do que os jovens de gerações anteriores, vossos alunos têm mais “motivos” para se retirarem tristes ao captar o sentido de uma visão cristã da vida, e a mudança fundamental de perspectivas, que exigem o repúdio da imagem da vida folgada, enganosamente brilhante, propalada pelas revistas sentimentais e os filmes baratos. Como talvez nenhuma geração anterior da história, estão expostos ao fascínio das drogas e à fuga da realidade dolorosa que as drogas prometem.

125. Esses jovens precisam de confiança, ao encarar o porvir; precisam de força ao se verem às voltas com a própria debilidade; precisam da compreensão e afeto maduros de seus professores de todas as disciplinas, com quem investigam o assombroso mistério da vida. Não nos lembram eles aquele jovem estudante da Universidade de Paris, de há quatro séculos e meio, que Iñigo conquistou e transformou em Apóstolo das Índias?

126. Estes são os jovens que sois chamados a moldar, para que se tornem abertos ao Espírito, dispostos a aceitar a aparente derrota do Amor Redentor; em última análise, para chegarem a ser líderes íntegros, dispostos a assumir os encargos mais onerosos da sociedade e ser testemunhas da fé que opera a justiça.

127. Insisto por que tenhais confiança em que vossos alunos são chamados a ser líderes em seu mundo; ajudai-os a reconhecer que são respeitados e dignos de apreço, livres da escravidão da ideologia e da insegurança, iniciados em uma visão mais completa do sentido do homem e da mulher, e proporcionai-lhes os meios de servirem a seus irmãos e irmãs, conscientes e profundamente resolvidos a valer-se da própria influência para corrigir injustiças sociais e para que suas vidas, profissional, social e particular, fiquem imbuídas de valores sólidos. O exemplo de vossa sensibilidade e preocupação social será para eles poderosa fonte de inspiração.

128. Este ideal apostólico, entretanto, precisa exprimir-se em programas práticos e métodos adequados ao mundo real das aulas. Uma das quali-

dades típicas de Santo Inácio, que se manifesta nos *Exercícios Espirituais*, na Parte IV das *Constituições* e em muitas cartas, é a sua insistência em aliar os ideais mais elevados às maneiras mais concretas de pô-los em prática. Ideal sem meio prático apropriado soa a ilusão estéril, ao passo que métodos práticos sem visão unificadora resultam em moda efêmera ou ferramenta inútil.

129. Um exemplo desta integração do espírito inaciano no ensino pode encontrar-se no *Protepticon* ou *Exortação aos professores dos Cursos Secundários da Companhia de Jesus*, escrito pelo Pe. Francisco Sacchini, segundo historiador oficial da Companhia, poucos anos depois da publicação da *Ratio* em 1599. No Prefácio, escreve: “Entre nós, a educação da juventude não se limita a explicar os rudimentos da gramática, mas estende-se ao mesmo tempo à formação cristã”. O Epítome, adotando a distinção entre “instruir” e “educar” (entendido como formar o caráter), estabelece que os professores devem ser devidamente formados nos métodos de instruir e na arte de *educar*. A tradição educativa da Companhia sempre insistiu em que o critério adequado ao êxito em nossos colégios não é simplesmente o domínio de proposições, fórmulas, filosofias etc. A prova consiste nas obras, não nas palavras: que farão nossos alunos com a capacitação que os estudos lhes conferem? Inácio estava interessado em que houvesse quem melhorasse os outros, e para este objetivo a erudição não basta. Quem aspira a empregar generosamente o que adquiriu com os estudos deve ser bom e educado. Se não for educado não terá condições de ajudar o próximo como poderia; e, se não for bom, não os ajudará, ou pelo menos não se pode esperar que o faça consistentemente. Isto supõe que o nosso trabalho educativo deva visar, além do desenvolvimento cognoscitivo, ao desenvolvimento humano, que comporta compreensão, motivação e convicção.

Diretrizes pedagógicas

130. De acordo com o seu objetivo de educar com efetividade, Santo Inácio e seus sucessores formularam diretrizes pedagógicas de caráter geral. Eis algumas:

131. a) Inácio acredita que a atitude própria do homem é o assombro à vista do dom divino da criação, do universo e da existência humana. Na sua contemplação da presença de Deus na criação, convida-nos a avançar, para além da análise racional, até a resposta afetiva a Deus, que por nós trabalha em todas as coisas. Descobrimo a Deus em tudo, descobrimos o Seu desígnio de amor a nosso respeito. A imaginação, os sentimentos, a vontade, o entendimento desempenham papel central no enfoque inaciano. A educação da Companhia abrange a pessoa inteira. Nossos colégios devem integrar mais plenamente esta dimensão, precisamente para que seus alunos possam penetrar no sentido da vida, que, por sua vez, nos pode ajudar a descobrir o que somos e para que existimos. Pode proporcionar-nos critérios para fixar nossas prioridades e tomar decisões em momentos críticos da vida. Por isso privilegiam-se métodos que provocam uma rigorosa pesquisa, compreensão e reflexão.

132. b) Nesta aventura de encontrar a Deus, Inácio respeita a liberdade humana. Isto descarta qualquer resquício de doutrinação ou manipulação. Nossa pedagogia deveria equipar nossos alunos para explorarem a realidade, de coração e mente abertos. E nesse esforço de honradez deveria alertar o educando contra a armadilha que se pode ocultar em seus pressupostos e preconceitos, bem como nas redes grosseiras dos valores populares que nos podem cegar para a verdade. A nossa educação estimula igualmente o aluno a conhecer e amar a verdade. Aspira a fazer dele um crítico da sociedade em que vive, tanto positiva como negativamente, para aderir aos valores sadios que lhe são propostos e rejeitar os falsos.

133. A contribuição das nossas instituições à sociedade consiste em incorporar no seu processo educativo um estudo rigoroso e perspicaz dos problemas e preocupações cruciais do homem. Este é o motivo pelo qual os colégios da Companhia devem aspirar a uma elevada qualidade de ensino. Por isso mesmo, estamos falando de algo que dista muito do mundo de facilidades e superficialidades, dos “slogans” ou ideologias, ou das reações puramente emotivas e egoístas, e de soluções momentâneas e simplistas. O ensino e a pesquisa e tudo o que faz parte do processo educativo têm a maior importância em nossas instituições, porque rejeitam e refutam toda visão parcial ou deformada da pessoa humana, em

evidente contraste com as instituições educativas que, por um conceito fragmentário da especialização, deixam muitas vezes de parte, sem cair na conta, o interesse central pela pessoa humana.

134. c) Inácio incute o ideal de um desenvolvimento completo da pessoa humana. Típica é a sua insistência no “magis”, o mais, a maior glória de Deus. Assim, na educação, pede-nos que aspiremos a algo que ultrapasse o adestramento e o saber normalmente verificado em um bom aluno. O “magis” não se refere unicamente ao acadêmico, mas também à ação. A nossa formação inclui experiências que nos levam a explorar as dimensões e expressões do serviço cristão como meio de desenvolver nosso espírito de generosidade. Nossos colégios deveriam incluir esse traço da visão inaciana em programas de serviço que estimulem o aluno a tentar e pôr à prova a sua assimilação do “magis”, o que, por sua vez, o induziria simultaneamente a descobrir a dialética da ação e contemplação.

135. d) Nem toda ação, contudo, redundando em glória de Deus. Por isso Inácio nos oferece um meio de descobrir e acolher a vontade de Deus. O “discernimento” desempenha uma função central. Assim, a reflexão e o discernimento devem ser ensinados e praticados em nossas escolas, colégios e universidades. Com tantos apelos que nos solicitam de todos os lados, nem sempre é fácil decidir livremente. Raro é descobrir que todos os motivos inclinam para o mesmo lado. Sempre há uma ponderação a ser feita. É aí que o discernimento se torna crucial. O discernimento exige que se recolham os dados e se reflita, distinguindo os motivos que nos movem, ponderando valores e prioridades, analisando as consequências de nossas decisões entre os pobres.

136. e) Mais ainda. A resposta ao chamamento de Jesus não nos pode encerrar dentro de nós mesmos; exige que sejamos homens para os outros e ensinemos nossos alunos a serem o mesmo. A cosmovisão de Inácio centra-se na pessoa de Jesus. A realidade da Encarnação vai produzir seu impacto no próprio cerne da educação da Companhia. Pois o fim último e a razão de ser dos colégios é formar homens e mulheres para os outros, à imitação de Cristo Jesus — o Filho de Deus —, Homem para os outros por excelência. É assim como a educação da Companhia, fiel ao princípio da encarnação, é humanista. Pe. Arrupe escreveu:

137. Que vem a ser humanizar o mundo, senão pô-lo a serviço da humanidade? O egoísta não só não humaniza a criação material, mas desumaniza as próprias pessoas. Transformando-as em coisas, ao dominá-las, explorá-las e apropriar-se do fruto do seu trabalho. O trágico é que, ao fazê-lo, o egoísta se desumaniza a si mesmo. Sujeita-se às posses que ambiciona; faz-se escravo delas, deixa de ser pessoa com controle sobre si e se converte em não pessoa, uma coisa governada por seus desejos e objetivos cegos.

138. Hoje, começamos a compreender que a educação não humaniza ou cristianiza automaticamente. Já não acreditamos na ideia de que toda a educação, seja qual for sua qualidade ou objetivo, conduzirá à virtude. Está ficando cada vez mais evidente que, se quisermos ser uma força moral na sociedade, temos de insistir em que o processo educativo se desenvolve em um contexto moral. Isto não supõe um plano de doutrinação que abafe a mente, nem implica cursos teóricos, que se detenham em uma especulação remota. O que nos falta é um referencial de busca que possibilite o processo de enfrentar os grandes temas e valores complexos.

139. f) Em todo esse esforço para formar homens e mulheres que se destaquem pela competência, integridade e compaixão, Inácio jamais perdeu de vista a pessoa concreta. Sabia que Deus dá a cada um os seus talentos pessoais. Disso deriva diretamente um dos princípios gerais da nossa pedagogia, a “*alumnorum cura personalis*”, um afeto e desvelo pessoal autênticos por cada um dos nossos alunos.

O papel do professor é crucial

140. Em um centro educativo jesuíta, a responsabilidade principal da formação, tanto moral como intelectual, recai em última análise não nos métodos ou em qualquer atividade regulamentada ou extraescolar, mas no professor, como responsável perante Deus. Um centro da Companhia deve ser uma Comunidade aberta, na qual floresça um relacionamento pessoal autêntico entre professores e alunos. Sem essa relação de amizade, nossa educação perderá de fato a maior parte de sua influência sobre os alunos. Porque uma relação autêntica de confiança e amizade entre

professor e aluno é uma condição de grande valor para fomentar um crescimento autêntico na dedicação aos valores.

141. Por isso, a *Ratio* de 1591 insiste em que os professores devem conhecer seus discípulos. Recomenda que os estudem detidamente e reflitam em suas qualidades, defeitos e nas implicações de seu comportamento na aula. Pelo menos algum dos professores deveria estar bem informado do seu contexto familiar. Os professores devem respeitar, em todas as circunstâncias, a dignidade e personalidade do discípulo. Na aula, aconselha a *Ratio*, os professores deveriam ser pacientes e saber como fechar os olhos a certos erros, ou deixar a correção para um momento psicologicamente oportuno. Deveriam estar muito mais dispostos a louvar do que a censurar e, sendo necessária uma correção, deve ser feita sem rancor. O clima de amizade que se fomenta ao aconselhar o aluno, frequente e casualmente, se possível fora das horas de aula, pode contribuir muito para isto. Esses mesmos conselhos só fazem acentuar o conceito subentendido da natureza do colégio como comunidade e o papel do professor como crucial dentro dela.

142. No preâmbulo da Parte IV das *Constituições*, Santo Inácio propõe claramente o exemplo pessoal do professor, antepondo-o à sua ciência ou talento oratório, como meio apostólico para ajudar o aluno a desenvolver-se nos valores positivos. Dentro da comunidade escolar, o professor influirá decisivamente no caráter do aluno, para o bem ou para o mal, de acordo com a imagem de si mesmo que representa. Mesmo em nossos dias, o Papa Paulo VI observa de forma marcante na *Evangeli Nuntiandi* que “os estudantes de hoje não escutam atentamente os professores, mas as testemunhas; e, se prestam atenção aos professores, é porque dão testemunho”.

143. Como professores de colégios da Companhia, além de serdes profissionais qualificados da educação, deveis ser homens e mulheres do Espírito. Sois a cidade edificada no topo da colina. O que sois fala mais alto do que o que fazeis ou dizeis. Em nossa cultura da imagem, os jovens aprendem a responder à imagem viva dos ideais que vislumbram no coração. As palavras sobre entrega total, serviço ao pobre, ordem social justa, sociedade não racista, abertura do espírito etc. podem fazê-los

refletir. O exemplo vivo os arrastará a viver o que as palavras significam. Por isso, o crescimento constante no Espírito da Verdade deve conduzir-nos a uma vida de plenitude e bondade tais, que nosso exemplo suponha um desafio para que nossos alunos cresçam como homens e mulheres que sobressaem pela competência, integridade e compaixão.

Métodos

144. Inácio aprendeu à própria custa, através de um árduo processo educativo, que para ter êxito nos estudos não basta o entusiasmo. São fundamentais a direção que se dá ao aluno e os métodos a que se recorre. Ao folhear as páginas da *Ratio*, nossa primeira impressão é de uma montoeira de normas sobre horários e programas, a cuidadosa graduação das aulas, seleção de autores, diversidade de métodos segundo as várias horas da manhã ou da tarde, correção e qualificação de deveres, o nível exato que um aluno deve atingir para passar de uma classe à seguinte. Mas todas essas peculiaridades são orientadas para criar um entrançado seguro e firme de ordem e clareza, dentro do qual tanto o professor como o aluno possam alcançar sem obstáculos seus objetivos. Menciono aqui unicamente alguns dos métodos típicos empregados na educação da Companhia.

145. 1. Dado este ambiente de ordem e respeito aos métodos, será relativamente fácil determinar *os objetivos* de ensino precisos e limitados para cada caso individual. Julgava-se que este era o primeiro requisito para uma boa atuação de aprendizagem — saber o que se busca e como buscá-lo. O instrumento característico usado para isto é a *preleção*, na qual o professor prepara com todo o esmero seus alunos para a própria atividade pessoal, que deve vir em seguida. Só esta pode produzir conhecimentos autênticos e hábitos firmes.

146. 2. Mas os objetivos da docência devem ser selecionados e adaptados aos alunos. Os primeiros professores jesuítas acreditavam que até os meninos pequenos podiam aprender muito, caso não os empanturrassem com excesso de matéria de uma só vez. Assim, a preocupação do objetivo e do caminho a seguir tinham prioridade, conforme os dotes de cada professor.

147. 3. E, porque Inácio conhecia bem a natureza humana, dava-se conta de que até em uma experiência de oração devidamente ordenada, ou na atividade escolar, não se pode ajudar eficazmente alguém a progredir, se o próprio indivíduo não coopera ativamente.

Nos *Exercícios Espirituais*, Inácio destaca a importância da *atividade pessoal* por parte do exercitante. Inácio bem sabia da tendência de todo professor, quer ensine a oração, quer história ou ciências, de expor largamente os próprios pontos de vista sobre a matéria de que trata. Dava-se perfeita conta de que não há aprendizagem sem a atividade intelectual própria de quem deve aprender. Por isso, *consideram-se tão importantes as atividades* em numerosas áreas e no estudo.

148. 4. O princípio de atividade pessoal por parte do aluno corrobora as instruções pormenorizadas da *Ratio* sobre *repetições diárias, semanais, mensais, anuais*. O ensino, quanto possível, deveria ser agradável, tanto pelo conteúdo como pelas circunstâncias externas. Um esforço inicial para orientar os alunos acerca da matéria que vai ser tratada provocará seu interesse a respeito dela.

149. 5. Dentro desse espírito, os próprios alunos representavam peças teatrais e encenações, para estimular o estudo da literatura, pois “*friget enim poesis sine theatro*”⁷. Também são sugeridos certames, jogos etc., para que a ânsia do adolescente de se avantajá-lo possa ajudá-lo a progredir no caminho do saber. Estas práticas demonstram um interesse primordial em tornar o estudo interessante, e, assim, suscitar a atenção e aplicação dos jovens pelo estudo.

150. Todos esses princípios pedagógicos estão estreitamente relacionados entre si. A aprendizagem que se pretende conseguir é um autêntico crescimento e se concebe em termos de hábitos ou qualidades permanentes. Os hábitos se adquirem não simplesmente compreendendo fatos e modos de proceder, mas pelo domínio e assimilação pessoal que os faz próprios. O domínio é resultado de um contínuo esforço e exercício intelectual; mas um esforço assim proveitoso é impossível sem motiva-

7. “A poesia sem o teatro murcha.”

ção adequada e ambiente humano reflexivo. Nesta cadeia, não há elo particularmente original, embora um dia tivesse novidade a sua forte concatenação.

151. Por conseguinte, para auxiliar os alunos a chegar ao compromisso da ação apostólica, há que oferecer-lhes oportunidades de observar os valores humanos e testar os próprios valores, de modo experimental. Uma assimilação pessoal dos valores éticos e religiosos que estimulem à ação é mais importante que a habilidade em memorizar fatos e opiniões alheias. Cada dia torna-se mais patente que os homens e mulheres do terceiro milênio precisarão com toda certeza de novas aptidões tecnológicas; mas o que mais importa é a vida, e, para criticar todos os aspectos dessa vida, primeiro tomar decisões (nos campos pessoal, social, moral, religioso) que deixarão profundos vestígios em *suas* vidas, e para sempre. Os critérios para alcançar tal maturidade (mediante o estudo, a reflexão, a análise, avaliações e desenvolvimento de alternativas reais), baseiam-se inevitavelmente em valores. E isto é certo, muito embora tais valores não se tenham manifestado explicitamente durante o processo de aprendizagem. Na educação jesuíta, os valores do Evangelho, tais como se contemplam nos *Exercícios Espirituais*, são as normas norteadoras de um desenvolvimento humano integral.

152. Para alcançar o objetivo, é evidente a importância, quer do método, quer dos conteúdos. Pois um objetivo educacional, orientado como é o nosso para os valores — formar homens e mulheres para os outros — não se poderá alcançar sem que, tendo imbuído deste objetivo todos os nossos programas docentes, em cada nível, apresentemos a nossos alunos este desafio, que consiste em refletir sobre os valores implicados no que estudam. Infelizmente nós aprendemos que a mera assimilação de conhecimentos não humaniza. É de esperar que implique valores. E que os valores incluídos em muitos aspectos da vida não sejam expostos com muita sutileza. Por isso, urge descobrir meios que capacitem os alunos a adquirir hábitos de reflexão e, assim, poder aquilatar os valores e suas consequências para os seres humanos. Esses valores, que se acham incrustados nas ciências positivas e humanas que eles estudam, na tecnologia crescente e em todo leque dos programas políticos e sociais que nos

impingem políticos e “profetas”. Um hábito não se adquire com atos isolados. Desenvolve-se mediante um exercício permanente e bem planejado. E, assim, o objetivo de formar hábitos de reflexão deve ser estudado e planejado por todos os professores nos vários níveis dos centros jesuítas, em todas as matérias que se ministram, e adotando métodos apropriados ao grau de maturidade dos alunos nos vários níveis educativos.

Conclusão

153. Hoje, em nossa missão, a pedagogia básica de Inácio nos pode ajudar muito a cativar as mentes e os corações das novas gerações. Pois a pedagogia de Inácio está centrada na formação da pessoa, coração, inteligência e vontade, não exclusivamente do entendimento; provoca os alunos a discernir o sentido do que estudam, mediante a reflexão, em vez de uma memorização rotineira; estimula-os a se adaptarem, e isto exige em todos nós abertura para o crescimento. Exige que respeitemos as capacidades dos alunos nos vários níveis de seu desenvolvimento; e todo o processo é fomentado por um ambiente escolar de consideração, respeito e confiança, no qual o indivíduo pode enfrentar com toda a honradez a resolução, por vezes dolorosa, de ser humano *com* e para os *outros*.

154. Nossos resultados, na certa, não alcançarão o ideal. Mas o que sempre distinguiu a Companhia foi o esforço por conseguir esse ideal.

155. Caso vos sintais um tanto embaraçados acerca de como podereis apresentar a pedagogia inaciana a professores dos cinco continentes, ficai sabendo que não estais sós. Sabei outrossim que a cada dúvida corresponde uma afirmação. As ironias de Charles Dickens não perderam sua atualidade. “Era o pior dos tempos, o melhor dos tempos, a primavera da esperança, o inverno da desesperação.” A mim pessoalmente alenta muito observar a crescente aspiração existente, e que está muito difundida pelo mundo, de emular os objetivos da educação da Companhia. Bem entendidos, esses objetivos levarão à unidade, não à fragmentação; à fé, não ao cinismo; ao respeito pela vida, não à destruição do nosso planeta; a ações responsáveis, baseadas em um juízo moral, não à covarde retirada nem à investida temerária.

156. Sem dúvida, sabeis que o melhor de um colégio não é o que dele se diz, mas a vida que seus alunos levam. O ideal da educação da Companhia propugna uma vida racional, íntegra, de justiça e serviço a Deus e ao próximo. Este é o chamamento que Cristo nos faz — chamamento para crescer, para viver. Quem lhe dará resposta? Quem senão vós? Quando, senão agora?

157. Concluo lembrando que, quando Cristo se despediu dos seus discípulos, disse-lhes: “Ide e ensinai”. Mas percebeu que tanto eles como nós somos homens e que, Deus bem sabe, quase sempre nos falha a confiança em nós mesmos. Por isso acrescentou: “Lembraí-vos de que não estais sós. Não estareis sós, porque eu estarei convosco. No vosso apostolado, tanto nas horas difíceis como nas horas de gozo e euforia, estarei convosco todos os dias, até o fim dos tempos”. Não caiamos na armadilha do pelagianismo, pondo a carga toda em nossos ombros, esquecendo que estamos nas mãos de Deus, trabalhando como instrumentos de suas mãos, na missão que é o ministério de sua Palavra.

158. Que Deus vos abençoe neste esforço de cooperação. Espero informações vossas sobre o sucesso do vosso Projeto Pedagógico Inaciano, nas várias regiões do mundo. Obrigado por tudo o que fizerdes.

Exemplos de métodos para ajudar os professores no uso do Paradigma Pedagógico Inaciano

N.B.: Estes e outros intentos pedagógicos, relacionados com a Pedagogia Inaciana, serão explicados e postos em prática nos programas de formação, que são parte fundamental do Projeto da Pedagogia Inaciana.

159. O contexto da aprendizagem

1. O aluno: sua disposição para o crescimento

- a) A situação do aluno: Diagnóstico dos fatores que afetam a disposição do aluno para o estudo e o crescimento: físicos, intelectuais, psicológicos, sociopolíticos, econômicos, espirituais.
- b) Estilos de aprendizagem do aluno: como planejar um ensino eficaz.
- c) Perfil do crescimento do aluno: uma estratégia para o crescimento.

2. A sociedade

- a) Leitura dos sinais dos tempos: alguns instrumentos para a análise sociocultural.

3. O colégio

- a) O ambiente do colégio: instrumentos de avaliação.
- b) O currículo:
 - Formal/Informal
 - Conteúdos e sequência: possibilidades interdisciplinares
 - Avaliação de valores
- c) Educação personalizada
- d) Relações escolares entre dirigentes, professores e pessoal auxiliar

4. O professor: expectativas e realidades

160. A EXPERIÊNCIA

1. A *preleção*

- a) Continuidade
 - b) Organização
 - c) Objetivos claros
 - d) Fatores de interesse humano
 - e) Contexto histórico da matéria a ser estudada
 - f) Pontos de vista / Pressupostos dos autores do livro de texto
 - g) Um modelo de estudo
2. A habilidade de perguntar
 3. A atividade pessoal do aluno: os apontamentos
 4. Solução de problemas/aprender descobrindo
 5. Aprendizagem cooperativa
 6. Processos em grupo pequeno
 7. A emulação
 8. Terminar a aula
 9. Tutoria entre companheiros

161. A REFLEXÃO

1. Tutoria
2. Diário do aluno
3. “Repetição” de tipo inaciano
4. Estudo de casos
5. Dilemas/Debates/“Role Playing”

162. A AÇÃO

1. Projetos/Tarefas: preocupação pela qualidade
2. Experiências de serviço
3. Redações e perguntas para uma redação
4. Planejamento e Aplicação
5. A escolha de carreira

163. A AVALIAÇÃO

1. Exames: alternativas possíveis
2. Autoavaliação do aluno
3. Ponderar a variedade de atuações do aluno: a pasta do aluno

4. Reuniões de professores
5. Perguntas para professores
6. Pesquisa sobre o perfil do aluno

**PEC — PROJETO EDUCATIVO COMUM
DA COMPANHIA DE JESUS
NA AMÉRICA LATINA**

[CPAL – maio 2005]

Apresentação

Tenho o prazer e o privilégio de lhes apresentar o texto do **Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina (PEC)** recentemente aprovado pela 11ª Assembleia da CPAL, realizada em Florianópolis, Brasil, de 26 a 30 do passado mês de abril.

O texto é resultado de muitas e amplas consultas e de um intenso e cuidadoso trabalho, durante os dois últimos anos, especialmente de uma comissão constituída por representantes da CPAL e dos nossos três subsectores educativos designados pelos responsáveis da AUSJAL, da FLACSI e da Federação Internacional de Fé e Alegria. Esse trabalho teve como ponto de partida uma profunda e pormenorizada análise dos projetos educativos já existentes na Companhia de Jesus latino-americana, seja no âmbito de associações ou coordenações provinciais do setor ou das três entidades que representam os subsectores já mencionados.

Em suas diversas etapas de elaboração, o texto do PEC passou por repetidas revisões para acolher e integrar as valiosas e pertinentes propostas e sugestões que nos eram enviadas. Antes de sua apresentação para a 11ª Assembleia da CPAL, o texto foi de novo submetido ao exame de grupos qualificados, quais sejam, os participantes da 4ª Assembleia da FLACSI, que teve lugar em Florianópolis, Brasil, de 2 a 9 de abril, e também os participantes do 3º Encontro de Homólogos de Educação da AUSJAL que se realizou em Lima, Peru, de 13 a 15 do mesmo mês de abril. O texto foi acolhido com muitos elogios e até diria com entusiasmo por esses grupos.

Na Assembleia da CPAL, em Florianópolis, antes de submeter o texto do PEC à aprovação dos participantes, foi-lhes oferecida a opor-

tunidade de fazer observações e comentários. A grande maioria elogiou o texto e realçou sua importância para nosso esforço educativo no momento atual. Foram feitas, contudo, algumas valiosas sugestões que levamos em conta antes de enviar-lhes o presente texto e que resultaram em algumas mudanças, sobretudo no que toca à ordem e organização do material apresentado, para realçar assim a força e clareza do texto.

Julgamos que hoje em dia, na América Latina, todos os desafios enumerados no PEC, ao descrever o contexto em que devemos trabalhar, são importantes e relevantes, comuns a todos, e correspondem às preocupações manifestadas durante a 11ª Assembleia da CPAL. Não os colocamos em ordem de prioridade porque acreditamos que isso pode ser mais bem realizado em cada província ou região onde trabalhamos. É nesses âmbitos que se pode definir melhor quais desafios, necessidades e objetivos específicos deveriam receber maior atenção, aqui e agora. O texto do PEC, como seu próprio nome indica, deveria sublinhar o que é comum a todos.

Tampouco julgamos prudente dar maior ênfase além da que o texto já dá a alguns desafios de natureza socioeconômica e sociopolítica para não prejudicar a aceitação e aplicação do PEC em instituições educativas, especialmente de nível superior, que têm, certamente, uma clara missão apostólica e transformadora da realidade, mas que, em alguns aspectos, é menos direta e explícita que obras e ministérios de natureza mais pastoral. Acreditamos que, preservando e respeitando o texto aprovado do PEC, cada província, região ou subsetor educativo poderá, ao aplicá-lo, enfatizar, no grau em que julgar necessário, aqueles aspectos do contexto que refletem necessidades ou circunstâncias próprias e específicas de cada realidade nacional, provincial ou local.

Quando se fala da gestão e aplicação do PEC ao final do documento pensa-se em uma pequena equipe que possa ajudar propondo meios e elaborando critérios e indicadores que permitam a cada província, região, subsetor ou instituição educativa verificar se o PEC está sendo realmente aplicado e em que grau. É evidente que a responsabilidade dessa aplicação não é dessa equipe, mas das autoridades responsáveis em cada um daqueles âmbitos ou níveis.

Nenhum texto pode ser considerado definitivo. O passar do tempo e nossos esforços para aplicar o PEC à realidade de nossas instituições

educativas poderão colocar em evidência a conveniência ou necessidade de um dia modificá-lo. Não excluimos absolutamente essa possibilidade. Mas julgamos que o texto que lhes enviamos é em si muito bom, inspirador e motivador, reflete o vigor de nosso apostolado educativo e, ao mesmo tempo, convida a mudanças significativas que exigirão de muitas instituições certa ousadia e uma revisão de paradigmas. Essas mudanças, necessárias para adequar nosso trabalho educativo às necessidades do mundo de hoje, podem contribuir para melhorar e reforçar nosso compromisso e identidade no campo da educação na América Latina. Também acreditamos que esse texto pode oferecer uma excelente base para um frutífero diálogo, intercâmbio e colaboração com outros setores apostólicos e, de modo particular, com outras entidades educativas, fora da Igreja e da Companhia, tanto no setor privado como no público.

O PEC representa o que, como educadores, acreditamos e desejamos ver encarnado na realidade de nossas instituições educativas na América Latina, em virtude da missão que nos inspira e anima e do carisma que, como Companhia de Jesus, nos caracteriza. O PEC representa os valores e princípios que temos em comum, nossa identidade corporativa no campo educativo, e que gostaríamos de partilhar com todos os que colaboram conosco e também dar a conhecer e partilhar com outros, fora da Companhia de Jesus e da mesma Igreja, mas que trabalham nesse mesmo campo: um campo de fundamental importância para o mundo de hoje.

Francisco Ivern, SJ
Presidente da CPAL
Rio de Janeiro, 5 de maio de 2005

Introdução

As instituições educativas da Companhia de Jesus na América Latina, fiéis à Igreja a partir de suas respectivas dioceses, olhando o presente e o futuro da educação em nossa região e reconhecendo a responsabilidade que nos corresponde neste campo pelo compromisso com a evangelização e com a mudança social, decidimos reforçar nossa união como corpo apostólico, enlaçar mais estreitamente nossos esforços, reorientá-los e atualizá-los mediante um Projeto Educativo Comum (PEC).

Este Projeto surge como resposta às necessidades de nossos povos e às diretrizes do documento da CPAL *Princípio e Horizonte de nossa missão na América Latina*. Inspira-se nas múltiplas experiências educativas refletidas nos projetos das Províncias e associações/federações e instituições educativas que a Companhia de Jesus dirige ou acompanha na América Latina, que foram publicadas como documento da CPAL com o título *Hacia un Proyecto Educativo Común*. O presente Projeto foi elaborado com a participação, consulta e discernimento dos atores deste amplo cenário; e busca responder criativamente às exigências da missão que a Igreja nos confiou.

Fiel às prioridades apostólicas que a CPAL se propôs, o PEC recolhe os sonhos, realidades e potencialidades dos educadores e das instituições educativas da Companhia de Jesus, integrados na Associação de Universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina (AUSJAL), à Federação Internacional de Fé e Alegria (FIFyA) e à Federação Latinoamericana de Colégios Jesuítas (FLACSI).

É um instrumento corporativo de referência obrigatória para as políticas e orientações para a ação e avaliação das instituições educativas de inspiração inaciana, que considera os documentos *Características da educação da Companhia de Jesus e Pedagogia Inaciana — uma proposta prática* e lhes dá continuidade, com um novo enfoque comum, para revitalizar nossa identidade e compromisso no âmbito da educação, desencadeando processos que potenciem nosso diálogo e nossa colaboração com a educação pública.

I. Visão partilhada

Assumimos esse projeto comum inspirados e animados pelo ideal de ser, em um futuro próximo:

- a) um novo sujeito apostólico (jesuítas, leigos, leigas, sacerdotes, religiosos e religiosas que partilham uma missão comum);
- b) que assume a responsabilidade de realizar a Missão que a Igreja lhe confia;
- c) encarna no setor de educação as prioridades apostólicas da Companhia de Jesus para a América Latina e sua nova forma de atuação apostólica;
- d) atua de modo coerente com a espiritualidade e a pedagogia inicianas;
- e) promove a fé e a justiça;
- f) fomenta o diálogo intercultural, ecumênico e inter-religioso; e
- g) contribui para a construção de estruturas e relações justas e equitativas na sociedade, para a dignificação de homens e mulheres e para a erradicação da pobreza na América Latina.

II. Missão

Colaborar com a missão evangelizadora da Igreja, oferecendo uma formação integral de qualidade a meninos e meninas, jovens e adultos, à luz de uma concepção cristã da pessoa humana e da sociedade, através de comunidades educativas que vivam a sociedade justa e solidária que queremos construir, comprometendo-as a participar significativamente na definição de políticas e práticas de educação pública tanto de gestão estatal como privada nos diversos países da região.

III. Contexto

Cada educador e cada uma de nossas instituições educativas trabalham em um contexto próprio que tem características peculiares. Simultaneamente, partilhamos um contexto mais global que condiciona todos os países latino-americanos, apresentando-nos desafios comuns.

A maioria dos Projetos Educativos de nossas Províncias, Federações, Associações e instituições educativas manifesta como principais desafios na América Latina:

- a) a grave desigualdade social e de distribuição dos meios de produção e da riqueza, com enormes contrastes entre desenvolvimento científico e tecnológico que possibilita uma cultura do bem-estar nunca vista e dá origem a um mundo interconectado e global e a um número reduzido de pessoas que se beneficiam desses avanços;
- b) o aumento alarmante da violência e da crueldade;
- c) o crescimento da corrupção e da desonestidade, sobretudo no desprestigiado âmbito político e da administração pública, que demandam uma especial atenção da educação ética e política;
- d) a destruição do meio ambiente e o risco de um desenvolvimento não sustentável;
- e) a crise de valores, em um ambiente propício para a indiferença valorativa, em que prevalecem a liberdade individualista, o pragmatismo utilitarista e o hedonismo;
- f) os múltiplos pluralismos e a misturada diversidade cultural derivada do crescente movimento de migrações e a influência das

culturas estrangeiras, ao mesmo tempo em que se constata as dificuldades de diálogo com o diferente, o racismo, o sexismo, a discriminação cultural e diversas formas de violação dos direitos humanos;

- g) o novo tecido social e a reestruturação cultural, nos quais são reformulados os significados e as estruturas de instituições sociais fundamentais como a família, a escola, a Igreja e o Estado;
- h) a “sociedade da informação”, na qual os meios e tecnologias da informação e da comunicação (TIC) põem em jogo novas linguagens, que são aptas para difundir valores e propiciam espaços virtuais de construção de identidades pessoais e sociais;
- i) a hegemonia do sistema neoliberal e o império do mercado, que orientam quase exclusivamente, inclusive a educação, para a rentabilidade, a eficácia, a ganância e o consumismo, em uma racionalidade econômica que reduz a grandeza e dignidade do homem e da mulher, e os valoriza segundo sua capacidade de gerar uma renda monetária;
- j) a crescente dificuldade de governabilidade e o enfraquecimento do Estado de Direito.

Este panorama põe a educação em crise. Por um lado espera-se que esta ajude a construir outro mundo desejável e possível; por outro, é criticada por sua defasagem e lentidão de respostas a tantos desafios. Como em todas as ciências, também em educação a pesquisa avança e conta-se com profissionais comprometidos com um trabalho de qualidade. Ao mesmo tempo, constata-se a fraqueza da formação docente e a resistência à mudança. Nas instituições educativas da Companhia de Jesus, certas estruturas rígidas inibem as possibilidades de mudança; muitos currículos estão mais centrados em conteúdos do que em valores e competências; existe um exagerado apreço pelo intelectual sobre outras dimensões e áreas que incorporem o estético, o lúdico, o artístico, o produtivo e o espírito empreendedor, o contemplativo e uma educação para a sensibilidade que forme pessoas “sensíveis a tudo o que é humano”, “homens e mulheres para os demais” e “com os demais”.

Por outro lado, ainda acontece que, em muitos casos, nossas instituições educativas trabalham como se não existissem outras instituições

educativas da mesma Companhia, em seu próprio país e em toda a América Latina. São notáveis alguns sinais positivos: o esforço para constituir federações em âmbito latino-americano, como a de obras populares e de pais de família; o aumento lento, porém progressivo, de visitas e intercâmbios entre alunos e educadores; o esforço de todos em aplicar os documentos da Companhia para a educação; o número expressivo de educadores que pesquisam e produzem conhecimento em pedagogia inaciana. Ainda assim, é necessária uma mudança de visão, de mentalidade, de atitudes e comportamentos para integrar-nos no cenário global latino-americano, organizando-nos e comunicando-nos em rede, para partilhar recursos, comunicar experiências e assumir como um único corpo apostólico a corresponsabilidade interprovincial e internacional.

IV. Que fazer perante esse contexto?

1. Identidade na missão

Dedicamo-nos à missão evangelizadora da Igreja contribuindo para a formação integral da pessoa, no campo da educação. A opção pelos pobres é uma característica de nossa identidade; além de opção evangélica, é um compromisso solidário urgido pela justiça e pelo aumento da pobreza em nossos países.

Para realizar nossa identidade e missão, propomo-nos:

- a) constituir um novo sujeito apostólico, integrado por educadores jesuítas, leigos, leigas, religiosos, religiosas e sacerdotes que se formam e trabalham juntos, partilhando uma mesma missão;
- b) educar de forma coerente com a espiritualidade e a visão inaciana de Deus, do ser humano, do mundo e da sociedade, para facilitar a resposta pessoal ao amor de Deus;
- c) articular fé e justiça, assumindo com maior vigor a opção preferencial pelos pobres;
- d) formar homens e mulheres “para os demais” e “com os demais”;
- e) ler permanentemente o contexto de forma crítica, para que a educação responda coerentemente aos desafios encontrados;
- f) desenvolver e enriquecer, por meio do currículo, o diálogo entre fé e cultura, fé e ciência, fé e razão.

2. Comunidade educativa

Nossas instituições, em interação com a comunidade social de seu entorno, se organizam para constituir-se como instituições acadêmicas e comunidades educativas integradas por todos os atores de seu cenário, jesuítas, religiosos/as, sacerdotes e leigos/as (educadores e famílias) corresponsáveis pela educação de todos: estudantes e adultos. Educam desenvolvendo uma ética que respeita a dignidade de cada um e torna possível a liberdade, a convivência democrática e pacífica e o respeito aos direitos humanos.

É fundamental que:

- a) as comunidades educativas das diversas instituições configurem uma rede animada em suas relações pelo mesmo espírito e mesma vocação e gerem políticas que impulsionem uma gestão coerente para contribuir juntas para a consecução da missão e da visão que nos propusemos;
- b) as comunidades sejam educadoras não somente para os estudantes, mas também para todos os seus integrantes: diretores, administradores, professores, funcionários, ex-alunos e benfeitores; e no caso de colégios e escolas, também para os pais dos alunos;
- c) cada instituição defina o perfil do estudante que se propõe a formar e o do professor que é necessário para tal, sempre em função da sociedade que queremos ajudar a construir;
- d) os responsáveis pelas instituições assegurem a formação dos recursos humanos, com diversos modos e meios, para aperfeiçoar suas competências e para que se familiarizem e comprometam com a espiritualidade e a pedagogia inacianas;
- e) a instituição conte com normas de convivência e estatuto de alunos e funcionários, nos quais se definam, entre outros aspectos, seus direitos e deveres, o regime disciplinar e sua participação nos órgãos diretivos;
- f) a justiça nas relações interpessoais seja expressão e testemunho da nova sociedade que todos buscamos, em um clima institucional de solidariedade, alegria, apreço mútuo, caridade fraterna e respeito;

- g) haja comunicação e participação de todos e de cada um dos segmentos da comunidade, segundo o papel e a responsabilidade que lhes corresponde na instituição.

3. Impacto na sociedade e nas políticas públicas

Os educadores não podem isolar-se em suas instituições, nem eximir-se das responsabilidades sociais e da construção da história. Estamos conscientes da rica tradição pedagógica que nos foi confiada e nos sentimos responsáveis por oferecê-la a este mundo. Nossas instituições educativas explicitam, como parte integrante de sua missão, a atitude e as estratégias necessárias para expressar nosso compromisso com o aperfeiçoamento das políticas e práticas da educação tanto de gestão estatal como privada.

São formas prioritárias para exercer impacto na sociedade e nas políticas públicas:

- a) a tomada de consciência dos níveis de influência que podem ter nossas instituições, tanto isoladamente como em colaboração com outras, para usar esse potencial na formulação de políticas públicas e assumir a responsabilidade correspondente;
- b) o assumir em conjunto gestos proféticos de anúncio e denúncia que podem questionar o sistema vigente;
- c) a adoção de meios e recursos necessários para que nossos educadores e instituições influenciem de fato, positivamente, nas políticas públicas;
- d) a participação, especialmente dos gestores das instituições, em associações, movimentos sociais e outros foros de importância política efetiva;
- e) o fortalecimento de ações conjuntas entre as instituições para se fazerem presentes nas instâncias de tomada de decisões.
- f) a presença significativa nos meios de comunicação social;
- g) o posicionamento público frente a fatos de violência de grande visibilidade e comoção social, tomando a defesa dos direitos humanos e da paz para nossas sociedades.

4. Pluralismo cultural e fé cristã

No contexto pluricultural em que vivemos, damos testemunho da fé cristã no seguimento a Cristo e a propomos como educadores animados por uma mística criativa. Fazemos isso respeitando a todos, sem distinção de raça, religião, situação social, econômica ou cultural, conhecendo, entendendo e amando aos outros como eles desejam ser conhecidos e entendidos, por meio de um diálogo fundado na verdade, na justiça e no amor.

Nossas instituições promovem:

- a) oportunidades de viver experiências fundantes de fé madura e consistente, que ajudem as pessoas a encontrar um fundamento e sentido para suas vidas;
- b) o diálogo entre a fé e a cultura;
- c) o diálogo ecumênico e inter-religioso;
- d) a educação intercultural e inclusiva, sem nenhum tipo de discriminação, respeitando incondicionalmente os direitos humanos;
- e) o ensino explícito sobre a igualdade essencial entre homens e mulheres;
- f) o desenvolvimento de um conjunto de competências que permita a cada pessoa inserir-se em sua realidade e poder influir ativamente na mesma.

5. Valores que queremos promover

Consideramos necessário testemunhar de modo profético os valores do Evangelho — e alguns deles de modo prioritário — diante dos desafios do contexto latino-americano. Nossas instituições promovem um *pensamento alternativo* ao hoje dominante com diversas estratégias e, entre elas, uma educação em valores que ajude a internalizá-los e a responder ativamente, opondo-se às correntes e ideologias que desumanizam, marginalizam as maiorias na pobreza, fomentam o secularismo radical e alienam mediante as lógicas do mercado e do consumismo.

Nossa educação promove prioritariamente os seguintes valores:

- a) amor, em um mundo egoísta e indiferente;
- b) justiça, diante de tantas formas de injustiça e exclusão;

- c) paz, em oposição à violência;
- d) honestidade, diante da corrupção;
- e) solidariedade, em oposição ao individualismo e à competição;
- f) sobriedade, em oposição a uma sociedade baseada no consumismo;
- g) contemplação e gratuidade, em oposição ao pragmatismo e ao utilitarismo.

6. Processos educativos

Os processos educativos são personalizados e apontam para a formação e capacitação para o trabalho, para a convivência democrática, para impulsionar a mudança e o desenvolvimento social e para a formação ética e religiosa. Orientam-se pela espiritualidade e pedagogia inacianas, encarnadas em uma instituição, para que todos cheguem a ser “homens e mulheres para os demais” e “com os demais”, com excelência humana, alto nível acadêmico e capazes de liderança em seus ambientes.

Os processos educativos se caracterizam por:

- a) um modo de proceder educativo coerente com o explicitado nos documentos *Características da educação da Companhia de Jesus e Pedagogia Inaciana: uma proposta prática* e outros documentos do marco referencial da Companhia;
- b) a fidelidade criativa para com a tradição da Companhia de Jesus, a partir da formação em um humanismo científico e social;
- c) a promoção de valores (cf. item 5) em todo o currículo;
- d) o desenvolvimento integral, equilibrado e harmônico do estudante nas dimensões: afetiva, ética, corporal, espiritual, cognitiva, estética, sociopolítica e comunicativa;
- e) um modo inaciano de entender a aprendizagem e a função do conhecimento;
- f) o desenvolvimento de competências que permitam produzir e continuar aprendendo ao longo da vida;
- g) os currículos abertos, flexíveis, dinâmicos, contextualizados e interdisciplinares, com propostas acadêmicas de qualidade;

- h) métodos didáticos preponderantemente ativos e colaborativos, nos quais o educando assuma um papel protagônico na transformação qualitativa de suas experiências prévias;
- i) o diálogo com as contribuições dos autores e correntes psicopedagógicas contemporâneas que tenham afinidade com o enfoque pedagógico inaciano;
- j) o acompanhamento pessoal;
- k) a conexão da instituição com o contexto e realidade concreta da comunidade social na qual está inserida.

7. Novas formas de pensar e aprender

A tecnologia e as distintas formas de comunicação contemporâneas criam um clima mental, afetivo e de comportamento diferente do vivido por gerações anteriores. Mudam as formas de pensar e de aprender. Criam novos ambientes de aprendizagem a partir dos quais as pessoas veem o mundo, se comunicam, partilham informações e constroem conhecimento, estabelecem novas relações com o tempo e espaço e exigem uma nova epistemologia e novas formas de conceber a aprendizagem.

Na educação da Companhia de Jesus na América Latina:

- a) a aceleração das mudanças na vida social, a rápida obsolescência de muitos conhecimentos e a mobilidade das pessoas em frequentes deslocamentos de cenários obrigam a pôr o foco na investigação e na aprendizagem mais que no ensino e a selecionar os recursos e meios pedagógicos com espírito crítico e criatividade;
- b) incorporam-se as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) como novos ambientes cognitivos;
- c) as TIC são concebidas como redes de produção de conhecimento e de aprendizagem, mais do que como meros instrumentos de intercâmbio de informação, pois são recursos imprescindíveis para a gestão do conhecimento;
- d) as redes de cada subsetor contam com recursos próprios das TIC, como sítios na web, portais e comunidades de aprendizagem, permanentemente atualizados e preferentemente in-

tegrados, nos quais se ofereçam a todos os membros das comunidades educativas oportunidades e meios de formação e informação;

- e) os novos meios e linguagens de comunicação social, as TIC e as possibilidades de superar os condicionamentos do tempo e do espaço com a educação a distância se implementam para estender e multiplicar nossos serviços educativos a muitas outras pessoas e lugares além dos que atualmente estão em nosso campo imediato de ação.

8. Incentivo à pesquisa

Cada instituição, de acordo com sua natureza e projeto, define sua política e seu compromisso de pesquisa e o campo prioritário para a mesma. Para isso, considera as metas e opções prioritárias da Igreja e da Companhia de Jesus para a América Latina.

Nas instituições educativas da Companhia de Jesus na América Latina:

- a) realizam-se diversos tipos de pesquisa: formativa (para desenvolver nos estudantes e adultos o espírito científico e investigativo); estrita (para produzir conhecimentos); institucional (de acordo com as linhas prioritárias de cada instituição);
- b) a pesquisa tem uma clara função social e é coerente com os valores que buscamos promover e com a missão de nossas instituições;
- c) no caso de colégios e escolas, os docentes também são estimulados a pesquisar e a formar-se como educadores capazes de produzir conhecimento;
- d) busca-se a formação de redes de investigação, para potencializar o trabalho dos pesquisadores e fomentar a produção e sistematização de conhecimentos de modo colaborativo.

9. Novo desenho organizacional e gestão eficaz

A gestão institucional, além de responder aos princípios próprios de uma gestão estabelecida em bases científicas, superando o isolamento e os modos domésticos e personalistas de governo, assume explicitamente a corresponsabilidade da missão global da Companhia de Jesus na América Latina para o setor de educação. A visão, a missão, a integração do setor educativo, as mudanças, as dificuldades de sustentabilidade e novas exigências requerem um novo desenho organizacional de nossas instituições

É fundamental que as instituições educativas da Companhia de Jesus na América Latina passem a:

- a) compreender-se e a estruturar-se como organizações que aprendem;
- b) ter o planejamento e a organização como elementos essenciais, tanto no âmbito local como no âmbito de rede;
- c) estabelecer estratégias eficazes de comunicação e de implementação das diretrizes de âmbito global da Companhia de Jesus;
- d) definir claramente sua organização através de estatutos, regulamentos, manuais e outros instrumentos para gestão e avaliação;
- e) ter uma política eficaz de gestão do conhecimento, que lhes dê a possibilidade de partilhar dados entre as instituições, estabelecer comunicação e intercâmbio e produzir conhecimentos de forma cooperativa;
- f) formar os recursos humanos: diretores e educadores (professores e funcionários) através de um plano que desenvolva competências estratégicas para a organização, integrado com um plano de carreira para o pessoal;
- g) ter um estilo de gestão coerente com a visão inaciana do ser humano e da sociedade, dando testemunho dos valores que desejam promover e assumindo gestos proféticos, como, por exemplo, o de recusar contratos e serviços de empresas que abertamente violam os direitos humanos e a ecologia;
- h) contar com gestores jesuítas, religiosos/as ou leigos/as identificados com a mesma missão apostólica e devidamente formados.

10. Cultura avaliativa e renovação contínua

Para orientar nossas instituições na linha do “magis” inaciano é necessário criar uma cultura de avaliação da qualidade dos cargos diretores, dos educadores (professores e funcionários), dos recursos, processos e atividades educativas. Nossas instituições educativas devem buscar distinguir-se por ter alcançado o perfil projetado para seus estudantes, mais do que por outros fatores.

A avaliação nas instituições educativas e no setor educativo da Companhia de Jesus em sua totalidade é:

- a) realizada com critérios coerentes com a identidade inaciana;
- b) habitual e permanente, de forma que leve a uma contínua renovação e a um ajuste de objetivos, planos e projetos das instituições e de cada uma de suas dependências;
- c) diversificada (autoavaliação e heteroavaliação);
- d) diagnóstica, formativa (de processo) e qualitativa, em vez de classificatória e meramente quantitativa;
- e) focalizada sobre a gestão do desempenho, os resultados e os processos previstos nos objetivos e o desenvolvimento dos projetos educativos institucionais e comuns, tendo em conta os indicadores de qualidade próprios da Educação em geral, da Educação Católica e da Educação própria da Companhia de Jesus.

11. Contínuo educativo e redes cooperativas

Nossas instituições educativas se integram entre si, a partir de seus respectivos subsetores, para compor um contínuo educativo ou sistema de educação no qual se dê uma sequência entre os diversos níveis e modalidades de educação que oferecemos (infantil, básica e primária, secundária, terciária, universitária, permanente, adultos etc.) de maneira que haja uma continuidade no desenvolvimento dos princípios, valores e processos que queremos promover. Esta integração há de possibilitar e exigir uma colaboração mútua e apoio entre as obras pertencentes aos diversos subsetores educativos, como também outros setores apostólicos.

Diante desses desafios, as instituições educativas e os centros de investigação pedagógica da Companhia de Jesus na América Latina:

- a) constituem-se em rede, formando um complexo de relações cooperativas que dinamizam a ação de seus agentes em função de objetivos comuns, permitindo a realização de ações conjuntas, facilitando a solução de problemas comuns e criando novas oportunidades;
- b) fomentam as redes dos diversos segmentos das comunidades educativas e aqueles com elas relacionados nos diversos setores apostólicos das Províncias;
- c) utilizam as tecnologias da informação e da comunicação na nova cultura de relações, em permanente fluxo de comunicação e interdependência, integrando assim o local no “corpo e sujeito apostólico” global;
- d) mantêm uma interlocução aberta e frequente com as demais obras, áreas apostólicas e iniciativas da Companhia;
- e) compreendem-se como interdependentes e como parte integrante de um conjunto de obras, áreas e redes apostólicas da Companhia que trabalham em sinergia, tendo em conta a excelência do apostolado global;
- f) organizam-se a partir do critério da complementaridade, em vez da duplicidade e dispersão, de forma que cada Província e a Companhia de Jesus na América Latina disponham de um conjunto diversificado e integrado de serviços educativos;
- g) articulam-se com organismos educativos da Igreja e da sociedade civil que as ajudem a potencializar o alcance de sua missão.

V. Gestão e Aplicação do PEC

Uma vez aprovado o Projeto Educativo Comum (PEC) pelos provinciais, o presidente da CPAL cria uma Comissão Gestora, coordenada pelo coordenador do Setor de Educação da própria CPAL. Essa Comissão se encarrega da animação, difusão e promoção do PEC para sua aplicação progressiva em nossas instituições educativas.

Cabe aos provinciais a responsabilidade da apresentação do PEC em suas respectivas províncias, a cobrança de sua aplicação e o acompanhamento e avaliação de seu processo de aplicação e resultados.

O presidente da CPAL, assistido pela Comissão Gestora, publica a versão oficial do PEC em três versões complementares: em versão impressa, em versão digital com hipertextos; e em versão audiovisual (vídeo) para informação e motivação.

A Comissão Gestora tem também a responsabilidade de:

- a) divulgação do PEC, especialmente por meio dos responsáveis dos Subsetores de Educação (AUSJAL, FIFyA e FLACSI);
- b) elaboração de um Plano que oriente e ajude a aplicação do PEC, como instrumento que propõe as políticas gerais da Companhia de Jesus na América Latina sobre educação, que lhe oferece orientações fundamentais e serve como referência de avaliação de nossas instituições e associações educativas; e
- c) preparação dos instrumentos técnicos necessários para realizar a avaliação de nossas instituições e associações, segundo os critérios de identidade e qualidade e as propostas do PEC.

A Comissão Gestora periodicamente presta contas à Conferência de Provinciais, através de seu Presidente, do processo de aplicação do PEC em nossas instituições, associações e Províncias.

Aprovado na 11ª Assembleia da CPAL,
Florianópolis (Brasil), 27 de abril de 2005.

DISTRIBUIDORES

DISTRIBUIDORES

DISTRIBUIDORES

Este livro foi composto nas famílias tipográficas
Minion e Univers
e impresso em papel *Offset 75g/m²*



Edições Loyola

editoração impressão acabamento

rua 1822, nº 341
04216-000 são paulo sp
T 55 11 3385 8500
F 55 11 2063 4275
www.loyola.com.br